

PAUL DOHERTY

O Roubo do Colar de Anúbis

Tradução de CATARINA ROCHA LIMA

Círculo de Leitores

Título original: THE ANUBIS SLAYINGS

Capa: JOÃO ROCHA



Para Pamela Broughton, directora da Benyon Primary School,

em South Ockendon,

leitora, bordadeira, apreciadora de passatempos sossegados, de boa companhia e de gatos

ISBN 972-42-3309

89724/23/309/311

Copyright 2000 by Paul Doherty Impresso e encadernado para Círculo de Leitores

por Tilgráfica, SÁ

R. da Amarela - Ferreiros, Braga

em Dezembro de 2004

Número de edição: 5993

Depósito legal número 218 078/04

LISTA DE PERSONAGENS

PALÁCIO DO FARAÓ

Tutmés I: faraó do Egito, pai de Tutmés II e de Hatchepsut ou Hatusu.

Tutmés II: meio-irmão e esposo de Hatusu.

Hatusu: rainha do Egito, que assumiu o título de faraó.

Senenmut: vizir, amante e confidente de Hatusu; foi alcunhado de "pedreiro" pelos seus inimigos.

Ineni: arquitecto durante o reinado de Tutmés I.

SALA DAS DUAS VERDADES

Amerotke: juiz supremo do Egito.

Norfret: mulher de Amerotke.

Ahmés e Curfai: filhos de Amerotke.

Chufai: servo de Amerotke.

Prenhoe: escriba e parente de Amerotke.

Asural: capitão da guarda da Sala das Duas Verdades.

CASA DOS MENSAGEIROS

Ueni, Mareb, Hordet: arautos de Hatusu e mensageiros do Egito.

MITÂNIOS.

Tuchratta: rei dos Mitânios.

Uanef: princesa mitânia, parente de Tuchratta.

Benia: irmã de Tuchratta, casada com Tutmés I.

Hunro, Mensu, Snefru: mensageiros mitânios.

TEMPLO DE ANÚBIS.

Kheti: sacerdote.

Ita: sacerdotisa.

Tetiki: capitão da guarda do templo.

O intendente dos cães: oficial encarregado da matilha sagrada.

Nemrat: sacerdote de vigília.

SERRALHEIROS.

Lakhet: mestre dos serralheiros de Tebas.

Belet: filho de Lakhet.

Seli: mulher de Belet.

NOTA HISTÓRICA:

A primeira dinastia do Antigo Egito estabeleceu-se por volta de 3100 a. C. Entre essa data e o surgimento do Império Novo (1550 a. C.) o Egito passou por uma série de transformações radicais, tais como a construção das pirâmides, a criação de cidades ao longo das margens do Nilo, a unificação do Alto e do Baixo Egito, o desenvolvimento da religião, centrada em Ré, o deus do Sol, e o culto de Osíris e Isis. O Egito teve de resistir à invasão de outros povos, em particular os Hicsos, conquistadores asiáticos, que devastaram cruelmente o reino. Cerca de 1479-1478 a. C., data em que este romance se inicia, o Egito, unido e pacificado sob o reinado do faraó Tutmés II, encontrava-se à beira de um novo e glorioso desenvolvimento. Os faraós tinham mudado a sua capital para Tebas; as cerimónias fúnebres nas pirâmides haviam dado lugar à construção da necrópole, na margem ocidental do Nilo, bem como à utilização do Vale dos Reis como mausoléu real.

Por uma questão de clareza, usei as designações gregas das cidades, por exemplo, Tebas e Mênfis, em vez dos seus nomes egípcios arcaicos. O topónimo Sakara foi utilizado para descrever todo o complexo de pirâmides, situado em redor de Mênfis e Guiza. Também empreguei a versão mais curta do nome da rainha que teve o título de faraó: Hatusu em vez de Hatchepsut. Tutmés II morreu em 1479 a. C. e, após um período conturbado, Hatusu assumiu o poder durante vinte e dois anos. Ao longo deste período, o Egito tornou-se um império poderoso e o estado mais rico do mundo.

A religião egípcia encontrava-se também em desenvolvimento, em especial o culto de Osíris, morto pelo irmão Set, mas ressuscitado pela sua amada esposa Isis, que dá à luz Hórus, filho de ambos. Estes ritos devem ser encarados à luz do culto do deus do Sol e do desejo de unificação das práticas religiosas. Os Egípcios tinham um profundo respeito por todos os seres vivos: animais e plantas, ribeiros e rios eram considerados sagrados, enquanto o faraó, seu governante, era adorado como encarnação da vontade divina.

Por volta de 1479 a. C., a civilização egípcia exprimia toda a sua riqueza através da religião, dos rituais, da arquitectura, do vestuário, da educação e da busca de uma vida própria. Soldados, sacerdotes e escribas dominavam esta civilização, e a sua sofisticação está bem patente nos termos que usavam para se descrever a eles mesmos e à sua cultura. Por exemplo, o faraó era o "Falcão Dourado"; o tesouro, a "Casa da Prata"; um período de guerra, a "estação da hiena"; o palácio real, a "Casa do Milhão de Anos". Apesar da sua espantosa e deslumbrante civilização, a política egípcia podia ser violenta e sanguinária, tanto a nível interno como externo. O trono real era sempre fonte de intrigas, de inveja e de acesa rivalidade. Foi neste panorama político que a jovem Hatusu subiu ao poder, em 1479 a. C.

Por volta de 1478 a. C., Hatusu havia surpreendido os seus opositores e críticos, tanto no seu país como no estrangeiro. Alcançara uma importante vitória, no Norte, contra os Mitânios, e expurgara a corte da oposição liderada pelo grão-vizir Rahimere. Uma mulher extraordinária, Hatusu era apoiada pelo seu astucioso e matreiro amante, Senenmut, também seu vizir. Hatusu estava determinada a que todos os sectores da sociedade egípcia a aceitassem como faraó e rainha do Egito. E, tal como os grandes faraós, Hatusu teve de "prestar serviço militar" para vencer os inimigos do Egito. Provou estar à altura do que lhe era exigido. Espalhou a glória do Egito, muito para além das suas fronteiras. O Egito passou a ver-se como o centro do mundo e a considerar todos os demais reis e príncipes como seus vassalos. Os acontecimentos deste romance são uma interpretação fictícia da obra de Hatusu na conquista da glória no estrangeiro.

PAUL DOHERTY

EGIPTO 1479 a. C.

Primeira Catarata

Anúbis baseia-se num deus egípcio muito antigo, Imi-ut, "Aquele Que Está no Seu Invólucro".

PRÓLOGO

O silêncio era profundo no Templo de Anúbis, situado a norte de Tebas e com vista para o sinuoso e reluzente Nilo. O sacrifício da tarde terminara. O deus fora deitado e as portas do *nãos* fechadas. Os mastros das bandeiras, que encimavam os altos pilares, de cada lado dos portões principais, haviam sido despidos dos seus galhardetes coloridos. O clarim, em forma de concha, soou, anunciando o pôr do Sol. O grande santuário, onde se achava a estátua, negra e dourada, ornada pela cabeça de chacal, estava agora vazio, à excepção de um sacerdote, sentado, com as pernas cruzadas e meio adormecido, inalando o odor do incenso que se elevava, em espiral, pelo templo, como uma oração esquecida.

O jovem sacerdote sobressaltou-se e, algo receoso, olhou para o trono de Anúbis. Não era o uivar de cães? Mais tranquilo, suspirou de alívio. Era novo no templo e esquecera-se do grande fosso onde se guardavam os cães, uma ideia algo excêntrica dos sumos sacerdotes, porque estes, uma oferenda enviada por uma tribo que habitava a sul da Núbia, eram selvagens. Só então se lembrou de que havia visitado o fosso, certa vez. Na realidade, era uma caverna rochosa, composta por várias grutas, por onde os cães vagueavam, em busca de alguma presa, apesar de serem alimentados, de manhã e à noite, pelo intendente dos cães. Por fim, enfiou a mão numa taça de água sagrada e passou a ponta dos dedos pelos lábios para os humedecer, num gesto de purificação, antes de inclinar

a cabeça para a frente e se concentrar numa prece silenciosa. A sua tarefa era manter-se de vigília, orando pelo templo, pelo seu sumo sacerdote e por toda uma hierarquia de sábios, bibliotecários e sacerdotes. Não podia esquecer-se, também, de Senenmut, o vizir, de quem se dizia, em voz baixa, ser amante de Hatusu, a rainha que conquistara o título de faraó. O Templo de Anúbis havia sido escolhido como o local onde decorreriam as negociações entre Senenmut e os enviados de Tchratta, o rei dos Mitânios, para a elaboração de um tratado de paz. Tchratta daria a mão da sua filha em casamento a um parente de Hatusu. Os exércitos do rei dos Mitânios haviam sido derrotados por Hatusu, e Tchratta, mercê da sua arrogância, precisava da paz, porque as tropas egípcias controlavam agora a Estrada de Hórus, que atravessava o deserto do Sinai. Esquadrões de quadrigas, a honra e glória do Egito, aglomeravam-se ao longo das fronteiras dos Mitânios. Tchratta podia ripostar, mas o bom senso aconselhava que assinasse um tratado de paz.

O jovem sacerdote escutara atentamente os boatos que corriam pelo templo. Finalmente, a rainha fora aceite pelo seu povo. Usurpara o trono, após a morte misteriosa do seu meio-irmão e esposo, mas, assim que Tchratta assinasse o tratado de paz, isso significaria que o mais poderoso inimigo do Egito aceitava publicamente Hatusu. Em consequência desse tratado, a seu tempo, os Núbios, os Hititas, os Líbios e os restantes povos ajoelhar-se-iam aos pés de Hatusu e beijar-lhe-iam as sandálias, concluiu o sonhador sacerdote.

O Templo de Anúbis preparava-se para o anoitecer. O hipostilo, de tecto azul e estrelas douradas, esvaziara-se de peregrinos, que haviam cessado de contemplar as paredes sagradas, cobertas com inscrições dedicadas a Anúbis. Os animais demoníacos e repulsivos, tais como os répteis, que, durante o dia, haviam sido picados por punhais que os imobilizavam, mantinham uma vigília silenciosa. As colunas, decoradas na base e no topo, em tons de verde e vermelho, e ornadas de bandeiras, perfilavam-se, agora, na penumbra. As portas de todas as outras salas do templo haviam sido fechadas por meio de trincos feitos do melhor cobre asiático. Apenas os soldados, ostentando as insígnias de Anúbis, se mantinham de guarda.

Os escribas da Casa de Vida tinham diminuído a luminosidade propiciada pelas lamparinas. As obras que estudavam ou copiavam - livros e grandes papiros revestidos do couro mais puro -, que enunciavam fórmulas mágicas para expulsar o mal ou repelir os crocodilos, haviam sido postas de parte e não tornariam a ser abertas até ao nascer do dia seguinte. Tetiki, capitão da guarda, descalço porque pisava solo sagrado, iniciou a sua patrulha pelos portais misteriosos, as pequenas capelas laterais, a Casa do Deleite, onde se ofereciam banquetes, a Casa do Desejo do Coração onde, durante o dia, permaneciam as servas do deus, e a sala da indumentária, onde eram guardados os trajes divinos. Satisfeito, o capitão continuou a sua ronda. Reinava a ordem e a calma no santuário e nas bibliotecas assim como nos celeiros, que continham cevada, óleo, vinho, incenso e o precioso cedro-do-líbano.

Tetiki dirigiu-se ao centro do templo, constituído por um emaranhado de corredores em torno da Capela Sagrada, onde se achava a *Glória de Anúbis*, a ametista sagrada. Passou por uma sacerdotisa e voltou-se para lhe admirar o andar sinuoso, as ancas roliças e os cabelos compridos. Tetiki franziu as sobrancelhas, furioso por não se lembrar do nome da jovem, que transportava uma jarra. Ah, sim, agora se recordava! Era Ita, a sacerdotisa responsável por levar de beber e de comer a Kheti, o sacerdote de guarda à porta da Capela Sagrada. Tetiki dirigiu-se para o fundo da galeria e foi encontrar Kheti acocorado, com as costas apoiadas à porta de cedro. No interior, Nemrat, o sacerdote de vigília, guardava a ametista sagrada. Era Nemrat que tinha a chave e não deixaria ninguém entrar até ser revezado, pouco antes do sacrifício da alvorada. Iria ser uma noite longa, sem comida nem bebida, pensou Tetiki, estremecendo. Os seus homens haviam-lhe contado, por mais de uma vez, que o deus Anúbis, com a sua máscara de chacal, costumava vaguear, de noite, pelo templo que lhe era consagrado. Visitaria, porventura, a Capela Sagrada, para contemplar a belíssima ametista que brilhava numa reentrância da estátua? Para Tetiki, porém, a Capela Sagrada era uma sala sombria, de quatro paredes e tecto muito alto, com um lago em frente da porta. Despertando do seu devaneio, Tetiki tossiu

Alertado por aquele ruído, Kheti, o sacerdote acorrido em frente da porta da Capela Sagrada, voltou-se, mas, ao ver o capitão da guarda, esboçou um gesto com a mão para lhe dar a entender que estava tudo bem.

Satisfeito, Tetiki dirigiu-se aos jardins, onde parou para sentir o inebriante odor a resina e a sândalo. Os jardins que circundavam o templo eram um verdadeiro paraíso, com os seus lagos de águas reluzentes, os seus relvados viçosos, os seus canteiros e as suas árvores sombrias, que se recortavam no céu enegrecido pela noite. Foi então que ouviu uma voz cantar e sorriu. Era uma *heset*, uma dançarina, que, provavelmente, entretinha um cliente. Tetiki prosseguiu a sua ronda, passando pelos estábulos, onde as vacas mugiam em vão, enquanto esperavam pelo nascer do Sol e pela faca do sacrificador. Deteve-se, de novo, para fazer uma vénia a um grupo de sacerdotes, envergando as suas túnicas de linho e xales de pele de leopardo, que passaram por ele, em direcção à cidade.

Por fim, Tetiki regressou ao seu posto. Não o sabia mas faltava pouco para que um homicídio hediondo ocorresse no Templo de Anúbis. Set, o assassino de cabelos vermelhos, faria com que a sua presença fosse sentida, mas, naquele preciso momento, a vítima, a dançarina, que se achava num dos pequenos pavilhões dos jardins, estava cheia de vida. Nua, à excepção de uma tanga que lhe cobria o sexo, com os seus cabelos embebidos em óleo e entrançados com contas, inclinava-se de um lado para o outro, abanando o sistro sagrado. A dançarina olhou de relance para a pessoa a quem queria agradar. Seria um dos emissários dos Mitânios? Seria homem ou mulher? Apenas conseguia vislumbrar dois braços, porque o resto do corpo estava coberto por um manto de linho branco, enquanto que a cabeça e o rosto se achavam ocultos sob a aterrorizadora máscara preta do chacal.

A *heset* fora abordada, ainda de dia, no momento em que passava por um dos pórticos sombrios do templo. Teria recusado se não fosse o bracelete de prata que o cliente com máscara de chacal lhe mostrara. Ele, ou ela, estava agora sentado na penumbra, mas a pulseira brilhava à luz da lamparina que a dançarina trouxera consigo. Como *heset*, assumia os cargos

de dançarina profissional e de cantora de um dos coros do templo. Era também uma cortesã, experiente na arte do amor, tanto com homens como com mulheres, e na de despertar o desejo nos clientes mais exaustos. Dançava, movendo de forma insinuante o corpo lúcido, coberto de óleo, tanto virando as costas ao cliente como, no momento seguinte, voltando a cabeça e lançando um olhar convidativo por cima do ombro ao vulto que a observava. Faria tudo para merecer o bracelete de prata. Depois, vendê-lo-ia no mercado. Para isso, bastava-lhe apenas agradar ao cliente. Aproximou-se um pouco mais e começou a entoar uma canção de amor, optando por um dos hinos que os sacerdotes cantavam em honra de Anúbis.

A tua arte, coroada pela majestade da tua beleza. A luz do teu olhar acaricia-me as faces. Irei ao teu encontro e seremos um só.

Então, parou.

- Estás feliz? - murmurou, dirigindo-se à penumbra que a rodeava. - Não sou bela aos teus olhos? Não te agrado?

Algo aborrecida, sentia o suor escorrer-lhe pela nuca. Havia já algum tempo que dançava e cantava e apenas ouvira um grunhido de aprovação; nem palmas, nem qualquer convite para se ir deitar na escuridão ao lado do cliente.

- Estou cansada - desabafou, tentando não deixar transparecer na voz a impaciência que sentia. - O Sol já se pôs. Vamos ficar aqui? Ou preferes ir para debaixo de um plátano? A noite está fresca.

- Então, devias ir dormir - sussurrou a voz.

A dançarina recuou. Havia alguma coisa no tom daquela voz que não lhe agradava. Escutou, de seguida, um suspiro profundo e sentiu uma dor intensa. O que seria? Estacou, chocada, levando a mão ao ventre. Teria sido envenenada? Voltou-se para a porta, mas encontrava-se já moribunda. Um peso insuportável pressionava-lhe o peito, enquanto um travo amargo lhe sufocava a garganta. Ainda ouviu uma voz a contar

antes *de* cair por terra. O *seu* corpo agitou-se durante escassos segundos. Somente quando a *heset* se imobilizou no solo o seu assassino parou de contar, levantou-se e dirigiu-se para o cadáver.

Sinuhe, o viajante, parou e contemplou o Nilo. A cheia atingira o seu auge. As águas do Nilo haviam subido, inundando os terrenos à volta. Agora, o grande rio estendia-se, como uma grande serpente que se aquecia ao sol. O rosto enrugado de Sinuhe abriu-se num sorriso *e* o viajante apertou com mais força o saco de couro. O livro de papiros que continha constituía o verdadeiro tesouro das suas viagens. Observou as velas enfunadas, de quadrados brancos e pretos, e a proa agressiva da galé de guerra que cortava as águas do rio, com o seu capitão postado na plataforma elevada da popa. Em torno da imponente galé aglomeravam-se barcas, botes e pequenas embarcações *de* pesca. Sinuhe fechou os olhos e respirou o ar fresco da manhã, perfumado pelos odores inebriantes do Nilo; o cheiro penetrante e forte das tainhas e bagres que os pescadores empilhavam numa barca misturava-se com o odor a óleo e a suor. Sinuhe orgulhava-se de ter excelente olfacto e visão apurada. Baixando a cabeça, examinou-se. Escolhera as suas melhores sandálias, debruadas a vermelho, e uma túnica de linho grosso. Escanhoara o queixo, tisonado pelo sol, e o cabelo fora cortado na noite anterior. Sinuhe havia-se sentado, deixando que o barbeiro tagarelasse, enquanto a mulher esmigalhava pão para fazer uma massa que se transformaria em fermento de cerveja. Ambos tinham ficado satisfeitos com aquele cliente. Todos gostavam de Sinuhe, ou, pelo menos, das suas histórias. Afinal, Sinuhe havia visto o mundo. Durante o reinado do velho faraó, viajara para lá da Quarta Catarata, passando pela Núbia e por Cuche, em direcção às selvas impenetráveis do Sul. Lutara contra tribos selvagens que comiam a carne dos seus prisioneiros ou procediam a sacrifícios sangrentos em homenagem a ídolos de madeira, com rostos hediondos. Seguiu até oeste de Punt e trouxera consigo ervas preciosas, assim como diversas histórias sobre especiarias milagrosas e jóias de ouro.

Sinuhe também atravessara as Terras Vermelhas, a oeste de Tebas, e combatera as ferozes tribos nômadas do deserto, na Líbia. Chegara mesmo a navegar pelo Grande Verde, o imenso mar onde o Nilo desaguava. E, claro, escutara outros marinheiros que lhe haviam falado de terras geladas, a norte. E só podiam ser frias, pois eram bafejadas pelo sopro glacial de Amon. Na zona costeira de Canaã, encontrara outros marinheiros que falavam de oceanos terríveis a ocidente, de civilizações exóticas a oriente, locais habitados por monstros e dragões.

Por fim, Sinuhe regressara a casa. A princípio, as suas histórias eram escutadas com atenção, mas, com o passar do tempo, haviam-se tornado alvo de chacota. Sinuhe sorriu e, com expressão sonhadora, contemplou as casas, queimadas pelo sol, da necrópole, a Cidade dos Mortos. A grande ambição de Sinuhe era comprar um túmulo ali, de forma a que, quando viajasse em direcção ao Ocidente, na jornada final para os campos eternos muito para além do Horizonte Longínquo, pudesse dormir em paz. Talvez arranjasse uma mulher para substituir a sua concubina, que morrera havia três estações. Quando fora? Ah, sim, na estação do plantio.

Depois da morte da sua concubina, Sinuhe comprara papiros, uma barra de tinta preta e cálamos e começara a escrever. Depressa se ficara a saber que ele anotava o relato das suas viagens, o que levava algumas pessoas a mostrarem-se interessadas na sua obra. Na sua humilde casa, recebera a visita de sacerdotes do templo, de mercadores e, agora, até mesmo do vizir da rainha-faraó, mas Sinuhe limitara-se a sorrir, mantendo em segredo o conteúdo do seu manuscrito, porque sabia o que todos procuravam: não tanto as suas narrativas, mas os mapas que descrevia. O que ficava para lá da Quarta Catarata? Que caminhos, que perigos existiam? E o que havia nas Terras Vermelhas, os grandes desertos que se estendiam por ambas as margens do Nilo? Talvez os seus visitantes tivessem conhecimento da existência de um ou outro oásis. Sinuhe, contudo, sabia muito mais do que eles. Podia descrever todos os trilhos do deserto, explicar a melhor forma de viajar nessa região árida

guiando-se pelo céu, e indicar quais os locais onde se encontrava água. O mesmo se aplicava ao Grande Verde. Os capitães das galés de Hatusu ficariam felizes por saber tudo o que ele aprendera. Qual seria a melhor altura para navegar? Que estações deveriam evitar? Que perigos? Que ilhas? Encontrariam porto seguro? Sinuhe apertou o saco de couro contra o peito como uma mãe que abraça o filho. Até mesmo os estrangeiros estavam interessados na sua obra. Em Tebas, todos sabiam que Tucheratta e a sua corte se haviam instalado no Oásis das Palmeiras, enquanto os seus mensageiros negociavam a paz na cidade. Os mensageiros de Tucheratta também haviam procurado Sinuhe, oferecendo-lhe uma fortuna para ver o seu livro. E as negociações haviam continuado. Agora, Sinuhe estava preparado para entregar o livro. A pessoa com quem Sinuhe negociara dissera-lhe que se dirigisse ao Templo de Bes, o deus anão, situado mais a sul do Nilo e que há muito se achava abandonado.

- É o local ideal para nos encontrarmos - afirmara a pessoa enviada pelos Mitânios -, porque estaremos a salvo de olhares indiscretos.

Fora visitar Sinuhe ao entardecer. Mantivera-se sempre na penumbra, de forma a que não pudesse ver-lhe o rosto, mas o seu discurso era envolvente.

Sinuhe, a princípio, opusera-se àquela sugestão: era um local ermo e perigoso. Depois, contudo, pensara melhor e concordara. Se alguém o visse com mitânios, não se falaria de outra coisa. Além do mais, aqueles mitânios tinham-lhe deixado um pequeno lingote de ouro, que Sinuhe trazia agora no saco. Como podia ele resistir à tentação de ter mais lingotes como aquele?

Sinuhe continuou o seu caminho, deixando para trás Tebas. As palmeiras altas destacavam-se no céu. A brisa trazia as vozes dos pescadores que tagarelavam alegremente. Ao longe, os camponeses escavavam a terra, preparando-a para o plantio. O Sol ia alto, mas o calor não afectava um homem como Sinuhe. Conhecera a canícula do deserto onde a areia se perdia de vista! Sinuhe ergueu a cabeça e avistou as ruínas do Templo de Bes. Havia ido até ali, na juventude, o que lhe trazia

memórias de outros tempos. Todos os seus amigos já não estavam vivos. Alguns haviam-se tornado soldados. Dois tinham caído em desgraça, integrando os grupos de escravos enviados para o Vale dos Reis para escavar o túmulo do velho faraó. Nunca haviam regressado. Sinuhe estremeceu. Os mortos não falam! O faraó Tutmés I fora um homem muito severo e cruel.

Sinuhe entrou nas ruínas do templo abandonado. Por toda a parte, havia colunas caídas no solo. A cada ano que passava, aquele local de culto tornava-se mais decrepito. Os camponeses haviam roubado as fechaduras de cobre e todos os artefactos. Sinuhe analisou as marcas nos muros que o Nilo deixava a cada enchente. O solo ainda estava húmido, em consequência da última cheia. Sinuhe sentou-se a um canto. O Nilo dava a vida, mas também trazia a morte...

- Trouxeste o livro?

Sinuhe ergueu o olhar. Toda a sua coragem o abandonou. A princípio, pensou que estava a ter uma visão: era Anúbis, o deus dos mortos, que pesava as almas com a pluma da verdade! Só depois o vulto se mexeu. Sinuhe reparou nas sandálias e no saiote de guerra, feito de couro. O que o assustara fora a máscara em forma de cabeça de chacal.

- Trouxeste o livro? - repetiu a voz, num sussurro.

- Sim, sim, claro. Tenho-o aqui comigo.

Sinuhe ajoelhou-se e preparava-se para abrir o saco de couro quando sentiu uma leve picada no pescoço. Seria uma mosca? Algum insecto? Estendeu a mão. À sua frente, o vulto observava-o. Sinuhe percebeu que havia algo de estranho, quando as primeiras dores se manifestaram. Nunca sentira dores tão fortes em todas as suas viagens. Os seus dedos tornaram-se dormentes e o saco de couro caiu ao chão. Sinuhe tentou levantar-se. O vulto aproximou-se. Sinuhe fechou os olhos, abrindo a boca para implorar misericórdia. Sentia um terrível zumbido nos ouvidos. As dores pareciam labaredas de fogo. Achava-se novamente na selva e os guerreiros, negros como a noite, corriam pela clareira, com os rostos manchados de tinta e a brandir os seus escudos. Era a morte que chegava!

O assassino aguardou até que o corpo de Sinuhe deixasse de se contorcer violentamente. Pegou no saco de couro e escondeu-o numa brecha. Depois, pegando no cadáver pelos tornozelos, arrastou-o até à margem do Nilo e lançou-o ao rio. Permaneceu ali, a observar os súbitos remoinhos das águas provocados pelas bocarras dos crocodilos que se aproximavam.

CAPÍTULO I

Na Sala das Duas Verdades, no Templo de Maet, a deusa do discurso divino, ia pronunciar-se uma sentença de morte. Amerotke, juiz supremo de Tebas, achava-se sentado numa cadeira baixa, talhada em madeira de acácia. As almofadas, em tons de ouro e de verde-claro, eram feitas de tecido sagrado e bordadas com hieróglifos que exaltavam os feitos da deusa Maet. Nas paredes que circundavam a sala, em que se intercalavam colunas altas, podiam ver-se pinturas e entalhes, em tons vivos, dos Quarenta e Dois Demónios do Duat, o mundo inferior: "O Triturador de Ossos", "O Devorador de Almas", "O Sugador de Sangue". Aqueles seres viviam nas mansões dos deuses, prontos a devorar almas que, depois de pesadas por Anúbis nas balanças da justiça divina, eram tidas como pecaminosas.

À frente de Amerotke, mesas de cedro sustentavam as leis do Egipto e as "palavras da boca do faraó". Aqueles documentos sagrados não estavam ali para que fossem consultados, mas para lembrar a Amerotke que ele proferia a sentença em nome do faraó. Os escribas, os funcionários, a guarda do templo e os espectadores mantinham-se em silêncio, fitando-o. Alguns escribas, sentados ao lado de Amerotke, pareciam suportar mal a tensão existente na sala, porque tanto puxavam as túnicas como, no momento seguinte, debruçavam as cabeças rapadas sobre as suas mesas. Prenhoe, o mais jovem dos escribas e parente de Amerotke, estava tão agitado que mudava constantemente a posição das paletas de tinta vermelha e negra, os potes

de água e as facas afiadas de que se servia para cortar os papiros. Uma das facas caiu no chão de mármore, provocando um som metálico, semelhante ao de um címbalo. Prenhoe apressou-se a apanhar a faca, enquanto olhava, com expressão culpada, para o seu parente. Amerotke era um homem sagaz e educado, mas também conhecido pelo seu sentido de justiça e pela sua severidade. E, naquele instante, o rosto magro e moreno do juiz revelava-se perigosamente irado. Tinha o olhar fixo nas portas fechadas da sala e os seus lábios moviam-se imperceptivelmente. De quando *em* quando, tocava na madeixa de cabelos negros e reluzentes, entrançados com fitas prateadas e verdes, que lhe caía sobre a orelha direita. Amerotke suspirou e alisou o manto azul que lhe assentava na perfeição. Depois, ajeitou uma das almofadas da sua cadeira e o sol, irradiando dos jardins que ladeavam a sala, reflectiu-se na pesada corrente de ouro que trazia ao pescoço, fazendo com que o peitoral de Maet resplandecesse, como se a deusa houvesse descido do céu para proferir a sentença. Amerotke virou maquinalmente o anel com as insígnias da deusa e, estendendo as mãos, tocou nos manuscritos sagrados que se achavam à sua frente.

- Tragam o prisioneiro que dá pelo nome de Bakhun! Tens alguma coisa a dizer, antes que seja proferida a sentença?

O jovem, acorrentado, meneou a cabeça. Logo de seguida, instigado pelos dois guardas que o escoltavam, Bakhun ajoelhou-se e inclinou-se até a sua testa tocar no chão.

- Pequei! - gritou. - E o meu pecado estará sempre comigo!

- Não só pecaste - replicou Amerotke -, como tencionavas escapar à justiça do faraó.

Amerotke olhou à sua volta e, ao fundo da sala, junto das portas, vislumbrou Asural, o capitão da guarda do templo, que já dera um passo em frente, como se estivesse ansioso por retirar aquele malfeitor do recinto sagrado. Amerotke fizera uma pausa, não para provocar qualquer pressão sobre o prisioneiro mas, sim, para controlar a sua raiva e o seu medo. Raiva perante o terrível crime que Bakhun cometera: as hediondas mortes das suas vítimas. Medo porque aquele crime lhe atormentava

a alma, reavivando pesadelos da sua infância: certo dia em que corria por uma rua, perseguido por um cão enraivecido, que ainda o apanhara; se alguém que passava não houvesse intervido... Amerotke fechou os olhos. Norfret, a sua mulher, aconselhara-o a afastar aqueles pensamentos da mente. De noite, porém, os pesadelos regressavam, rastejando como serpentes, por baixo da porta, prontos a enrolar-se à volta da sua alma; os olhos enfurecidos, as grandes mandíbulas, os dentes arreganhados, as garras afiadas a arranharem-lhe os joelhos, Amerotke sempre gostara de cães, mas, a partir daquele dia... Pestanejou, despertando do seu devaneio. Na sala, todos aguardavam a sua sentença.

- Bakhun - declarou, por fim -, não tinhas quaisquer parentes a não ser os teus tios idosos, que te fizeram seu herdeiro. Foram mesmo ao ponto de te reservar um lugar no seu túmulo, na necrópole, para que pudessem viajar juntos para ocidente. Eram velhos e enfermos. O que fizeste foi abominável.

- Não queria fazer tal coisa...! - protestou Bakhun.

- Urdiste um plano malévolo - ripostou Amerotke. Capturaste e meteste numa gaiola um cão raivoso, a espumar pela boca, que levaste à casa isolada do teu tio, situada nos arrabaldes de Tebas. Sob o manto da escuridão, abriste a porta da casa dos teus parentes e deixaste entrar o cão. O teu tio e a tua tia eram demasiado débeis para se defender. Nem sequer conseguiriam subir a escada ou fugir. O cão atacou-os, matando-os. Os seus corpos ficaram tão mutilados que os embalsamadores tiveram dificuldade em prepará-los para a viagem final. Terias escapado, se não fosse a vigilância das testemunhas que te viram sair de Tebas, escondido numa carroça, no mesmo dia em que os teus tios foram tão barbaramente assassinados. Não vejo quaisquer razões para usar de misericórdia. A justiça do faraó será feita. As propriedades dos teus tios serão vendidas para cobrir as despesas dos seus funerais. O resto será entregue à Casa da Prata para ser distribuído pelos pobres.

Bakhun endireitou-se, sentando-se sobre os calcanhares, sob o olhar penetrante de Amerotke. Segundo a tradição, no

Egipto, a sentença devia corresponder à natureza do crime. Bakhun viu, pelo canto do olho, o intendente dos cães, guardião do parque sagrado no Templo de Anúbis. Amerotke havia-o chamado para testemunhar como especialista.

- Asural e tu, intendente dos cães, aproximem-se! - ordenou Amerotke.

Os dois homens avançaram, postando-se em frente da cadeira ocupada pelo juiz. O intendente dos cães era um homem magro mas vigoroso, com o seu fato de couro e as suas botas de marcha. Numa das mãos, trazia um chicote e, na outra, uma pequena lança. Em contraste, Asural envergava o uniforme cerimonial da guarda do templo. Avançara, com o escudo de bronze debaixo do braço, como se estivesse pronto a investir contra todos os inimigos do faraó. O seu rosto e a sua cabeça calva mostravam-se reluzentes de suor, porque se apercebera do mau humor do juiz. A notícia daquele crime abominável espalhara-se por toda a cidade: Bakhun não só tinha assassinado os seus parentes mas, porque os cadáveres do tio e da tia haviam sido mutilados, retardara a sua jornada para o mundo inferior.

- Asural! Intendente dos cães! Bakhun foi dado como de assassínio e de sacrilégio. Não passa de um ser fedorento para as narinas do faraó e, por conseguinte, a justiça de Hatusu, faraó do Egipto, será feita - sentenciou Amerotke, tocando no peitoral. - A palavra do faraó saiu-lhe da boca e seguirá o seu curso pela terra inteira para que todos possam conhecer a sua justiça. Intendente dos cães, leva o prisioneiro de volta a casa do seu tio e manda entaipar todas as paredes e janelas e selar todas as portas para que ele defina no local do crime.

Amerotke fez uma pausa.

- Antes que ele seja emparedado, deverás apanhar dois cães raivosos nas ruas de Tebas. Foram seus cúmplices no crime. Que sejam também seus companheiros na morte. A sentença deverá ser executada antes do pôr do Sol. Levem-no! Bakhun lançou-se ao chão, e as correntes que o prendiam provocaram um ruído agudo e metálico, mas os dois guardas que o escoltavam depressa o obrigaram a levantar-se. O seu rosto era agora uma máscara de medo, mas o silêncio que reinava

na sala e os murmúrios dos escribas revelavam que ninguém se apiedara dele. Gritando e blasfemando, o prisioneiro foi levado para fora da sala.

Amerotke sentiu-se mais calmo, enquanto o tribunal aproveitava aquele intervalo para se recompor. Prenhoe levantou-se para ir consultar o relógio de água, uma grande jarra com uma escultura de um babuíno na parte dianteira, colocada a um canto do pórtico que conduzia aos jardins. Amerotke seguiu o escriba com o olhar. Como desejava poder ir atrás dele! Entrar nos jardins do templo e sentar-se à sombra de um tamarindo! Sopraria uma brisa, naquele pequeno paraíso? Estaria mais fresco do que na sala? Olhou, de relance, para o chefe dos escribas e ordenou, com um aceno de cabeça, que a sessão fosse retomada. Nesse meio-tempo, Asural regressara, depois de entregar Bakhun a um grupo de guardas do templo. Amerotke interrogou-se como era possível que Asural, também ele seu parente, ainda que afastado, não tivesse calor com o sua pesada couraça e saiote de couro, para já não falar nas grevas que lhe cobriam as pernas. Asural sempre fora um obstinado defensor da disciplina e do rigor no trajar, o que havia levado Amerotke a comentar com Norfret, sua esposa: "Penso que ele preferia morrer de insolação a quebrar as regras."

Amerotke lembrou-se, então, do caso seguinte e murmurou, entre dentes, uma prece, implorando que lhe fosse conferida paciência. O chefe dos escribas levantou-se e anunciou:

- Que aqueles que desejam a justiça do faraó se aproximem!

As portas de cedro abriram-se e, com a sua forma de andar algo cambaleante, Chufoi, o anão, avançou, trazendo consigo um pára-sol e um bastão. Vestia a sua melhor túnica, uma peça de lã pura que lhe cobria o corpo diminuto da cabeça aos pés, sob um manto azul atado à volta do pescoço. Quanto às sandálias, eram novas. Amerotke insistira para que ele se apresentasse no tribunal com o queixo rapado e sem as suas habituais vestes esfarrapadas. Não havia nada de que Chufoi mais gostasse do que fazer passar-se por pobre, em contraste com Amerotke, de quem Chufoi era amigo, servo e mensageiro. Avançou pomposamente, ignorando os risos abafados. Apesar

de manter uma expressão severa, o juiz sentia especial carinho por aquele homenzinho. Para além de ser atarracado, os seus cabelos estavam sempre emaranhados, apesar do recurso ao óleo, e não havia nada que pudesse mascarar o seu rosto horrivelmente desfigurado. Tempos houvera em que Chufoi fora um hábil artesão, especializado em todo o tipo de artigos de couro. Acusado erroneamente de um crime, haviam-lhe cortado o nariz e fora expulso da cidade, condenado a viver com os outros "rinocerontes", na aldeia murada a sul de Tebas. Amerotke investigara o caso, provara a inocência de Chufoi e, para compensá-lo, levava-o para sua casa. O juiz achava-o fascinante. Chufoi era um verdadeiro camaleão. Podia passar de autodenominado mensageiro do juiz supremo a um convincente trapaceiro, capaz de vender poções e amuletos falsos aos habitantes mais incrédulos de Tebas.

Chufoi parou e ajoelhou-se em frente da cadeira do juiz. "Que Maet seja minha testemunha!" pensou Amerotke. "Por favor, Chufoi, não comeces!"

O homenzinho ergueu uma mão e piscou o olho ao seu amo, com um sorriso malicioso, mas Amerotke fulminou-o com o olhar.

- Que assunto me trazes?

- O grande juiz de Tebas, encarnação da sabedoria de Maet, amado do faraó! - A voz grave de Chufoi ressoou pela sala. - Ó grande senhor, que perscrutaste o rosto do faraó e sentiste o calor e a força da sua amizade! O juiz supremo da Sala das Duas Verdades, sumo sacerdote de Maet...

- Basta! - ripostou Amerotke. - Vai directo ao assunto! Chufoi, afivelando no rosto uma máscara de servilismo, aproximou-se do juiz, arrastando-se de joelhos. Pousara o pára-sol e o bastão a seu lado e ergueu os braços, num gesto dramático.

- Vai directo ao assunto! - repetiu Amerotke. - O pedido será escutado em silêncio! - bradou, olhando, furioso, para um dos escribas, que começara a rir-se baixinho.

- Sou Chufoi, insignificante servo do grande senhor... Amerotke, porém, interrompeu-o.

- Vou começar a contar... Se não me tiveres dito ao que vens, quando eu chegar a trinta...

Chufói deu-se conta do olhar ameaçador do seu amo.

- O meu nome é Chufói - papagueou de novo - e represento Seli e Belet, um excelente serralheiro. Quanto a Seli, provém de boas famílias; o pai dela corta papiros.

- Vinte e três...

- E querem casar - rematou Chufói, esticando o lábio inferior, o que nele era sinal de que começava a perder a paciência. Esperara durante semanas por aquele momento. Gostava do ambiente dramático e da solene grandiosidade daquele tribunal. Acima de tudo, não conseguia resistir à primeira oportunidade de espicaçar o mais solene de todos os amos. Por seu lado, Amerotke sabia o que Chufói ia pedir-lhe e desejava que o seu servo se despachasse.

- E qual é o problema com esse casamento?

- Posso trazê-los à tua presença? Amerotke assentiu, com um gesto da mão.

A rapariga que entrou na sala era bonita, magra e de rosto meigo. Usava a sua melhor cabeleira, embebida em óleo, e uma túnica simples de linho branco. O rapaz trazia uma túnica de lã, que lhe caía até aos joelhos, mas o seu rosto achava-se coberto por uma máscara de couro. Um dos guardas aproximou-se dele e sussurrou-lhe algo ao ouvido. De imediato, o jovem tirou a máscara. Amerotke fechou os olhos. Tempos houvera em que aquele rapaz devia ter sido atraente, mas, tal como Chufói, haviam-lhe cortado o nariz.

- Foste condenado? - perguntou Amerotke, ignorando os gritos abafados da assistência.

- Sou serralheiro.

Olhando de relance para o rapaz, Amerotke apercebeu-se de que o seu rosto disforme estava também marcado pelo sofrimento.

- Perguntei-te há quanto tempo foste condenado.

- Há quatro anos.

Um guarda aproximou-se, de novo, do jovem para o obrigar a ajoelhar-se, como era costume, sempre que alguém se dirigia ao juiz do faraó, mas Amerotke impediu-o, erguendo a mão e meneando a cabeça.

- Continua! - ordenou.

- Cometi vários crimes - prosseguiu Belet. - Entrei nas lojas e nas casas daqueles a quem vendi fechaduras.

- Porquê? - quis saber Amerotke.

- Porque a minha família se tornou pobre. O meu pai bebia de mais, e não tínhamos túmulo...

Amerotke acenou, em silêncio. Uma das causas de muitos crimes era o desejo avassalador que sentiam os prósperos comerciantes de Tebas em assegurar-se de que tinham um túmulo, condizente com a sua condição, na necrópole, situada na outra margem do Nilo.

- Pagaste pelos teus crimes?

- Sim, meu senhor.

- E agora?

- Agora, não posso viver em Tebas, não posso casar-me, nem, tão-pouco, continuar a exercer o meu mister. Meu senhor

- continuou Belet, ajoelhando-se, não numa atitude teatral, mas para pedir auxílio, com toda a sinceridade.

- Vim implorar a clemência do faraó. Já tenho a minha marca - sussurrou, indicando a cicatriz que lhe desfigurava o rosto - e cumpro o meu exílio. Estou disposto a fazer o mais solene dos juramentos. Posso apresentar muitos testemunhos de que a minha vida, nos últimos quatro anos, foi irrepreensível.

Amerotke ergueu mais uma vez a mão. Asural e Prenhoe haviam investigado o caso. O jovem dizia a verdade; de facto, não se envolvera em qualquer crime.

- Eis a minha sentença - declarou então Amerotke. Antes, porém, olhou para Seli e, sorrindo, perguntou: - Amas Belet?

- Sim.

Amerotke apercebeu-se *de* que a rapariga estava agitada, porque lhe escorriam pelo rosto gotículas de suor.

- O meu veredicto é este: Belet fará o mais sagrado dos juramentos. Aqui, no Templo de Maet, jurará que não voltará a praticar o mal. Os escribas emitirão uma revogação da sentença anterior, antes do pôr do Sol. Sabes o que acontecerá acrescentou, lançando um olhar severo a Belet - se quebrares o teu juramento? Serás expulso definitivamente de Tebas e todos os teus bens serão confiscados.

Entretanto, Chufoi, irritado por ninguém lhe prestar qualquer atenção, levantou-se.

- Testemunhem a sabedoria do faraó! - anunciou, em voz alta. - Dêem graças ao grande senhor Amerotke, que caminha na verdade, que olhou para o rosto de...

- Evacuem a sala! - berrou Amerotke. Levantou-se da cadeira em sinal de que a sessão terminara

e, dirigindo-se para a esquerda, entrou nos portais misteriosos, a sua capela privada. Gostava de descansar naquela câmara comprida, com tecto côncavo e paredes brancas de basalto, adornadas com pinturas da deusa Maet, a ajudar Ré, seu pai. Para além dos vários bancos e almofadas e da mesa de oferendas, onde se encontrava uma taça de água sagrada, misturada com natrão, ao centro, no altar, achava-se a barca em que a deusa era transportada e, por trás, o *nãos*, o armário ou tabernáculo sagrado que continha a estátua de Maet, feita de prata e ouro. Depois de se dirigir à mesa de oferendas, Amerotke pegou no recipiente do incenso, ajoelhou-se em frente do *nãos*, aspergiu o carvão em brasa que ardia num prato de cobre com um pouco de incenso e ficou a olhar o fumo a erguer-se em espiral.

- Que a minha prece - murmurou, recostando-se nas almofadas - se eleve como doce incenso a teus olhos!

Contemplou aquela representação da deusa da Verdade, nas suas vestes douradas. Admirou o cabelo negro e brilhante, o belo rosto comprido, os lábios carnudos e os olhos amendoados, realçados por *kohl*, as pulseiras nos braços e tornozelos e as elegantes sandálias com que os sacerdotes haviam adornado a estátua. Amerotke sorriu. Sempre que orava, aquela estátua lembrava-lhe Norfret, a sua esposa. Quase esperava que aqueles lábios se movessem, que a bela cabeça se virasse ou que aqueles olhos escuros o fitassem com certa malícia. Riu-se baixinho. "Idolatro a deusa", pensou, "a minha esposa, ou ambas?"

Amerotke tentava viver na verdade. Amava a mulher e os dois filhos, Ahmés e Curfai. Esforçava-se por dar o seu melhor, sem se tornar demasiado pomposo ou orgulhoso. Humedeceu os lábios com o dedo médio, que mergulhara na taça de

água sagrada. Tentava dar voz à verdade mas, por vezes, era difícil. Lembrou-se do caso que acabara de julgar: um assassínio abjecto, os idosos encurralados na sua própria casa com aquele cão enraivecido, de mandíbulas a espumar. Amerotke tirou o peitoral e o anel e pousou-os no chão, a seu lado. Foi então que recordou a sua terrível experiência. Onde se encontrava? Ah, sim, de volta a casa, para junto da sua ama, uma velha meio louca que lhe contava histórias de um rei misterioso que vivia algures num belo oásis, nas Terras Vermelhas. Amerotke fechou os olhos. Estava muito perto de casa, quando a trombeta soara, dando o alarme. Os portões haviam sido imediatamente fechados e ouvira o temível tropel das patas do cão raivoso, perseguindo-o, como uma sombra, por uma passagem estreita. Alguém bateu à porta da capela, mas Amerotke não se apercebeu disso. Achava-se na casa das vítimas de Bakhun, onde o silêncio fora dilacerado pelo horror daquele assassino de dentes afiados. Amerotke começou a tremer. Por fim, abriu os olhos e concentrou-se na estátua que tinha à sua frente. Era necessário orar. Ahmés estava doente, com febre. Chufoi prometera levar à criança um amuleto embebido em sangue de um crocodilo sagrado.

Bateram de novo à porta.

- Entre!

Asural, Prenhoe e Chufoi entraram, fitaram Amerotke e sentaram-se, em silêncio, de costas voltadas para a parede.

- Já foi tudo tratado? - perguntou Amerotke.

- Está a ser tratado - respondeu o capitão da guarda.

- Vais ser criticado - comentou Chufoi, à laia de aviso.

- Porquê? Que outro veredicto aconselhavas? Chufoi levantou-se com dificuldade.

- Não comeste. Trouxe frutos e um pouco de vinho *charou* Além de que conheço uma loja de comida...

Rindo-se, Amerotke voltou-se finalmente para os três homens.

- Ficaste contente com a minha outra decisão, Chufoi? Os teus amigos devem estar felizes.

- Vou embebedar-me e dançar, até mais não poder, no casamento deles!

Amerotke observou a pintura que se achava por trás de Chufoi um grupo de núbios que trazia oferendas ao velho faraó Tutmés I, sentado no seu trono, protegido pelas asas emplumadas de Maet.

- E de que se fala tanto na cidade?

- O vizir Senenmut está no Templo de Anúbis, onde vai encontrar-se com os mensageiros dos Mitânios - respondeu Chufoi. - Tuchratta e a sua corte permanecem acampados no oásis das Palmeiras...

- E depois?

- Correm certos rumores...

- Sobre o quê?

- Sobre um assassinio cometido no Templo de Anúbis. Amerotke estremeceu. Hatusu, rainha e faraó do Egito, empenhara-se naquelas negociações, depois de haver esmagado o exército dos Mitânios. Amerotke estivera presente na grande vitória da sua rainha. Por vezes, nos seus sonhos, regressava à batalha: o estrépito dos carros de guerra, quando atacaram o flanco da defesa dos Mitânios, os *mariannou*, "os bravos do rei", matando os feridos, com selvajaria, o terreno pedregoso tornado escorregadio com o sangue que espichava como vinho de jarros rachados.

Uma pancada ruidosa na porta despertou Amerotke das suas recordações. Chufoi foi abrir e recuou, surpreendido. Eram dois homens, envergando os trajes dos nobres e com o cabelo cortado muito curto e preso por redes. Amerotke reconheceu a insígnia das Sombras do faraó: membros do corpo imperial de mensageiros, com os seus bastões brancos, os mantos debruados a vermelho e os braceletes que ostentavam os emblemas de Hórus, o falcão, e do olho de Osíris. Amerotke levantou-se para saudá-los; o primeiro mensageiro era um homem gordo, de olhos negros e pequenos que se escondiam por baixo das pregas de gordura que lhe tombavam das pálpebras. Em virtude da sua corpulência, cambaleava mais do que andava. O segundo mensageiro era mais novo e magro. Tinha um nariz ligeiramente adunco, mas os seus olhos eram risonhos e a sua boca rasgou-se num sorriso quando se inclinou, primeiro, para o *nãos*, e, depois, para Amerotke. O primeiro

mensageiro parecia mais preocupado com o calor, porque se abanava com um leque. O mais novo estacara, com alguma pompa, posicionando um pé um pouco à frente do outro, como se fosse recitar um poema.

- Vocês são...?

- Ueni - respondeu o mensageiro mais gordo, num tom de voz áspero.

- Ele sofre de uma doença no nariz - declarou o arauto mais novo. - Tem de tratar-se.

- Possuo poções milagrosas - ofereceu-se, de imediato, Chufoi, dando um passo em frente.

- És médico? - perguntou Ueni.

- Sou muito mais do que isso. Conheço os segredos do ânus, do nariz e de todos os outros orifícios do corpo. Para o teu caso, pega-se em pó de escorpião, mistura-se com sangue de víbora e...

- E, passada uma semana, morre-se - rematou Prenhoe. Chufoi ainda quis protestar, mas Amerotke ergueu a mão, impondo-lhe silêncio.

- E tu és...? - perguntou, voltando-se para o mais novo dos dois mensageiros.

- Mareb - respondeu o jovem. - Aauto pessoal da divina Hatusu.

Dito isto, estendeu o braço e abriu a mão, em que tinha o escaravelho com a pequena cartela imperial da rainha-faraó. Amerotke fez uma vénia e beijou a insígnia, enquanto Ueni se apressava a afirmar que ele também era aauto pessoal de Hatusu, junto do acampamento dos Mitânios, no oásis das Palmeiras.

- Vimos do Templo de Anúbis - declarou Mareb, sem deixar de sorrir.

- É verdade? Como estão a correr as negociações? Bem?

- Estavam - corrigiu Ueni, em tom solene, olhando ainda com expressão furiosa para Chufoi, pela insolência que revelara ao fazer-se passar por médico.

- Falem em voz baixa - interveio Mareb. - O vizir Senenmut é a encarnação da vontade do faraó. Ele irá...

- Eu sei quem ele é - atalhou Amerotke. - O que desejo saber é o que vocês fazem aqui.

- As negociações estão a correr bem - respondeu Mareb. - O rei Tchratta, ou melhor, os seus mensageiros estão dispostos a ceder a todas as nossas condições. Fizeram algumas exigências, mas celebrar-se-á o casamento e o tratado de paz será selado.

- Mas houve assassínios? - insistiu Amerotke. - É que ouvi alguns rumores...

- Tens ouvidos aguçados, meu senhor.

- Sou também um homem impaciente - contrapôs Amerotke, convidando os dois arautos imperiais a sentar-se. Falem-me desses assassínios.

Chufoi ajeitou as almofadas e os dois homens acomodaram-se, enquanto Amerotke se sentava em frente deles, rodeado pelo seu séquito.

- Já ouviste falar na *Glória de Anúbis*, meu senhor? começou Mareb.

- Sim, tal como toda a gente; trata-se de uma ametista sagrada, do tamanho do punho de um homem, que pende de uma corrente de ouro que adorna a estátua de Anúbis, numa das capelas laterais do templo. É uma jóia tão antiga como o templo. Alguns afirmam que foi deixada ali pelo próprio deus.

- Pois, ao que tudo indica, foi roubada pelo próprio Anúbis... - comentou Mareb, não sem algum atrevimento. Mas não te enganaste, meu senhor - apressou-se a acrescentar. - Nem era minha intenção ofender o deus. A estátua é guardada num dos misteriosos portais. Aliás, a capela é muito semelhante a esta, à excepção - adiantou, apontando para a entrada - de que há um lago sagrado em frente da entrada.

- Sim, já ouvi falar nessa capela - declarou Amerotke. Um sacerdote fica de vigília ao santuário. Presumo que a porta tenha uma fechadura de cobre...

- Exactamente. Um outro sacerdote permanece de guarda, à porta da capela, durante a noite, enquanto o capitão da guarda do templo patrulha todos os corredores e galerias, ao longo da noite. Para além deles, fica também uma sacerdotisa, que leva de beber e de comer ao sacerdote que permanece à porta da capela.

- Mas não ao que fica no interior?

Mareb meneou a cabeça.

- O sacerdote de vigília fica trancado no interior da capela, desde que o Sol se deita até que volta a nascer. Faz girar a chave e esconde-a na sua pessoa.

- O que aconteceu então? - quis saber Amerotke.

- Ao raiar do dia, o sacerdote de vigília deve sair, para permitir que os seus colegas celebrem o serviço da alvorada, mas ninguém conseguiu acordar o Nemrat. Chamaram o capitão da guarda, o chefe dos sacerdotes e até mesmo o vizir Senenmut. A porta teve de ser arrombada à força. No interior, o lago sagrado mantinha-se intocado. Não havia pegadas nem vestígios de qualquer espécie. No entanto, o Nemrat, o sacerdote de vigília, estava morto, com um punhal cravado no coração.

- E a *Glória de Anúbis* tinha desaparecido?

- Sim.

- Quem era o sacerdote que estava de guarda à porta da capela?

- O Kheti, que alega não ter ouvido nada de invulgar ou de estranho. Dormitou um pouco, fez as suas preces mas nada houve que o perturbasse.

- E a sacerdotisa?

- O nome dela é Ita. Serviu o Kheti, durante a noite. Também não ouviu nada.

Amerotke, perplexo, sentou-se.

- Portanto, temos uma capela igual a esta, com um lago sagrado em frente da porta...

- Sim, uma porta, trancada do lado de dentro pelo Nemrat, que tinha a chave em seu poder.

- No entanto, na manhã seguinte, o lago não apresentava quaisquer indícios de ter sido profanado, mas o Nemrat fora assassinado e a *Glória de Anúbis* havia desaparecido, apesar de as galerias e os corredores estarem a ser patrulhados. Os guardas não deram por nada de estranho?

Mareb limitou-se a menear a cabeça.

- E a chave? Foi encontrada no cadáver do Nemrat?

- Sim, escondida nas pregas da sua túnica.

- A porta estava trancada?

- Sim.

- Quem a arrombou?

- Os guardas do templo, por ordem do sumo sacerdote.

- E não existem entradas ou passagens secretas para a capela?

Novo menear *de* cabeça. Asural assobiou baixinho.

- A divina Hatusu vai ficar furiosa - comentou Amerotke. - A *Glória de Anúbis* é uma relíquia sagrada.

- Mas ainda há mais - prosseguiu Mareb. - Naturalmente, o dedo da suspeita voltou-se para os Mitânios. E decerto compreenderás porquê: eles também veneram um deus com a forma de cão e consideram o chacal sagrado.

- Claro! - exclamou Amerotke. - E se o Tuchratta se apoderar da ametista sagrada, ou se as pessoas pensarem que ele a tem, a divina Hatusu tornar-se-á alvo da chacota geral.

- Correm também rumores - retomou Mareb - de que o templo está assombrado. Muitos são os que afirmam terem visto ali Anúbis, o deus-chacal.

Amerotke teve de morder a língua, porque, para ele, aqueles rumores eram um disparate. No seu íntimo, não acreditava em deuses com cabeça de chacal ou com corpo de falcão. Apenas acreditava em Maet, a Verdade, mas pensou que era melhor guardar as suas opiniões para si próprio.

- Assim - declarou -, estamos perante um caso de roubo, assassínio e sacrilégio. E que mais têm para me dizer?

- Na mesma noite em que a *Glória de Anúbis* foi roubada - replicou, desta vez, Ueni, enquanto ajeitava o traseiro anafado nas almofadas -, uma das *hesets* do templo, uma dançarina, foi encontrada morta num dos pavilhões do paraíso. Foi envenenada, mas não se encontrou qualquer rasto do seu assassino.

- Eles *julgam* que foi veneno - comentou Mareb.

- A *heset* espumou pela boca, antes de morrer - ripostou Ueni. - Mas não é a única vítima de morte misteriosa. Também encontraram dois carneiros do rebanho do templo e alguns peixes mortos. E, pelo que tudo leva a crer, foram envenenados.

Amerotke fechou os olhos. Duas semanas antes, havia sido

um dos convivas de um banquete no palácio real, a Casa do Milhão de Anos. Hatusu mostrara-se muito segura de si, comportando-se já como um faraó, e declarara, para quem a quisesse ouvir, como exigiria que os Mitânios se rendessem e como os obrigaria a tornarem-se seus aliados. Agora, alguém andava a perturbar as negociações em curso.

- Mas não podem ter sido os Mitânios... - comentou Amerotke. - Têm tanto a perder...

- De facto, têm muito a perder, mas nunca o confessariam, pois não? - comentou Asural.

- Não - concordou Amerotke. - Muito bem; quais são as vossas instruções?

- Quando tiver passado mais uma hora - respondeu Mareb -, deverás juntar-te ao senhor Senenmut, no Templo de Anúbis, porque ele quer falar contigo sobre determinados assuntos.

- Acredito que sim... - replicou secamente Amerotke. Levantou-se, pegou no peitoral e no anel e deu-os a Prenhoe, que os guardou num escrínio, escondido a um canto da capela.

- Diz-me uma coisa - perguntou Amerotke, enquanto se ajoelhava para atar as tiras de couro das sandálias. - Já interrogaram o Kheti, o sacerdote de guarda às portas da capela?

- Sim, e não sabe de nada.

Amerotke levantou-se, fitando a estátua de Maet. "Como pôde o criminoso haver cometido esses actos?", perguntou a si mesmo.

- Não há janelas? - exclamou, olhando, de relance, para Mareb. - Não, claro que não - declarou, respondendo à sua própria pergunta.

Ueni indicou a porta.

- A porta da capela de Anúbis - explicou - é ainda mais espessa do que esta. É revestida de painéis do melhor cedro e tem ferrolhos dos dois lados.

- Portanto, não há painéis amovíveis? E a fechadura?

- Tão segura, que teve de ser arrombada - respondeu Mareb. O seu rosto risonho havia-se tornado sério. - Ninguém consegue encontrar uma explicação para o que aconteceu

. Alguns afirmam que Anúbis entrou no seu próprio templo, matou o Nemrat e levou a ametista sagrada. O cabo do punhal que matou o sacerdote...

- Sim?

- Nunca ninguém viu um cabo igual: é preto e com a forma da cabeça de um chacal. Que pensas de tudo isto, meu senhor?

Amerotke fitou a estátua da deusa da Verdade. Não acreditava que Anúbis houvesse entrado no seu templo. Tinha a certeza, porém, de que Set, deus do homicídio, assombrara o local.

CAPÍTULO 2

- Estive em Akharit. Viajei até muito além dos limites conhecidos do mundo. Encontrei a fome, a sede e muitos inimigos. Enfrentei as hienas de caudas pontiagudas. Vagueei por desertos desconhecidos. Fui o primeiro homem a pisar as suas areias escaldantes - O contador de histórias, parado à sombra de um plátano, no grande pátio dianteiro do Templo de Maet, despertara o interesse dos que passavam por ali. - Vi grifos com cabeças humanas nas costas, panteras aladas, chitas com pescoços mais compridos do que o de uma girafa, hienas com orelhas quadradas e caudas tão compridas como setas. Escalei a montanha de Marfim...

Amerotke parou, escutando com admiração o contador de histórias.

- Um outro Sinuhe! - zombou o arauto Ueni.

Amerotke, por sua vontade, teria ficado ali. Gostava de ouvir aquelas histórias para mais tarde as contar aos filhos. Chufoi, entretanto, começara a saltar freneticamente e a bater com o pára-sol nas lajes de obsidiana do pátio para chamar a atenção do seu amo.

- O que foi? Queres ficar e escutar o homem? - perguntou-lhe Amerotke.

- Quero que sejas tu a ficar e a escutá-lo, meu senhor. Amerotke indicou, com a cabeça, os dois arautos.

- Mas tenho de...

- Amo, é urgente. O Belet quer falar contigo. Chufoi referia-se ao serralheiro exilado a quem Amerotke concedera o direito de regressar a Tebas.

Suspirando, Amerotke olhou à sua volta e contemplou o grande pátio quadrado, com as suas colunatas, de cada lado, e um lago, ao centro. Os architectos assisadamente haviam deixado uma fileira de árvores de porte: sicômoros, acácias e palmeiras. Agora, forneciam sombra e abrigo àqueles que montavam as suas bancas para servir os visitantes e peregrinos do templo. Todos os mágicos e homens dos escorpiões se encontravam ali, bem como barbeiros, vendedores de especiarias e peregrinos errantes. Um grupo de dançarinos dera as mãos e dançava em volta de uma árvore, ao som agudo de uma flauta. Não eram bons dançarinos, devido ao seu peso. Vestiam túnicas de mangas curtas e tangas bordadas com contas, enquanto os seus pescoços e braços estavam ornamentados com colares e pulseiras. De súbito, uma pulseira partiu-se e as contas espalharam-se pelo chão, para grande alegria das crianças presentes, que correram a apanhá-las, pondo fim à dança.

- Não posso ir ver os teus amigos - replicou Amerotke. Se eles querem agradecer-me, que o façam no templo.

Os outros, conduzidos por Àsural, estavam à espera. Chufoi pôs-se em bicos dos pés.

- É muito urgente, meu amo. O Belet tem informações importantes. O casamento dele é esta noite. Depois, terá de regressar à aldeia e recolher os seus haveres.

Amerotke apertou os lábios. Estava com calor e tinha sede. Os olhos de Chufoi brilhavam de excitação. Amerotke costumava troçar dele, mas nunca subestimava a capacidade daquele homenzinho trapaceiro para recolher informações.

- Ele tem de falar contigo, agora - insistiu Chufoi. Ele e a Seli.

- Está bem - anuiu Amerotke. - Prenhoe, Àsural! Levem os nossos visitantes até àquela banca e bebam qualquer coisa.

Os outros dirigiram-se a uma bancada protegida pela sombra de uma palmeira.

Só então Chufoi deu a mão ao amo.

- Porque não me disseste isso quando estávamos no templo? - perguntou Amerotke.

Chufoi aproximou-se mais dele.

- As paredes têm ouvidos... - sussurrou.

- Queres dizer com isso que não querias que Asural e Prenhoe soubessem?

Em resposta, Chufoi esboçou um sorriso malicioso. Amerotke deixou-se guiar pelo seu servo. Passaram por um peregrino, de olhos esbugalhados e mãos erguidas para o céu, que entoava uma prece adulterada a um qualquer deus cuchita desconhecido. Saíram do pátio, descendo uma passagem estreita, e Amerotke apercebeu-se de que se dirigiam para uma das casas de comida preferidas de Chufoi: um edifício baixo e branco, com cozinhas, salas de comida e um jardim nas traseiras.

- Disse-lhe que esperasse aqui - explicou Chufoi, ao transpor a entrada.

Passaram por uma sala pequena, que servia de armazém e da qual emanavam aromas saborosos. Gansos, galinhas e patos, acabados de matar, pendiam de varas, enquanto várias taças se achavam por baixo dos animais, a fim de recolher o sangue fresco que jorrava dos seus bicos abertos. No exterior, o jardim era um pequeno paraíso, dividido por um canal que trazia a água do Nilo; na realidade, não passava de um pequeno regato, que mantinha o relvado, os arbustos e as flores frescos e perfumados. Por trás de uma cerca, abrigada por plantas trepadeiras, alinhava-se uma fileira de fornos de barro, encimada por uma grelha, sobre a qual eram assados nacos de carne de codorniz, antílope, pato e perdiz. Um rapazinho, completamente nu, corria de uma ponta à outra dos fornos com uma concha na mão, de que se servia para regar a carne com um molho à base de ervas aromáticas. As nuvens de fumo que se elevavam da fileira de fornos espalhavam-se pelo jardim.

Sentados, de mãos dadas, Belet e Seli aguardavam num pequeno banco de madeira, à sombra de uma palmeira. Apesar do seu rosto desfigurado, Belet mostrava-se radiante e, se Amerotke não o impedisse, ter-se-ia ajoelhado a seus pés.

- Um banco para o meu amo, o grande juiz Amerotke! gritou Chufoi, dirigindo-se a um grupo de servos que se achava agrupado à sombra de outra árvore. - Ergam as mãos para os céus e agradeçam aos deuses por a vossa humilde habitação ter sido agraciada pela sua augusta...

- Cala-te, Chufoi - murmurou Belet, com voz rouca.

O homenzinho, lembrando-se do que o trouxera ali, obedeceu, visivelmente embaraçado. Os servos transportaram, primeiro, dois bancos e, em seguida, colocaram entre eles uma mesa baixa de quatro pés. Amerotke pensou nos dois arautos que o esperavam mas não teve alternativa senão aceitar a taça de cerveja fresca e as fatias de carne assada, servidas sobre uma camada de folhas de alface e aromatizadas com cebola picada, que Belet lhe ofereceu. Seli pediu facas de cobre. Assim que os servos se afastaram, Belet aproximou-se mais de Amerotke. Gotas de suor escorriam-lhe pelo rosto desfigurado.

- Meu senhor Amerotke, tens a minha eterna gratidão. Rezarei por ti todos os dias - anunciou, apertando com mais força a mão de Seli na sua. - Se o nosso primeiro filho for homem, com a tua permissão, dar-lhe-emos o teu nome. Oferecerei incenso ao teu templo. A tua generosidade e bondade fizeram de mim teu leal servo.

- És um homem livre - replicou calmamente Amerotke. - Purgaste-te por meio de um juramento. Tornar-te-ás um famoso serralheiro e terás muitos filhos. Agora, não quero ser rude, mas tenho outros assuntos a tratar e o dia já vai adiantado...

- Muito bem, serei breve - Belet bebeu um gole da sua cerveja e levou a mão à testa, num gesto de saudação. - Meu senhor juiz, provenho da aldeia dos Rinocerontes que, como sabes, fica a sul de Tebas. Chufoi foi acusado de um crime que não cometeu e manteve a sua alma. Muitos outros, contudo, ficaram enraivecidos, por haverem sido desfigurados e privados de liberdade. Agora, oferecem sacrifícios somente a Set, o grande assassino, ou a Meretseger, a deusa-serpente que ataca sem avisar.

- Sim, eu sei - replicou Amerotke. - Essas comunidades são verdadeiros antros de criminosos. Ouvi histórias de homens, com os rostos cobertos por trapos, que roubam viajantes solitários e fomentam a guerra contra os súbditos do faraó. No conselho real, há quem pense que seria preferível destruir a tua e as outras aldeias que albergam os proscritos.

- De quando em vez, somos abordados por forasteiros continuou Belet. - Tenho de dizer-te que consideramos qualquer pessoa com o rosto que os deuses lhe deram como um forasteiro. Esses forasteiros contratam homens como eu para fazer certos trabalhos. Outros aproveitam-se das nossas mulheres, porque sentem grande prazer em copular com uma que seja desfigurada. Há cerca de dez dias, pouco depois de as águas do Nilo começarem a descer, fui abordado...

- Por quem? - quis saber Amerotke.

- Não sei. E preciso dizer que a minha aldeia não é propriamente o mercado de Tebas, onde as pessoas falam umas com as outras, olhos nos olhos, trocam o beijo da amizade ou cospem nas palmas das mãos para selar um negócio. Os dois homens mascarados que bateram à porta da minha casa recusaram-se a entrar e ficaram sentados à entrada. A mensagem deles era simples: eu devia dirigir-me ao Local das Hienas pouco depois do anoitecer.

- Porque foram eles procurar-te? - perguntou Amerotke. - E, mais importante ainda, podias ter dito que não irias com eles.

Belet baixou a cabeça.

- Ele arrependeu-se, meu senhor - murmurou Seli, agarrando no braço de Belet. - Estava desesperado e precisava de dinheiro.

- Além de que nem tudo o que fazemos é ilegal - acrescentou Belet, enquanto passava os dedos pelo novo colar de pedra polida que trazia ao pescoço. - Mas a verdade é que precisava de prata para comprar o meu regresso a Tebas.

- Diz-me: como foi que conhecestes a Seli? - quis saber Amerotke, levado pela curiosidade.

- Era exactamente a esse ponto que eu queria chegar replicou Belet, depois de suspirar de alívio. - O pai da Seli levou algumas peças de mobília e fechaduras para que as consertasse. Sabia que eu provinha de uma boa família e, com o passar dos anos, tornei-me seu amigo.

- E da filha dele! - rematou Chufoi, com a sua costumeira malícia.

- Mas regressemos ao Local das Hienas... - interrompeu Amerotke.

- Fica a cerca de uma milha da nossa aldeia. É uma gigantesca formação rochosa, constituída por um verdadeiro labirinto de grutas, onde enterramos os nossos mortos. Foi aí que me encontrei com os meus dois guias. Um deles vendou-me os olhos, antes de entrarmos. Percebi, de imediato, que o que tinham em mente ia contra a lei. Chegados a uma das grutas, que tresandava a esterco de camelo, ordenaram-me que me sentasse. A noite tornara-se fria e havia uma fogueira acesa. Deram-me a beber vinho do bom. Lembro-me de que a taça estava rachada mas, quando bebi o vinho, dei-me conta de que os dois homens não eram da aldeia. Esperei em silêncio, durante bastante tempo. No exterior, o vento tornara-se mais forte. A dada altura, um dos meus guias resmungou qualquer coisa; seguiu-se o eco de passos e um terceiro homem entrou na gruta. Tenho a certeza de que o recém-chegado não era da aldeia dos Rinocerontes. É que temos os nossos hábitos e modo de falar próprio. Não me disse o seu nome mas começou a elogiar a minha família, o meu trabalho e, em particular, as fechaduras complicadas que eu sabia tão bem fazer como abrir.

- E o que queria esse homem? - perguntou Amerotke.

- Primeiro, perguntou-me se eu ainda tinha os cinzéis, os macetes e outras ferramentas do meu pai. "Senhor", respondi-lhe, "é possível comprar utensílios semelhantes em Tebas." "Sim, mas não é possível comprar aqueles que as utilizam no seu mister", foi a resposta que obtive. "Gostavas de ser rico?", perguntou então o terceiro homem.

- Reconheceste a voz dele?

- Não, mas era uma voz portentosa e ameaçadora, como o vento do deserto. Foi então que perguntei porque precisavam de alguém com a minha especialidade. "Não é coisa que possas saber", respondeu o homem. "Aonde terei de ir? Para lá das fronteiras do Egipto?", insisti. O homem limitou-se a rir. "Irás a um lugar onde poucas pessoas estiveram. No entanto, quando tiveres terminado, serás muito rico." Indaguei se era um trabalho perigoso. "A vida é toda ela perigosa", foi a resposta que o desconhecido me deu. Eu não sabia o que fazer. Desde o dia em que fora castigado e condenado ao exílio, seguira sempre a lei. Mantivera-me afastado de qualquer problema

E, depois de conhecer Seli, o meu único sonho era obter o perdão.

- O que aconteceu, nessa noite? - continuou Amerotke.

- Perguntei quantos homens iriam acompanhar-me na viagem. Mais uma vez, o desconhecido recusou-se a responder, limitando-se a dizer que eu me tornaria rico, que poderia deixar o Egito e viver como um mercador próspero, para lá das nossas fronteiras.

Belet ergueu a cabeça e fitou os servos, ainda agrupados debaixo da mesma árvore, e que imediatamente desviaram os rostos, porque, segundo se dizia, dava azar olhar para uma criatura desfigurada. Belet fez um gesto com a mão, indicando o grupo.

- Compreendes, agora, meu senhor, porque me senti tentado?

Amerotke pressionou a caneca fria contra as faces. Agora, que conhecera Belet, sentia-se invadido pela suspeita. Era indubitável que se tratava de um homem de bem mas, apesar de tudo, havia concordado em encontrar-se com aquele misterioso forasteiro. Fitou, discretamente, o serralheiro e discerniu, no seu olhar, uma expressão fria e calculista. "Agi correctamente? Estará este homem empenhado em seguir o caminho da luz?", questionou-se.

Por fim, Amerotke voltou-se para o seu servo.

- Diz-me, Chufoi: por que motivo um grupo de estrangeiros iria à aldeia dos Rinocerontes e pediria ajuda ao teu amigo?

Chufoi, que, durante aquele tempo, examinara atentamente um tratador de abelhas que trabalhava ao fundo do jardim, pestanejou e esboçou uma careta.

- Porque planeava um assalto - sugeriu.

- Essa ideia não te passou pela cabeça? - perguntou Amerotke, voltando-se de novo para Belet.

- Claro que sim.

Amerotke limpou a espuma da cerveja que transbordava da sua taça. Tinham ocorrido vários roubos em Tebas, cujas vítimas eram mercadores ricos, com as suas arcas, cofres, armazéns ou pipas a abarrotar de tecidos raros, pedras preciosas e especiarias.

- Então, Belet... - insisti. - Deves ter feito mais perguntas...

- De facto, perguntei-lhes se planeavam um roubo respondeu o jovem, algo hesitante -, mas também fiz questão de lhes dizer que tanto os mercadores como os ricos tinham as suas casas bem guardadas.

- E depois?

- O homem riu-se e disse-me que não haveria guardas.

- Não haveria guardas?

Amerotke pensou imediatamente na necrópole, a Cidade dos Mortos, situada na outra margem do Nilo, com a sua colmeia de túmulos repletos de objectos valiosos. De quando em vez, bandos de criminosos haviam forçado a entrada em alguns deles para os pilhar.

- Seriam, então, profanadores de túmulos? - perguntou.

- Também aludi a essa possibilidade - confessou Belet, envergonhado. - O desconhecido riu-se, mas, nesse momento, a sua voz revelava um tom zombeteiro. "Julgas, porventura, que pensamos roubar as boas gentes de Tebas?", ripostou. "Então, onde será o assalto?", insisti. "Já te disse: num lugar que poucas pessoas conhecem. Muito bem. Estás connosco ou não?" Respondi que tinha de pensar na proposta. O homem deu-me dois dias e disse que voltaria a visitar a minha casa.

De súbito, ouviu-se uma grande algazarra no jardim. Os servos haviam começado a falar todos ao mesmo tempo. Amerotke virou-se. O contador de histórias do pátio do templo acabara de chegar. Havia colocado um xaile de linho em volta dos ombros e o seu cabelo negro estava naquele momento, preso por uma rede de ouro.

- Já falei quanto chegue por hoje e a minha garganta está tão seca como o leito de um rio do deserto! - anunciou.

Aparentemente, o homem era muito popular, porque todos os servos se haviam precipitado para servi-lo. Chufoi fitou o homem com inveja evidente.

- Quem me dera contar histórias como as dele... - comentou, não sem algum azedume.

- E contas - retorquiu Amerotke. - O problema é que ninguém acredita em ti. Mas continua, Belet...

- Dois dias depois, mal anoiteceu, fui levado ao Local das Hienas e, mais uma vez, vendaram-me os olhos antes de penetrarmos nas grutas. O homem que, para mim, era o chefe do bando encontrava-se à minha espera. Disse-lhe que estava nervoso e que a minha habilidade já não era a mesma. Pressionei-o, tanto quanto pude, a fornecer-me mais pormenores, mas o desconhecido insultou-me e eu recusei a sua proposta. Pensei que ele terminara, quando senti uma serpente enrolar-se à volta do meu tornozelo. "Sentes as escamas frias da serpente?", exclamou o desconhecido. "Sim, meu senhor", apressei-me a responder. "Vais guardar segredo acerca do que te foi pedido?" "Como posso contar o que não sei?" "Não passas de um idiota", ripostou, em tom áspero, o desconhecido. "Perdeste o teu nariz, mas ainda podemos cortar-te a língua e as orelhas." Fiz todos os juramentos de que os meus lábios se manteriam selados para sempre. Por fim, conduziram-me à aldeia.

- Sabes se abordaram outros homens? - perguntou Amerotke.

- Não o creio - respondeu Belet.

- E porque me contas isso agora?

- Porque eu o soube - interveio Seli. Mantivera-se sentada, com os ombros curvados e o rosto vincado por uma ruga de preocupação, durante a confissão do noivo. - E ralhei com ele - acrescentou, com um sorriso. - Sim, ralhei com ele, mesmo antes de estarmos casados!

- Eles vieram ter comigo e pediram-me conselho acrescentou Chufoi.

- E disseste-lhes que deviam falar comigo? Amerotke fechou os olhos e balouçou-se no banco. Sentia-se tentado a considerar tudo aquilo como um disparate, um facto inconsequente, o plano de um assalto que podia nunca vir a concretizar-se. Abriu os olhos e fitou Belet e a noiva.

- No entanto, estás convencido de que se trata de um assunto grave, não é verdade? De algum sacrilégio? Ou, talvez, do assalto a um templo?

- A *Glória de Anúbis* - exclamou Chufoi. - Roubaram a ametista sagrada!

Amerotke, porém, meneou a cabeça.

- Não, nunca entrariam num templo como o de Anúbis. Não só é muito bem guardado pelos soldados do templo como, em virtude da presença dos Mitânios, é alvo de estrita vigilância por parte de membros do exército real. Qualquer bandido seria morto, mal entrasse no templo.

Amerotke observou uma abelha que voava de flor em flor.

- Se te contei o que se passou - justificou-se Belet foi porque quero ter a minha consciência tranquila e os meus lábios e coração puros. O faraó mostrou-me a sua grande misericórdia. Se houvesse um roubo hediondo, eu nunca voltaria a ter paz...

- Uma coisa é certa: seria um roubo misterioso - comentou Amerotke. - Qualquer um pode contratar os serviços de degoladores e de assassinos, por um pouco de cobre, no porto ou nos bairros mais pobres de Tebas. Por que motivo o chefe desse bando foi até à aldeia dos Rinocerontes para procurar ajuda? Porque, qualquer que fosse o seu plano, quanto menos pessoas o conhecessem, melhor. E, se o seu plano não for realizado em Tebas - rematou Amerotke, esfregando uma sobrancelha -, só pode ser noutro local. Talvez nas minas de prata...

- Meu senhor!

Amerotke voltou-se. Asural descobrira onde ele e Chufoi se encontravam e fitava-os, furioso. Amerotke agradeceu a Belet e levantou-se.

- Se souberes de mais alguma coisa... - Depois, estendeu a mão e apertou as dos noivos. - Desejo-vos paz.

Dito aquilo, saiu, acompanhado por Asural, e atravessaram a passagem. Chufoi, que havia ficado para trás, depressa se lhes juntou.

- Grande senhor - proclamou o anão, com toda a pompa -, a tua misericórdia e sabedoria devem ser louvadas. O Belet é, de novo, um protegido pelo faraó, tal como o seu pai. Ele...

- Obrigado, Chufoi.

Amerotke, então, deteve-se e pousou a mão sobre o ombro de Asural.

- Se eu quisesse planejar um assalto, roubar algo de precioso, tornar-me mais rico do que jamais poderia sonhar, aonde iria?

Asural encolheu os ombros.

- Às casas de Tebas?

Amerotke lembrou-se da sua residência: uma mansão solitária, cercada por extensos jardins. De tempos a tempos, Norfret pedia ao esposo que contratasse mais guardas e sentinelas. Seria um lugar como a sua residência, distante de Tebas e fácil de pilhar por um bando ousado de degoladores e de assassinos? Mas para que carecia o chefe desse bando dos conhecimentos de um serralheiro?

- Os arautos estão à espera... - insistiu Asural. Amerotke deu uma palmada no ombro de Chufoi.

- Já ouvi o que o teu amigo tinha para me dizer, se bem que, neste momento, não faça grande sentido. Agora, vamos, porque temos outros assuntos para tratar.

No jardim da casa de comida, o contador de histórias ria e tagarelava com os servos, enquanto devorava fatias de ganso assado e bebia sofregamente grandes goles de cerveja. Quando parava de comer, brincava com as cozinheiras. No entanto, não cessava de fitar Belet e a noiva, que, sentados no mesmo banco, haviam dado as mãos e faziam planos para o futuro. O contador de histórias mantivera-os sob atenta vigilância, mas não se preocupava com eles porque não passavam de gente sem importância. Engoliu mais um gole de cerveja e piscou o olho a uma rapariga. Não, aquele casal não lhe interessava. Contudo, haviam falado com Amerotke, juiz da Sala das Duas Verdades, e tinha de o contar ao seu amo.

Mais tarde, nesse mesmo dia, a leste de Tebas, no oásis das Palmeiras, Tuchratta, rei dos Mitânios, banhava-se num lago abrigado por palmeiras. De pé, batia com as mãos na superfície da água. A toda a volta do lago, escravos e servos mantinham-se atentos a qualquer dos seus movimentos. Tuchratta estendeu-se na água, a boiar, para que os seus súbditos pudessem contemplar os ferimentos de combate que o seu rei guerreiro havia sofrido na defesa e expansão do império.

Tuchratta virou-se de costas e, por entre as folhas das palmeiras, contemplou o imenso céu azul, onde nada se via à exceção de um abutre que, com as asas abertas, planava numa corrente de ar quente. Seria um sinal? Um augúrio para o futuro?

Dirigiu-se ao escriba, sentado num banco, com um rolo de papiro nos joelhos e uma concha de tinta atada ao cinto; tinha um cálamo na mão para poder anotar as palavras do seu amo.

- Que nome dão os Egípcios aos abutres?

- Galinhas do faraó - respondeu o escriba. Tuchratta fechou os olhos. Ainda se lembrava do grande campo de batalha, a norte, e dos abutres apinhados à volta dos cadáveres, como moscas.

- Vais caçar esta noite, meu senhor? - inquiriu o mordomo real. - A caça escasseia...

O rei ergueu a mão para exigir silêncio, deslizou até ao rebordo do lago e sentou-se numa pedra que havia por baixo da nascente, para que a água lhe batesse no corpo.

”Se eu fosse caçar, não seria para apanhar uma gazela ou um antílope”, pensou, cofiando a espessa barba negra. A sua presa seria a jovem rainha-faraó. Como gostaria de marchar até Tebas e, tal como os Hicsos haviam feito, transformá-la num mar de chamas! Saquearia os templos, arrasaria os palácios e as mansões, não deixaria pedra sobre pedra! Pilharia o túmulo de Tutmés I e traria consigo Senenmut, vizir do Egito! Tuchratta contemplou o céu. Crucificaria Senenmut ou atá-lo-ia a um poste para que fosse devorado pelos leões e pelas hienas! Quanto a Hatusu, rainha e faraó... Semicerrou os olhos e baixou-se um pouco mais, deixando que a água fresca lhe batesse entre as pernas. Quanto a Hatusu, levá-la-ia para o seu harém, onde lhe ensinaria quem mandava!

Para surpresa dos seus acompanhantes, Tuchratta bateu furiosamente com as mãos na água. ”Por causa daquela batalha, o meu mundo virou-se do avesso!”, pensou, enfurecido. Nas cidades do seu reino, não havia clã, tribo ou lar que não tivesse perdido homens. O número de feridos e aleijados parecia infindável. Os carros de guerra do seu exército jaziam agora

nos desertos, a norte, ou eram exibidos como troféus de guerra nos templos e mansões do Egito. Antes de partir para o oásis das Palmeiras, Tusratta descera aos subterrâneos do seu palácio e contemplara as arcas e cofres vazios. O que tinham contido desaparecera, havia muito, para comprar armaduras e abastecimentos e pagar a hordas de mercenários. E tudo em vão! A notícia da vitória do Egito parecia ter atravessado o Grande Verde e chegado até às tribos selvagens, a norte de Canaã. Tusratta, contudo, ainda tentara urdir um plano de vingança. Reunira os e haviam contado os carros, os cavalos, as lanças, os arcos e as setas, tentando fazer o balanço das tropas ainda capazes de se pôr em marcha e daquelas em que podiam confiar. No final da contagem, Tusratta concluía que a vingança, tal como o céu que se estendia acima da sua cabeça, era bela mas inatingível.

- Não podemos formar um exército - confessara um dos seus comandantes. - E se dividíssemos o reino...? Não terminara a frase, deixando as palavras a pairar no ar, por saber que era sempre prudente permitir que Tusratta tirasse, ele próprio, as suas conclusões.

- Se marcharmos até Tebas - declarara o rei -, as nossas fronteiras ficarão à mercê das tribos selvagens, que não hesitarão em pilhar as nossas aldeias e cidades.

- Além disso, não podemos esquecer que se aproxima a época das colheitas - afirmara um outro comandante.

Sim, havia ainda a época das colheitas, e se os celeiros estivessem vazios... Tusratta olhou para a água à sua volta. Não olhara a meios para ascender ao trono dos Mitânios: intrigara, conspirara, assassinara e traíra. Mandara mesmo estrangular três dos seus meios-irmãos para que não constituíssem ameaça aos seus desígnios. Depois de se reunir com os comandantes, Tusratta deitara-se, nessa noite, na sua grande cama do palácio, mas não conseguira adormecer, virando-se constantemente na cama. Queria vingança, mas uma nova guerra seria insensata. Hatusu, rainha e faraó do Egito, provaria que era tão esperta e perigosa como uma cobra-capelo. O seu exército via nela uma deusa e tornara-se ainda mais poderosa com o seu triunfo sobre os Mitânios. Se Tusratta optasse pela guerra e

fosse derrotado uma segunda vez... A água da nascente, de súbito, pareceu-lhe fria. Tinha de vigiar os chefes dos clãs. A corte não passava de uma alcateia de lobos. Após a sua derrota às mãos de Hatusu, Tuhratta recorrera a vários pretextos para executar nobres, comandantes e capitães. O derramamento de sangue talvez houvesse purgado qualquer ideia de revolta ou de traição, mas sabia que outros aguardavam a próxima oportunidade.

- Acalma-te e pensa - aconselhara-lhe Uanef, a sua meia-irmã. - Deixa que o Egipto se torne gordo, próspero e preguiçoso. Deixa que o corpo da Hatusu se torne mais roliço. Reúne as tuas forças e espera. Um dia, o Egipto pode ser teu e, quando esse dia chegar, ver-te-ei brincar com a sua rainha e faraó no teu harém.

Para além de sua amante, Uanef era também a sua principal conselheira. Quando os outros, de cabeça quente, haviam clamado por uma nova guerra, ela aconselhara a paz.

- Mente, curva-te, toca o chão com a tua testa. Promete tudo, por ora! - insistira Uanef.

Tuhratta concordara a contragosto. O seu país precisava da paz; os mercadores mitânios exigiam uma passagem segura em certos pontos da fronteira. Por fim, Tuhratta aceitara o ultimato de Hatusu, mesmo ciente de que a sua proposta de um tratado de paz entre os dois povos humilharia os Mitânios. Tuhratta deveria ir ao Egipto, pedir uma audiência com Hatusu, escutar as condições dela e aceitar o que quer que fosse que ela pedisse. O rei já ouvira os enviados e, assim que se tinham retirado, fora acometido por um acesso de raiva. Mais uma vez, a princesa tivera de acalmá-lo..

- Pensa no futuro... - suplicara-lhe.

- Meu senhor?

Um dos escribas, preocupado com o semblante carregado do seu rei, decidira intervir.

- O que se passa, meu amo e senhor?

- O tratado de paz! - vociferou Tuhratta.

O escriba abriu a pequena arca que tinha a seu lado. Colocou o papiro sobre o joelho e desenrolou o tratado de paz, enquanto Tuhratta fechava os olhos, preparando-se para ouvi-lo.

- Lê-me os termos!

O escriba assim fez e Tchratta congratulou-se por já não sentir raiva, depois de ouvir as condições.

- Basta! - ordenou de súbito.

Depois, sorriu. Uanef e os outros estavam agora em Tebas. Como raposas que se esgueirassem por entre os rochedos, escondiam-se e reviravam-se, objectavam e protestavam. Procuravam ganhar tempo mas, no fim, acabariam por selar o tratado.

- Que a Hatusu pense que corre tudo a seu contento... sussurrara-lhe Uanef, a meio da noite, com os lábios quase a beijar a orelha de Tchratta. - Que ela se pavoneie com o seu pedreiro, Senenmut, porque chegará a nossa vez.

- Mas demorará anos! - protestara Tchratta.

- A vingança sabe melhor quando é servida fria - retorquira Uanef. - Agora escuta, meu senhor.

Então, Uanef contara-lhe uma história maravilhosa acerca de Sinuhe, o viajante, dos seus mapas, que assinalavam rotas comerciais entre Cuhe e Punt, onde especiarias preciosas podiam ser colhidas em grandes cestas, e dos seus relatos, que falavam de grandes segredos e do que podia haver do outro lado do Grande Verde. Tchratta escutara-a, mas as maravilhas não haviam ficado por aí. Uanef descrevera-lhe também, em pormenor, o Templo de Anúbis e a sua ametista sagrada.

- O que darias - perguntara com voz insinuante - para teres nas tuas mãos o orgulho do Egipto?

- Mas eles acabariam por descobrir! A Hatusu exigiria vingança!

- Não, se não pudesse provar a nossa culpa - replicara Uanef.

Tchratta ficara satisfeito. Pela primeira vez desde que fugira daquele horrível campo de batalha, deixando os seus súbditos mortos e amontoados em pilhas da altura de um homem, sentira alegria no coração e o riso a formar-se no seu interior.

- E como podes fazer isso? - quisera saber.

Uanef saíra da cama, enrolando o lençol à volta dos ombros. Não era a mais bela das mulheres, mas, na arte de fazer

amor, tal como nos seus planos, era ardilosa, subtil e original. Tucheratta confiava cegamente nela. Havia-o levado do quarto real até ao átrio do palácio para lhe mostrar algo escondido numa masmorra subterrânea. Tucheratta batera palmas e abraçara-a.

- Se conseguires fazer isso por mim - murmurara, com fervor -, terás tudo o que quiseres.

- Não, não, escuta-me com atenção!

Então, Uanef expusera os seus planos intrincados. Tucheratta ouvira-a, admirando a habilidade e delicadeza dos argumentos que ela utilizava. Uanef esboçara as imagens de uma Hatusu arrogante, de espões e traidores, de pessoas cujas almas podiam ser compradas. Tucheratta não pudera deixar de invejar a habilidade com que a sua amante e conselheira conseguia obter certas informações, atraindo para a sua rede os que as haviam fornecido. Arrependia-se amargamente de não lhe ter dado ouvidos, antes de se lançar na invasão da Estrada de Hórus que levava ao Egipto.

- Tens a certeza de que tudo isso pode ser feito? - perguntara.

- Tenho. Partamos para o Egipto, meu irmão. Se necessário, curva a cabeça, beija as unhas pintadas dos dedos dos pés da rameira, mas fica a saber que haveremos de nos vingar e de ofuscar todo o brilho da sua glória. A prostituta egípcia não terá provas, mas os meses passarão a anos e a história tornar-se-á pública. As pessoas começarão a rir-se nas suas costas e a dizer: "Os deuses não estão com a Hatusu do Egipto." Tornar-se-á alvo de chacota perante os seus inimigos. Pode bater com o pé e exigir isto ou aquilo. Mas aí é que reside a beleza do meu plano, querido irmão. Se tivermos selado o tratado de paz, ela também o terá feito! Se estivermos limitados pelas suas cláusulas, o Egipto também o estará. Se a Hatusu protestar e afirmar que foi injuriada, só arranjará um novo pretexto para a guerra. - Usando as mãos, Uanef descrevera-lhe como os termos do tratado podiam valer para ambas as partes. - Entretanto - continuara -, os Mitânios tornar-se-ão fortes de novo. Criaremos novos cavalos de batalha, construiremos mais carros, expandiremos as nossas rotas e encheremos os teus cofres.

- E se falharmos? - inquirira Tucheratta, mais cauteloso. O que acontecerá, querida irmã, se os teus belos planos se transformarem em pó?

O rosto de Uanef ensombrara-se e Tucheratta sabia porquê. O rei dos Mitânios nunca perdoava àqueles que o desiludiam.

- Se falharmos - apressara-se a replicar Uanef -, o que teremos a perder? Como poderá o Egito provar que estávamos envolvidos? Poderão suspeitar, até apontar o dedo - admitiu, rindo-se nervosamente -, mas ripostaremos, dizendo que são mentiras, e afirmaremos que o Egito deseja uma nova guerra.

- Será como um vinho doce - murmurara Tucheratta que tirará o travo da derrota da minha boca. Mas... e quanto aos outros? O Hunro, o Snefru, o Mensu? O conselho real determinou que eles devem acompanhar-te até ao Egito. Poderão concordar com o teu plano, mas serão realmente de confiança?

Uanef aproximara-se ainda mais do irmão, colocando os braços em torno do seu pescoço.

- Agora, meu rei, falemos dos senhores Hunro, Snefru e Mensu...

Tucheratta sorriu, abrindo os braços e mergulhando nas águas frescas do oásis.

- Senhor!

Tucheratta ergueu o olhar; um dos seus capitães aproximara-se do rebordo do lago.

- O que é?

- Mensageiros de Tebas.

Tucheratta fez sinal para que os restantes servos se retirassem. Atirou um pano de linho ao capitão e, assim que ficaram a sós, saiu do lago e cobriu-se com o pano.

- Estão à tua espera nas cercanias do acampamento informou o capitão.

- Descreve-os! - ordenou Tucheratta.

- Vieram montados em camelos e estão armados. Não lhes podemos ver os rostos. Apenas os olhos. Alegam que foram enviados pela princesa Uanef e que só falarão contigo.

... - Quantos são? - Três, ao todo.

- Leva o chefe à minha tenda e põe alguns mudos de guarda!

O capitão afastou-se. Tucheratta pegou num manto de brocado, colocou-o em volta dos ombros e dirigiu-se apressadamente para a sua tenda. Pelo caminho, viu um grupo de pigmeus, de pele escura, agachados em círculo, a conversar como crianças. Usavam apenas tangas. Tucheratta parou e sorriu, pensando em Uanef, em Tebas e no mal que a sua meia-irmã iria infligir à cidade. Depois, fez estalar os dedos. O mordomo real levantou uma aba e Tucheratta entrou na tenda perfumada, vestiu-se e sentou-se nas almofadas. Numa mesa, à sua frente, havia uma taça de vinho *charou* e um prato de ameixas maduras. Tucheratta esperou que um dos seus escravos os provasse. A aba ergueu-se, mais uma vez, e o mensageiro de Uanef esgueirou-se para o interior da tenda, como se fosse um fantasma. Ao ver o rei, ajoelhou-se e a sua testa tocou o chão. Tucheratta obrigou-o a permanecer naquela posição durante algum tempo.

- Agora, já podes levantar-te, mas não te aproximes mais! - ordenou por fim.

O homem começou a desenrolar o pano que lhe cobria parcialmente o rosto, mas Tucheratta esboçou um gesto para que ele parasse.

- Basta-me ver os teus olhos - afirmou. - Fala, não te mexas e serás poupado!

O mensageiro, entretanto, apercebera-se de que a aba se erguera e voltou-se. Dois cuchitas, envergando saíotes brancos e armaduras de couro, tinham acabado de entrar e já haviam colocado as setas nos seus arcos.

- Trazes uma mensagem de Tebas? O homem tornou a fazer uma vénia.

- Trago grandes novas, meu senhor. O que é precioso para o Egipto será precioso para nós, em breve.

Tucheratta teve alguma dificuldade em esconder a sua alegria.

- E os mapas? - perguntou.

- O que é precioso para o Egito será nosso em breve.

- Em breve?

- Uanef aconselha cautela. É melhor aguardar, por uma questão de segurança.

- E o outro assunto? - quis saber Tchratta.

- Tudo corre conforme planeado.

- E o sarcófago de Benia?

- A princesa Uanef exigiu que fosse devolvido aos Mitânios.

Tchratta fechou os olhos e reviu mentalmente o rosto doce da sua irmã, cujo corpo mumificado jazia ao lado do grande tirano Tutmés I. Tchratta rangeu os dentes. O seu ódio por Hatusu era apenas igualado pelo ódio que sentia pelo pai dela. Pois não fora Tutmés que enviara os seus esquadrões até aos doces vales do Sinai, atacando as aldeias desprotegidas de Canaã? Não jurara Tchratta pilhar o túmulo desse seu grande inimigo e desfazer o seu coração mumificado? O rei dos Mitânios suspirou. Tentara e perdera, mas Uanef tinha razão. Os deuses haviam-lhe concedido uma segunda oportunidade.

- Sabes o que tens a fazer? - perguntou, abrindo os olhos.

- Sim.

- E o serralheiro?

O mensageiro pestanejou,

- Falharam, não é assim? - bradou Tchratta.

- Informe-me a princesa Uanef de que a criatura chamada Belet pediu clemência ao Amerotke, juiz supremo da Sala das Duas Verdades.

- Amerotke!

Tchratta olhou para os cuchitas, instalados atrás do mensageiro. Uanef havia mencionado o nome daquele homem por mais de uma vez! De todos os membros do conselho real de Hatusu, como Uanef dissera, havia dois que deviam ser vigiados: o seu amante, o pedreiro Senenmut, e Amerotke, o seu juiz supremo.

- Quando começarmos - avisara ela -, a Hatusu irá ter com o Senenmut mas também pedirá conselho ao Amerotke

que começará a procurar tudo o que puder descobrir e lhe fornecer pistas, como um abutre debica os restos de um cadáver. Por isso, devemos vigiá-lo.

- É fundamental que esse serralheiro seja completamente dominado! - bradou, respirando ruidosamente pelas narinas dilatadas. - Enviamos as nossas saudações à princesa Uanef. Tens as tuas ordens. Podes partir.

O mensageiro retirou-se. Tusratta deixou-se ficar sentado, enfiando ameixas na boca, uma após outra, e mastigando ruidosamente. Amerotke. Como poderia lidar com aquele homem? Perdido nos seus pensamentos, Tusratta olhou para a taça.

- Até agora, corre tudo bem - murmurou.

Ergueu a cabeça e bateu palmas. O mordomo entrou na tenda.

- Hoje, farei um sacrifício. Diz aos meus sacerdotes que estejam prontos ao pôr do Sol.

O mordomo curvou-se e saiu. Tusratta iria até ao deserto nessa noite. Levaria um escravo consigo e procederia ao sacrifício do sangue, invocando os seus deuses sinistros para que o ajudassem a destruir os do Egipto.

CAPÍTULO 3

Amerotke entrou na lúgubre câmara dos embalsamadores do Templo de Anúbis. Se bem que as lamparinas estivessem acesas e as estreitas janelas permitissem a entrada de raios de sol, estas eram insuficientes para atenuar o ambiente opressivo daquela câmara mortuária, que tresandava a sal, a natrão e às especiarias que os embalsamadores utilizavam no seu ofício. Na parede, em frente da entrada, podia ver-se uma gigantesca estátua de granito de Anúbis. Por cima da estátua, Amerotke leu a seguinte inscrição: "CUIDADO! RESPEITEM ESTE DEUS! ADORA A VERDADE E DETESTA AS MENTIRAS, QUE CONSIDERA ABOMINÁVEIS!"

Aquela sombria divisão formava um vivo contraste com as salas da Espera e a da Aparição, ricamente decoradas, pelas quais Amerotke acabara de passar e onde pinturas coloridas reluziam como pedras preciosas nas paredes caiadas de branco. Ou, ainda, com os paraísos do templo, jardins aprazíveis onde piscinas e lagos ornamentais tremeluziam por entre as sombras de acácias e de plátanos.

Numa outra ocasião, Amerotke teria achado aquela sua visita uma experiência agradável, mesmo com o uivar dos cães, a pretensa matilha sagrada, mantida num poço fundo, na outra extremidade do templo, onde havia muito que fazer. Sacerdotes passavam em procissão, envoltos em nuvens de incenso; um grupo de homens, que não paravam de se lamentar, formava uma fila para rogar algo ao deus, enquanto vários sábios corriam de um lado para o outro, curvados pelo peso dos livros

que deviam levar à Casa de Vida. Amerotke tentou espreitar por entre o fumo espesso que se espalhava na câmara. Apenas conseguiu discernir os vultos dos embalsamadores, debruçados sobre os cadáveres, que jaziam em bancadas de pedra. Um desses cadáveres era de uma mulher; os embalsamadores estavam ocupados com o segundo, queixando-se de que se encontrava mutilado.

Um vulto surgiu das trevas. Amerotke reconheceu o corpo robusto, a cabeça calva e o rosto largo de Senenmut, um homem de talentos infinitos, o poder por trás do trono. Os cortesãos, com os seus rostos cuidadosamente pintados, punham as mãos em frente da boca e riam-se à socapa do vizir Senenmut, porque o consideravam um indigno membro do palácio real, o que correspondia à verdade: um simples trabalhador convertido em soldado e, mais tarde, em político. Os mais espertos haviam-lhe posto a alcunha de "pedreiro" - pelo menos, nas suas costas. E, naquele momento, mau grado a sua posição, Senenmut parecia um pedreiro, com as suas vestes simples de linho, sem quaisquer ornamentos, anéis ou insígnias; apenas se via o suor, que reluzia nos seus ombros musculosos. Amerotke avançou na direcção do vizir e preparava-se para fazer uma vénia, mas Senenmut estendeu a mão para que ele a apertasse, o que Amerotke fez.

- Segue-me! - ordenou Senenmut.

Saíram da câmara dos embalsamadores e entraram noutra, vazia. Continha vários bancos, em volta de uma mesa, e prateleiras nas paredes, com algumas jarras. A atmosfera ali era igualmente pesada, devido ao cheiro intenso de sal e de carne putrefacta. Desenhos toscos, pintados nas paredes, revelavam várias cenas sexuais obscenas. O vulto encapuçado que observava aqueles desenhos voltou-se, quando se apercebeu de que alguém acabara de entrar. Ao reconhecer Hatusu, Amerotke deveria ter-se ajoelhado, mas a rainha meneou a cabeça. A túnica cobria-lhe o corpo do pescoço aos tornozelos e um lenço de linho tapava-lhe o cabelo. Era a rainha e o faraó imperial, senhora das Duas Terras, portadora da *atef*, a coroa dupla, e do *nenés*, o manto imperial. Contudo, além dos braceletes nos braços e tornozelos, Hatusu não usava qualquer insígnia real.

- O coração humano - comentou, com um sorriso, indicando os desenhos. - Bom, pelo menos, o coração masculino raramente muda... Meu senhor Senenmut, não concordas que qualquer amante que adopte tais posições deve ficar com as costas ou o pescoço doridos?

Senenmut tossiu e desviou o olhar. Hatusu, colocando os dedos de unhas pintadas de verde em frente da boca, riu-se.

- Dispensaremos as cerimónias protocolares - exclamou, sentando-se. - Gosto deste lugar, porque ninguém nos pode ouvir - Por fim, olhou para Amerotke. - E como está o meu juiz supremo de Tebas?

- Ver o teu rosto é um prazer.

- Tenho a certeza disso, mas sejamos francos! Eu não devia estar aqui.

- Nem eu - replicou secamente Amerotke. - Portanto, nenhum de nós devia estar aqui. De qualquer forma, apesar de não devermos estar aqui, de que temos de falar?

- Assim é o meu Amerotke! Sincero, mas ainda um tudo-nada formal!

Hatusu enxotou uma mosca, enquanto esperava que Senenmut a servisse de vinho e se juntasse a eles.

- Há três cadáveres na outra sala - continuou. - Nemrat, o sacerdote, a dançarina e o que sobrou do Sinuhe, o viajante. Os arautos devem ter-te contado o que aconteceu aqui. A propósito, onde estão os meus arautos?

- Deixaram-me na antecâmara mas, sim, contaram-me o que aconteceu aqui.

- Muito bem! - Hatusu acomodou-se no banco e bebeu um gole do vinho branco e fresco que Senenmut lhe servira. - Não te incomodarei com repetições. Algures, neste templo, acham-se quatro mensageiros do Tuhratta. Os seus nomes são Uanef, Hunro, Mensu e Snefru. Ou é essa a versão egípcia dos seus nomes. Todos eles são poderosos mitânios. Os três homens representam alguns dos clãs guerreiros mais proeminentes do reino do Tuhratta. Não gostam de mim, não gostam do Egipto, mas são forçados a fazer um tratado de paz.

- E a mulher? - perguntou Amerotke.

- Ah, já fez erguer algumas sobrelhas - respondeu Hatusu, rindo-se. - Na realidade, aí é que reside o problema. O Tuhtratta tem de se ajoelhar perante uma rainha, que também é faraó, coisa que não lhe agrada. A Uanef é sua irmã... e como só uma mulher consegue conhecer outra mulher... Desconfio que é esse o motivo da presença dela aqui.

- Mas há mais... - interrompeu o vizir.

- Meu senhor Senenmut - replicou Hatusu, num tom de voz meloso -, como sempre, tem razão. A Uanef é a principal conselheira do Tuhtratta. É astuta, rápida e implacável. Quer a paz. Quer que as fronteiras sejam novamente abertas. Quer que se retome o comércio, uma aliança militar e o casamento da filha do Tuhtratta com um parente meu. A rapariga até é bonita e, portanto, o nosso rapaz não terá razões para se queixar...

- E que mais querem eles? - indagou Amerotke.

- Bem - murmurou Hatusu, tamborilando com os dedos na mesa. - Oficialmente, querem que lhes devolvamos o cadáver da Benia. O meu pai tinha mais concubinas do que um pássaro tem penas... A Benia era irmã do Tuhtratta e ele amava-a e respeitava-a muito.

- Morreu e foi sepultada?

- Sim, mas os Mitânios querem que retiremos o seu corpo mumificado do túmulo de meu pai para que possam levá-la e enterrá-lo no mausoléu real, na capital do reino.

- Mas ninguém sabe onde está o túmulo de teu pai!

- Eu sei... - sussurrou Hatusu, com um sorriso matreiro. - Então, não há qualquer problema, não é assim?

O sorriso desvaneceu-se do rosto da rainha.

- Não sei... Não adiantarei muito mais, a não ser que ouvi certos boatos relativos à morte da Benia... Mas, por ora, chega. Os Mitânios também querem os manuscritos do Sinuhe, o viajante.

- Ouvi falar dele.

- Como toda gente em Tebas. Um navegador, um nómada. A memória do Sinuhe era um verdadeiro tesouro de conhecimentos sobre rotas marítimas, rotas comerciais terrestres, caminhos que atravessam o deserto, localizações de poços de água e de oásis...

- E então?

- O cadáver do Sinuhe, ou o que restou dele, foi pescado do Nilo. Segundo os seus vizinhos, o Sinuhe saiu de casa ontem, de manhã cedo, com um saco de couro. Um pescador viu-o dirigir-se para as ruínas do Templo de Bes. Mais tarde, nesse mesmo dia, o Sinuhe foi encontrado morto. O seu manuscrito desaparecera.

- Poderão os Mitânios ser responsáveis pela sua morte?

- É possível. E ainda há a *Glória de Anúbis*, que foi roubada do santuário.

Hatusu levantou-se e espreguiçou-se com toda a elegância. Sorriu e piscou o olho a Senenmut.

- Temos ainda de falar do que aconteceu neste templo. Uma dançarina foi encontrada morta num dos pavilhões. Dois carneiros do rebanho do templo e alguns peixes dos lagos sagrados também foram envenenados.

- Se essas mortes aconteceram depois da chegada dos mitânios - comentou Amerotke -, então só podem ter sido eles os responsáveis. Enquanto o tratado de paz não for selado, o Egito e os Mitânios ainda estão em guerra...

- Eu sei, eu sei - anuiu Hatusu, voltando a sentar-se. O Tusratta está no oásis das Palmeiras com os seus esquadrões. Não virá até aqui, como nós não iremos ao seu encontro, até a paz ser estabelecida.

- Mas por que motivo os Mitânios fariam tal coisa? exclamou Senenmut.

- Como disseste, Ser Divino - declarou Amerotke -, o Tusratta não quer ajoelhar-se e beijar os pés de uma mulher.

- Sou o faraó!

- Sim, aos meus olhos - continuou Amerotke. - Mas o Tusratta talvez queira provocar o caos. Algumas mortes, o roubo da *Glória de Anúbis*... E sabemos que os Mitânios tudo dariam para deitar a mão ao manuscrito do Sinuhe, porque também têm mercadores desejosos de conhecer os caminhos mais rápidos e seguros que levam a Punt ou, quem sabe, mais longe, até ao golfo. Talvez até sonhem em enviar uma frota que possa cruzar o Grande Verde.

Amerotke apercebeu-se do espanto de Senenmut perante as suas palavras.

- Mas não acreditas nisso, pois não? Porque haveriam de cometer assassinios em Tebas? E de que lhes serviria selar um tratado de paz com o Egito, se descobrirmos que a *Glória de Anúbis* está em seu poder? Crês que os Mitânios se rebaixariam a ponto de incorrer na blasfêmia e no sacrilégio? Veneram um deus-cão; os seus sacerdotes poderiam interpretar tais actos como um sacrilégio.

- Sim, mas os Mitânios querem tornar-nos alvo de chacota - contrapôs Senenmut. - Tanto o assassino como o ladrão podem pertencer ao pessoal do templo, com o desejo de nos humilhar aos olhos dos Mitânios e de todos os outros povos. Ou talvez tenham o mesmo propósito em mente, mas a soldo do Tuhratta.

- Estamos a falar da existência de traidores? - exclamou Amerotke.

- A política é como o Nilo - declarou Hatusu. Oculta muitas coisas. Conheceste os nossos dois arautos, o Ueni e o Mareb. O Ueni é o nosso mensageiro oficial e mediador junto do Tuhratta. Sabemos que o Ueni foi subornado e comprado pelo Tuhratta e pela Uanef. Não te mostres surpreendido, meu senhor juiz! O Ueni traiu-nos, a nosso pedido. É-nos fiel e leal, mas os Mitânios julgam que têm um espião na corte egípcia e é isso que queremos que eles continuem a pensar. Quem mantém o contacto com o Tuhratta é a princesa Uanef. Acontece que um dos mensageiros dela teve um pequeno acidente e os nossos homens, que o escoltavam, prontificaram-se a ajudá-lo...

- Quer dizer que puderam ler a correspondência que o mensageiro levava?

Hatusu limitou-se a sorrir.

- Pensámos que estávamos a ser espertos - declarou secamente Senenmut. - Agora, ao que tudo indica, há um outro traidor em Tebas. Uma pessoa a que eles chamam a "Hiena", porque era a única referência que a Uanef fazia, na carta, a seu respeito.

- Portanto - murmurou Amerotke, apertando nas mãos a taça de vinho -, os Mitânios estão aqui para negociar e querem a paz. Julgam que subornaram o Ueni e que ele é um

traidor, quando, na realidade, ele não o é. No entanto, os Mitânios têm um outro espião, um homem chamado Hiena. É possível que o Ueni e a Hiena sejam a mesma pessoa?

- Sim, é possível - replicou Senenmut.

- Ou que seja outra pessoa do templo - rematou Hatusu. - O que não sabemos é o que anda a conspirar o Tucheratta. Como vês, temos um emaranhado de mistérios, não é assim, meu senhor Amerotke? O que interessa é que eu quero voltar a ter em meu poder o manuscrito do Sinuhe e a *Glória de Anúbis*. Também quero saber quem é o assassino. Irás juntar-te ao meu senhor Senenmut durante as negociações e manterás todos os mitânios sob apertada vigilância.

Amerotke esboçou um gesto na direcção da câmara mortuária.

- Contaram-me toda a verdade? Ser Divino, a tua mente pode torcer como uma serpente...

- Não és um brinquedo - acalmou-o Hatusu. Debruçando-se, fitou-o com expressão travessa. - Não confias em mim, meu senhor Amerotke? - Dito aquilo, meneou a cabeça. - Não se trata de um jogo. A situação é tal como a descrevi. Tudo o que quero é reaver a *Glória de Anúbis*, o manuscrito do Sinuhe e ter os mensageiros do Tucheratta a beijar-me as sandálias. Não posso correr o risco de fazer triste figura aos olhos de Tebas e do Egito. Não quero que o Tucheratta erga a cabeça e me sorria com hipocrisia. E, acima de tudo...

A rainha fez uma pausa.

- O quê? - perguntou Amerotke, sem rodeios.

- Aqueles que acompanham a Uanef não desejam a paz. Não quero que um crime atroz os leve a levantar as túnicas e a fugir, proclamando aos quatro ventos que os enviados dos Mitânios não são sagrados nem respeitados em Tebas.

- Pode chegar a esse ponto?

- Se lhes for dada uma oportunidade, os companheiros da Uanef não hesitariam em aproveitá-la. - Hatusu levantou-se. - Mas os meus mensageiros aguardam-vos e, como já disse, eu não devia estar aqui... Além de que os *mariannou* - referia-se aos membros da escolta real - estão à minha espera.

Hatusu estendeu a mão. Amerotke teve de ajoelhar-se e beijar as suas unhas tingidas de verde, enquanto a rainha lhe acariciava o rosto.

- Não és um brinquedo nem um cão, Amerotke; neste assunto, és os olhos e os ouvidos do faraó.

Dito isto, saiu.

Amerotke ergueu-se. Senenmut sorriu e deu-lhe uma palmada no ombro.

- Ainda temos uma hora. Queres examinar os cadáveres? Amerotke concordou e seguiu o vizir até à câmara dos embalsamadores. Primeiro, examinaram o cadáver da dançarina. Os embalsamadores haviam removido os seus órgãos internos, que já se achavam nos canopos selados, se bem que ainda tivessem de extrair o cérebro pelas narinas. A mesa mais parecia a bancada de um talhante. Amerotke, tão habituado à morte, teve de fazer um esforço para não recuar.

- Será enterrada no templo - sussurrou-lhe Senenmut ao ouvido -, porque morreu ao serviço do seu deus.

A jovem havia sido muito bonita. Tinha um rosto agradável e um corpo maduro e pleno, com cintura fina e as pernas longas e musculosas de uma dançarina. Agora, porém, os embalsamadores haviam reduzido a nada toda a sua beleza. Amerotke sentiu uma súbita tristeza. Tanta beleza e juventude subitamente apagadas, como a chama de uma lamparina.

- Qual foi a causa da morte? - perguntou.

O médico, um homem careca e de nariz comprido, abanou a cabeça.

- Os globos oculares mostravam-se ligeiramente protuberantes - sentenciou, levantando uma pálpebra e dando uma leve pancada no queixo da morta. - A garganta e os lábios estavam muito secos, como se ela tivesse bebido algum líquido cáustico. E não restam dúvidas de que espumou pela boca. Levantou um dos braços da rapariga para deixá-lo cair, logo a seguir. - Os músculos estão rígidos, como se ela tivesse morrido de um choque ou sido mordida por uma serpente venenosa.

- Encontraste algum ferimento?

O médico, mais uma vez, fez que não com a cabeça.

- Nada. Apenas alguns arranhões e marcas que poderia encontrar no meu corpo, no teu ou no do senhor Senenmut.

- Uma rapariga tão nova podia morrer de um colapso?

- É possível. O seu ventre - continuou o médico, num tom de voz monótono - não continha nada de estranho: apenas pão, carne assada e vinho, que ela bebeu pouco antes de morrer. A comida já estava praticamente digerida.

- Porque pensas que ela foi envenenada? - perguntou Amerotke.

- Porque não me ocorre mais nada - ripostou o médico. - O fígado e o baço estavam ligeiramente dilatados e havia uma leve descoloração dos órgãos internos. Pelo que me foi dito, o corpo desta jovem ficou ao relento toda a noite. Por vezes, é difícil distinguir os efeitos de uma morte da sua causa.

- Se é que a morte se deu por envenenamento... - insistiu Amerotke.

O médico comprimiu os lábios, abrindo as mãos.

- Meu senhor, existem venenos poderosos que podem actuar tão rapidamente como o fogo que se alastra em segundos.

- E tal coisa é possível, aqui, no templo? - exclamou Amerotke.

Senenmut conduziu-o à segunda mesa, sobre a qual jazia o sacerdote Nemrat. Era um homem baixo e entroncado, de pele um pouco pálida e pescoço de touro. Os embalsamadores ainda não tinham começado a trabalhar no seu cadáver. A causa da morte era evidente, pela mancha profunda e escura que se via do lado esquerdo do peito.

- Encontraste mais alguma coisa? - perguntou Amerotke. - Sim, porque conheces as circunstâncias... O Nemrat era um homem novo e forte.

- Não existem quaisquer marcas de violência - replicou o médico -, nem sequer arranhões. - Pegou na mão do morto e deixou-a cair. - As unhas não estão partidas nem contêm quaisquer vestígios seja do que for. Também não encontrei marcas ou golpes no corpo.

Calou-se quando um dos sacerdotes embalsamadores se dirigiu à estátua de Anúbis e, erguendo as mãos ao alto, começou a entoar o cântico dos mortos.

Amerotke voltou-se, mas escorregou no óleo que se encontrava

espalhado pelo chão. A sua mão roçou na carne gelada do sacerdote morto. Senenmut agarrou-o por um braço.

- Cuidado, Amerotke!

Assim que o sacerdote terminou o seu ritual, o médico fungou ruidosamente e pegou num punhal.

- O Nemrat foi morto com um único golpe deste punhal, que alguém lhe cravou no coração - Os olhos cansados do velho médico enrugaram-se num sorriso. - Tenho conhecimento do roubo, mas não há grande mistério em relação à causa da morte de Nemrat...

Amerotke examinou o punhal: o cabo tinha a forma da cabeça de um chacal, de dentes arreganhados, e a lâmina era comprida e de serrilha.

- Como pôde alguém aproximar-se do Nemrat e usar este punhal?

O médico limitou-se a encolher os ombros.

- Pensas que o Nemrat foi drogado?

- Impossível. É verdade que ainda temos de lhe extrair o estômago, mas, de acordo com o que podemos saber, não comeu nem bebeu nada antes de ser morto.

- Apresenta sinais de actividade sexual? O médico riu-se.

- O Nemrat era bem fornecido... Segundo o rito, ele tinha de se abster de qualquer contacto sexual, pelo menos três dias antes de iniciar o seu ritual.

- E cumpriu-o?

- Por favor, aceita a minha palavra - replicou o médico, sem deixar de sorrir. - Tenho a certeza de que o Nemrat cumpriu o seu dever de abstinência sexual, pelo menos durante a véspera e o dia em que foi morto - Então, coçou a calva e olhou para Amerotke com expressão comprometedora. Sei que és o senhor da Sala das Duas Verdades, mas este crime vai pôr à prova a tua sagacidade.

Dito isto, contornou a mesa e, puxando pelo manto de Amerotke, conduziu-o para um recanto da câmara, como se considerasse Senenmut um estranho.

- Os rumores já se espalharam por toda a cidade de Tebas - sussurrou. - Estive na capela: não tem passagens secretas

a porta não revela quaisquer indícios de haver sido forçada e o lago sagrado não foi conspurcado. No entanto, o Nemrat está morto e a *Glória de Anúbis* desapareceu...

Amerotke tentou olhar através do espesso fumo que se acumulava na câmara mortuária. Enquanto o médico falara, Senenmut mantivera-se imóvel, uma presença sombria e taciturna naquele local. Amerotke não sabia o que estava a passar-se realmente no Templo de Anúbis e, absorto nos seus pensamentos, fitou a parede do fundo. Um pintor havia retratado os caminhos para o Duat, o mundo inferior: galerias diferentes, algumas que não levavam a parte alguma e as restantes a subir, a descer ou a revoltear, como uma serpente num labirinto cuja saída ele agora tinha de descobrir. Sim, porque se achava no meio de um labirinto, mas quem conduzia quem? Teriam os Mitânios roubado a *Glória de Anúbis* para provocar Hatusu? Ou teria alguém do templo roubado a pedra preciosa para seu proveito próprio? Ou para embaraçar a divina Hatusu? Afinal, a rainha-faraó era apenas tolerada pelos sacerdotes de Tebas. Ou tratar-se-ia de algo mais sofisticado? O Egipto desejava a paz com os Mitânios, mas Hatusu também era uma aranha, uma atriz que usava muitas máscaras. O mesmo se aplicava a Senenmut. Teriam eles roubado a *Glória de Anúbis*? Procurariam um pretexto para uma nova guerra?

- Pareces perplexo, meu senhor Amerotke. Senenmut observava-o, com os olhos semicerrados. Sorria?

Amerotke lembrou-se de Hatusu. Estaria ela, com a ajuda do amante, envolvida numa jogada tortuosa?

- Sinto-me confuso - admitiu Amerotke. - Mal comecei, mas, no entanto, posso assegurar-te que encontrarei a *Glória de Anúbis*. O seu ladrão, que tanta vilania fez, será dado a conhecer a todo o Egipto.

O rosto de Senenmut não deixou transparecer qualquer emoção com aquela declaração fervorosa, o que desiludiu Amerotke.

- E quanto à terceira vítima? - perguntou.

O médico deu-lhes um pano para que com ele cobrissem as bocas e os narizes. Amerotke depressa percebeu porquê. O cadáver de Sinuhe, o viajante, estava mutilado. Pedacos de

carne tinham sido arrancados do rosto e do torso, faltava uma mão e os dedos da outra estavam reduzidos a pequenos cotos de carne.

- Que Osíris, senhor do Ocidente, tenha dó dele! - entoou o médico, ao erguer o véu que cobria o cadáver.

- Aqueles que o encontraram - explicou Senenmut viram um grupo de crocodilos que se debatia no Nilo e tiveram de afastá-los. Fizeram o que puderam...

- O Sinuhe morreu antes de entrar na água? - perguntou Amerotke.

- Penso que sim, se bem que não encontre nódoas negras nem marcas...

- Só podia estar morto, porque era um homem esperto opinou Senenmut - e conhecia o perigo dos crocodilos.

Amerotke olhou para os restos mortais do viajante. Apesar do pano perfumado que lhe protegia o nariz e a boca, o cheiro a putrefacção era intenso. Os embalsamadores dariam o seu melhor, mas pouco podiam fazer para remediar os estragos provocados pelos crocodilos do Nilo. Amerotke baixou o véu que cobria o cadáver. Preparava-se para sair e voltar à câmara contígua, quando reparou no que devia ser o que sobrara das roupas de Sinuhe, empilhadas por baixo da mesa. Agachou-se e examinou-as, esfregando o linho rasgado e ensanguentado entre o polegar o indicador. Depois, observou atentamente as sandálias de junco, que deviam ter sido caras.

- O que é isto...? - murmurou.

- O que é o quê? - exclamou Senenmut, agachando-se a seu lado.

- O Sinuhe era um homem rico?

- Não. Como todos os viajantes, a sua riqueza advinha das suas histórias.

- Procederam a uma investigação? - quis saber Amerotke. - Alguém o viu sair ontem, de manhã?

- O Sinuhe vivia sozinho, perto do porto, mas sabemos que saiu muito cedo de casa para se dirigir ao Templo de Bes.

- Portanto, deduz-se que ia encontrar-se com alguém declarou Amerotke. - O Sinuhe era um homem que pouco se importava com a sua posição social, porque é essa a filosofia

de vida dos viajantes. Afirmam terem visto tudo e nada os impressiona, mas atenta bem nisto, meu senhor Senenmut... Amerotke pegou nas sandálias e nos farrapos para mostrá-los ao vizir.

- O Sinuhe não era um homem rico, mas, ontem de manhã, decidi vestir a sua melhor túnica e calçar as suas melhores sandálias. Tenho a certeza de que, quando se revistar a casa dele...

- Já foi selada e está sob guarda - informou Senenmut.

- Mais tarde, irei até lá. Mas, como dizia, tenho a certeza de que, quando se revistar a casa dele, descobriremos túnicas e sandálias mais modestas e simples.

Amerotke voltou a colocar os farrapos por baixo da mesa e levantou-se. Agradeceu ao médico e aos seus ajudantes pelas informações prestadas e saiu da câmara dos embalsamadores.

- O que querias insinuar com as tuas afirmações? - perguntou Senenmut, depois de fechar a porta atrás de si.

Amerotke bateu com um dedo nos dentes, erguendo o olhar para a luz que passava pelas janelas.

- O Sinuhe não se deixava impressionar por ninguém. Então, por que motivo escolheu a sua melhor túnica e um par de sandálias de junco, que devem ter-lhe custado uma pequena fortuna, para se dirigir a um templo em ruínas?

- Porque ia encontrar-se com alguém poderoso? - alvitrou Senenmut.

- Só que o Sinuhe não queria impressionar ninguém continuou Amerotke, sem lhe dar ouvidos. - Então, porque se preocupou ele com a sua aparência? E, um dia depois de morrer, verificou-se que o seu manuscrito havia desaparecido. É assim?

Senenmut limitou-se a acenar afirmativamente. Amerotke sentou-se num banco e afundou o queixo entre as palmas das mãos.

- Temos um famoso viajante, envergando as suas melhores roupas, a sair de sua casa, de manhã cedo. Leva o seu precioso manuscrito até ao templo, um local que devia conhecer bem. Deve ter-se encontrado com o seu assassino, que não sabemos quem é. O Sinuhe foi morto, o seu corpo atirado aos

crocodilos e o assassino fugiu, levando o manuscrito consigo. Se o Sinuhe ia encontrar-se com um habitante de Tebas, nunca se teria vestido daquela maneira. Daí se conclui que ia encontrar-se com um estrangeiro, alguém a quem pretendia impressionar. Alguém que ele não queria que fosse visto perto da sua casa...

- Os mitânios? - perguntou Senenmut.

- É muito provável. Pelo menos, faz sentido. Eles queriam o manuscrito do Sinuhe e nunca desperdiçariam essa oportunidade de se vingarem da Hatusu.

- E quanto às outras mortes?

- São um verdadeiro mistério para mim - confessou Amerotke. - Não restam dúvidas de que a dançarina foi envenenada, mas como e porquê?

- E o Nemrat? - quis saber Senenmut. Amerotke respirou fundo.

- Outro mistério. Alguém entrou na capela, atravessou o lago sagrado, apunhalou-o, pegou na ametista sagrada e saiu, sem abrir a única porta existente. Os guardas do templo afirmam que não deram por nada de suspeito ou invulgar. Por outro lado, não se encontraram marcas no corpo do Nemrat, um sacerdote novo e forte que, se fosse atacado, ofereceria certamente resistência. Os mensageiros dos Mitânios estão à nossa espera?

- Reunir-se-ão na Sala das Palavras connosco, mais tarde replicou Senenmut.

- Nesse caso, vamos ver onde morreu o Nemrat...

Snefru, o mensageiro mitânio, bebeu um último gole de vinho e estendeu-se na cama. Desapertou a roupa e puxou os lençóis de gaze branca para se proteger das moscas e mosquitos, o que lhe provocou um calafrio. Por algum estranho motivo, parecia-lhe que estava a envolver o próprio corpo com faixas. Seria uma premonição? Snefru contemplou o tecto. A cerveja produzira efeito; sentia-se um tanto inebriado. Dormiria um pouco, para acalmar a mente. Lembrando-se das negociações, tentou dominar a raiva.

- Nem sequer devíamos estar aqui - murmurou, em voz baixa e gutural.

Se pudesse, Snefru cavalgaria até ao oásis das Palmeiras e exigiria uma audiência com o rei Tushratta. Snefru era um guerreiro, um comandante real. Sim, a rameira Hatusu havia esmagado todo o seu exército, mas tinham de se ajoelhar à frente dela tão depressa? Era realmente necessário humilharem-se tanto? Que idade teria a prostituta egípcia? Nem devia ter passado por vinte Verões e já se proclamava faraó. Snefru lembrou-se, então, das violentas discussões em que haviam envolvido os conselheiros de Tushratta. Reviu o rosto saturnino do rei, os seus olhos encovados, o nariz ligeiramente torto, a boca fina que os insultava e repreendia com tanta facilidade. Ah, claro, havia ainda Uanef. Seria amante de Tushratta? Teria o rei adoptado os costumes egípcios? Ter-se-ia deitado com ela nos seus aposentos? Snefru não concordava com o empenho da princesa em selar um tratado de paz com os Egípcios, porque pertencia à casta guerreira dos Mitânios. Havia discutido acerca da melhor forma de fechar as suas fronteiras ao Egipto, recuperar da derrota, formar um novo exército e atacar mais uma vez, mas Tushratta meneava a cabeça.

- Levará anos - declarara o rei. - As nossas arcas estão vazias e as nossas tropas, desmoralizadas. Não há uma única família e clã mitânio que não tenha perdido, pelo menos, dois ou três dos seus homens. Temos de fazer a paz, restaurar as rotas comerciais e reaver os nossos prisioneiros de guerra.

Apoiado por Uanef, Tushratta argumentara com grande eloquência, e, por fim, levara a melhor. Apoiado pelo seu conselho, o rei selara um pacto. Depois, haviam-se dirigido ao seu templo e postado em frente do deus-cão, com uma figura muito mais feroz e guerreira do que aquele que os Egípcios adoravam. Os sacerdotes mitânios, com os seus mantos, feitos de peles de cães, e os rostos e corpos pintados com sangue, já tinham preparado as vítimas: duas virgens e um jovem, estendidos sobre uma mesa de pedra. Snefru assistira a todo o ritual: o sumo sacerdote cortara-lhes as gargantas e enchera as taças sagradas com o seu sangue.

Talvez aquele sacrifício houvesse resultado. O Egipto seria destruído. Pois não havia alguém roubado a ametista sagrada, ali, no Templo de Anúbis? Não corriam rumores de que o

manuscrito de Sinuhe, o famoso viajante que visitara território mitânio, também havia desaparecido? Snefru fechou os olhos e adormeceu. Sonhou com a Sala do Sacrifício, iluminada pela luz bruxuleante dos archotes. Foi então que ouviu um ruído. Abriu os olhos e sentiu-se invadido pelo terror. Estaria a ter uma visão? Vislumbrou a máscara do chacal e a couraça negra que tapava a parte superior do corpo da sua visão. Snefru esfregou os olhos. Teria o deus resolvido visitá-lo? Tentou levantar-se mas, por qualquer razão, os lençóis haviam-se enrodilhado em volta das suas pernas. A cabeça *de* chacal debruçou-se sobre ele. Snefru sentiu a ponta de uma lâmina encostada à garganta.

- Deita-te... - sussurrou uma voz.

Snefru obedeceu. A morte não tardou.

CAPÍTULO 4

Havia grande movimento no Templo de Anúbis, repleto de adoradores. Sacerdotes enchiam taças florais com jacintos e botões de lótão. Outros preparavam-se para o ritual do pôr do Sol: os turíbulos emanavam nuvens de incenso que se espalhavam pelas inúmeras galerias e recantos. Senenmut atravessou os corredores, com o capuz do manto levantado, para ocultar o rosto. Quanto a Amerotke, não usava as suas insígnias de juiz supremo. Saíram do templo por uma porta lateral e dirigiram-se aos jardins. Amerotke parou, ao ouvir o sinistro latir da matilha sagrada.

- Não podia viver com esse ladrar durante muito tempo resmungou.

Senenmut protegeu os olhos do sol.

- Eu também não, mas foi uma oferenda ao deus Anúbis por parte de algumas tribos, que vivem a sul das cataratas. De vez em quando - acrescentou, sorrindo, dando uma palmada amigável no ombro do juiz -, umas estranhas criaturas saem da selva ou das florestas a sul e trazem oferendas para o templo.

- Crês nos deuses? - perguntou Amerotke, seguindo-o pelo jardim.

- Tal como tu, meu senhor juiz - replicou Senenmut -, creio no poder do Egito e na glória do faraó!

- E na promoção do meu senhor Senenmut - acrescentou Amerotke.

O vizir de Hatusu limitou-se a sorrir.

Continuaram, evitando as salas exteriores e interiores, até alcançar o centro do templo, onde se achava o santuário. A luminosidade era escassa nos corredores e galerias. Poucos eram aqueles que podiam vaguear por ali, sobretudo depois do roubo da ametista sagrada. A cada esquina e portal, havia guardas de sentinela, envergando as suas armaduras. Amerotke e Senenmut passaram por um pátio interior que dava para os portais misteriosos e para a capela da *Glória de Anúbis*; esta ficava a meio de uma galeria, se bem que os peregrinos pudessem avistá-la de cada extremidade. A porta pesada, de cedro-do-líbano, tinha sido pintada de novo, mas bastou a Amerotke um exame mais minucioso das tábuas, das dobradiças de cobre e da fechadura de bronze para verificar que fora forçada.

- Se alguém decidisse abrir, à força, uma porta como esta - murmurou -, atrairia a atenção de todos aqueles que estivessem no templo.

Tetiki, o capitão da guarda, aproximou-se, com a mão sobre o punho da espada. Fitou os dois homens com viva desconfiança e teria intervindo se Senenmut não lhe ordenasse rispidamente que não se metesse em assuntos que não lhe diziam respeito.

Amerotke examinou, primeiro, a porta e, depois, as quatro paredes da capela. Não encontrou qualquer fenda, abertura, nada que o ajudasse a deslindar o mistério.

Agachou-se e tentou espreitar por baixo da porta, mas esta encaixava-se perfeitamente na respectiva moldura, tanto na parte inferior como na superior.

- Nem mesmo o rato mais pequeno poderia entrar por aqui! - desabafou.

Obedecendo à ordem de Senenmut, Tetiki destrancou e abriu a porta. À entrada, havia o lago sagrado, um quadrado de três por três metros de largura. Senenmut fez estalar os dedos; Tetiki trouxe a tábua de cedro que servia de ponte e pousou-a com todo o cuidado sobre os rebordos da piscina para que os dois homens pudessem transpô-la. Amerotke olhou à sua volta. Aquela capela tinha recantos obscuros, por não haver janelas nem aberturas de arejamento no tecto; por isso mesmo, era escura e abafada, com um cheiro pungente a incenso

e flores selvagens. Amerotke esperou que se acendessem as lamparinas e, voltando-se para trás, contemplou a piscina sagrada. Ouvira falar de obstáculos ou armadilhas semelhantes que existiam em outros templos: ninguém podia entrar ou sair sem ajuda, o que impedia qualquer um de invadir o santuário. O sacerdote de vigília, ou outra pessoa que entrasse ali, precisaria sempre de auxílio para colocar a ponte improvisada. À luz bruxuleante das lamparinas, Amerotke conseguiu distinguir o *nãos*, com as suas portas abertas, a estátua preta e dourada de Anúbis e, em redor, os pratos sagrados, as taças, as barcas de incenso, a pia de água sagrada, algumas almofadas e tapetes de oração. As paredes haviam sido pintadas de encarnado e de dourado, representando Anúbis, o deus-chacal, a pesar as almas dos mortos, colocadas num dos pratos da balança; no outro via-se a pena da verdade. Amerotke avançou para a estátua, cujos olhos eram esmeraldas. No seu peito, havia uma pequena reentrância onde a ametista estivera inserida e que Amerotke examinou.

- A estátua não foi tirada daqui - informou o capitão da guarda. - O sumo sacerdote afirma que não pode ser guardada no seu tabernáculo, enquanto não se encontrar a jóia.

Ignorando-o, Amerotke encaminhou-se para o local onde se achavam as almofadas, porque queria analisar as manchas de sangue. A capela fora profanada e assim continuaria até que aquele mistério fosse solucionado. Amerotke observou as paredes altas, o chão de mármore, o tecto intacto e a pesada porta. Tudo aquilo constituía um verdadeiro mistério: como podia alguém entrar ali, matar um sacerdote e roubar um tesouro? Perdido nos seus pensamentos, fitou Senenmut.

- Não existe uma galeria secreta?

- Não - respondeu Senenmut. - Bom, mas este mistério pode esperar, e os mitânios, não!

Amerotke lavou o rosto e as mãos, esfregando-as em óleo perfumado numa das capelas laterais. Senenmut fez o mesmo, depois de vestir um traje mais ostentoso.

- Continuo a parecer um pedreiro mas, ao menos, não cheiro como tal! - declarou, em tom jocoso.

Conduziu Amerotke pela escada que levava à esplêndida Sala das Palavras. Tudo indicava que fora Hatusu que escolhera aquela sala elegante, ladeada por pilares, como local para as negociações. Janelas abertas deixavam entrar a luz e as doces fragrâncias dos jardins, mas a grande atracção da Sala das Palavras eram as pinturas que ornamentavam as paredes. À esquerda, as cenas das grandes vitórias de Tutmés II, o falecido esposo e meio-irmão de Hatusu, haviam sido pintadas com cores vivas e brilhantes: o faraó, conduzindo os seus exércitos, no seu carro, com a coroa dupla do Egipto na cabeça, o escudo sobre o ombro e o arco real estendido, pronto a impor a morte aos seus inimigos. Para a outra parede, Hatusu encomendara uma série de pinturas de cores igualmente vibrantes, que celebravam a sua grande vitória, um ano antes, sobre Tucheratta. Amerotke passou uma rápida vista de olhos pelas pinturas. Nada tinham em comum com a sua experiência de guerra: o troar dos carros de guerra, os gritos, a colisão das armas, o derramamento de sangue, os homens lutando entre si, as nuvens de pó, os abutres de asas abertas, pairando no céu, como fantasmas negros, preparados para devorar os cadáveres.

Amerotke sentiu que alguém lhe dava uma cotovelada e despertou do seu devaneio. Era Senenmut. Três pessoas esperavam, à cabeceira da longa mesa de madeira polida de acácia: os dois mensageiros egípcios, Ueni e Mareb, achavam-se um pouco atrás. Senenmut e Amerotke avançaram até à mesa. Os mitânios esperaram alguns segundos antes de irem ao seu encontro. Vestiam ao estilo egípcio, se bem que as suas túnicas de linho fossem coloridas e ornamentadas com bordados. Os dois homens, Hunro e Mensu, usavam o cabelo cortado muito rente. Tinham rostos redondos, de traços grosseiros, e as pequenas jóias presas nos lóbulos das orelhas formavam um estranho contraste com as singulares tatuagens dos braços. Além dos braceletes de cobre usados pelos arqueiros, não exibiam armas nem apetrechos guerreiros. Apertaram a mão de Amerotke e exprimiram-se na linguagem comum a todos os povos, a língua franca dos mercadores.

A última a aproximar-se foi a mulher, que era diferente dos seus companheiros. De certa forma, parecia uma versão

mais velha de Hatusu, se bem que fosse mais baixa e roliça, mas era dotada de olhos de gato, orlados por pálpebras pesadas. Amerotke não soube distinguir se os lábios dela se tinham aberto num sorriso sincero ou afectado. Devia ter sido bela, em tempos, mas, agora, a princesa Uanef era mais uma astuta serpente. Vestia com elegância: optara por uma túnica comprida e branca e usava um colar de pedras preciosas em volta do seu pescoço alto, com brincos a condizer. Tinha, também, braceletes de couro negro nos pulsos, o que fez com que Amerotke se lembrasse do que Senenmut lhe havia dito: aquela princesa gostava de conduzir carros de guerra. Era dona de um rosto marcante, desprovido de quaisquer pinturas, e tinha o cabelo rapado, por baixo da cabeleira oleada e entrançada com fios vermelhos e dourados. Se bem que não seguisse à risca o protocolo, assim que Senenmut a apresentou a Amerotke, apertou-lhe a mão.

- Quem não ouviu já falar do senhor Amerotke? - exclamou, erguendo as sobrancelhas.

Amerotke, constrangido, não sabia se era um convite para que se risse com ela ou para que se risse de si próprio.

- Vejo que ficaste admirado pelo meu conhecimento da vossa língua... - comentou a insinuante Uanef.

Amerotke mal conseguiu menear a cabeça, ciente de que a conversa não ficaria por ali.

- No entanto, deixa-me que te diga que quem está surpreendida com a tua presença sou eu! Porque haveria o juiz supremo da Sala das Duas Verdades da divina Hatusu estar envolvido na elaboração de um tratado de paz? Que eu saiba, não és escriba da Casa de Paz nem comandas um regimento!

- Princesa Uanef, sabes muito bem por que motivo ele está aqui - respondeu Senenmut. - Bom, mas não podemos passar o resto do dia a trocar gracejos. A presença do juiz Amerotke deve-se ao facto de eu precisar da sua ajuda em certos assuntos.

- Referes-te às mortes? - ripostou Uanef, implacável. A dançarina, o sacerdote Nemrat e, pelo que soube dos teus embalsamadores, os restos mortais do Sinuhe, o viajante? Vivemos uma época conturbada... - sibilou, com os olhos negros

sempre fixos em Amerotke. Então, fez uma pausa, inclinando a cabeça de lado, para escutar o uivar distante de um cão. - Sei que são sagrados - murmurou. - Mas gostaria de poder dormir num outro sítio...

Hunro, que se achava à esquerda dela, disse-lhe algo na linguagem áspera dos Mitânios, enquanto apontava para a porta. Mensu ter-se-ia juntado ao companheiro, mas Uanef juntou as mãos, como num gesto de súplica, fechou os olhos e respirou fundo.

- Os meus companheiros desejam que as negociações prossigam - declarou - e não compreendem a razão deste atraso. Também estão preocupados com todas essas mortes e com o roubo da jóia. Soubemos - acrescentou, abrindo os olhos e fitando, de novo, Amerotke - que alguns dos peixes das piscinas foram envenenados e carneiros dos rebanhos de Anúbis misteriosamente mortos.

- Tratou-se de um infortúnio, nada mais - replicou Senenmut -, mas já estamos a tratar do caso.

- Estaremos em segurança? - interrompeu Hunro.

- Estão mais protegidos aqui do que nas vossas próprias cidades. - A voz de Senenmut era quase arrastada. - E, se concordarem com os termos da divina Hatusu, tanto vós como as vossas cidades tornar-se-ão ainda mais seguros.

Senenmut indicou a mesa e os outros tomaram os seus lugares. Os funcionários e os escribas entraram com os mapas, conchas de tinta, paletas e calamos. Um determinado mapa foi colocado em frente de Senenmut, com a representação da Estrada de Hórus que atravessava o deserto do Sinai. Era evidente que Uanef era a diplomata, a mensageira especializada da comitiva, enquanto Hunro e Mensu se opunham claramente a qualquer pacto de paz. Amerotke observou os dois homens e reparou nas cicatrizes, recentemente fechadas, que lhes marcavam os pescoços e os ombros, a parte do corpo onde os soldados geralmente eram feridos quando defendiam as suas fileiras dos soldados de Hatusu. Amerotke lembrou-se da sangrenta retirada que se havia seguido à batalha. Aqueles dois guerreiros deviam ter perdido companheiros de armas, amigos e familiares no terrível confronto. Devia ser difícil, para eles, estar

ali para implorar a paz, especialmente a uma mulher. Mesmo assim, era indiscutível a autoridade de Uanef sobre os seus companheiros, que se mantinham em silêncio, enquanto ela e Senenmut debatiam os termos relativos aos postos fronteiriços, às patrulhas, às licenças de viagem, aos impostos que podiam ser aplicados às importações e exportações e à utilização dos oásis e dos poços de água. As respostas de Senenmut eram simples. Hatusu e o Egito teriam a soberania sobre o Sinai. Ao ouvir aquilo, Mensu mostrou-se mais agitado e sussurrou algo ao ouvido de Uanef que, em resposta, fez um gesto com a mão, como se quisesse cortar algo.

- O meu senhor mensageiro Snefru ainda não chegou explicou -, e precisamos da sua perícia.

Senenmut fez estalar os dedos para chamar Mareb.

- Vai com a Ueni até ao quarto do Snefru. Talvez o meu senhor Snefru tenha bebido vinho e adormecido? Despertem-no gentilmente e tragam-no até cá.

Os dois arautos saíram, enquanto Senenmut anunciava que deviam fazer uma breve pausa. Os escravos trouxeram vinho, uvas, pão, vários tipos de queijo e pratos com fatias de ganso assado. Senenmut cumpriu, na perfeição, o seu papel do mediador eficiente, preenchendo os silêncios com mexericos e outras trivialidades.

- É melhor vires depressa.

Amerotke voltou-se. Mareb achava-se à soleira da porta e empurrara o guarda. Amerotke apercebeu-se, de imediato, do pânico do mensageiro, porque o jovem havia perdido a sua pose afectada.

- O que se passa? - quis saber Senenmut.

- Não conseguimos acordar o senhor Snefru. Os servos não o viram desde que se retirou para os seus aposentos, pouco depois do meio do dia.

Uanef, Hunro e Mensu levantaram-se. Senenmut ordenou a Mareb que alertasse a guarda do templo. Seguiram pelos corredores, passando em torno de uma piscina onde íbis e flamingos se aqueciam ao sol. Havia sido dada aos representantes dos Mitânios uma das mansões do templo: um edifício de dois andares e telhado plano, com janelas quadradas, protegidas

por taipais decorados em tons alegres. O interior era fresco, em virtude de a mansão estar cercada de árvores frondosas e de as janelas se acharem estrategicamente posicionadas para acolher toda e qualquer brisa. No piso térreo, ficavam as cozinhas e a sala de refeições. O quarto de Snefru era no primeiro andar, junto à escada que conduzia ao telhado. Ueni parou, em frente da porta, feita de madeira de acácia, apoiando o peso do seu corpo ora num pé, ora noutro. Bateu à porta, por mais de uma vez, até que Uanef abriu caminho e avançou.

- Tens a certeza de que ele está no quarto?

- Sim, minha senhora - respondeu um dos guardas do templo, que acabara de descer a escada. - Eu estava de vigia, lá em baixo, quando o senhor Snefru entrou. Trazia uma taça de uvas e um jarro de vinho. Informou-me de que queria dormir um pouco, subiu mas não voltou a descer.

- E entrou alguém na mansão, durante esse tempo? perguntou Uanef.

O guarda, um mercenário de uma das unidades auxiliares do exército, encolheu os ombros. Não gostava daqueles forasteiros e pouco lhe importava o que faziam no templo.

- Sou pago para ficar de vigia - replicou. - Ou para revistar o chão e procurar serpentes e escorpiões. Há muito movimento nesta mansão. As pessoas entram e saem. No entanto, não reparei em nada de estranho.

Amerotke bateu à porta do quarto.

- Porque estavas no telhado? - quis saber Senenmut.

- Queria verificar se os taipais estavam abertos, mas não estão - informou o soldado.

Senenmut desceu ao piso térreo, fazendo sinal a Amerotke para que o seguisse. Pegaram num banco de madeira, pediram aos mensageiros mitânios que se afastassem e investiram com o banco contra a porta, que se abriu de imediato. O quarto estava às escuras e emanava dele um cheiro a mofo. Amerotke pôde ver a silhueta de um corpo de homem deitado na cama, enquanto Mareb se apressou a ir abrir os taipais. Por fim, Amerotke olhou para o corpo e emitiu uma exclamação abafada. Snefru fora assassinado. O seu corpo achava-se estranhamente torcido e tenso, com as mãos levantadas para o alto.

Um fio de baba escorria-lhe do canto da boca entreaberta e os seus olhos estavam esbugalhados.

- É como se tivesse morrido de medo - murmurou Senenmut.

Amerotke tocou no cadáver e verificou que tinha os músculos rígidos.

Nesse momento, a delegação dos Mitânios entrou no quarto. Hunro e Mensu fitaram o cadáver, sem qualquer compaixão ou pesar, e começaram a falar um com o outro, no seu dialecto gutural. Uanef interveio. Hunro, o mais agressivo dos dois, respondeu-lhe com rispidez, indicando o cadáver. Uanef olhou de soslaio para Amerotke, mas seria aquele olhar reprovador ou simplesmente sagaz? O juiz não o sabia. Depois, abriu uma bolsa pequena, da qual tirou um anel que pôs no dedo e fez sinal aos companheiros para que a seguissem.

- Ela traz consigo o selo pessoal de Tuhratta - murmurou Senenmut, depois de os outros saírem.

- Não revelaram grande desgosto... - comentou Amerotke.

Senenmut ajoelhou-se junto do morto e tocou no rosto ossudo.

- Não há grande emoção entre os Mitânios - replicou. O reino deles não passa de uma federação de tribos poderosas. O Tuhratta é o chefe mais habilidoso e capaz de todas as tribos, e por isso se tornou rei. Nenhum dos mensageiros gosta da Uanef, nem ela gosta deles. Por outro lado, o Hunro e o Mensu não gostam um do outro. O Tuhratta revelou ser tão astuto como um chacal, ao escolhê-los, porque sabe que os seus mensageiros não o trairão, por estarem demasiado concentrados a vigiar-se mutuamente. Bom, foi um assassínio ou não?

Ueni, que ainda se encontrava à ombreira da porta, nada disse, tal como Mareb, que se encostara ao peitoril da janela. Amerotke virou o cadáver de lado.

- É um caso muito semelhante ao que vimos na câmara dos embalsamadores - declarou, por fim. - Os músculos estão endurecidos, o corpo apresenta-se rígido e não consigo detectar qualquer ferimento. Só encontro arranhões e picadas de

insectos - acrescentou, indicando uma pequena marca vermelha no pescoço e alguns cortes no peito. Em seguida, levantou a túnica do morto e reparou que havia sido desapertada. Na mesa, a taça de vinho estava vazia; só restavam as grainhas das uvas num prato.

- Segundo parece, o Snefru veio até aqui por sua própria vontade - continuou Amerotke. - Bebeu um pouco de vinho, comeu as uvas e cerrou os taipais. Estavam fechados, Mareb?

- Não só estavam fechados como também trancados.

- Depois de comer e de beber, deitou-se na cama para dormir ou descansar... - prosseguiu Amerotke, dirigindo-se à janela a fim de examinar os taipais. - Desapertou a túnica para poder descansar. Porque faria tal coisa, Mareb?

- Porque tinha calor e queria refrescar-se.

- Claro. Teve uma manhã ocupada e estamos agora no pico do calor. Bebeu um pouco de vinho e deitou-se na cama.

- Mas terá deixado os taipais abertos? - perguntou Senenmut.

- Sim, devia tê-los deixado abertos - replicou Amerotke, pensativo. - Quando forçámos a porta, o quarto estava húmido e quente. Por que motivo um homem que queria escapar ao calor do meio-dia iria bloquear a entrada das brisas da tarde?

- Talvez quisesse repousar em silêncio - opinou Senenmut.

- Só que o Templo de Anúbis não é propriamente um mercado ruidoso...

- Talvez quisesse ficar a sós -olveu Senenmut -, ou talvez estivesse com medo... No fim de contas, a porta encontrava-se fechada e trancada.

- É verdade.

Amerotke voltou para junto da cama. Era uma peça simples, feita de juncos, com uma cabeceira ornamental e véus transparentes de linho para proteger quem se deitava nela das moscas e de outros insectos.

- De que morreu ele?

Nesse mesmo instante, Amerotke virou-se.

Uanef e os outros representantes dos Mitânios achavam-se à entrada do quarto.

- Os meus companheiros acham que ele foi assassinado! Uanef avançou languidamente. Ainda usava o anel de Tchratta.

- Os meus companheiros acham que ele foi assassinado repetiu ela - e pensam que não estão em segurança aqui.

- Nesse caso, têm toda a liberdade de partir - ripostou Senenmut. - Mas, se o fizerem, não só estarão a insinuar que o nobre Snefru foi assassinado como também, de certa forma, que a divina Hatusu foi responsável pela sua morte, o que será considerado uma blasfémia e uma mentira!

Uanef ergueu as mãos num gesto apaziguador. O anel tinha a forma da cabeça de um cão.

- Meu senhor Amerotke... - Quase não virara a cabeça, porque ainda fitava Senenmut. - Pensas que se tratou de um assassinio?

- O senhor Snefru pode ter sido mordido por uma serpente venenosa ou sucumbido a um colapso.

Uanef deixou escapar um murmúrio de sarcasmo, mas Amerotke ignorou-a. Preparava-se para defender a sua opinião quando o médico da câmara dos embalsamadores, seguido pelo seu ajudante, entrou no quarto. Piscou o olho a Amerotke, saudou os outros com um curto aceno de cabeça e avançou para a cama. O seu ajudante deu-lhe uma adaga afiada e o médico cortou rapidamente as roupas de Snefru.

- Bem, bem! - exclamou, ao puxar a roupa e observar o corpo. - Um belo espécime! Um guerreiro! Reparem nas pernas e braços musculosos. O rosto mostra-se sereno, mas houve alguma violência.

Uanef ia intervir, furiosa, mas o médico acenou-lhe com a mão.

- Calma, calma! Minha senhora, ficava-lhe muito grato sibilou, quando Uanef se aproximou dele -, se não me tapasse a luz. O mesmo se aplica a ti, senhor mensageiro - acrescentou, dirigindo-se a Mareb, que continuava encostado ao peitoril da janela. Então, virou o cadáver. - A pele do corpo está um pouco pegajosa - declarou, como se estivesse a dar

uma aula a um grupo de estudantes na Casa de Vida. - Os músculos apresentam-se rígidos. A putrefacção ainda não se manifestou, mas pouco tardará. Quanto ao ventre, parece ligeiramente inchado.

Examinou as nádegas, virou novamente o cadáver e apalpou as virilhas.

- Morreu de um colapso? - perguntou Uanef.

- Morreu tanto de um colapso como por tentar voar pelo ar! - ripostou o médico.

- Tens a certeza? - foi a vez de Amerotke perguntar. O médico fitou-o, com expressão grave.

- Meu senhor juiz, conheces o mundo da lei e eu conheço o da medicina. O corpo não apresenta marcas de violência. Foi encontrado deitado na cama?

Amerotke acenou afirmativamente.

- Portanto, morreu como os outros que estão lá em baixo - concluiu o médico, puxando os lençóis para cima.

- Veneno? - murmurou Amerotke, olhando timidamente para Senenmut.

- Receio bem que sim...

Dito isto, debruçou-se sobre o morto, abriu-lhe a boca, passou os dedos pelas mãos e, por fim, cheirou-lhe os lábios.

- Ele bebeu e comeu - declarou, enquanto limpava os dedos ao pano húmido que o ajudante lhe estendera -, mas não detecto nada de anormal no seu hálito. Quando ingerido, o veneno mancha as gengivas e as partes moles da garganta, mas não descobri nada. Não encontro outra causa para a morte. Afirmei que se tratava de veneno, mas gostaria de examinar melhor o cadáver.

- Não permitiremos que um egípcio corte o Snefru como se fosse um naco de carne! - protestou Mensu.

- É necessário - interveio Uanef. - O corpo não aguentará; tem de ser preparado quanto antes.

A confusão reinou durante algum tempo. O médico chamou mais ajudantes, que esperavam no corredor, e o cadáver foi levado num esquife improvisado. Passada aquela confusão, Senenmut fechou a porta atrás de si e voltou-se para encarar os outros.

- Amerotke, és o juiz supremo da Sala das Duas Verdades de Tebas. - Foi a vez de Hunro deixar escapar um grunhido de desdém. - Qual é tua opinião acerca de tudo isto?

- Bem, ficou provado que o Snefru não morreu de um colapso e não se encontrou qualquer ferimento no seu corpo. Por conseguinte, deve ter sido envenenado - concluiu Amerotke, apontando para o prato e o jarro, à volta dos quais voavam moscas. - Pode ser que contenham veneno, mas duvido muito...

- Como o sabes? - exclamou Mensu.

- Porque estamos em Tebas, no Egipto. O Snefru era um estrangeiro, cujo país, ainda há bem pouco tempo, estava em guerra com o Egipto. Tenho a certeza de que devia ser muito cauteloso com o que comia e bebia.

Uanef, que entretanto se sentara num banco junto à entrada do quarto, parecia algo confusa.

- Não é verdade? - insistiu Amerotke. - Nem os senhores confiam em nós nem nós nos senhores. Se são convidados, num banquete oficial oferecido pela divina Hatusu, observam o que os outros comem e bebem. Além de que devem ter, por certo, provadores...

Uanef limitou-se a acenar afirmativamente.

- Se quiserem saciar a sede ou apaziguar a fome, como o senhor Snefru fez, dirigem-se às cozinhas do templo e preparam pessoalmente a vossa comida. Não é assim?

Mais uma vez, Uanef acenou, em sinal de anuência.

- Portanto, está tudo dito.

Amerotke levantou-se, encaminhou-se para a janela e contemplou os jardins, banhados pelo sol radioso. As abelhas e as borboletas pareciam atarefadas. O ar era perfumado pelas fragrâncias de plantas exóticas que o templo importara do Líbano e de Canaã. Detectou o ruído de um carro, que acabara de entrar num pátio distante. A brisa trazia o eco de cânticos de uma das pequenas capelas e daquele sinistro ladrar do fosso dos cães. Lembrou-se, então, do homem que havia condenado, de manhã. Tinha de encontrar-se com o intendente dos cães ou, pelo menos, ver a matilha sagrada.

Senenmut tossiu para dar a entender que começava a impacientar-se.

- Penso que se tratou de um assassinio -olveu Amerotke.

- Antes de o Snefru subir ao quarto, dirigiu-se às cozinhas do templo para ir buscar vinho e comida. Comeu e bebeu. Alguém que quisesse descansar na altura mais quente do dia deixaria os taipais abertos, mas ele não o fez, o que pode não ter grande significado. Talvez as moscas o incomodassem e, por isso, haja decidido fechar os taipais. De qualquer maneira, o Snefru terminou a sua refeição ligeira e deitou-se na cama. O Ueni e o Mareb vieram até cá para chamá-lo e dizer-lhe que devia juntar-se a nós, mas ele não respondeu. Amerotke atravessou o quarto e examinou a porta e a chave que se achava na fechadura. - A porta estava trancada do lado de dentro. Ninguém penetrou neste quarto, nem o Snefru deixou entrar alguém. No entanto, foi assassinado...

- O assassino pode ter entrado pela janela - contrapôs Mensu.

•Amerotke dirigiu-se à janela e examinou o peitoril, mas não encontrou quaisquer indícios. Fechou os taipais e colocou os fechos de madeira nos seus encaixes.

- Estavam fechados, quando entrámos - apressou-se a explicar Mareb. - Fui eu que os abri.

Embrenhado nos seus pensamentos, Amerotke passou o polegar pelos dentes e encolheu os ombros.

- Mesmo que descobríssemos de que forma o assassino entrou aqui - declarou Uanef -, como pode alguém ter envenenado o Snefru sem provocar o alarme geral? O Snefru era um guerreiro e teria oferecido resistência.

- Teremos de aguardar pelo relatório do médico - replicou Amerotke. - No entanto, a verdade é que o Snefru foi envenenado no seu quarto, o que constitui um mistério.

Pegou na taça de vinho e no prato e entregou-os a Ueni.

- Leva-os ao médico. Pede-lhe que os examine e que, assim que terminar, me informe das suas conclusões.

- Portanto... - comentou Uanef, levantando-se - não sabemos, ao certo, de que morreu o senhor Snefru, nem, tão-pouco, sabemos quem foi o responsável...

- E, acima de tudo, não sabemos por que motivo foi assassinado - atalhou Amerotke, analisando a expressão astuta

do rosto da princesa. Estava convencido de que os companheiros de Uanef seguiam o caminho da verdade. Podia encontrar homens como eles entre os comandantes do exército egípcio: bravos guerreiros, pouco habituados a negociações, especialmente com uma rainha-faraó que esmagara o seu poderio militar. Snefru não devia ser muito diferente. Mas aquela mulher, com o seu rosto magro e astucioso e aqueles estranhos olhos zombeteiros...

- Sentes-te atormentada, princesa? - perguntou, de súbito, a Uanef.

- Atormentada? - repetiu Uanef, esboçando uma careta. - O senhor Snefru não era meu parente mas era um dos guerreiros favoritos do Tchratta, para além destes meus dois companheiros, claro... - apressou-se a acrescentar.

- E queria selar a paz connosco?

- Isso não te diz respeito. Ele era um mensageiro... Amerotke deu um passo em frente, na direcção de Uanef.

- Lamento a morte dele, mas estamos no Egipto, princesa. Apesar de não sabermos quem foi o assassino, foste rápida em apontar o dedo...

Mareb tossiu.

- Senhor, não creio... - interrompeu.

- Não estamos na sala do conselho - ripostou Uanef. Depois, voltou a fitar Amerotke e sorriu. - Deixem que o senhor juiz fale. Estás a insinuar que um de nós pode ter sido responsável pela morte do Snefru?

- É mentira! - vociferou Mensu, levando a mão ao cinto, onde devia trazer a espada.

- Não sejas tão impetuoso - replicou Amerotke. - Podemos estar tão inocentes da morte deste homem como qualquer outra pessoa, mas, se querem que se descubra a verdade, tenho de fazer certas perguntas.

- Então, fá-las - incitou Uanef, sentando-se de novo no banco, enquanto fazia sinal aos outros dois para que se mantivessem em silêncio.

- Havia diferendos entre vós?

Depois de consultar Mensu e Hunro com o olhar, Uanef meneou a cabeça.

- Portanto, eram amigos - declarou Amerotke.

- Ele era mitânio - declarou Hunro. - Chefe de um clã.

- Havia alguma inimizade antiga entre vós? - insistiu Amerotke.

Novo menear de cabeça.

- Se tens mesmo de procurar diferendos entre nós - sugeriu Uanef, calmamente -, deixa-me que te diga que nem todos os mitânios desejam a paz com o Egípto.

- Era o caso do Snefru?

- Já respondi à tua pergunta, meu senhor Amerotke. Mais uma vez, o juiz detectou ironia e astúcia no olhar e na voz dela.

- O Snefru será chorado por mim, pelos seus parentes e pelos membros do seu clã - acrescentou Uanef.

Amerotke tivera a sua resposta: segundo parecia, não havia qualquer elo afectivo entre aqueles três e o morto.

- Sugiro que dêmos a reunião de hoje por encerrada declarou Senenmut. - Amerotke passará a residir no Templo de Anúbis. Vamos preparar aposentos para ti e para os teus servos...

Dito isto, abriu a porta.

- Minha senhora...

Uanef fez uma vénia cortês a Amerotke e, seguida pelos seus dois companheiros, saiu do quarto. Senenmut, então, fitou Mareb.

- O que ouviste aqui hoje não é para ser divulgado.

- Claro, meu senhor. Sou um mensageiro. Senenmut respirou fundo. O seu rosto estava marcado pela preocupação; encostou-se à porta.

- Será possível que os mitânios andem a matar-se uns aos outros? - murmurou.

- Impossível - atalhou Mareb. - Meu senhor, estás a esquecer-te de que nenhum deles entrou neste quarto. Só egípcios.

- Então, quem?

Senenmut abriu a porta, que usou para esconder o seu rosto de Mareb.

- Amerotke, fizeste este caminho anteriormente. A sombra de Set, o assassino, paira sobre este templo!

- Sim - replicou Amerotke. - E não restam dúvidas de que voltará a matar!

Senenmut fechou a porta. Amerotke olhou para o fecho. Não deixava de ser estranho que, em todos os mistérios com que fora confrontado ou, pelo menos, numa grande parte deles, estivessem envolvidas portas e fechaduras. O roubo da ametista sagrada, o assassinio de Snefru e aquela estranha conversa com Belet, na casa de comida. Haveria um fio condutor? Nada do que acontecera fora consequência de um mero acaso. Faria tudo parte de uma qualquer estratégia para confundir e destruir o Egito? Cairia ele na asneira de separar um incidente dos restantes e, por conseguinte, não conseguir penetrar na mente da pessoa responsável por todas aquelas mortes?

Supõe-se que Anúbis descobriu o método de envolver o corpo em faixas e indicou que óleos e bálsamos deviam ser utilizados.

CAPÍTULO 5

O médico cobriu o corpo de Snefru com os véus de gaze. Amerotke esperara durante horas para falar com ele. Nos jardins, o Sol começara a pôr-se, o calor era menos intenso e os sacerdotes de Anúbis preparavam-se para o último sacrifício do dia. A canção das *hesets*, que dançavam em frente da procissão, ecoava por todo o templo:

”Ó Anúbis, rogamos-te, Salve, Senhor da Morte! Senhor Anúbis, o grande! Senhor até aos extremos limites! Primeiro na Barca dos Milhões! Mestre dos mortos. Aquele Que Pesa as Almas! A tua glória...”

- A sua glória desapareceu - resmungou o médico, acenando ao ajudante, que aguardava para poder iniciar o processo de embalsamamento. - O deus está zangado connosco...

Puxou Amerotke pelo cotovelo e levou-o para uma pequena divisão, atulhada de jarros e vasos. Ali, indicou-lhe o único banco, enquanto se sentava a um canto de uma mesa.

- O que pensas de tudo isto? - perguntou-lhe Amerotke. - Refiro-me à *Glória de Anúbis*, claro... - apressou-se a acrescentar.

O rosto enrugado do médico tornou-se ainda mais taciturno.

- Trabalho aqui desde criança. Comecei na Casa da Luz, depois, passei para a Casa de Escribas. A *Glória de Anúbis* era um bem precioso deste templo. Ninguém sabe de onde provém. Dizem que é um pedaço de uma grande rocha que caiu do céu.

- Uma coisa é certa: para o céu é que não voltou!

O médico encolheu os ombros, baixou-se e apertou uma correia da sua sandália.

- Há quem diga que foi o próprio deus que a roubou...

- Coisa de que duvido, tal como tu, aliás.

- É verdade, também não acredito nisso. Para mim, foi roubada. Pelo que ouvi dos mexericos que correm pela cidade, os Egípcios incriminam os Mitânios. A morte do Snefru só vai piorar a situação.

- Porquê? - perguntou Amerotke.

- Porque começarão a dizer que os Mitânios roubaram a *Glória de Anúbis* e foram castigados pelo seu acto.

- Então, e qual foi o castigo do Snefru?

- Não faço a mínima ideia - confessou o médico. Só sei que tanto o vinho como as uvas não continham veneno. Encontrei pequenos golpes e marcas em todo o corpo, mas são marcas que qualquer um de nós podia ter, porque ou são picadas de mosquitos, ou simples arranhões, ou ainda feridas antigas.

- Ele foi envenenado?

- Penso que sim, mas com que poção e de que forma foi ela administrada, isso, continua a ser um mistério...

O médico, então, levantou-se e fechou a porta do pequeno cubículo.

- Estudei muitas coisas na minha juventude, entre elas os venenos. Alguns podem matar quando são esfregados na pele, outros, quando são inalados. Alguns podem mesmo ser administrados pelos ouvidos. Se há venenos que são de acção lenta e podem demorar dias, semanas ou até meses a produzir efeito, existem outros que actuam assim! - exclamou, dando estalos com os dedos. - Ainda ninguém conseguiu elaborar um

inventário exaustivo de todos os venenos existentes: os das áspides, das serpentes, de plantas e até de certos frutos...

- E isso constitui apenas metade do problema, não é assim? - comentou Amerotke. - O Snefru era um guerreiro e tinha boa constituição física. Nunca se deixaria ficar deitado se alguém tentasse matá-lo. Protestaria, lutaria, gritaria, defender-se-ia. No entanto, tal não aconteceu...

Dito isto, levantou-se e pressionou gentilmente o ombro esquelético do médico.

- Estou-te muito grato pelo que fizeste, pai divino -, mas ainda te ficaria mais grato se me pusesses a par de tudo o que, porventura, vieres a descobrir.

- Aonde vais? - perguntou o médico. Amerotke voltou-se e sorriu-lhe.

- Não me parece que Anúbis tenha entrado no templo e roubado a sua ametista do portal misterioso. Sejam francos: nem eu nem tu acreditamos em tal coisa. Por conseguinte, vou tentar apanhar o ladrão.

Amerotke abriu a porta da pequena divisão, atravessou a câmara dos embalsamadores, saiu e subiu a escada. A penumbra começara a alastrar. O ar estava impregnado do cheiro de carne assada e de incenso. Sacerdotes e escribas passeavam pelos pequenos paraísos, aproveitando a brisa fresca do entardecer. Ao ouvir os cães ladrar, Amerotke parou.

- Amo?

Amerotke sobressaltou-se. Chufoi surgira de detrás de um arbusto, com o pára-sol numa mão e um pequeno saco de couro, na outra. Ao ver o amo, sorriu, parecendo-se ainda mais com Bes, o deus anão.

- Tenho estado à espera - declarou, em tom pesaroso. Amo, o meu coração ansiava por ver o teu magnífico rosto!

Amerotke baixou-se e limpou as migalhas que se haviam colado aos cantos da boca do seu servo.

- E também estiveste a comer tâmaras e bolos e a beber mais vinho *charou* do que devias...

Chufoi, que oscilava levemente, pestanejou.

- É que estive tanto tempo à tua espera, meu amo...

- Pois claro... - replicou Amerotke, levantando-se.

- Voltamos para casa esta noite? - perguntou Chufoi. Sinto-me tão sozinho...

De súbito, uma dançarina apareceu, com um manto fino a cobrir-lhe os ombros. Saía de detrás do mesmo arbusto onde Chufoi estivera. A sua peruca estava ligeiramente de banda, os traços negros de *khol* que lhe contornavam os olhos mostravam-se esborratados e o carmim com que avivara os seus lábios desaparecera.

- Perdi-a! Perdi a minha pulseira! - exclamou, batendo no braço.

Chufoi tentou levá-la para longe, mas a rapariga ignorou-o.

- Provavelmente, caiu para trás do arbusto... - murmurou o anão, aflito.

Amerotke, rindo baixinho, afastou-se em direcção ao fosso da matilha sagrada. Ainda pôde ouvir as lamúrias estridentes da bailarina, entrecortadas pelos protestos de Chufoi. Passado pouco tempo, o homenzinho juntou-se ao amo.

- Eu sentia-me muito só, amo, e ela era tão agradável... Dei-lhe um pequeno cubo de cobre para que possa mandar fazer outra pulseira.

Amerotke olhou para o servo.

- E viste-a dançar?

- Sim, amo. Como o poeta diz: "O coração torna-se solitário, especialmente de noite, quando a alma ganha asas..."

- Obrigado, Chufoi - atalhou Amerotke, antes que o anão se lançasse nas suas declamações.

- Aonde vamos?

- Vamos ver alguns cães.

Passaram pelos jardins do templo, pelos celeiros e pelas prensas de óleo e de vinho, que exalavam um doce odor de uvas pisadas. Sacerdotes, acólitos, *hesets* e servos haviam-se sentado à sombra de plátanos, acácias e acantos. O Sol descia rapidamente e levantara-se uma brisa. Amerotke avistou a delegação dos Mitânios num dos pavilhões dos jardins: jantavam ao ar livre e, provavelmente, naquele momento, falavam dos acontecimentos do dia.

- Meu senhor Amerotke...

O juiz voltou-se. Mareb, o mensageiro e arauto, parecia ter surgido do nada.

Chufoi, ao vê-lo, encheu o peito de ar e avançou, empertigado.

- Que queres do meu amo? - exclamou, em tom ameaçador.

- Meu senhor Senenmut - continuou Mareb, ignorando o anão que, furioso, bateu com os pés no chão - saiu do templo e seguiu para a Casa do Milhão de Anos. Os teus aposentos já estão prontos na Casa do Sossego.

- Irei a minha casa, esta noite - replicou Amerotke. Quero ver a minha mulher e os meus filhos, mas regressarei ao templo assim que possa.

O mensageiro curvou-se, numa vénia, não sem antes brindar Chufoi com um olhar trocista. O anão correspondeu àquela afronta com o mais obsceno dos gestos que aprendera nas tabernas do cais.

- Odeio os mensageiros - rosnou. - São tão emproados!

Contudo, no momento seguinte, correu à frente do seu amo e começou a gritar:

- Abram alas para o nobre juiz Amerotke! Juiz supremo da Sala das Duas Verdades! Amigo do faraó, membro do conselho real! Ele, que recebeu o sorriso do Beatífico!

Amerotke resmungou, mas deixou Chufoi entregar-se a um dos seus passatempos favoritos, ignorando a agitação que ele provocava. Saíram do parque, seguiram por um caminho gretado pelo sol e, depois de atravessarem uma ponte que transpunha um dos canais de irrigação do Nilo, avistaram a grande muralha do fosso dos cães, que se erguia, imponente, em frente deles. A brisa trazia um odor fétido, bem como um ocasional latido ou uivo. Os portões de madeira, reforçados por traves de cobre, estavam fechados. Quando Amerotke se aproximou, os dois soldados de guarda baixaram as suas lanças, mas Chufoi depressa lhes fez sinal para que se afastassem.

- Onde está o intendente dos cães? - perguntou Amerotke.

- Aqui - respondeu uma voz, do outro lado das portas.

Um dos guardas, então, levantou a tranca e o intendente dos cães surgiu, envergando um traje de couro. Tinha numa

mão um tridente de pontas afiadas e, sobre o ombro, um chicote de couro. As suas mãos estavam ensanguentadas e, por recear sujar Amerotke, não se aproximou, mas sorriu-lhe e fez uma vénia.

- Meu senhor juiz, honras-nos com a tua visita.

Amerotke esforçou-se por se libertar do mal-estar e do medo que o invadira. O cheiro era quase insuportável. Um uivo de fazer gelar o sangue nas veias ecoou na escuridão, por trás dos portões, como se fosse um coro de demónios, que ameaçasse emergir do mundo inferior. Amerotke deu-se conta de que deixara de ser o juiz da Sala das Duas Verdades para se tornar o rapazinho que fugira pelos becos de Tebas, tentando salvar-se do ataque de um cão raivoso.

- Queres vê-los? - perguntou o intendente dos cães. Lavou as mãos e os braços numa barrica de água, ordenou aos guardas que vigiassem os portões e, por fim, conduziu Amerotke por uma escada que desembocava na vigia de uma torre. O fosso era formado pelas encostas cavernosas de uma colina, onde se viam algumas árvores e arbustos. Amerotke reparou imediatamente nas cavernas e grutas existentes na encosta.

- Estás a salvo - tranquilizou-o o intendente dos cães. Os animais nunca poderiam trepar a muralha que circunda todo o fosso. Por isso lhes é permitido percorrer a colina, lá em baixo, que tem cerca de seis a oito acres.

- Onde estão os cães? - perguntou Chufoi.

- Acabámos, agora mesmo, de lhes dar de comer e estão a descansar.

- Costumas descer até ali abaixo?

- Só até àquele limite - respondeu o intendente dos cães, indicando um pequeno carreiro no vale, em frente de uma porta. - O que fazemos é atirar-lhes a comida dali. Os cães saem das grutas, lutam entre si, ladram, mas cada um acaba por ter a sua parte.

- De onde vêm? - quis saber Chufoi, contemplando as grutas, fascinado pelo que podiam conter.

- Das selvas e planícies que existem para lá da Quarta Catarata. Uma oferenda ao sumo sacerdote, durante o reinado

de Tutmés Segundo. Não são hienas nem chacais mas uma raça de cães selvagens. Vejam!

Nesse mesmo instante, um cão saiu de uma das grutas e desceu a colina, seguido pelos outros. Amerotke sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo. Eram animais tão negros como a noite, de baixo porte, mandíbulas largas, orelhas pontiagudas e caudas encurvadas. Corriam com a mesma habilidade de uma matilha de cães de caça, porque tinham corpos musculosos, cobertos de pelagem curta e brilhante. O cão que comandava a matilha saltou ao avistar Amerotke e o intendente dos cães, mas, logo depois, sentou-se.

- São animais muito inteligentes - comentou o intendente. - Porque contam uns com os outros.

- São amestrados?

- Não. Trata-se de uma raça selvagem - explicou o intendente -, descendente da matilha original. Os sacerdotes do templo tentaram, em vão, amestrá-los, mas é muito perigoso. Uma escorregadela, um sinal de fraqueza, o menor vestígio de sangue e os cães atacam imediatamente.

Amerotke olhou para o chefe da matilha. Mantinha-se sentado, contemplando os dois homens, com a boca aberta, de onde pendia uma língua comprida e rosada. Depois, voltando-se, ladrou para chamar os outros cães.

- Já mataram - continuou o intendente dos cães. Não se pode confiar neles. Se descessem até lá abaixo, eles atacar-vos-iam imediatamente. Conseguem farejar o medo, tão bem quanto o sangue. São muito leais à matilha e perseguem uma presa durante dias, ou até mesmo semanas.

Os cães, entretanto, tinham-se agrupado em frente da torre e Amerotke sentiu um nó no estômago.

- Já algum deles conseguiu fugir do fosso?

- Nunca. Não reparaste nos portões, reforçados por traves de cobre? Além do mais, mantemo-los sob constante vigilância. No entanto, ouvi histórias de homens arrogantes e bêbedos que quiseram tentar a sua sorte e se aventuraram a entrar no fosso. Um foi suficientemente estúpido para fazer uma aposta em como era capaz de enfrentar os cães. Tiveram grande dificuldade em encontrar o mais pequeno osso do que restou dele.

Amerotke sentia-se ligeiramente tonto.

- Já vi o bastante - anunciou, voltando-se e começando a descer a escada. Chufoi deitou a língua de fora a um dos cães, antes de seguir o amo. De volta ao piso térreo, Amerotke agradeceu ao intendente dos cães.

- Executaste a sentença que proferi no tribunal?

- O homem está morto. Os cães não o deixaram vivo durante muito tempo. Foi um veredicto justo, meu senhor juiz. Também matei os cães raivosos que tiraram a vida aos velhos tios do condenado. Os três tiveram decerto uma morte horrível.

- Toda e qualquer morte é horrível - replicou Amerotke. - Boa noite.

Dito isto, afastou-se e regressou ao Templo de Anúbis, com Chufoi atrás dele.

- Estou cansado. Quero ir para casa.

- Eu sei, pequenote. Comeste, bebeste, entregaste-te ao prazer e, agora, tudo o que queres é aninhar-te e dormir, mas ainda temos assuntos a tratar.

Amerotke entrou no templo, parou junto de uma fonte, onde purificou o rosto e as mãos, e atravessou as diversas galerias que levavam aos portais misteriosos do santuário, sempre seguido por um Chufoi rabugento. Chegados à capela, chamou um acólito e identificou-se.

- Quero falar com o Tetiki, capitão da guarda, o sacerdote Kheti e a sacerdotisa Ita. Vai chamá-los!

Enquanto esperava, Amerotke entrou na capela que havia abrigado a *Glória de Anúbis*. A ponte que transpunha a piscina sagrada apresentava-se, agora, cheia de pegadas. As flores que ornamentavam os vasos haviam começado a murchar, exalando um odor agridoce. A estátua parecia fantasmagórica, à luz trémula das lamparinas. Amerotke examinou, mais uma vez, a porta e o interior da capela. Estava num local sagrado, onde podiam ouvir-se os sussurros dos deuses. No entanto, a capela, em si, era desprezível. Amerotke tacteou as paredes e deduziu que devia ser uma parte antiga do templo, provavelmente um pequeno santuário que fora construído e ampliado ao longo dos anos. Na realidade, era um rectângulo de pedra com

recantos sombrios. Amerotke examinou minuciosamente cada recanto, mas nenhum revelava qualquer fenda ou brecha. Tão-pouco havia qualquer buraco de ventilação, para escoar o odor forte a incenso. Era uma divisão segura, o local ideal para se guardar a ametista sagrada. Amerotke deu a volta à capela, batendo nas paredes. Por vezes, aquelas construções antigas tinham passagens ou túneis secretos, como havia no Templo de Maet. Certificou-se de que a capela era segura e, por fim, voltou a examinar a porta que, de acordo com Senenmut, havia sido arrombada mas que, entretanto, já fora consertada. Amerotke examinou os painéis de cedro e prestou particular atenção à fechadura de cobre, mas não conseguiu detectar qualquer mecanismo invulgar. Foi então que ouviu passos e atravessou a piscina sagrada.

O primeiro a entrar foi o capitão da guarda. Envergava o uniforme dos soldados: saiote de couro, botas de marcha e uma correia em volta do ombro, da qual pendia a espada. Parecia-se com Asural: era atarracado, corpulento e de rosto redondo. Um homem que nascera e fora criado para se tornar militar. Ergueu a mão para saudar Amerotke e apresentou-se formalmente como Tetiki, capitão da guarda do templo, no santuário de Anúbis. Só depois se afastou para que os seus dois companheiros atravessassem a estreita ponte. Kheti usava as vestes simples, de linho, de um sacerdote; o seu rosto era ascético, com olhos grandes e protuberantes, e teria feições regulares, se não fosse o lábio inferior e as orelhas salientes, que lhe conferiam uma expressão algo grotesca. Ita, a sacerdotisa, era baixa e esbelta, mas com ombros roliços. Vestia uma túnica de linho e tinha cabelos compridos, que mantinha presos por uma rede. Era dona de um rosto de feições pueris, com olhos pequenos, nariz arrebitado e boca bem delineada. Quando atravessara a ponte, as pulseiras que trazia nos braços e nos tornozelos haviam chocalhado e, com a pressa, não apertara as correias das sandálias. Sorriu, como que pedindo desculpa por aquele seu esquecimento, e baixou-se para atar as correias. Contudo, nenhum deles conseguiu ocultar o nervosismo quando Amerotke os fitou.

Foi Tetiki quem quebrou o silêncio, numa voz algo estridente.

- Pediste para falar connosco?

Calou-se e pigarreou. Como não soubesse o que fazer com as mãos, cruzou os braços e olhou de relance para a estátua.

- Fechem a porta! - ordenou Amerotke.

Dito isto, sentou-se, apoiando as costas contra a parede, e fez sinal aos outros para que se agachassem em semicírculo, à sua frente.

- Onde está a *Glória de Anúbis* - perguntou.

- Não sabemos, meu senhor juiz. A voz de Ita era doce e serena.

- Então, quem arcará com as responsabilidades? - insistiu Amerotke, voltando-se para Tetiki.

O capitão da guarda coçou a calva e olhou timidamente para Amerotke.

- Há quem suspeite de nós aqui, no templo, mas, por outro lado...

Não completou a frase.

- Por outro lado - rematou Amerotke -, não podem acusar-vos, não é verdade? - Olhou em seu redor. - Esta capela é realmente o que parece? Um rectângulo de pedra, sem aberturas, fendas ou passagens secretas?

- É, sim - confirmou Tetiki. - Por isso mesmo, era usada para guardar a *Glória de Anúbis*.

- E como era a *Glória de Anúbis*? Lembro-me de vê-la quando era criança, mas de longe, por ocasião das procissões no templo.

- Era uma pedra de uma cor purpúrea e reluzente e da largura da mão de um homem. Nunca ninguém viu uma ametista igual.

- E de onde veio?

- Não sei - respondeu Tetiki. - As suas origens perdem-se na bruma do tempo. Alguns afirmam que fazia parte de uma pedra gigantesca que caiu do céu, e que foi uma dádiva dos deuses. Outros alegam que foi encontrada numa mina, a centenas de léguas a sul da Terceira Catarata.

- Ainda há quem diga - acrescentou Ita - que foi o próprio Anúbis que a trouxe para aqui, como oferta para a Casa Divina.

- Só que agora desapareceu... - murmurou Amerotke. Diz-me uma coisa, Tetiki: estiveste ao serviço dos *majidou*?

Amerotke referia-se à guarda de Tebas.

- Sim e, antes disso, fui membro da Brigada do Escorpião no Regimento de Ísis.

- Portanto, foste soldado e guarda durante grande parte da tua vida?

- Sim, meu senhor.

- Se eu roubasse uma jóia, o que podia fazer com ela?

- Vendê-la.

- Mas a quem?

- A estrangeiros, como os Mitânios. Talvez pudesses tentar cortá-la, mas isso implicaria muito tempo e trabalho. Ou podias vendê-la no mercado de contrabandistas, na cidade. A ametista é preciosa, e o seu valor não pode ser calculado em ouro e prata.

- Claro que não... - concordou Amerotke. - No entanto, o ladrão podia obter um bom preço e levar uma vida faustosa durante o resto dos seus dias. Algum de vós sabe como a jóia foi roubada?

As suas palavras foram acolhidas por um coro de protestos. Amerotke levantou-se, tirou um bracelete, avançou para a estátua, inseriu-o na reentrância existente no peito da estátua e voltou ao seu lugar.

- Façamos de conta de que aquele bracelete é a *Glória de Anúbis* e que eu sou Nemrat, o sacerdote de vigília. Em que altura começaria eu a minha vigília?

- Ao entardecer - respondeu Tetiki -, assim que o Sol desaparecesse para lá do Horizonte Longínquo e a trombeta soasse.

- E o que aconteceria depois?

- Eu escoltar-te-ia, bem como ao outro sacerdote, até aqui - explicou Tetiki. - Bateria à porta da capela, o sacerdote que terminara a vigília do dia destrancá-la-ia e eu faria a porta rodar para trás.

- Desculpa - interrompeu Amerotke -, mas olha bem para a piscina. Deve ter, pelo menos, três metros, de uma extremidade à outra. Como poderia o sacerdote abrir a porta, sem recorrer à ponte?

Tetiki aproximou-se do rebordo da piscina que se achava defronte do santuário, deu alguns passos em frente, como se andasse em cima da água, agarrou na pega da porta e recuou. Surpreendido, Amerotke soltou uma exclamação e agachou-se.

- Muito engenhoso...

Não o notara anteriormente, mas havia um plinto de pedra junto do rebordo da piscina que ficava perto da estátua. Tinha mesmo sido pintado de verde-escuro para passar despercebido debaixo da água.

- É fácil. Sem sair desse plinto - explicou Tetiki -, o sacerdote que se encontra de vigia insere a chave na fechadura, a porta abre-se para dentro e ele recua. Só depois é que eu coloco a ponte para ele poder sair. Em princípio, a existência desse plinto devia ser um segredo, mas a maior parte dos sacerdotes conhece-o. Não só foi feito por uma questão de segurança... porque, como viste, a porta abre-se para dentro, sobre a piscina, o que faz com que seja impossível sair da capela... mas também como forma de impedir que o sacerdote beba copiosamente durante a sua vigília.

- Porque, se bebesse mais do que a conta, perderia o equilíbrio e cairia na piscina, é isso?

- Já aconteceu - replicou Tetiki. - O aspecto mais espantoso desse mecanismo é que os sacerdotes que se encontram no interior da capela podem pousar os pés no plinto, mas não alguém que entre. Um intruso talvez fosse tentado a saltar, mas a piscina é muito larga... - Tetiki suspirou. É essa a rotina do templo. Na noite em que o Nemrat morreu, o sacerdote de dia abriu a porta e recuou. Eu coloquei a tábua, ele saiu e o Nemrat entrou. Depois, tirei a tábua e fechei a porta, segurando-a, enquanto o Nemrat, do outro lado, a trancava, tirava a chave e iniciava a sua vigília.

- Tens a certeza de que a porta ficou realmente trancada? - insistiu Amerotke.

- Juro-te, meu senhor. Faz parte do meu dever. Assim que ouço a chave girar, tento sempre abrir a porta para me certificar de que ficou bem fechada, como fiz nessa noite.

Amerotke e Tetiki regressaram para junto dos outros.

- E onde guardava o Nemrat a chave?
- Num pequeno gancho do seu cinto.
- E quantas chaves existem?
- Apenas uma.

Tetiki ergueu-se, levantou uma almofada e entregou a chave a Amerotke. Era uma chave de cobre comprida, fina e minuciosamente lavrada, com dentes na extremidade e o cabo esculpido em forma de cabeça de chacal.

- A fechadura tem um mecanismo intrincado - explicou Tetiki. - E a chave é finamente denteada e difícil de copiar.

- Portanto, o Nemrat fechou a porta à chave - murmurou Amerotke, pegando no objecto -, guardou-a no cinto e começou a sua vigília?

Tetiki acenou afirmativamente.

- E que fizeste tu, Kheti?
- Iniciei a *minha* vigília. Amerotke voltou-se para Ita.
- E tu?

Os olhos da rapariga semicerraram-se num sorriso.

- Sou uma serva do deus, meu senhor. Assim que a noite cai, o jejum do Kheti termina. Levei-lhe algumas fatias de ganso assado, uvas e uma caneca de cerveja. Não reparei em nada de estranho na noite em que o Nemrat morreu. Falei durante algum tempo com o Kheti e regressei à cozinha.

Amerotke fitou Tetiki.

- Eu estava de serviço e procedi à minha patrulha - respondeu o capitão. - Também não dei por nada de estranho.

- Quantas vezes passaste por esta capela? Tetiki fez uma careta.

- Três ou quatro vezes, em cada quarto da noite. O silêncio reinava. Avistei a Ita, quando foi levar comida ao Kheti. Numa ocasião em que passei em frente da capela, o Kheti estava acordado, mas, na vez seguinte, dormitava. Nada aconteceu de anormal. Ao nascer do Sol, escoltei os sacerdotes do dia até aqui. Segui o mesmo ritual de sempre e bati à porta, mas não obtive resposta. Tornei a bater e chamei o Nemrat.

Pensei que ele talvez tivesse adoecido. Por fim, fui chamar o sumo sacerdote e os membros da guarda e arrombámos a porta.

- Como foi que a arrombaram?

- Pegámos num banco e batemos com ele contra a porta até o trinco saltar. Colocámos a ponte sobre a piscina e entrámos na capela.

- E onde estava o Nemrat?

- Tombado contra a parede - respondeu Kheti, indicando o local onde se achavam as almofadas. - Com o punhal cravado no peito. Corri, mas já estava morto e *a. Glória de Anúbis...* - A sua voz estremeceu. - *A Glória de Anúbis* tinha desaparecido.

Amerotke, passando a mão pelo queixo, olhou à sua volta. Sentia-se confuso e cansado e não conseguia tirar qualquer conclusão de tudo aquilo.

- A porta achava-se realmente trancada?

- Claro que sim! - ripostou Tetiki.

- E a chave?

- Ainda se encontrava no gancho do cinto do Nemrat.

- Tens a certeza?

- Tanto eu como o Tetiki examinámos o seu corpo respondeu Kheti.

- Quem estava presente quando a porta foi arrombada?

- Eu e o sumo sacerdote, bem como outros guardas e sacerdotes. O vizir Senenmut também compareceu.

Amerotke levantou-se. Contemplou, mais uma vez, a estátua negra de Anúbis. Na parede, via-se a famosa pintura do deus a pesar uma alma com a pluma da verdade. "Ajuda-me!", rogou Amerotke. Como fora possível roubar uma ametista e assassinar um sacerdote sem que a porta da capela houvesse sido forçada? Estava fechada pelo lado de dentro e a chave ainda se encontrava no corpo do morto!

Amerotke fechou os olhos. Tinha de recolher todas as provas, se bem que já o houvesse feito.

- Kheti! - chamou, sem se virar. - Alguém se aproximou da porta durante a tua vigília?

- Não, meu senhor juiz.

- Deixaste o teu posto, lá fora, por alguma razão?
- Só uma vez.
- Quando?
- Quando a Ita me trouxe de comer - respondeu o sacerdote, com uma risada nervosa -, e eu tive de me aliviar.

Amerotke regressou para junto dos outros.

- E tu, Tetiki? Não reparaste em nada que te despertasse a atenção?
- Como já te disse, meu senhor, passei por aqui durante a vigília do Kheti, e, numa dessas vezes, ele estava a dormir. Também vi a Ita levar-lhe um jarro de cerveja e, mais tarde, regressar à cozinha.
- Kheti, encontravas-te lá fora. Ouviste algum ruído estranho?
- Devia ter ouvido, mas a verdade é que não ouvi nada.
- Sendo assim, já ocupei muito do vosso tempo. Amerotke deixou-os sair, esperou que o capitão passasse pela ponte e fechasse a porta, agachou-se e encostou-se à parede. Foi quando alguém bateu à porta.
- Entre!

Chufai abriu a porta.

- Cuidado! - avisou Amerotke.
- Não te preocupes - Chufai parara à soleira da porta e sorriu ao seu amo. - Já ouvi falar da piscina e do plinto.
- E que mais ouviste?
- Não houve qualquer distúrbio na noite em que o Nemrat foi morto. O Kheti não abandonou o seu posto. A Ita levou-lhe provisões da cozinha e regressou com um jarro vazio.

- Mais alguma coisa?
- O Kheti e o Nemrat davam-se bem. O Kheti é noviço. Ele e a Ita são íntimos.
- E quanto ao Nemrat?
- Segundo os boatos, era bastante lascivo e gostava de comer e de beber.
- Indica-me um sacerdote que não seja assim... Amerotke levantou-se e atravessou, com cuidado, a ponte estreita. Já na galeria, voltou-se e olhou para o interior da capela.

- Quem foi o culpado, meu amo? - indagou Chufoi.

- O Kheti, a Ita ou o Tetiki. Um ou dois deles, se não todos os três, estão envolvidos no roubo da *Glória de Anúbis*, mas como o levaram a cabo... - Amerotke meneou a cabeça... só o deus Anúbis sabe!

- E o Belet? - quis saber Chufoi. - Convidou-me, a mim e ao Prenhoe para jantarmos com ele e a Seli. Ainda se mostra bastante nervoso...

- Descobriste mais alguma coisa? Chufoi sacudiu a cabeça.

- Nem eu - replicou secamente Amerotke. - Tudo o que posso dizer é que, no caso do Belet, houve um plano de roubo. Precisavam de um serralheiro e, por isso, escolheram-no a ele. Viveu com os Rinocerontes e julgaram que nada tinham a recear.

- Pensas que os homens que contactaram o Belet planeavam um roubo num local como o Templo de Anúbis? - exclamou Chufoi. - Sim, porque houve um roubo aqui...

Amerotke olhou para a porta da capela.

- Não - murmurou, erguendo um dedo. - Lembra-te do que o Belet disse: que o local escolhido não teria guardas. Seria preciso muito mais do que a perícia de um serralheiro para roubar a *Glória de Anúbis*. Exigiria um plano minucioso, elaborado com uma astúcia de serpente.

Anúbis é representado, na arte egípcia, como um chacal ou como um homem com cabeça de chacal.

CAPÍTULO 6

Amerotke atravessou o mercado. Chufoi seguia-o, trauteando baixinho uma canção de amor:

”Depressa, que o meu coração fuja dela, Pois conheço bem de mais o seu amor! Não esperarei que ela me apanhe a túnica, Nem que suas mãos frescas acalmem o ardor da minha alma!”

- Que canção tão bela - exclamou Amerotke, oscilando o seu bastão e virando-se para o desolado Chufoi. dedicada— àquela *heseti*

- Não, é dedicada às mulheres em geral - respondeu Chufoi, pesaroso. - São como borboletas no jardim do meu coração. Dei-lhes os melhores anos da minha vida. De manhã - continuou, solenemente -, a esperança de um homem é como a água, mas, à noite, transforma-se em pó e a taça fica rachada...

Chufoi parou para enxugar uma lágrima que lhe aflorara aos olhos. Amerotke prometeu solenemente a si próprio que não iria rir nem sequer sorrir. Não havia nada mais lúgubre do que um Chufoi apaixonado.

- Vamos, pequenote - exclamou, gentilmente. - Assim que me sentar no terraço, com um jarro de cerveja, alguns doces e uma taça de frutas, deixar-te-ei entoar uma das tuas canções

Mas, diz-me: qual o motivo dessa tua súbita preocupação com o amor? É por causa do casamento do teu amigo?

- Um homem sem uma mulher é como um corpo sem alma. O Prenhoe bem me avisou. Teve um sonho, há duas noites: eu montava uma dançarina, que me transportava pela margem do Nilo... De súbito, a rapariga transformava-se num hipopótamo...

Amerotke não conseguiu conter-se mais e desatou a rir tão alto que os comerciantes e os vendedores que preparavam as bancadas para o mercado da noite fitaram, admirados, o juiz, com as suas vestes brancas e sandálias sagradas, debruadas em tons de púrpura, e o seu deformado companheiro.

Amerotke deu a mão a Chufoi.

- Vamos, meu pequeno Bes. O dia terminou e nós também terminámos o nosso trabalho. Não fiques assim tão triste.

- Que alívio estar fora daquele templo! - exclamou Chufoi, como se não houvesse reparado na demonstração de afecto que o seu amo acabara de lhe dar. - É um local sombrio e não gosto dos mitânios nem daqueles guardas, com as suas insígnias de chacal. Na realidade, é um local ideal para fantasmas.

- Fantasmas? - repetiu Amerotke, parando. - Porque dizes isso?

- Porque foi o que os guardas me contaram. Anúbis foi visto a vaguear pelo seu templo: calça sandálias pretas, usa um saiote de guerra da mesma cor e o seu rosto está encoberto por uma enorme máscara de chacal, debruada a ouro.

- Pois, para mim, os teus amigos guardas beberam de mais.

- Foi o que eles me contaram - insistiu Chufoi, em tom melancólico.

Amerotke prosseguiu a sua caminhada. Apesar de já ter anoitecido, ainda havia bastante movimento no mercado. Em redor das árvores, os barbeiros escanhoavam os rostos dos seus clientes. Grupos de soldados que estavam de folga faziam grande alarido, na sua busca de uma casa de prazer, procurando evitar os guardas armados com cacetes grossos que patrulhavam as ruas em redor do templo e que não hesitariam em

pôr fim a qualquer distúrbio. As bancas dos talhantes estavam vazias. Os nacos de carne haviam sido vendidos ou destruídos por estarem putrefactos. Alguns mendigos aproximaram-se de Amerotke e do seu fiel servo, oferecendo-se para enxotar as moscas, mas Chufoi berrou-lhes que essa era a sua tarefa. Todos os residentes do cais se haviam dirigido à cidade, à procura de lucros fáceis. Eram, na sua maioria, pedintes e ladrões, mágicos e trapaceiros. Um grupo de músicos, que passara demasiado tempo na loja de vinho, tocava uma música ruidosa e estridente para delícia dos transeuntes, que se recusavam a dar-lhes prendas, mas paravam para escarnecer dos seus esforços desenfreados. Amerotke baixou a cabeça, estugou o passo e apertou a mão de Chufoi com mais força. O homenzinho tinha tendência para se perder, porque gostava de ver os curandeiros ambulantes que apregoavam possuir poderes mágicos e vendiam poções exóticas que curavam quase todos os males do corpo.

- Desististe da medicina? - perguntou Amerotke.

- Já há muitos especialistas no mercado - replicou Chufoi, empunhando o seu pára-sol como se fosse o cetro do faraó. - Os deuses chamam-me para um novo mister.

- E qual é esse novo mister?

- Serei um poeta do amor.

Amerotke mordeu o lábio inferior para não voltar a rir.

- Serei um vendedor de poemas e de poções - continuou Chufoi. - Não, meu amo, não te rias. Sou como uma fonte: uma eterna nascente borbulha no meu íntimo, jorrando canções e poemas que enlevarão todos os corações.

- Norfret não vai acreditar... - murmurou Amerotke. Vamos, Chufoi!

Dirigiram-se, apressadamente, para os dois imponentes pilares encimados por torres que constituíam as portas da cidade, e que já haviam sido fechadas. O guarda de serviço, contudo, reconheceu Amerotke e deixou-o passar por uma porta das traseiras, que se abria para uma estrada de basalto, ao longo do Nilo. A direita, cintilando à luz pálida da Lua, achava-se o grande rio, em cujas águas navegavam barcos de pesca que, sob o manto da noite, se assemelhavam a escaravelhos. O vento

trazia as vozes portentosas dos pescadores, misturadas com o constante coaxar de rãs e com os gritos de pássaros que, de tempos a tempos, levantavam voo e planavam graciosamente sobre as margens do Nilo.

- Aqueles homens deviam ter cuidado - resmungou Chufoi -, porque os hipopótamos não gostam de ser incomodados. Todos sabem que, onde há pescadores, aparecem sempre hipopótamos e que os crocodilos não lhes ficam atrás...

- Esta gente é pobre, Chufoi. O seu único provento é fornecer peixe para o mercado da manhã - replicou Amerotke, indicando as casas, construídas com tijolos de lama seca, à frente das quais iam a passar.

Seguindo sempre pela estrada, cruzaram-se com negociantes que invadiam a cidade, à noite, para tratar dos seus negócios ou ir a banquetes e festas. Por aquela estrada, passavam tanto os ricos como os pobres: se os mercadores abastados viajavam nos seus burros ou palanquins, os pobres seguiam a pé, em grupo, fazendo lembrar um bando de gansos. Por fim, Amerotke e Chufoi saíram do labirinto formado por casas de um só andar, onde a atmosfera era acre devido ao cheiro de peixe, de cerveja barata e de pão levedo. Chamavam-lhe Vale dos Impuros: um labirinto de barracas construídas pelos trabalhadores que, à noite, debandavam para a cidade. Passado pouco tempo, alcançaram o campo. Na outra margem do Nilo, a necrópole estava iluminada por pequenos pontos de luz. O silêncio sobrepunha-se, agora, ao ruído do Vale dos Impuros, e Chufoi começou a trautear baixinho um novo poema de amor. Amerotke largou-lhe a mão, perdido nas suas reflexões, centradas nos acontecimentos do dia. Só quando Chufoi lhe tocou gentilmente no punho se apercebeu de que, à sua frente, havia vários degraus. Ainda teve tempo de se voltar e de se apoiar ao bastão para não cair, e foi então que viu, na escada, cinco ou seis criaturas, cujos vultos pareciam grotescos.

- O que desejam, forasteiros? - perguntou Amerotke. Estão a seguir-me ou desejam passar?

- Nem uma coisa nem outra, senhor Amerotke.

O juiz respirou fundo, tentando mitigar o súbito pânico que o invadira. Quantas vezes Norfret o avisara do perigo que era regressar a casa de noite, e lhe pedira para que se fizesse acompanhar por um guarda ou, pelo menos, por Asural? Amerotke, contudo, recusara-se a seguir o conselho da mulher e, naquele momento, desejava ter uma espada. Chufoi afastara-se. O anão pousou o pára-sol no chão, abriu a sua bolsa e empunhou uma adaga, oriunda de Canaã.

- Não te queremos fazer mal, meu senhor Amerotke sussurrou docemente uma voz. - Somos os Filhos do Nilo.

- Nesse caso, avancem.

Amerotke teve de reprimir o seu mal-estar. Já ouvira falar dos Filhos do Nilo: uma corporação responsável por alimentar os crocodilos sagrados e tirar tudo o que podiam do rio. Viviam no seu pequeno santuário, poucas milhas a sul de Tebas, e idolatravam Sekhmet, a deusa destruidora com a forma de uma leoa. O Nilo conferia àquelas criaturas sustento e proveito. Contudo, corria o boato de que, por vezes, aquelas criaturas atraíam embarcações até aos traiçoeiros bancos de areia. Afundavam um barco, apropriavam-se do seu conteúdo e sacrificavam os naufragos, usando-os como oferendas à deusa hedionda que idolatravam. Vestiam-se com peles não tratadas de animais e, por isso, eram classificados como impuros. Cada um deles usava um elmo ou um chapéu, com a forma de uma íbis, de um crocodilo, de um hipopótamo, de uma serpente ou de uma das criaturas que viviam nas margens do Nilo.

O chefe, um homem baixo e gordo, tirou o seu elmo, que tinha a forma de um escorpião. Uma grande cicatriz atravessava-lhe diagonalmente o rosto e um dos seus olhos estava semicerrado, deixando apenas entrever um globo branco. O seu corpo tresandava a suor e àquele cheiro a peixe tão comum nos lamaçais do Nilo. Os seus companheiros recuaram quando ele se curvou, numa vénia.

- Meu senhor Amerotke.

- Já anoiteceu - replicou o juiz. - Podes encontrar-me na Sala das Duas Verdades, amanhã.

- Ou no Templo de Anúbis - respondeu o homem.

- Que sabes da minha vida? - ripostou Amerotke.

- Não te zangues, meu senhor juiz.

O homem tentou sorrir e o seu olho são fechou-se.

- Vai directo ao assunto! - rosnou Chufoi.

- Acalma-te, homenzinho, não somos perigosos. Como podia gente como nós constituir uma ameaça para o grande Amerotke? Sabes porque estamos aqui. Somos impuros. Não podemos entrar em locais sagrados. Contudo, temos informações para vender, ou melhor, para te oferecer...

- Diz-me o que sabes e certificar-me-ei pessoalmente de que várias oferendas serão deixadas no santuário da tua deusa.

- Duas coisas. Sabes quem era o Sinuhe, o viajante? Fomos nós que tirámos o seu corpo do Nilo. Eu conhecia o Sinuhe. Contava-nos histórias fascinantes e alegava que vira o ponto onde o Nilo se forma, no centro da terra. O Sinuhe pouco se importava com a forma como se vestia. Os crocodilos transformaram o seu corpo numa amálgama de sangue, mas, por acaso, reparaste, meu senhor juiz, que ele usava a sua melhor túnica e um par de sandálias caras?

Amerotke lembrou-se das vestes ensanguentadas que havia examinado na sala dos embalsamadores.

- E qual é a segunda coisa?

- Na manhã em que o Sinuhe foi morto, um dos meus companheiros avistou o que julgou ser o deus Anúbis, perto do Templo de Bes.

- Os deuses não andam - fez notar Amerotke.

- Talvez não fosse um deus... Talvez fosse um sacerdote de Anúbis, com um saiote comprido, de couro, e uma máscara negra...

O estranho homem virou-se, então, para um dos seus companheiros e falou com ele, na língua franca da gente do cais.

- Eu ouvi tudo! - exclamou Chufoi. - Ele respondeu que não era o deus Anúbis.

O chefe aproximou-se um pouco mais do juiz e do seu servo.

- Homenzinho, podes não ter nariz, mas tens bons ouvidos. Não te enganaste. O meu companheiro disse que esteve no oásis das Palmeiras... Ou melhor, que esteve lá perto, e que os sacerdotes mitânios usam máscaras idênticas...

- Há mais alguma coisa que queiras dizer-me? O homem meneou a cabeça.

- Como prometi - declarou, então, Amerotke -, terás a tua recompensa, amanhã à noite. Que a tua deusa olhe favoravelmente para ti!

Mal pronunciou aquelas palavras, os seus estranhos visitantes desapareceram na escuridão da noite.

- O que temos aqui, Chufoi? O Sinuhe vestiu a sua melhor indumentária para se encontrar com alguém importante? Um nobre mitânio? Ou uma mulher da nobreza mitânia? E porquê a máscara?

- É fácil: para esconder o rosto dele ou dela. Qualquer pessoa pensaria que era um sacerdote do Templo de Anúbis.

Amerotke esfregou os braços porque se levantara uma brisa fria. Ficara perplexo com o encontro inesperado e, naquele momento, dava-se conta de como estava cansado e faminto. Pegou na mão de Chufoi e retomaram a caminhada.

Pouco depois, avistaram luzes. Passaram em frente dos muros de outras mansões imponentes, cujos portões de madeira polida já se achavam fechados. Era uma zona agradável, verdejante e próxima da margem do Nilo, mas que se achava protegida das inundações. Por fim, chegaram a casa de Amerotke. Chufoi bateu nos portões, vociferando que os deixassem entrar. Uma porta lateral abriu-se e Amerotke entrou no seu paraíso privado: jardins com canteiros de flores, vinhas, colmeias e árvores.

Chufoi e o porteiro começaram, de imediato a embirrar um com o outro. Amerotke continuou o seu caminho. Tudo estava em ordem: haviam fechado a casa de Verão, acendido as lamparinas e colocado flores em frente da estátua do deus Khnum. Passou pela álea, ladeada por acácias, em direcção à casa principal, com uma frontaria de colunas pintadas. O vestíbulo estava impregnado do odor doce da cera, que fora esfregada nas traves de cedro, e era ainda perfumado por pequenos jarros de mirra, olíbano e sândalo, dispostos nos quatro cantos da divisão. Chufoi, que, entretanto, se juntara ao amo, anunciou, em voz portentosa, que o senhor Amerotke estava em casa. De imediato, apareceram servos, trazendo jarras e bacias.

Amerotke sentou-se num banco, lavou o rosto, as mãos e os pés, e purificou a boca com vinho branco fresco. Foi quando uma porta se abriu e Norfret entrou. Ao ver o marido, os seus olhos escuros brilharam. Vestia uma túnica feita de gaze branca e um xaile bordado à volta dos ombros. Estava descalça e o colar que atara à volta do pescoço caiu ao chão. Apanhou-o, aproximou-se do marido e debruçou-se sobre ele para lhe beijar uma das sobrancelhas. Os seus olhos revelavam uma expressão maliciosa e os seus lábios haviam-se entreaberto num sorriso.

- Salve, juiz do faraó...! O homem mais sábio do Egipto! Pegando-lhe no rosto com as mãos, Amerotke beijou-a nos lábios.

- Salve, Norfret, deusa da lisonja perfumada!

Segundos depois, Ahmés e Curfai irromperam no vestíbulo, aos gritos, felizes por verem o pai, mas, lembrando-se da educação que este lhes dera, prestaram-lhe a devida homenagem, agarraram em Chufoi e saíram do vestíbulo.

Durante algum tempo, a confusão imperou. Os servos entravam e saíam, enquanto Norfret tentava contar a Amerotke como correria o seu dia: a febre de Ahmés havia baixado, um dos cães entrara no lago dos peixes e não conseguira compreender o que lhe dissera o encarregado do mel. Por fim, ficaram a sós e subiram ao telhado plano, que servia de terraço, onde fora posta uma mesa com várias iguarias, entre duas poltronas. Norfret gostava muito de sentar-se ali, à noite. Sentia-se fascinada pelas estrelas e costumava descrever a Amerotke como algumas delas se moviam de forma diferente. Porém, naquele momento, mostrava-se particularmente insistente em saber tudo sobre os Mitânios e o Templo de Anúbis.

- Ouvi algumas histórias - comentou, pestanejando sobre as sacerdotisas, que são muito hábeis no amor. Aprendem todas as artes, desde o momento em que iniciam a carreira. Conta-se que um visitante, vindo da capital dos Mitânios, morreu de prazer...

- Não passam de boatos - replicou Amerotke, em tom zombeteiro. - Os Mitânios até podem ser os melhores amantes, mas são, também, ferozes guerreiros. Gostam de matar e

de derramar sangue - acrescentou, debruçando-se para a frente e acariciando, com os dedos, o rosto da mulher. - Se atacassem e saqueassem Tebas, não deixariam de te capturar e isso não seria nada agradável.

Norfret estremeceu e puxou o xaile que, entretanto, lhe caía dos ombros.

- Nunca me capturariam! - sibilou. - Então, meu senhor juiz, já não estás no tribunal. Senteste confuso? Atordado pela inteligência de uma mulher e pela sabedoria de uma esposa?

Amerotke reclinou-se no espaldar da poltrona.

- O Templo de Anúbis tornou-se um local de morte.

- Conta-me tudo - pediu Norfret.

- Primeiro, temos uma série de mortes misteriosas e inexplicáveis. Alguns animais e peixes foram envenenados, se bem que se desconheça o motivo. Uma dançarina também foi encontrada morta num dos pavilhões dos jardins do templo. Não havia indícios de que tivesse bebido ou ingerido veneno, mas o médico... e tenho-o na conta de um homem inteligente... mencionou a rigidez dos músculos da rapariga, o que significa, em seu entender, que lhe foi administrada uma poção tóxica. Como, porquê e por quem, isso continua a ser um enigma. Depois temos um dos membros da delegação dos Mitânios, o Snefru. Retira-se para os seus aposentos, cuja porta e janelas estão fechadas. Quando a porta é arrombada, o Snefru é encontrado morto. Apresenta os mesmos sintomas da dançarina, mas a origem do veneno e a forma como o assassinio foi cometido permanecem envoltos em mistério.

Amerotke fez uma pausa e contemplou a cidade, ao longe. Apesar da bruma proveniente do rio, as luzes de Tebas piscavam na escuridão.

- E não fazes ideia porque ocorreram essas mortes?

- Não. Temos também outros dois incidentes. Já ouviste falar, decerto, do Sinuhe, o viajante...

- Claro. É um grande contador de histórias.

- Segundo parece, visitou o Templo de Bes, em ruínas. Alguém o matou e atirou o seu corpo ao rio. O cadáver foi tirado das águas pelos Filhos do Nilo, antes que os crocodilos o

devorassem. Sabemos que o Sinuhe tinha um livro de papiro, em que narrava as suas viagens, o que seria muito útil aos mercadores de Tebas ou à nossa Casa da Prata. Os tesoureiros estão sempre ansiosos por explorar rotas desconhecidas, formar caravanas que atravessem o deserto ou enviar frota que naveguem pelo Grande Verde e possam descobrir novas fontes de prata, ouro e pedras preciosas.

- E a divina Hatusu?

Amerotke não pôde deixar de detectar uma ponta de sarcasmo na voz de Norfret. A sua mulher era, por norma, respeitosa, mas tinha as suas ideias muito próprias acerca da governante do Egipto, e ficava sempre de pé atrás quando a rainha o mandava chamar.

- É uma mulher - insistiu Norfret, - Sim, também tem o título de faraó, é a encarnação de Hórus, a emanção do deus Ré, mas nem por isso deixa de ser uma mulher, o que me leva a desconfiar que a divina Hatusu se serve tanto do seu encanto e aspecto físico como do poder de Amon.

Amerotke sorriu.

- A divina Hatusu gostaria muito de ter esse manuscrito em seu poder. Exerce pleno domínio sobre os sacerdotes e os exércitos vêm comer-lhe à mão.

- Mais contente ficaria se os mercadores se comessem uns aos outros - replicou Norfret, rindo-se. - Mas continua...

- Chegou-se à conclusão de que o Sinuhe ia encontrar-se com alguém importante. Embora fosse um homem que não se interessava pela maneira como andava vestido, envergara a sua melhor túnica e escolhera as suas melhores sandálias.

- Também devia ser alguém que ele não queria que os outros vissem - acrescentou Norfret. - Por isso escolheu encontrar-se com ele ou com ela num templo abandonado.

- Exactamente, luz da minha vida - concordou Amerotke, sorrindo. - E quem quer que se tenha encontrado com o Sinuhe... matou-o. Os Filhos do Nilo dizem que alguém trajado como Anúbis, com um saiote preto, de couro, e uma máscara, foi visto perto do templo. O Sinuhe era um homem cortês, mas de personalidade forte. Nunca perderia a vida

sem oferecer resistência. No entanto, está morto e o seu manuscrito desapareceu.

- E a *Glória de Anúbis* Correm boatos...

- Aí está um verdadeiro mistério... Amerotke bebeu um pouco de vinho.

- Mas que vai fazer as delícias dos meus filhos. A *Glória de Anúbis* é uma ametista sagrada que se encontrava numa capela lateral do templo. Não há passagens secretas para a capela. A porta tem uma fechadura. Além do mais, um tanque de água impede qualquer um de entrar na capela, onde um sacerdote de vigília permanece lá fechado, durante toda a noite, enquanto um outro fica de guarda, do lado de fora. Este é servido por uma sacerdotisa do deus. Como se não bastasse, todo o recinto é patrulhado pelo capitão da guarda. Não aconteceu nada de estranho, mas, na manhã seguinte, a porta teve de ser arrombada, o sacerdote de vigília foi encontrado morto e verificou-se que a *Glória de Anúbis* havia desaparecido.

- Há uma ligação entre todos esses crimes? - perguntou Norfret.

- Talvez sim, talvez não - respondeu Amerotke, depois de bater com a taça de vinho nos dentes. - Existe a possibilidade de os Mitânios estarem por trás do que aconteceu. A delegação que se encontra no templo é comandada por uma mulher tão esperta como um mangusto. Depois, não estou bem certo se os Mitânios desejam ou não a paz. Talvez um deles queira provocar o caos, de forma a que o Tuhratta se retire e cesse, definitivamente, as negociações de paz. No entanto, porquê e de que forma essa pessoa comete os assassinios continua a ser um mistério. A morte do Snefru encaixa-se num argumento lógico. Mas... e a pobre dançarina? Que perigo constituiria uma *heset* do Templo de Anúbis?

- Podias analisar as coisas ao contrário.

Norfret virara-se de lado e pegara numa lamparina de alabastro para poder ver melhor o rosto do esposo.

- Já pensaste na possibilidade de os assassinios terem sido perpetrados pela divina Hatusu ou, pelo menos, por alguém a seu mando? Talvez seja ela que queira provocar o caos e deseje que o Tuhratta se retire, o que lhe daria pretexto para uma nova guerra.

- É uma possibilidade - anuiu Amerotke. - Se a princesa Uanef é um verdadeiro mangusto, a divina Hatusu não é menos astuta...

- E o Senenmut? Amerotke meneou a cabeça.

- Não, é um homem honrado. Tem força física e destreza para matar, pode ser ardiloso, mas, para o Senenmut, a paz é importante. Foi ele que persuadiu a divina Hatusu...

- Na sala do conselho ou na cama?

Amerotke sorriu. Preparava-se para responder quando ouviu um dos seus filhos gritar. Chufoi surgiu na base da escada para tranquilizar o amo e explicar-lhe que Curfai estava a ter um pesadelo.

- Pode ter sido a divina Hatusu - prosseguiu Amerotke -, mas os Mitânios continuam a ser os principais suspeitos. É possível que sejam os responsáveis por estas mortes, de que se servem para provocar o caos e conseguir um pretexto para se retirarem. Mas não se ficaram por aí, acrescentando o insulto à injúria contra o povo egípcio, roubando a *Glória de Anúbis* e o manuscrito do Sinuhe.

- Apesar de tudo, sou forçada a concordar com a tua teoria - contrapôs Norfret, servindo-se de um pouco mais de vinho. - Disseste-me que eles veneram um deus-cão. O homem mascarado que foi visto junto à margem do Nilo pode ser um deles. Nunca desperdiçariam qualquer oportunidade de deitar a mão ao manuscrito do Sinuhe e decorar um dos seus templos com a *Glória de Anúbis*. Porém, se fosse esse o caso, isso significaria que os representantes dos Mitânios tinham acesso fácil à capela.

Amerotke contemplou o céu. Estava convencido de que já falara com o assassino de Nemrat e com o responsável pelo roubo da ametista sagrada; mas qual deles seria? Kheti, Tetiki? Ita? Teriam sido subornados pela delegação dos Mitânios? Teriam recebido ajuda, em segredo, para cometer um assassinio e um sacrilégio? Seria por isso que Sinuhe se dirigira ao Templo de Bes? Nunca haveria de querer que alguém visse um mitânio a rondar a sua casa, o que poderia explicar a figura mascarada que fora vista perto das ruínas do templo em ruínas. Cansado, Amerotke deu uma palmada na coxa.

- Não há grande lógica em nenhum dos assassinios, nem, muito menos, no roubo da ametista.

Norfret levantou-se e foi sentar-se ao lado do esposo.

- Onde era guardada a chave da porta da capela?

- Só há uma chave. Ainda estava no cinto do sacerdote assassinado, quando a porta da capela foi arrombada.

Norfret desenhou, com a ponta dos dedos, os contornos do rosto do esposo.

- Não precisas de mo dizer. Já sei que vais ficar aqui a meditar até que o céu se aclare e o fôlego do divino Amon traga a manhã. Por outro lado, podes ir aos meus aposentos, onde falaremos de tudo isso... - sussurrou, enfiando a mão por baixo da túnica de Amerotke, que a beijou nos lábios.

- Estás a tentar subornar-me?

- Meu nobre juiz e senhor! - protestou Norfret, fingindo-se indignada.

Amerotke puxou-a para si e beijou-lhe a face perfumada.

- Porque não precisas de subornar-me, sabias...? - sussurrou.

- Com ou sem suborno - murmurou Norfret, desapertando as fitas da túnica -, o facto é que a sessão do tribunal acaba de começar...

Ueni, o arauto, também se entregou ao prazer nessa noite, recebendo a visita de uma jovem dançarina no seu quarto. Haviam bebido vinho, comido e dançado. Agora, a rapariga retirara-se, porque Ueni fora chamado. Vestiu uma capa e cobriu a cabeça com o capuz. Olhou à sua volta. O quarto estava impuro e, mais uma vez, aspergiu o rosto suado com água. Bebera de mais e o empenho da dançarina em satisfazê-lo havia-o deixado exausto, mas tinha de responder ao chamamento. Pegou no pequeno galho de acácia que alguém fizera passar por baixo da porta, juntamente com a folha de um tamarindro, o sinal combinado para um encontro no local do costume. Ouviu, ao longe, a trombeta, anunciando o início da terceira vigia da noite, o que significava que reinava a paz no templo e nos jardins adjacentes.

Ueni abriu a porta do quarto e seguiu pelo corredor.

A mansão que partilhava com Mareb e vários escribas que haviam sido enviados da Casa de Paz estava imersa no mais absoluto silêncio. Parou em frente da porta do quarto de Mareb e abriu-a. O outro arauto dormia na sua cama, enquanto a sua túnica e as sandálias estavam espalhadas pelo chão. Ueni sorriu e desceu a escada. Ao vê-lo, o velho porteiro esfregou os olhos remelosos.

- Vais sair tarde, meu senhor - comentou, com voz estridente.

- Não consigo adormecer...

O porteiro abriu-lhe a porta. Lá fora, o ar era frio mas inebriante, devido às mil e uma fragrâncias que emanavam do jardim: o perfume das flores, o odor a sândalo e a mirra dos sacrifícios, bem como o cheiro a carne assada, vindo das cozinhas. Ueni esgueirou-se pelo jardim relvado. Ao longe, ecoava o uivar de um cão. A Lua parecia um disco prateado. Nas árvores, bandos de pássaros pipilavam, enquanto, no lago sagrado, as rãs não cessavam de coaxar. Ueni parava, de tempos a tempos, para se certificar de que não era seguido. Embrenhou-se nos jardins, passando pelos vinhedos e pomares, até alcançar um pequeno bosque de acácias e tamarindros. Ali chegado, acorou-se e esperou. O tempo passou. Ueni começou a impacientar-se. Preparava-se para se ir embora quando um seixo caiu a seus pés.

- Estás aí? - perguntou, dirigindo-se à penumbra.

- Claro que estou aqui! Já cá estava, muito antes de tu chegares!

- Então, porque me fizeste esperar tanto tempo?

- Queria ter a certeza de que ninguém me seguia. Nunca me trairias, pois não, Ueni? Os Egípcios são muito desconfiados, principalmente agora que a *Glória de Anúbis* desapareceu e houve todas aquelas mortes...

Ueni assustou-se. Quem quer que lhe falava, disfarçava a voz e não conseguia distinguir se era homem ou mulher, nem se era um egípcio ou um estrangeiro.

- Bom, mas o que importa é que fizemos um acordo continuou a voz, num tom mais coloquial. - Lembra-te, Ueni? Guardaste em lugar seguro o tesouro do Sinuhe?

Ueni engoliu em seco. Subitamente, a saliva desaparecera da sua boca.

- Astucioso Ueni - sussurrou a voz -, a quem vais vender um tal tesouro? Aos Egípcios ou aos Mitânios? Não te esqueças de que o Núbios e os Líbios também são excelentes mercadores e pagar-te-iam muito bem.

- Ah, estás a referir-te ao manuscrito! - exclamou Ueni.

- Sabes, Ueni... Admiro o túmulo da tua família.

- O que é que isso tem a ver com o resto? A minha mulher está enterrada lá.

- E foi onde escondeste o manuscrito, não é verdade? Quem se lembraria de vasculhar um túmulo?

- Pára de escarnecer de mim!

- Ueni, Ueni! Quem te emprega realmente, agora? És meio mitânio, não é assim? Trabalhas para a divina Hatusu ou para o Tchratta? Sim, eu sei que és um espião. Queres que te conte um segredo? Para mim, o senhor Ueni não trabalha para ninguém, a não ser para ele próprio - Seguiu-se um riso abafado. - Mas não te esqueças, Ueni: conheço todos os teus pequenos segredos! Como, por exemplo, aquele relacionado com a tua mulher... O corpo do amante dela ainda continua a apodrecer debaixo de uma laje, no Templo de Bes... Também estou a par das outras mortes... acidentais, bem como da tua ligação com o homem dos crocodilos, para não falar de todas as demais vigarices e traições. E não podemos esquecer-nos da *Glória de Anúbis*. Mas já lá iremos! Não passas de uma rameira, Ueni, disposto a venderes-te àquele que melhor pagar...

- Posso deitar as minhas mãos à ametista mais depressa do que tu julgas! - ripostou Ueni.

- Não a queremos, pelo menos, por enquanto... E quanto aos segredos, Ueni? O que foi que o pedreiro Senenmut te disse? Quais são as verdadeiras intenções dos Egípcios? Querem a paz ou a guerra?

- Não sei... Estás a baralhar-me... Primeiro, o manuscrito e, depois, tudo isto...

- Cala-te! Ueni estacou.

- Ouviste aquilo? - perguntou a voz.

- Tenho de ir-me embora... - balbuciou Ueni, recuando.

- Não, não; chegaremos a um acordo esta noite. Ouve continuou a voz, agora, em tom veemente -, vamos sair daqui, porque não me sinto à vontade neste lugar.

- Para onde queres ir? - perguntou Ueni, admirado.

- Para uma grande azinheira, perto do fosso dos cães. Como se encontra no meio de terrenos abandonados, está tudo deserto. Quando ali chegares, voltarei a aparecer e fecharemos negócio.

- E os guardas?

- Não te preocupes com isso - sussurrou a voz. Conta até cem e, depois, segue-me, mas não antes de terminares a contagem!

- O que acontecerá, se eu resolver afastar-me de tudo isto?

Ueni estava assustado. Sentia-se exausto e um pouco embriagado, o que lhe provocava um profundo mal-estar perante o que estava a passar-se naquele momento.

- Como podes afastar-te, Ueni? Estás envolvido na morte do Sinuhe e no furto do seu manuscrito, no roubo da *Glória de Anúbis* e nas outras mortes, e posso prová-lo. Se a divina Hatusu descobrir que não és da sua confiança, a quem irás recorrer? E se eu disser aos Mitânios quem és realmente, que conforto julgas que terias junto deles? Ficarei à tua espera, junto à azinheira.

Tremendo de medo, Ueni escutou um leve movimento e começou a contar. De quando em vez, saltava alguns números, mas por fim, terminou a contagem e atravessou os terrenos do templo. Havia alguns archotes acesos e, à medida que se aproximava da azinheira, mais forte se tornava o ladrar dos cães. Ueni estremeceu. Queria obter riquezas para o seu túmulo. Fora assim que todo aquele jogo começara. O seu visitante secreto abordara-o, pouco depois da chegada dos mitânios a Tebas. Ueni ficara aterrorizado com tudo o que o seu misterioso contacto sabia acerca dos seus segredos, e não tivera qualquer alternativa senão a de concordar com as condições, mesmo que a quantia relativa ao suborno fosse considerável.

Ueni alcançou a azinheira, com os seus grandes ramos estendidos, como as patas de uma aranha gigantesca. Saltou, assustado

ao aperceber-se de uma correria, ali perto. Olhou à sua volta: do ponto onde se encontrava, podia ver os portões do fosso dos cães. Os animais, estranhamente, haviam-se calado. Ueni também avistou algumas poças, que brilhavam ao luar. Virou-se, mas estacou, horrorizado. Poças? Mas não chovera durante o dia! Olhou de novo. Dava a ideia de que alguém andara a lançar água pelo chão, desde os portões até ao local onde ele se achava. Ueni deu um passo em frente, baixou-se e tocou no solo húmido. Não era água! Era sangue! Foi então que ouviu a matilha sagrada uivar, mas, naquele momento, muito mais perto de si. Ueni desatou a correr. Um cão surgira e pudera ver, recortado contra o luar, o corpo negro do animal. Os outros cães, entretanto, já se haviam juntado ao chefe da matilha. Onde estavam os guardas? E o intendente dos cães? Os animais não podiam andar em liberdade! Como num pesadelo, o chefe da matilha avançou na direcção de Ueni, que desapareceu na escuridão, perseguido pelos cães de Anúbis.

Anúbis aparece pintado de negro, uma cor simbólica, que talvez pretenda representar o renascimento.

CAPÍTULO 7

A carnificina que assolou o Templo de Anúbis chocou Amerotke. Asural e Prenhoe haviam-no despertado, pouco antes do alvorecer, para lhe contar histórias aterrorizadoras de como a matilha sagrada saíra do fosso. Amerotke terminou a suas abluções, vestiu-se à pressa e, acompanhado por um rabugento Chufoi, seguiu para a cidade. O intendente dos cães já chegara, e o seu rosto pálido deixava transparecer o medo que sentia. Por toda área consagrada ao templo havia archeiros do Esquadrão da Cobra do Regimento de Ísis. Senenmut, cujo rosto era uma máscara de ira, comandava as operações. O vizir pegou em Amerotke pelo braço e puxou-o para um dos pórticos.

- Vais ver algo, meu senhor Amerotke, que te fará pensar que a estação da hiena regressou.

Dito isto, conduziu Amerotke até aos jardins. À sombra de um cedro jaziam macabras trouxas ensanguentadas. Eram cadáveres, que haviam sido cobertos com panos. Amerotke estremeceu ao ver uma mão. Cadáveres de cães também se espalhavam pelos jardins. Observados de perto, pareciam ferozes, mesmo depois de mortos. Os seus corpos haviam sido trespassados por setas e as suas gargantas cortadas, o que fazia com que poças de sangue saíssem das suas mandíbulas ferozes, de onde, porém, não mais sairia qualquer uivo nem qualquer latido.

- Que os deuses nos abençoem a todos... - murmurou Amerotke, mal feito daquela visão macabra.

- Vais encontrar muito mais cenas como esta, em todos os terrenos do templo - replicou Senenmut, apontando para o cadáver de um cão. - Dois cães conseguiram fugir para a cidade e os arqueiros ainda andam atrás deles.

- O que aconteceu?

Mal enunciou a pergunta, Amerotke calou-se. Mareb acabara de chegar. Deixara de ser o elegante mensageiro; não tinha o rosto escanhado e estava envolto num manto, atado com uma corda.

- Que notícias me trazes da delegação dos Mitânios? perguntou Senenmut.

- Encontravam-se nos seus aposentos e insistem que devem regressar ao oásis das Palmeiras para pedir conselho ao rei Tchratta, porque afirmam não estar a salvo aqui.

- Os cães atacaram-nos? - interrompeu Amerotke.

- Não, porque todos se encontravam nos seus aposentos, em segurança - respondeu Mareb. - No entanto, a princesa Uanef fez questão de dizer que eles costumam acordar antes do nascer do Sol, para proceder a um sacrifício num dos bosques do templo.

- Mas correram algum risco? Mareb abanou a cabeça negativamente.

- O incidente deu-se durante o terceiro quarto da noite respondeu, com um sorriso contrafeito -, embora seja forçado a compreender o argumento que invocam. Se tivessem saído, por qualquer motivo, não restaria, neste momento, nenhum sobrevivente da delegação, o que os leva a pensar que se tratou de uma armadilha arquitetada contra eles.

- Isso significa o fim das negociações? - quis saber Amerotke.

- Não me parece - comentou Senenmut. - Penso que eles estão tão desorientados como nós. Bom, mas deixemo-los partir para o oásis. - Fez sinal a Mareb para que se aproximasse. - Já falaste com o intendente dos cães?

- Segundo me disse, estava tudo em ordem. Os portões do fosso achavam-se fechados e trancados, e havia ainda um guarda que, pelo que consegui perceber, também foi morto. Alguém lhe terá roubado a chave para abrir os portões...

- E como souberam os cães que os portões estavam abertos?

- É simples. Segundo parece, o cadáver do guarda foi colocado em frente dos portões. Para além disso, serviram-se de uma taça de sangue, roubada de um dos santuários, para empapar o chão que circunda a entrada do fosso.

- Claro... - murmurou Senenmut. - Os cães farejaram o cheiro do sangue e procuraram o local onde fora derramado...

- Quantas pessoas morreram? - perguntou Amerotke.

- Bastantes: duas dançarinas tinham adormecido num dos pavilhões. Ouviram um ruído e tiveram a infelicidade de sair de lá... Alguns dos guardas de outros recintos do templo também não conseguiram fugir a tempo.

Senenmut conduziu-os novamente ao local onde se amontoavam os cadáveres e ergueu um pano que cobria uma das vítimas. Amerotke tapou a boca com a mão e virou o rosto. Mal conseguiu reconhecer Ueni, cujo corpo e rosto estavam mutilados. Senenmut baixou o pano, enquanto Mareb se afastou para vomitar. O mensageiro regressou, enxugando a boca com a mão.

- Agora, examinemos o fosso dos cães - declarou o vizir. Encontraram os portões fechados e sob forte vigilância.

O capitão do Esquadrão da Cobra mandara os seus homens postarem-se a toda a volta do fosso, com as setas colocadas nos arcos. Um pouco mais longe, um descoroçoado intendente dos cães encontrava-se sentado à sombra de uma azinheira. Ao ver o vizir, levantou-se e aproximou-se, cabisbaixo.

- Quantos cães foram mortos? - perguntou-lhe Senenmut.

- Era uma matilha de trinta e quatro cães, com algumas crias. Dezasseis morreram e dois ficaram apenas feridos, mas cortei-lhes as gargantas.

- Agora estão em paz - declarou Senenmut.

- Também deitei uma poção no bebedouro - acrescentou o intendente dos cães, encolhendo os ombros. - Caçaram, saciaram a fome e dormirão o resto do dia. Meu senhor Senenmut, o templo exigirá uma compensação.

- Como foi que isto aconteceu? - perguntou Amerotke. Antes de responder, o intendente dos cães passou a mão pelos olhos avermelhados.

- Pelo pouco que sei, alguém matou o guarda. Pouco restou dele...

- Era um bom vigilante? Podia ter cometido algum erro?

- Era competente e um grande soldado. Não consigo entender; não há ferimentos de setas nos seus restos mortais e seria preciso ter a perícia de um excelente arqueiro para o matar de noite... Por outro lado, a curta distância...

- O guarda teria empunhado o seu arco e ter-se-ia defendido? - rematou Amerotke.

- Exactamente. Estava longe de ser um recruta sonolento. Além de que era muito bem pago para exercer as suas funções...

- Continua - ordenou Senenmut.

- O assassino tirou, então, a chave do cinto do guarda, destrancou o portão e arrastou o cadáver para o interior. O intendente dos cães indicou as manchas avermelhadas, já secas, que se alastravam pelo chão de pedra. - Por fim, pegou num odre cheio de sangue e deixou um rasto entre o portão e aquela azinheira.

- Isso não seria extremamente perigoso para o assassino?

- Não, meu senhor juiz Amerotke. Os cães demorariam algum tempo a detectar o cheiro do sangue. Primeiro, ficariam curiosos mas desconfiados. Já alguma vez viste uma matilha preparar-se para caçar? É um autêntico ritual. Assim que o chefe da matilha dá o sinal, nada os pode deter. Percorreram toda a área do templo. Tal como muitos outros, acordei com gritos e com o ladrar dos cães, mas pouco podia fazer. Enviámos uma mensagem urgente ao comandante da guarnição mais próxima. Os arqueiros e os soldados de infantaria não tardaram, munidos de archotes. A única coisa de que aqueles cães têm medo é do fogo. Quanto ao resto, já sabes.

Amerotke virou-se para Mareb.

- Se compreendo como as duas *hesets* e os guardas foram apanhados ao ar livre, já não entendo o que fazia o Ueni a vaguear pelos jardins do templo, às primeiras horas da madrugada...

- Falei com o porteiro da mansão onde estamos instalados. Segundo parece, o Ueni divertiu-se, ontem à noite. Talvez tenha bebido mais do que devia e tivesse resolvido passear um pouco para aclarar as ideias...

- Ouviste-o sair?

- Penso que sim - respondeu Mareb. - Estava deitado na minha cama, quando a porta se abriu, como se o Ueni quisesse verificar se eu estava ali, mas depois saiu.

- E porque haveria ele de fazer tal coisa?

Mareb encolheu os ombros. Amerotke agradeceu ao mensageiro e ao intendente dos cães e afastou-se, juntamente com Senenmut. O sol tornara-se mais forte. Os terrenos do templo revelavam já algum movimento: os servos retiravam os cadáveres e limpavam os vestígios da carnificina. O ritual do dia havia sido perturbado: não se escutava o cântico, que, por essa altura, devia ecoar nos portais misteriosos nem, tampouco, a brisa trazia o odor do sacrifício da manhã. Amerotke e Senenmut entraram no templo por uma porta lateral e sentaram-se num corredor sombrio.

- A indignação será geral - queixou-se Senenmut. A divina Hatusu, a Uanef, o Tuchratta, os sumos sacerdotes do templo... O Ser Divino irá exigir uma explicação...

- O divino faraó tem de praticar o exercício da paciência, meu senhor Senenmut.

- Fizeste alguns progressos na tua investigação?

- Não, a não ser confirmar que o sacerdote Kheti, a sacerdotisa Ita e o Tetiki, capitão da guarda, são todos eles suspeitos no que se refere ao roubo da *Glória de Anúbis*. Mas deixemos esse caso de parte, por ora, e concentremo-nos no que aconteceu esta noite. Diz-me, Senenmut: porque foram libertados os cães?

- Para provocar a confusão e assustar a delegação dos Mitânios?

- Exactamente. E o que fazia o Ueni nos jardins, de madrugada?

- Desconfio que o Ueni se dirigiu aos jardins para ir encontrar-se com o seu assassino... - murmurou Senenmut, pensativo, com os olhos fixos numa pintura, em tons de verde e encarnado, que representava um faraó no seu carro de guerra.

- O que te leva a pensar tal coisa? - quis saber Amerotke.

- Nada em concreto. Neste momento, apenas posso entregar-me a especulações. O Ueni era o arauto pessoal da divina Hatusu, não é assim? Apesar de haver persuadido os Mitânios de que estava do lado deles, tanto na guerra como na paz, ou, por outras palavras, de que era um traidor, talvez alguém tenha descoberto que ele actuava sob as ordens da divina Hatusu.

- Por isso, eles decidiram matá-lo... - comentou Amerotke.

- Eles?

- Não sei quantos assassinos possam estar envolvidos neste caso... De qualquer maneira, o Ueni foi atraído para os jardins do templo e os cães foram soltos para matá-lo e, também, para provocar o caos.

Senenmut ainda abriu a boca para rebater aquela opinião, quando a porta lateral do corredor se abriu e Uanef, Hunro e Mensu entraram. Tinham envergado vestes magníficas e oleado os rostos cuidadosamente, como se quisessem demonstrar que não se haviam deixado intimidar pelos acontecimentos da noite anterior.

Senenmut e Amerotke levantaram-se. Uanef sorriu-lhes, mas o seu olhar era severo.

- Meu senhor Senenmut, não quero falar do que aconteceu, mas concordarás, por certo, que esta situação não pode continuar. Devemos regressar ao oásis das Palmeiras para informar o rei Tuhratta do sucedido e pedir-lhe conselho.

- Queres dizer, com isso, que abandonam as negociações?

- Não, meu senhor. No entanto, temos de consultar o rei Tuhratta, que exigirá provas da boa-fé do Egito quanto a esse assunto.

- Nesse caso, como prova da nossa boa-fé, bem como para vos garantir que dizemos a verdade - replicou Senenmut, tocando, ao de leve, no braço de Amerotke -, o meu senhor juiz e o arauto Mareb acompanhar-vos-ão.

Uanef baixou quase imperceptivelmente a cabeça, em sinal de assentimento.

- De acordo. Apresenta as nossas profundas condolências à divina Hatusu pela morte do seu arauto Ueni. Choramos a morte de um homem que tinha o nosso sangue. Era uma criatura tão atarefada...

- O que queres insinuar com isso? - estranhou Senenmut.

- Não podemos deixar de nos interrogar - respondeu Mensu - por que razão andava um arauto a vaguear pelos jardins de Anúbis, de madrugada.

Senenmut encolheu os ombros.

- Tratou-se de um trágico incidente. Doravante, contudo, o fosso dos cães terá vigilância redobrada e tal coisa jamais se repetirá.

Uanef e os dois mitânios saíram. Amerotke apoiou-se a um pilar.

- Sou o juiz da Sala das Duas Verdades; não um mensageiro da Casa de Paz.

- Deves ir ao oásis das Palmeiras. Temos de enviar alguém em quem confiemos; um homem que o Tusratta saiba que é da nossa inteira confiança. Além disso, és dotado de olhos perspicazes e de uma mente sagaz e talvez consigas descobrir alguma coisa. Irás com eles?

Amerotke suspirou antes de concordar.

- Os Mitânios estão agitados - explicou Senenmut. Não querem que os nossos esquadrões os persigam. Encarar-te-ão como um mensageiro sagrado e estarás em segurança.

- O Ueni era meio mitânio? - perguntou Amerotke.

- Penso que sim, pelo lado da mãe.

- E tinha aposentos no templo?

- Sim, para além uma casa na cidade - respondeu Senenmut.

- Nesse caso, não tomarei mais o teu tempo, meu senhor vizir.

Dito isto, Amerotke inclinou a cabeça e saiu.

Chufi, Prenhoe e Asural aguardavam-no, à sombra de um dos pilares, na entrada principal do templo. Amerotke reuniu-se a eles e, depois de pedirem instruções a um servo, atravessaram os jardins em direcção à pequena mansão onde

Ueni estivera alojado. O seu quarto achava-se situado no primeiro andar. A porta estava aberta e entraram. Chufoi correu a abrir a janela e, por fim, começaram a revistar o quarto.

- O que procuras, amo?

- A verdade, seja ela o que for.

Amerotke deteve-se ao ouvir uma pancada na porta. Senenmut entrou.

- Já falámos o suficiente, meu senhor! - exclamou Amerotke.

- Sim, mas pensava na *Glória de Anúbis*. Devemos mandar prender o sacerdote Kheti e os outros?

- Sob que acusação? Não existe o menor indício que os associe ao roubo. Não, meu senhor, deixa-os em liberdade, por enquanto.

Senenmut retirou-se e o grupo retomou as investigações.

- O Ueni bebeu muito ontem à noite - comentou Chufoi, apontando para um jarro de vinho. Depois, pegou numa pulseira. - E teve companhia.

- Ontem à noite, sonhei que uma águia me transportava pelas Terras Vermelhas... - declarou Prenhoe, que espreitava por baixo da cama.

- Obrigado, Prenhoe - atalhou rispidamente Amerotke -, mas esquece a tua águia. Encontraste alguma coisa debaixo da cama?

Prenhoe exibiu um pequeno cofre de madeira e uma trouxa, manchada de lama. Amerotke pegou no cofre, pousou-o na cama e abriu-o. Continha os selos usados pelos arautos e a cartela real de Hatusu, que permitia ao arauto transmitir ou estabelecer a sua autoridade. Amerotke reparou num outro selo, ovalado, de cor verde, com um escorpião de um lado e uma serpente do outro.

- Isto não é um selo egípcio, pois não? - perguntou, entregando-o a Asural.

- Não, é um selo mitânio.

Amerotke despejou o restante conteúdo do cofre sobre a cama. Por entre outros objectos, havia um punhal.

- Depressa! - gritou a Prenhoe. - Vai procurar o senhor Senenmut ou alguém com autoridade! Quero ver o punhal que foi usado para matar o sacerdote Nemrat!

Prenhoe saiu, enquanto Amerotke examinava os outros objectos: anéis, braceletes, pedaços de papiros. Nada, porém, de especial. Só depois observou atentamente o punhal, com a sua lâmina de Canaá e o cabo esculpido em forma de cão.

Pouco tempo depois, Prenhoe regressou com a arma que matara o sacerdote. Amerotke, então, comparou os dois punhais, sopesando-os nas mãos, e verificou que formavam um par perfeito.

- Meu amo, o que se passa?

- Chufoi, tu conheces bem o mercado. Diz-me: punhais como estes costumam ser vendidos aos pares?

- É possível até comprar um conjunto de três, quatro ou mais punhais idênticos.

Amerotke deixou cair os punhais sobre a cama.

- Enganei-me em relação ao Kheti e aos outros dois! De acordo com as provas, o arauto Ueni esteve envolvido no roubo da *Glória de Anúbis*. Este punhal é idêntico àquele que foi” usado para matar o Nemrat!

Dito isto, abriu a trouxa, manchada de lama, que Prenhoe encontrara debaixo da cama. Continha um par de sandálias grossas, com correias, semelhantes às que os soldados usavam, mas o que mais fascinou Amerotke foi a lama seca que se colara às solas. Cheirou-a e, depois, pousou as sandálias no chão.

- Asural, examina estas sandálias. Por onde julgas que andou a pessoa que as trazia calçadas?

Após uma rápida observação, o capitão da guarda do Templo de Maet declarou:

- Nos lamaçais do Nilo.

- Bom - continuou Amerotke, sentando-se. - Chufoi, vai até ao mercado. Leva o punhal contigo e vê se consegues encontrar o comerciante que os vende. Asural e Prenhoe, dirijam-se ao intendente dos registos. Quero que descubram onde fica a casa particular de Ueni. Se for necessário, arrombem a porta e rebusquem-na, de cima a baixo. Mais tarde, o arauto Mareb escoltar-me-á até ao oásis das Palmeiras. Não, Chufoi, nem vale a pena perguntares! Não podes ir comigo. O teu dever é ir informar a Norfret, a tua ama, da minha ausência e assegurar-lhe que não corro qualquer perigo. Por isso, ficava-vos muito grato se regressassem quanto antes.

Mal os seus companheiros saíram, Amerotke exalou um suspiro de alívio e fechou a porta. Sentia o pescoço rígido e dores nas pernas, provocadas pela tensão a que estivera exposto. Tinha, também, certa dificuldade em concentrar-se e perguntou a si próprio se não teria contraído a febre que deixara Ahmés doente.

- Será tudo fruto da minha imaginação? - exclamou, no quarto vazio. Norfret tinha por costume zombar da maneira como, ao raciocinar, a mente do esposo dava voltas e mais voltas, à semelhança de um pássaro que caísse do céu.

Devia estar no tribunal, naquele momento, mas os casos teriam de esperar ou serem atribuídos a tribunais menores ou a outro juiz. Amerotke tentou abstrair-se das suas próprias dores. Que mais tinham aqueles mistérios em comum? Uma ametista desaparecida. A morte de uma dançarina. Peixes e animais mortos no Templo de Anúbis. O assassinio de Snefru. A eliminação do arauto Ueni. A descoberta de provas que indicavam que Ueni talvez não fosse o que afirmava ser ou, sequer, o que pretendia ser.

”Se, pelo menos, eu conseguisse encontrar um elo de ligação...”, pensou.

Por fim, estendeu-se sobre a cama. Tentava encontrar alguma lógica em tudo o que acontecera. O que iria dizer a Tchratta? Porque insistira Uanef em ver o seu rei? Fora apenas uma medida diplomática? Sentindo as pálpebras pesadas, Amerotke cedeu ao sono. Só acordou quando deu por Asural e Prenhoe fitando-o, ansiosos.

- Pensámos que te acontecera alguma coisa - explicou o capitão da guarda.

Amerotke soergueu-se e esfregou os olhos.

- Há quanto tempo saíram daqui?

- Há, pelo menos, duas horas. Descobrimos o que querias.

Asural esvaziou então no chão o conteúdo de um saco de couro. Amerotke levantou-se da cama. No soalho, estava uma máscara de Anúbis, preta e dourada, um saiote de guerra e uma pequena bolsa, muito velha. Asural enfiou as mãos no interior da bolsa e entregou a Amerotke um fragmento de papiro.

- Lê a inscrição...

O juiz depressa se deu conta de que o papiro era muito antigo porque estava bastante seco; era do género usado pelos escribas para produzir documentos. Apresentava estranhos hieróglifos, rabiscos e marcas, e Amerotke apenas conseguiu reconhecer a palavra "Sinuhe".

- Mais alguma coisa?

- Não chega? - replicou Asural, fanzindo o sobrolho.

- Para que precisaria o Ueni de uma máscara de Anúbis e de um saiote de guerra de couro preto? - adiantou Prenhoe. - Não houve várias pessoas que avistaram uma figura vestida dessa forma perto das ruínas do templo de Bes, no dia em que o Sinuhe foi morto?

- Agora, tudo faz sentido - replicou Amerotke. - O Ueni usou a máscara e o saiote. Podia passar tanto por um egípcio, como por um mitânio. Deve ter convencido o Sinuhe a encontrar-se com ele num local ermo, onde o assassinou. Não restam dúvidas de que o saco pertence ao Sinuhe, mas onde está o manuscrito?

- Não sabemos. Nem sinais dele - informou Asural. O Ueni era um homem estranho... A sua casa estava praticamente vazia.

- Não te esqueças de que era um arauto e que, por isso, viajava frequentemente - contrapôs Arnerotke.

- Fizemos algumas perguntas a um dos seus vizinhos explicou Prenhoe. - Disse-nos que uma mulher entrou na casa do Ueni, ontem de manhã. O homem não conseguiu descrever a sua aparência, mas avistou, ainda que de longe, uma peruca, alisada com óleo, e um xaile colorido. Mesmo assim, cumprimentou a mulher, que lhe respondeu numa língua gutural, como se...

- A princesa Uanefl - sibilou Amerotke.

- É muito provável, porque o vizinho do Ueni se convenceu de que a mulher era estrangeira.

- O homem era muito tagarela - declarou Asural. Quando lhe perguntei quais eram os hábitos do Ueni e de que forma passava o tempo e gastava o seu dinheiro, respondeu-me que o único e exclusivo assunto de conversa para o Ueni

era o belo túmulo que comprara, para si e para a sua falecida mulher. O vizinho adiantou, ainda, que o Ueni visitava frequentemente o túmulo e que adquiria muitos ornamentos para o decorar.

Amerotke, que, entretanto, se sentara na beira da cama, levantou-se. Sentia-se mais descansado e mais lúcido.

- Ao que tudo indica, o nosso Ueni trabalhava para si próprio. Podia ser o arauto pessoal da Hatusu, mas foi subornado pelos Mitânios para roubar a *Glória de Anúbis* e o manuscrito do Sinuhe. Pelo menos, os indícios apontam nesse sentido.

Amerotke ouvira falar de pessoas como o Ueni, para quem a grande ambição das suas vidas era a aquisição e decoração de um belo túmulo. Uma ambição que se prolongava depois da morte, concluiu, com algum cepticismo. A riqueza crescente da classe mercantil, dos nobres e dos soldados manifestava-se na necrópole, onde prosperavam os embalsamadores, os carpinteiros especializados em talhar sarcófagos e as lojas funerárias. Os túmulos não só representavam um sinal de riqueza e de estatuto, mas...

Despertando do seu devaneio, sorriu.

- O que se passa, meu amo?

- Vão buscar as vossas capas - replicou o juiz, avançando para a porta. - Vamos até à necrópole. Julgo saber onde o Ueni escondeu o manuscrito do Sinuhe...

A zona portuária do Nilo fervilhava de gente quando Amerotke e os seus dois companheiros subiram a bordo da pequena embarcação de pesca, que fazia a travessia do rio. A tripulação, constituída por três homens, examinou os passageiros de alto a baixo e, logo de seguida, os homens começaram a falar, entre si, na língua franca do porto.

- Calem-se! - vociferou Asural. - Compreendi perfeitamente o que disseram. Não somos tão estúpidos como parecemos! Pagaremos apenas uma peça de cobre pela travessia e nada mais!

Os três homens fitaram-no, surpreendidos, mas, por fim, indicaram a Amerotke e aos seus companheiros os lugares onde podiam sentar-se. Desfraldaram as velas e navegaram

pela parte mais estreita do rio, em direcção ao pequeno cais de desembarque situado em frente da necrópole. O calor era opressivo e nuvens negras de mosquitos e de moscas voavam por cima das margens pantanosas. De tempos a tempos, bandos de pássaros levantavam voo, subitamente, conferindo manchas de cor ao céu límpido. O rio apresentava-se despojado de embarcações, uma vez que pescadores, mercadores e viajantes haviam procurado abrigar-se do sol do meio-dia. Quanto aos odores do Nilo, eram pungentes como sempre: o cheiro a peixe salgado e a enxofre e, à medida que se aproximavam da outra margem, aquele bizarro odor da Cidade dos Mortos, impregnado de especiarias, sal de natrão, cola e resina.

- Vão visitar os vossos túmulos? - perguntou o homem do leme. - Era o que eu queria ter... Um pequeno túmulo para mim e para a minha mulher... Poder ir até lá, durante os festejos, com os meus parentes, e mostrar-lhes o que era nosso. Olhou, então, para Amerotke, sentado à sua esquerda. - Tens um túmulo teu, meu senhor?

- É um túmulo pequeno - respondeu Amerotke -, para os meus pais e o meu irmão mais velho.

Asural fitou-o, surpreendido. Amerotke raramente se referia ao irmão mais velho, porque, a seu respeito, havia um mistério ou um escândalo que se perdera nas brumas do tempo. Amerotke virou-se, dando a entender que não pretendia continuar a conversa. A questão do túmulo familiar era uma constante fonte de discussão entre ele e Norfret. Amerotke acreditava nos ritos e na jornada para o mundo inferior, mas, como havia confessado à mulher, considerava repugnantes tanto o simbolismo religioso como a obsessão pelos sarcófagos. Nobres e mercadores poderosos de Tebas chegavam mesmo a organizar festas e jantares nos seus túmulos e a convidar os amigos para que viessem ver os seus últimos sarcófagos. Sacudindo a cabeça, o juiz procurou afastar aqueles pensamentos da mente. Agora que se aproximavam do cais, contemplou o emaranhado de ruas, lojas e bancas. Acima da necrópole, avistava-se uma formação rochosa encarniçada, o pico do Ocidente, dedicado a Meretseger, a deusa-serpente e amante do silêncio.

- Tenham cuidado com a deusa do pico do Ocidente. -

Asural murmurava a sua prece favorita. - Ataca instantaneamente, sem avisar.

- Talvez não ataque hoje - replicou Amerotke.

A tripulação já baixara as velas e o homem do leme atracou a sua embarcação ao cais com grande perícia. Amerotke pagou uma peça de cobre pela travessia, agradeceu e desembarcou, seguido pelos seus dois companheiros. Subiram, então, pela estrada sinuosa que conduzia à necrópole, parando em frente do novo santuário de Osíris, o mais importante deus dos mortos do Ocidente. Seguindo o ritual, murmuraram uma curta prece e, por fim, retomaram a caminhada pela encosta escarpada que desembocava na Cidade dos Mortos. Mesmo num dia soalheiro, era uma experiência bizarra, porque tiveram de passar em frente das casas de embalsamadores, carpinteiros de sarcófagos, vendedores de velas, pintores e artesãos de mobiliário fúnebre. Através das janelas abertas, podiam entrever-se sarcófagos encostados às paredes, em verdadeiras lojas onde os clientes podiam escolher aquele que, em seu entender, tivesse os desenhos mais bonitos, enquanto nas soleiras das portas se apinhavam aprendizes, com tabuleiros de sarcófagos em miniatura pendurados ao pescoço. O ar era pesado e desagradável, devido ao odor intenso a natrão, vinho de palma, incenso, mirra e cássia, substâncias que os embalsamadores usavam para encher os cadáveres, depois de os esventrar e limpar.

Saíram do mercado, seguindo por um carreiro que levava a uma verdadeira colmeia de túmulos esculpidos em granito. A dada altura, afastaram-se para deixar passar um cortejo fúnebre. O sarcófago repousava sobre um carro puxado por bois, seguido pelas carpideiras, cujos gritos e choro quase abafavam por completo as orações dos sacerdotes. Por fim, Amerotke chegou ao gabinete do superintendente dos túmulos, um homem gordo e imponente, sentado em frente da porta, a abanar-se com um leque, enquanto baixava a cabeça, retribuindo as saudações dos mercadores que passavam.

- Tenho de visitar o túmulo do arauto Ueni.

- A sério? - replicou o homem, sem sequer se dignar erguer a cabeça. - E quem és tu?

- Amerotke, juiz supremo da Sala das Duas Verdades! ripostou Asural, em tom ameaçador.

- E se não mexeres esse teu traseiro gordo, só te digo que irás precisar, em breve, de um túmulo para ti! Estamos aqui por ordem da divina Hatusu.

O superintendente despertou da sua inércia, como um lagarto que fugisse de um falcão. Levantou-se de um salto, correu para o seu gabinete, ajoelhou-se num tapete de junco e procedeu à mais profunda vénia.

- Meu senhor Amerotke - murmurou, ofegante, com o rosto redondo enrugado por um sorriso forçado e de mãos estendidas. - Não sabia... Não trazes qualquer insígnia oficial. Mas sou teu humilde servo.

Amerotke abriu a pequena bolsa que levava consigo e mostrou-lhe a cartela da divina Hatusu. O superintendente quase teve um colapso ao vê-la. Rastejou para beijar a cartela e, se Amerotke não o impedisse, teria beijado também as suas sandálias.

- Pelo amor da verdade - murmurou o juiz -, levanta-te e vai buscar os teus registos.

Pouco depois, o superintendente conduzia-os pelo caminho que levava aos túmulos. A subida era difícil, devido ao calor, e em breve sentiram os corpos encharcados em suor. Todos os caminhos estavam desertos àquela hora.

- Sabem, é o calor - explicou o superintendente. Talvez queiras esperar por uma altura mais conveniente, Excelentíssimo? Mas, claro, não podes esperar...

O túmulo de Ueni fora construído numa reentrância rochosa, situada na extremidade posterior da necrópole. No enorme pedregulho que fechava a entrada via-se o selo mortuário do superintendente.

- Estes túmulos são guardados? - perguntou Amerotke, enquanto o superintendente quebrava o selo.

O homem tirou um pequeno apito, que produziu um ruído estridente. Apanhado de surpresa, Amerotke sobressaltou-se. Núbios de porte altivo, armados com setas, arcos, bastões e lanças, saíram de diferentes grutas que circundavam os túmulos.

- Ninguém se aproxima daqui - declarou o superintendente

-, a não ser que traga um salvo-conduto ou que o reconheçamos.

Por fim, conseguiu quebrar o selo. Dois núbios afastaram o pedregulho, o que lhes permitiu entrar no túmulo. Era igual a muitos outros que Amerotke visitara: uma casa pequena com câmaras adjacentes. Uma continha sarcófagos, outra, diversos ornamentos, caixotões, arcas, cofres e peças de mobiliário. As paredes estavam decoradas com pinturas, e havia também saliências para jarras. Alguém colocara flores numa das jarras, mas já haviam murchado.

- Passa-se alguma coisa de estranho? - quis saber o superintendente, pegando num archote aceso que um dos núbios trouxera. - O Ueni não vem visitar o seu túmulo?

- Não te preocupes, porque não só virá visitá-lo, muito em breve -, replicou secamente Amerotke - como ficará aqui para sempre. O Ueni morreu.

- Ah... Bom, terá pago todas as suas dívidas.

- Não duvido.

Amerotke olhou à sua volta e assobiou baixinho. Quanto mais inspeccionava o túmulo, mais óbvio se tornava que Ueni devia ter sido muito rico. Os sarcófagos, os cofres, a mobília e até as jarras eram feitos de materiais de grande valor; a maioria fora banhada com uma espessa camada de ouro ou prata, enquanto pedras preciosas brilhavam à luz do archote.

- Isto é uma verdadeira casa do tesouro - sussurrou Asural.

- Parece-me mais o covil de um ladrão - contrapôs Prenhoe. - Onde arranjará um arauto tão grande riqueza?

- Que explicação dava o Ueni para tudo isto? - perguntou Amerotke, agarrando o superintendente pelo ombro.

- Não sei. Estas riquezas vão permanecer aqui?

- É o túmulo do Ueni. Terá de responder pelos crimes que cometeu na sua próxima vida e não nesta.

- Excelentíssimo, a tua sabedoria só se compara à tua generosidade - balbuciou o superintendente. - O que procuras?

- O Ueni veio até cá?

- Sim. Para ele, era a sua casa do prazer.

- E trazia oferendas?

- Basta olhar para as jarras.

- Alguma vez trouxe alguém com ele?

O superintendente esboçou um sorriso malicioso.

- Uma *heset*, de quando em vez. Sabes como é, Excelentíssimo... Um jarro de vinho...

- Trouxe alguma coisa recentemente?

O superintendente olhou à sua volta e passou os dedos pelos lábios.

- Por vezes, enviava certos objectos, com instruções escritas.

- Como o quê, por exemplo? Enviou-te alguma coisa, nos últimos dias? Um caixotão, uma caixa?

O superintendente afastou-se e, quando regressou, trazia um cofre de sândalo. A tampa fora lacrada com o sinal de Isis, uma prática comum entre os escribas. Amerotke quebrou-o, ignorando a exclamação preocupada do superintendente, e abriu o cofre. Tirou um rolo de papiros e outros rolos, atados com uma corda. Depois de examiná-los atentamente, sorriu ao superintendente.

- Podes ficar com o cofre; eu guardarei o conteúdo.

- Mas, Excelentíssimo, isto é um túmulo! Conheces o ritual. Nada pode ser tirado, sem o consentimento do seu proprietário.

- Exactamente - ripostou Amerotke. - E o Ueni não era o proprietário destes bens. Roubou-os à divina Hatusu. Pode até ter cometido assassínios para obtê-los. Pensando melhor, também levarei o cofre. O vizir Senenmut ficará contente. O Ueni trazia todos estes objectos sozinho?

- Não, era uma mensageira que o fazia. Uma mulher.

- Podes descrevê-la?

O superintendente estendeu as mãos.

- Excelentíssimo, são tantos os visitantes... Nada mais posso dizer-te.

Amerotke sentou-se num banco e olhou para a entrada do túmulo. Lembrou-se, então, de Belet, sentado no jardim da casa de comida, falando de um roubo num local onde haveria poucos guardas. Ter-se-ia referido à necrópole? Os ladrões teriam

pretendido saquear o túmulo de Ueni? Haveria uma ligação entre o homem que abordara Belet e o misterioso arauto? Amerotke fitou o superintendente.

- Reparaste em algo de suspeito?

O homem estava aterrorizado e era óbvio que queria que Amerotke se retirasse quanto antes.

- Grande senhor, apenas cuido dos mortos; os vivos não me dizem respeito!

CAPÍTULO 8

O sacerdote Kheti e a serva do deus, Ita, faziam amor. Lavada e perfumada, ela entrara no seu quarto, despertara a túnica e enfiara-se na cama estreita do sacerdote. A alegria de Kheti era total. Ita era uma amante perfeita. Kheti nunca experimentara tanto prazer como naqueles encontros secretos e furtivos. Viraram-se, confinados pelo espaço reduzido.

- Faria tudo por ti! - gemeu Kheti.

Ita limitou-se a sorrir, esfregando as mãos pelo corpo do amante, estimulando-o lentamente. Tão embrenhados estavam no seu prazer que não ouviram a porta abrir-se. Somente quando alguém tossiu Kheti empurrou Ita e olhou para o quarto sombrio, com uma janela alta, por onde passava um fino raio de sol. O quarto do sacerdote ficava na parte mais antiga do templo, um local de sombras e de cantos escuros e frios, porque o sol nunca penetrava ali. Ita ajoelhou-se sobre a cama, tapando-se com a túnica. Kheti estendeu a mão para alcançar o punhal que deixara em cima da mesa, mas saltou quando uma seta se cravou na parede, mesmo por cima do seu braço. Quanto a Ita, praguejou baixinho.

- Devias ter trancado a porta! - sibilou Kheti à amante.

- Ela estava demasiado concentrada no seu prazer. A voz era baixa e abafada, como se o intruso, homem ou mulher, usasse uma máscara sacrificial. - Por favor, não fiques angustiado. Só corres perigo se saíres da cama.

Kheti semicerrou os olhos. Era uma voz monótona. A pessoa alterara propositadamente a sua entoação natural. Por vezes,

era gutural e, noutras, as palavras eram pronunciadas com suavidade.

- O que queres? - perguntou o jovem sacerdote.

- Bom, podia dizer que gostaria de me sentar e de vos ver consumir o vosso prazer... Ita, és uma rapariga muito bonita e não restam dúvidas de que vocês os dois são corajosos, porque não têm medo...

- Porque haveríamos de ter medo? - ripostou Kheti. Sou um sacerdote solteiro e a Ita, uma serva do deus.

- De facto... - respondeu secamente a voz. - No entanto, podes pensar que és um deus, mas enganas-te... Mas, voltando ao que eu estava a dizer...

Kheti sobressaltou-se com um súbito ruído. Outra seta acabara de se cravar na parede.

- É apenas uma forma de não te esqueceres da situação em que te encontras, neste momento - explicou suavemente a voz. - Não têm medo do Amerotke, o juiz de rosto severo e olhos penetrantes?

- Não passa de um tolo - resmungou Kheti. - Por mim, pode andar por aí, com a sua arrogância, a fazer-me perguntas, porque isso não me diz respeito.

- Oh, mas parece-me que te diz respeito... Porque, pela forma como respondeste, acabaste de admitir, se bem que sem te dares conta disso, que te preocupas com as perguntas do Amerotke. Onde está a *Glória de Anúbis*.

- Não fomos nós que a roubámos.

- Não foram? O Amerotke não pensa assim...

- Como o sabes?

- É uma simples questão de lógica. O Nemrat foi assassinado. Tu estavas de guarda, em frente da capela; a porta estava trancada e a chave em poder do Nemrat. A não ser que se tenha produzido um estranho fenómeno, até tu deves aperceber-te de quão difícil é acreditar que não estiveste envolvido no roubo...

- Se estivesse envolvido, já me teriam prendido.

- Não, eles não fariam tal coisa. És um sacerdote, não podes ser torturado e não existe a menor prova ou qualquer indício que te incrimine. Aparentemente, nada fizeste de mal.

Além disso, se tivesses roubado a *Glória de Anúbis* e tentado vendê-la...

- Não faço ideia do que estás a falar. Kheti espreitou para a escuridão. Não conseguia reconhecer

aquela voz, tanto grave como aguda, ora gutural e áspera, ora suave, e cuja entoação se alterava constantemente. O misterioso visitante, fosse homem ou mulher, preparara a sua aparição com todo o cuidado.

- A propósito... - continuou a voz, agora reduzida a um murmúrio. - Acabaste de admitir que a bonita Ita também esteve envolvida no roubo.

Kheti fechou os olhos. Cometera um grave erro! Ita mantivera-se em silêncio. Se fosse uma outra concubina, teria manifestado a sua surpresa, ao ouvir a voz insinuar que roubara a jóia.

- Mas, como estava a dizer, roubaste a *Glória de Anúbis*. Como o conseguiste?

Kheti não respondeu.

- Foi ideia tua ou do Ueni?

- Do Ueni? Quem é o Ueni?

- Ah, agora, sim, estás a *mentir*. É o arauto egípcio que trabalha para nós, os Mitânios.

Kheti endireitou-se. Por que razão fizera a voz tal confiança?

- Os Mitânios querem a *Glória de Anúbis*. O rei Tuhratta levá-la-á para o seu templo sombrio. Sente-se humilhado e furioso por ter sido forçado a assinar um tratado de paz com a rainha-faraó, que o obrigará a beijar as unhas pintadas dos pés da Hatusu. Assim, nos anos vindouros, serão muitas as vezes que o Tuhratta acalmará a fúria que lhe devassa a alma, ao abrir aquela caixa secreta, para se banhar na beleza da *Glória de Anúbis*. E rir-se-á, ao passo que a Hatusu rangerá os dentes até que o Sol enregele.

Kheti sentiu uma câibra na perna. Não conseguia mexer-se. Mesmo que quisesse, uma outra seta cravou-se por cima da sua cabeça.

- Estou com câibras! - protestou.

- Não foi o que me pareceu, ainda há pouco. Um garanhão

e a sua égua... Mas voltemos ao que interessa: a *Glória de Anúbis*. Como foi que a roubaste?

- Não posso nem quero responder a essa pergunta.

- Deves estar muito triste - insistiu a voz insinuante. O Ueni morreu. Já todos o sabem. Fala-se disso no mercado. Portanto, não me mintas a respeito de quem era o Ueni, porque partiu para o Horizonte Longínquo. Só espero que tenha preparado as suas respostas para os deuses. E agora que ele morreu, o que vais fazer? Quanto te ofereceu o Ueni?

Ita recobrou do choque e mostrava-se agitada, mexendo-se na cama, de um lado para o outro. Os seus lábios tremiam e Kheti pegou-lhe na mão.

- Ouve - continuou a voz, com maior insistência -, tens em teu poder a ametista sagrada. O que podes fazer com ela? Levá-la ao mercado e vendê-la, como se fosses um simples comerciante que vende papagaios ou macacos? Levá-la aos Líbios ou aos Núbios? Tens de tomar uma decisão.

- Suponhamos que tens razão - replicou Kheti, escolhendo as palavras. - Digamos que, em teoria, foste enviado pelo Amerotke para me armares uma cilada...

- Apanha-o e afasta-te! - ordenou a voz, ao mesmo tempo que um pequeno selo caía ao chão, no único ponto onde a ténue luz incidia.

Kheti levantou-se da cama, estendeu as pernas e pegou no escaravelho. Não era egípcio. Virando-o, o sacerdote reconheceu o selo real de Tchratta.

- Podes ter roubado isto...

- Mas não roubei. Aqui vai outra coisa!

Desta vez, um saco de couro foi lançado para a luz. Kheti apanhou-o, desfez avidamente o nó que o atava e despejou o seu conteúdo nas mãos: continha pequenos lingotes de ouro, cada um deles não maior do que uma unha. Sopesou-os na mão. Eram de ouro puro.

- Ainda há mais - anunciou a voz -, muito mais do que o Ueni te possa ter oferecido. Mas, por enquanto, não, porque não é seguro, pois não, Kheti? Quando chegar o momento certo, enviar-te-emos um sinal: a jovem Ita tem um colar de cornalinas com a cabeça de um escorpião de ouro, ao

centro. Dás-te conta, agora, de como és vigiado? No dia em que estiveres pronto para entregar a *Glória de Anúbis*... e atenta bem no que vou dizer-te, Kheti, terá de ser no dia em que os Mitânios deixarem Tebas... A Ita aparecerá, usando o seu colar, junto à piscina que fica em frente da mansão onde a delegação dos Mitânios está alojada. Deixarás a *Glória de Anúbis*, dentro de um pequeno cofre, neste quarto. Tanto tu como a Ita deverão manter-se longe do teu quarto durante o resto do dia. Quando regressarem, a *Glória de Anúbis* já cá não se encontrará, mas vocês estarão mais ricos do que alguma vez sonharam.

- E como é que posso ter a certeza disso? - ripostou Kheti.

Nova bolsa foi lançada para a luz.

- Deixaremos mais bolsas como esta. Agora, pensa bem, Kheti. Depois de eu sair, senta-te com a tua amada e dedica-lhe uma canção de amor. Conta a tua riqueza e planeia a tua fuga. Quem sabe? Se tomares a Estrada de Hórus, talvez o rei Tchratta te acolha no seu reino... Agora, volta a sentar-te na cama.

Kheti obedeceu, sem mais demoras. Uma outra seta espetou-se na parede. A porta abriu-se e fechou-se, deixando os dois amantes sentados na cama, a olhar para a escuridão.

Uma hora mais tarde, Mareb, o arauto, com os ombros suados e a mente ocupada com tudo o que tinha para fazer, subiu apressadamente a escada. Parou no último lanço para recuperar o fôlego. Tinha a certeza de que Amerotke deixara o templo, mas um velho sacerdote dissera-lhe que o juiz supremo de Hatusu precisava de lhe falar urgentemente, e Mareb vira ao longe Chufoi, o anão, a atravessar, cheio de pressa, os jardins do templo. Talvez o juiz houvesse regressado, entretanto. A galeria estava deserta. Os servos do templo haviam varrido e polido os soalhos de madeira com uma substância de fragrância especial e colocado ramos de flores em pequenas taças de cobre. Mareb enxugou o suor que lhe escorria do rosto. Ansiava que tudo aquilo terminasse. Lá fora, ecoava um hino: um sacerdote funerário declamava um queixume pelos mortos.

”Pobre Ueni! Talvez seja para ele...”, pensou Mareb, sorrindo. Seguiu pela galeria e bateu à porta do quarto. Não obteve qualquer resposta e tentou de novo.

- Meu senhor Amerotke! - chamou.

Empurrou a porta. A penumbra reinava, porque os taipais se encontravam fechados. Quando os olhos de Mareb se adaptaram à escuridão, conseguiu vislumbrar a cama, com a sua cabeceira ornamentada, e outras peças de mobiliário.

- Meu senhor Amerotke!

Avançou para ir abrir os taipais, quando escutou um ruído. Havia ali algo de estranho. Nesse mesmo instante, a porta fechou-se. Então, duas mãos fortes agarraram-no e lançaram-no pelo ar com toda a força. O arauto caiu na cama, com a respiração entrecortada. Voltou-se, arfando. Mareb sempre contara com uma tal situação, porque um arauto estava sujeito, a todo o momento, à deslealdade, à traição e à intriga. Seria um aviso? Apesar da dor, atirou-se ao vulto que o atacara pelas costas. Ainda meio atordoado, Mareb não se dera conta de que o homem estava armado e um macete de couro atingiu-o no rosto. Gritou, ao sentir o sangue jorrar de um golpe no canto da boca. Só depois olhou à sua volta: tinha de encontrar um punhal, uma jarra, qualquer coisa para se defender! Sabia que o seu atacante continuava ali, em silêncio, como uma sombra ameaçadora.

- Fica onde estás, arauto egípcio! - ordenou uma voz.

- O que queres? - perguntou Mareb. - Porque me atacas?

- Ajoelha-te! De costas voltadas para mim!

Mareb obedeceu, aterrorizado. Iria o atacante cortar-lhe a garganta?

- Mas eu sou...

Tentou levantar-se, mas o atacante empurrou-o com toda a força, fazendo com que tropeçasse e fosse bater contra um canto do quarto. No corredor, ecoaram passos.

- Silêncio! - ordenou a voz.

Mareb estacou. A porta abriu-se e ele reconheceu a figura do pequeno Chufoi, que foi atacado e lançado pelo ar, como se tratasse de uma trouxa de roupa. Chufoi caiu sobre um

conjunto de peças de mobiliário viradas do avesso. Soltou um grito de dor e praguejou, mas o atacante já havia desaparecido.

Seguiu-se alguma confusão. Chufoi tanto resmungava como gemia. Mareb sentia dores lancinantes nas pernas e os seus lábios estavam inchados. Mesmo assim, conseguiu levantar-se e abrir os taipais. Chufoi continuava no chão, apertando um dos braços.

- Foi uma sorte eu ter entrado aqui - declarou o anão, olhando à sua volta. - Fazes ideia de quem...?

- Não - respondeu Mareb, algo irritado. - Julguei que o senhor Amerotke queria ver-me. Abri a porta...

Deteve-se para estender a mão a Chufoi, que a agarrou.

- Mas fico-te grato por teres aparecido. Só os deuses sabem o que teria acontecido, se tu não tivesses entrado...

- Quem te deu o recado de meu senhor Amerotke?

- Um velho sacerdote. E tenho a certeza de que, se o interrogasse, acabaria por descobrir que é cego ou que já não está suficientemente lúcido para descrever o aspecto da pessoa que o encarregou da tarefa.

Chufoi saiu do quarto, a coxear. Não havia vivalma no piso térreo da mansão. Um servo, de olhar apático, que regava um vaso de flores, limitou-se a sacudir a cabeça. Não vira nem ouvira nada de estranho ou de invulgar. Apesar do calor, Chufoi voltou a entrar na mansão e foi acordar os outros servos, que trouxeram água, panos e unguentos. Por fim, Chufoi tratou das suas feridas e, depois, das de Mareb.

- As raparigas não olharão para ti durante uns tempos declarou o anão -, mas ficarás bom, dentro em pouco.

Mareb agradeceu-lhe. Chufoi, incansável apesar de continuar a coxear, tornou a sair do quarto para voltar com algumas fatias de carne fumada, uma taça de frutos e pão. Conseguira surripiar das cozinhas um pequeno jarro de vinho, que os dois homens beberam para aliviar as dores que sentiam mas, também, para passar o vinho pelos seus ferimentos.

- Eu podia ser médico, sabias? - declarou Chufoi, muito orgulhoso. - Ter-me-ia especializado como guardião do ânus - acrescentou, enquanto procurava no rosto de Mareb

o menor indício de incredulidade ou de troça. - Não só consigo reconhecer qualquer poção como conheço todos os sintomas, desde o inchaço das veias...

- Sim, claro - apressou-se a atalhar Mareb. - Mas diz-me uma coisa, Chufoi: o que vieste fazer aqui?

- O meu amo partiu para a necrópole - declarou o anão num tom grandiloquente. - Ao que parece, desejava visitar o túmulo do arauto Ueni.

- Não sabia que ele tinha um túmulo. Mas porque foi o teu amo visitar o túmulo do Ueni? - perguntou Mareb.

- Não sei. De qualquer maneira, tenho notícias para ele acerca dos punhais.

Mareb fitou o anão, estupefacto.

- Encontrei o comerciante. É o homem dos crocodilos, um velho conhecido meu. Bom, mas como o meu amo Amerotke não está aqui - continuou Chufoi vaidosamente, enchendo o peito de ar -, talvez seja melhor eu tratar do assunto pessoalmente.

- O homem dos crocodilos? - murmurou Mareb.

- Não me faças mais perguntas! As nossas feridas vão sarar e o dia já vai longo!

À saída do templo, Chufoi descreveu o homem dos crocodilos a Mareb.

- Em tempos, foi marinheiro e, mais tarde, pescador. Não faz grandes negócios em Tebas porque algumas pessoas pensam que os crocodilos são criaturas divinas. Caça-os, numa barca achatada. Pendura um leitão anafado na extremidade de uma vara. O truque consiste em atrair um crocodilo para os baixios. Bom, claro que, às vezes, atraí mais do que um crocodilo e, nessas alturas, tem de fugir, para não se arriscar a ser devorado!

Haviam saído do templo e dirigiam-se para o mercado. As suas nódoas negras e a aparência descuidada despertavam olhares desconfiados nos transeuntes, mas Chufoi não tinha qualquer dificuldade em passar por entre a multidão, servindo-se no pára-sol.

- Abram alas! - bradava. - Abram alas para o servo do senhor Arnerotke! Abram caminho para o mensageiro da justiça da divina Hatusu!

Para grande surpresa de Mareb, os transeuntes obedeciam. Não foram abordados, uma só vez, por vendedores de carne de gazela nem por aqueles que negociavam em poções e elixires para eliminar ratos e escorpiões. Até mesmo os agressivos vendedores de aves canoras não pareciam constituir um obstáculo para o pequeno Chufoi. Mareb não sabia se as pessoas o deixavam passar por ser quem era, por representar o amo, ou por reverência ao seu tamanho e aparência, porque, com o seu rosto desfigurado mas belicoso, parecia a encarnação de Bes, o deus anão.

Os grandes palácios e mansões deram lugar a estradas mais estreitas e a casas mais pequenas. Os odores e perfumes do mercado foram substituídos pelo cheiro a óleo e a peixe, tão típicos da zona do porto. No cais, havia grande movimento, com embarcações de pesca, galés de guerra, navios mercantes e barças repletas de mercadorias. Soldados e marinheiros pavoneavam-se pelo cais. A Corporação das Prostitutas mostrava-se muito atarefada, à procura de clientes. As mulheres usavam perucas demasiado ornamentadas e os seus rostos estavam pintados com cores berrantes, enquanto as vestes coloridas faziam com que se assemelhassem a um bando de periquitos barulhentos. Chufoi, dando a mão a Mareb, passou por toda aquela gente e desceu por um carreiro estreito que levava a uma loja de cerveja mal iluminada. Tresandava a couro e a tanino, porque, paredes meias, situava-se o pátio de um talhante. Um homem sentado a um canto da loja levantou-se para os cumprimentar. Estava vestido grotescamente com peles de crocodilo, tinha o rosto comprido, boca fina e olhos atentos. Usava braceletes de couro nos pulsos, e as mãos e braços estavam marcados por cicatrizes e golpes.

Chufoi pediu ao arauto que se sentasse no banco. Pouco depois, o dono da loja serviu-lhes cerveja e vinho. Mareb aproveitou aquele momento para observar atentamente o homem dos crocodilos, enquanto Chufoi, empoleirado no seu banco, examinava Mareb. Quando se haviam visto pela primeira vez, o arauto parecera-lhe um peralvilho da corte, com modos demasiados lânguidos para o seu gosto. Os homens que trabalhavam nas corporações de arautos e mensageiros

provinham de famílias nobres, e Mareb não constituía excepção. Chufoi podia ver como o arauto ficara abalado com o ataque de que fora alvo, mas havia ainda outra coisa: uma mal dissimulada fúria que transparecia nos lábios finos de Mareb. Era, contudo, um bom lutador, concluiu Chufoi, porque não se deixava intimidar pelo temível homem dos crocodilos, que se entregara já ao seu truque habitual de assustar todos aqueles que o viam pela primeira vez.

- Ouvi falar de ti - declarou Mareb, pousando a caneca de cerveja. - O Chufoi disse-me que és uma lenda do Nilo, porque são muito poucos os homens que sobrevivem ao ataque de um crocodilo.

- Assim que sabemos lidar com eles - replicou o homem, sorrindo -, e se tivermos cuidado, não constituem qualquer perigo.

Chufoi discordava daquela opinião. Certa vez, achava-se num barco com Amerotke, quando a embarcação começara a afundar-se, depois de ser atacada por uma horda daqueles monstros do rio, experiência essa que o anão nunca esqueceria.

- Isso não interessa - interveio, puxando o seu banco para mais perto do dos outros dois. - Viemos aqui para falar do Ueni e dos punhais.

- Do Ueni e dos punhais? - repetiu o homem dos crocodilos, imitando a voz de Chufoi. - Era um homem muito estranho...

Dito aquilo, coçou a nuca suada e fez sinal a uma prostituta que viera colocar-se à entrada da loja.

- É impressão minha ou estaremos a perder o nosso tempo? - perguntou Mareb.

- Não, meu senhor. O que pode acontecer é que estejam a fazer-me perder o meu - ripostou secamente o homem dos crocodilos. - Nada, mas mesmo nada, se passa no Nilo que eu não saiba.

- Pelos vistos, também és um fanfarrão...

Nesse mesmo instante, uma estranha criatura saiu de um nicho e foi postar-se atrás do homem dos crocodilos. De imediato, Mareb puxou para trás o banco onde estava sentado.

O recém-chegado era um homem alto, magro, de cabeça

rapada e com um rosto estranhamente feminino, cujo queixo estava coberto por uma barbicha. Também ele se vestia com peles de animais. Fazia lembrar a Mareb os escaramuçadores, mercenários que integravam o exército imperial como batedores e forrageadores. O arauto teve dificuldade em decidir se aquele homem era temível ou cómico. Agarrava o cabo de um punhal, enfiado na respectiva bainha, e outra arma semelhante pendia de uma corda atada à volta do seu pescoço. Depois de examiná-lo mais atentamente, Mareb concluiu que a estranha criatura era temível, com o seu rosto magro e macilento, lábios femininos, o brinco garrido no lóbulo de uma orelha e aquela barbicha.

- Quem é este? - perguntou.

- Não tem nome - respondeu o homem dos crocodilos. - Chamamos-lhe "Sombra". Para onde eu vou, ele vai comigo. Não é estranhamente belo?

Virou-se e fez sinal ao homem, que abriu a boca.

- Se o Chufoi não tem nariz, o Sombra não tem língua... - comentou o homem dos crocodilos, com um sorriso maldoso. Logo de seguida, debruçou-se e apontou o dedo para o rosto de Mareb. - Devias passar mais tempo na zona do porto. Vêem-se mais coisas estranhas do que em Cuche.

Mareb pestanejou, com o olhar posto no guarda-costas.

- Porque não passas directamente ao assunto? - protestou Chufoi. - Concordaste em falar comigo e tens informações acerca do Ueni e dos punhais!

- O que sei sobre o Ueni vale mais do que uma caneca de cerveja. Ele morreu, não é verdade? Sim, porque toda a gente sabe o que aconteceu no Templo de Anúbis!

Dito isto, o homem dos crocodilos deitou a língua de fora, por várias vezes, como se fosse um lagarto.

- Chufoi, estou realmente sedento...

- Então, bebe a tua cerveja! - ripostou o anão.

O homem dos crocodilos virou-se e olhou para o denominado Sombra.

- Vai divertir-te com ela - ordenou, apontando para a prostituta. O rosto de Sombra abriu-se num sorriso. Fez sinal à rapariga, que o seguiu pela porta das traseiras da loja de cerveja.

- Se me deres três peças de prata - retomou o homem dos crocodilos -, contar-te-ei tudo o que sei.

- Duas peças! E também te dou a palavra de meu senhor Amerotke, juiz supremo da Sala das Duas Verdades, de que não serás preso por cumplicidade em qualquer crime.

O homem dos crocodilos engoliu em seco, como se não tivesse pensado naquela hipótese.

- Combinado! - acedeu, com voz rouca. - Quer dizer que não receberei a visita da guarda? Nem serei arrancado de um bordel, de madrugada?

Chufói suspirou, abriu a sua bolsa e pôs dois pequenos lingotes de prata na mesa.

- Estarás a salvo e isto será teu.

- De acordo!

O homem dos crocodilos, então, quis pegar nas peças de prata mas Chufói bateu-lhe na mão.

- Primeiro, passa-nos as tuas informações. Só depois receberás o teu pagamento.

Sacudindo a cabeça, pesaroso por tamanha desconfiança, o homem dos crocodilos abriu um saco e esvaziou o seu conteúdo na mesa. Os punhais chocalharam, ao cair. Chufói pegou num e examinou o cabo de osso, esculpido com a cabeça de um chacal ou de um cão. O homem dos crocodilos pigarreou, antes de prosseguir.

- Comprei...

- Roubaste, isso sim! - interrompeu Chufói.

- Pedi-os emprestados - corrigiu o homem dos crocodilos, sorrindo - a um comerciante que conheci em Mênfis. São obra de um artesão de Canaã. Como não podia vendê-los lá, trouxe-os para Tebas. Não tenho licença de mercado e fiz o meu negócio fora das muralhas da cidade. O Ueni comprou alguns dos meus punhais.

- Tens a certeza de que era o Ueni? - indagou Mareb.

- Tenho. Eu conhecia-o bem... Não era o menino bonzinho que vocês pensam...

- Era um arauto real.

- Para te ser sincero, meu senhor, pouco me importava que ele fosse o filho do faraó ou passasse os dias na Casa do

Milhão de Anos. Ninguém é aquilo que aparenta ser. O Ueni comprou-me dois punhais e, para minha grande felicidade, deu-me também uma dessas - acrescentou, apontando para as peças de prata que continuavam em cima da mesa.

- Espero que isso seja verdade - atalhou Chufoi. Ouviste falar do roubo da *Glória de Anúbis*?

O sorriso desvaneceu-se do rosto do homem dos crocodilos.

- O que estás a querer insinuar?

- Um punhal como este foi usado para matar o Nemrat, o sacerdote de vigília...

O homem dos crocodilos cobriu o rosto com as mãos. Quando as afastou de novo, toda a sua fanfarronice desaparecera. Olhou, furioso, para a entrada da loja e, depois, para a porta das traseiras, através da qual ecoavam os gritos abafados da prostituta.

- Se fosse a ti, não tentava fugir - avisou Chufoi. Como já disse, ainda mal começámos...

- Eu não sabia...

- Mas sabias que a *Glória de Anúbis* fora roubada...

- Não constitui segredo para ninguém, aqui, em Tebas. Sabes como os sacerdotes gostam de tagarelar e de contar mexericos... - Então, de súbito, fez estalar os dedos. - Agora, percebo porque é que o Ueni é tão importante para vocês!

- Folgo muito em saber que percebeste - replicou Chufoi -, mas continua a falar. Conhecemo-nos há muito tempo. Esses punhais foram roubados: é nisso que tu és um verdadeiro especialista... Roubas e depois vendes os objectos roubados. E qualquer coisa me diz que o Ueni te pagou para mais algum serviço do que apenas para ficar com alguns punhais.

- Não te enganaste. Ele disse-me que tinha algo de muito valioso para vender. Não, espera...! - exclamou o homem dos crocodilos, dando uma palmada na testa. - Ele disse-me que eram dois objectos! Não me explicou o que era o primeiro, mas o segundo era um livro... Não, agora me lembro... Era um manuscrito.

- Do Sinuhe?

- De quem?

- Do Sinuhe, o viajante.

- Ah, sim, o viajante! - O homem dos crocodilos recobrou a sua pose, muito embora bebesse nervosamente a sua cerveja. - O homem que viajou até ao Ocidente, não é verdade? Teria sido a sua última jornada? De qualquer maneira, o Ueni disse-me que desejava vender esses bens. Perguntei-lhe a quem queria vendê-los. Afinal, os Mitânios estão em Tebas e no oásis das Palmeiras. O Ueni, contudo, sacudiu a cabeça perante a minha sugestão e sorriu. "Então, a quem?", perguntei-lhe. "Aos Líbios ou aos Núbios", foi a resposta dele. Como deves calcular, fiquei confuso e melindrado.

- Pois claro... - replicou cinicamente Chufoi. - Nem outra coisa seria de esperar de um homem com o teu carácter...

Foi então que Chufoi deu um salto, derrubando o banco, quando viu uma ratazana a correr pelo chão da loja de cerveja.

- Que tipo de lugar é este? - berrou ao dono da loja, um homem de olhar mortiço e cabelo desgrenhado. - Não podes, pelo menos, manter o chão limpo?

- Não te preocupes com as ratazanas - gracejou o homem -, porque temos serpentes para comê-las.

Chufoi lançou-lhe um olhar fulminante e voltou a sentar-se.

- Odeio ratazanas - declarou -, quer tenham quatro patas, quer tenham duas pernas...

- O Ueni era uma verdadeira ratazana - concordou o homem dos crocodilos, - e muito mais perigoso do que pensas. Como já disseste, conheces-me bem, Chufoi. Tenho contactos na cidade e conheço todos os mercadores núbios e líbios que vêm até cá para obter informações ou para espiar.

- E que são as pessoas indicadas para serem contactadas por um ladrão como o Ueni...

O homem dos crocodilos acenou afirmativamente.

- Andam sempre com bolsas cheias de ouro e de prata e, quando não têm que chegue, podem pedir mais aos seus enviados, na cidade. Tudo o que compram é metido num barco que depressa desaparece no rio. Mas... a *Glória de Anúbis*...

O homem dos crocodilos assobiou baixinho.

- E o que foi que fizeste? - perguntou Mareb.

- Estabeleci alguns contactos. Disse ao Ueni que ia ver o que podia fazer, mas não sei porque me comprou os punhais. Só uma pergunta: o Sinuhe foi morto com um punhal? Ora, digam lá se não é um mundo pequeno... Roubo punhais, vendo alguns ao Ueni e ele serviu-se de um para matar o gordo Nemrat...

- Vendeste esses punhais a outras pessoas? - quis saber Chufoi. - Os nomes Ita e Kheti dizem-te alguma coisa?

O homem dos crocodilos meneou a cabeça negativamente. Fizera uma pausa para escutar os gritos da prostituta que vinham do pátio, que tanto podiam ser de prazer como de protesto.

- Calem-se! - gritou, irritado. - Assim, um homem não consegue pensar!

No entanto, os gemidos continuaram.

- Conhecia o Nemrat e aquela prostituta também. Era tão libidinoso como uma cabra com cio e muito conhecido das senhoras; não há um único bordel na cidade que não tenha sido agraciado com a sua visita.

- Voltemos ao Ueni - insistiu Chufoi. - Portanto, ele comprou-te os punhais e pediu-te se podias ajudá-lo a livrar-se de certos bens...

- Exactamente.

- Quantos punhais desses vendeste em Tebas?

- Cerca de uma dúzia - respondeu o homem **dos** crocodilos, guardando os punhais no saco de couro.

- A alguém conhecido?

O homem dos crocodilos sacudiu a cabeça.

- A um dos membros da delegação dos Mitânios, por exemplo? - teimou Chufoi.

- Não sei responder-te. Por vezes, quando vendo estas coisas, já estou bêbedo, mas, que me lembre, não vendi os punhais a alguém conhecido, a não ser ao Ueni.

- Mas porque foi que o Ueni fez tal coisa? - murmurou Mareb. - Se o ladrão se serviu de um desses punhais para assassinar o Nemrat e roubar a ametista, mais cedo ou mais tarde o punhal seria associado à sua pessoa.

Chufói, entretanto, encostara a caneca de cerveja às faces coradas.

- Não tinha pensado nisso... - comentou, irritado. Mas, por outro lado, podia levar muito tempo até se encontrar o vendedor dos punhais.

- Tens razão - concordou o homem dos crocodilos. Por acaso, julgam que eu disse a verdade ao Ueni a respeito da proveniência dos punhais? Limitei-me a informá-lo de que estavam à venda em toda a cidade. Além do mais, lá porque comprou um punhal, não quer dizer que o tenha usado para matar alguém.

Chufói pediu mais cerveja.

- E estão a esquecer-se de um pormenor muito importante - acrescentou o homem dos crocodilos. - Se o Ueni não tivesse morrido, eu não estaria aqui a falar convosco.

- O meu senhor Amerotke não vai ficar contente... murmurou Chufói, desolado. - Porque, para o meu amo, se Ueni comprou o punhal, então tem de estar forçosamente envolvido no assassinio do Nemrat.

Chufói interrompeu-se quando o dono da loja lhe trouxe um novo jarro de cerveja.

- Com os cumprimentos da ratazana - zombou o homem.

Chufói respondeu-lhe com um gesto obscuro. Sombra surgiu à porta e foi colocar-se atrás do seu amo. A prostituta, com as vestes desalinhadas, seguiu-o discretamente, embora com os seus amuletos e as suas pulseiras a chocalhar. Quando passou pela mesa, Chufói agarrou-a por um braço.

- Conhecias o sacerdote Nemrat do Templo de Anúbis? A prostituta fitou o jarro de cerveja. Chufói serviu-lhe

uma caneca e, quando a mulher se debruçou sobre a mesa, exalou um odor de suor misturado com perfume.

- Se conseguires encontrar uma prostituta em Tebas que não *conhecesse* o Nemrat, então, sou eu que te pago uma cerveja, baixinho!

E saiu da loja.

- Não acreditaste em mim! - protestou, com petulância, o homem dos crocodilos.

- Ainda não ganhaste a tua prata. Estávamos a falar do Ueni...

- É verdade. Estão preparados para uma surpresa? O homem dos crocodilos, então, compôs as suas vestes para causar maior impressão. - Já ouviram falar dos *amemets*?

- Quem não ouviu falar? - replicou Chufoi. - São a Corporação dos Assassinos; seguiram o exército da divina Hatusu até ao Norte e, depois, desapareceram.

- Como o sabes? - espantou-se o homem dos crocodilos.

- Continua a tua história!

- Bom, como também sabes, caro Chufoi, em Tebas pode comprar-se tudo: um punhal, uma ametista, uma adaga. Ou quase tudo - apressou-se a acrescentar, ao aperceber-se do olhar ameaçador que o anão lhe lançara. - A honestidade do teu amo Amerotke é conhecida de todos. Também é possível contratar assassinos, e não estou a falar apenas de membros de uma determinada corporação nem dos degoladores que vivem no cais, mas de certas pessoas... como é que vos posso explicar, sem ferir a vossa susceptibilidade? de certas pessoas que fazem alguns trabalhos em vez de nós, mas a nosso mando. O Ueni era um desses.

- Ele era um arauto! - bradou Mareb, revoltado.

- Já respondi a isso - ripostou o homem dos crocodilos. - O nosso muito atarefado Ueni cometeu uma série de assassínios. Sabem que era casado com uma mitânia? Segundo a versão oficial, ela morreu na consequência de um acidente.

- Não estás a querer insinuar que ele matou a mulher, pois não?

- Estou, sim. O Ueni levou-a a dar um passeio de barco pelo Nilo. Beberam vinho, ela resolveu ir nadar e desapareceu nas águas do rio. O seu cadáver foi descoberto, mais tarde, sem apresentar quaisquer sinais de violência. O Ueni pensou que se safara. Ora acontece que, na noite em que ele decidiu ir passear de barco com a mulher, eu estava no rio, a tratar de uns negócios... Tinha atracado a minha embarcação nos baixios e vi o que realmente aconteceu. A mulher do Ueni adormecera. Ele asfixiou-a com uma almofada e depois atirou-a pela borda fora. Foi assim que nos conhecemos...

- Queres dizer que começaste a fazer chantagem com ele? - perguntou Chufoi.

- Digamos, antes, que chegámos a um acordo relativo a um certo negócio. Fiz-lhe notar como era rendoso e o Ueni aceitou a minha proposta. Eu dava-lhe nomes de possíveis vítimas e ele cumpria a sua parte. O Ueni gostava muito de jardinagem: flores, árvores, plantas e, acima de tudo, ervas. Era um grande especialista em venenos. Nunca recorreu à violência... - O homem dos crocodilos indicou a caneca de cerveja de Chufoi. - Sabes, por acaso, se eu paguei ao dono da loja para deitar veneno na tua cerveja? Nunca o descobririas, até sentires câibras no estômago. Estou a brincar! Mas, voltando ao que interessa, eu indicava-lhe os nomes das vítimas e o Ueni enviava-lhes um presente: tanto podia ser comida, como um jarro de vinho. É espantoso como tantas pessoas desejam livrar-se de um concorrente nos negócios, do amante da mulher ou de um pretendente de quem já se cansaram...

Chufoi não queria acreditar no que acabara de ouvir, embora admitisse que o homem dos crocodilos dizia a verdade. A morte tomava muitas formas em Tebas: um ataque de coração, uma variedade de doenças, acidentes no rio, comida ou bebida estragada, uma picada de serpente. Quantas vezes o senhor Amerotke, ao estudar o Rolo dos Mortos, afixado num templo, se questionava sobre as mortes que haviam sido naturais... Quantas vezes afirmara que haveria, naquela lista, pessoas que tinham sido ajudadas a fazer a viagem final até ao Horizonte Longínquo?

- Podes ir a tribunal por assassínio! - exclamou.

- Que assassínio? - replicou inocentemente o homem dos crocodilos. - De quem? Onde está o cadáver? Onde estão as provas?

- Tenho o arauto Mareb como minha testemunha.

- E quem acreditaria em ti? Eu poderia dizer que te mentira, para te pregar uma partida.

- Então, porque nos contaste tudo isso? - ripostou Chufoi.

- Primeiro, quero que me dês a tua palavra de que não corro perigo, Chufoi. Agora que a piscina foi perturbada, só

os deuses sabem que sujidade virá à tona. Em segundo lugar, quero ser pago. Por fim, antes que o Asural me agarre pelo pescoço, quero sair de Tebas.

- Estás com medo?

- Estou. Neste caso, não lidamos com o peixe miúdo do cais, mas com os grandes senhores que vivem na suas mansões paradisíacas. O Ueni morreu e eu tenho de partir. Não quero ser pendurado nas muralhas de Tebas.

- Portanto, pensas que o Ueni roubou a *Glória de Anúbis*?

- Talvez.

- E que também tenha assassinado o Nemrat?

- Talvez.

- O Ueni trabalhava para alguém? - perguntou Chufoi. O homem dos crocodilos coçou o queixo e olhou para a entrada.

- Não sei. O Ueni era tão solitário como um chacal. Tudo o que lhe interessava era aquele seu túmulo, na necrópole. Intitulava-se "o Jardineiro". Via-se como alguém que limpava e arrancava as ervas daninhas, impondo a ordem dessa forma.

- Antes de ele morrer - insistiu Chufoi -, disse-te alguma coisa? Notaste alguma diferença no seu comportamento ou no seu estado de espírito?

O homem dos crocodilos limpou os dentes com as unhas. Na rua, um homem começara a cantar uma canção de amor.

"O meu amor é único, sem igual,

Mais bela do que todas as encantadoras raparigas do Egipto.

Suaves são os seus lábios,

O contorno da sua nuca.

Os seus jovens seios são cheios e firmes,

À luz vigorosa.

Oferecer-lhe-ei alguns figos,

Fragmentos de malaquite,

Peças de jaspe,

A brisa marítima do Grande Verde."

Chufói escutou atentamente aquela canção, tentando fixar o poema. Lançou um rápido olhar a Mareb. O arauto parecia fascinado pelo homem dos crocodilos. Chufói sentiu então um ligeiro mal-estar e virou-se. O dono da loja barrava a entrada. Lá fora, à luz do dia, apenas se conseguia entrever os vultos de homens que espreitavam para o interior.

- Por ora, estás a salvo, Chufói.

O homem dos crocodilos fitava-o, com os seus olhos penetrantes e duros que, por momentos, se pareciam com os da terrível besta do rio.

- Espero que estejamos *todos* a salvo - murmurou o anão, sacando da sua pequena adaga e encostando-a, por baixo da mesa, ao joelho do homem dos crocodilos.

- Garanto-te que estás a salvo - murmurou aquele, puxando as peças de prata para si. - Para te responder com toda a franqueza, o Ueni parecia preocupado, ansioso, mas não sei porquê, e é tudo o que tenho para vos dizer.

Puxou o banco para trás e levantou-se.

- O meu amo pedirá provas.

- Pois ele que as encontre. Conheces o velho Templo de Bes, onde o Sinuhe foi assassinado? À entrada da capela lateral, há uma laje; remove-a e encontrarás um cadáver.

- De quem?

- Depois de o Ueni ter assassinado a mulher, passei a vigiá-lo. Segui-o durante dias. Ele matou outra pessoa: o amante da mulher. Convidou-o a ir até ao Templo de Bes e rachou-lhe a cabeça com um machado - O homem dos crocodilos sorriu. - Estava muito ocupado a enterrar o homem quando eu apareci... Agora vai, Chufói. Deixarei que pagues a conta. Espera até teres inspirado cem vezes. Então, poderás sair em segurança. Envia cumprimentos meus ao senhor juiz Amerotke.

Chufói ficou a vê-lo sair da loja de cerveja.

- O que se passa? - perguntou Mareb.

- Nada... - murmurou o anão. - O homem dos crocodilos é um trapaceiro. Está-lhe no sangue. Conheço-o há muitos anos e nunca o vi tão falador nem tão prestável...

CAPÍTULO 9

O falcão voava, vindo das Terras Vermelhas; o Sol começara a baixar e o calor do dia abrandara. Uma brisa fresca fazia agitar a superfície das águas do Nilo e dançar as copas das árvores, nos bosques em redor do abandonado Templo de Bes. O penetrante olhar da ave procurava detectar qualquer sinal de movimento, na sua busca de carne putrefacta. Desceu em voo picado, com as asas ligeiramente recuadas, até ver os dois homens que caminhavam entre as ruínas. O falcão sabia reconhecer os perigos; a ameaça de um pau atirado com força, uma seta ou uma lança. Frustrado na sua procura de uma presa fácil, voltou a subir. Distinguiu novo movimento no bosque. Havia ali outro homem, estranhamente vestido com o saiote de couro negro dos soldados, com uma máscara a cobrir-lhe o rosto. Era movimento a mais para o falcão; o lugar decididamente revelava-se demasiado perigoso. A ave elevou-se nos ares, sobrevoando os lamaçais ao longo do Nilo.

Fora do alcance do falcão e dos olhos de quem quer que fosse, o assassino, no bosque, com a face oculta pela máscara de chacal, espreitava o juiz Amerotke e o seu servo Chufoi, que penetravam no átrio central do templo em ruínas. O assassino empunhava, numa das mãos, os apetrechos susceptíveis de provocar uma morte rápida e silenciosa e, na outra, um pequeno arco, recurvado como um chifre. O assassino sabia que um disparo, naquelas condições, seria por de mais falível e perigoso. Amerotke e Chufoi não eram alvos nítidos e perfeitos. Talvez se aproximassem. Olhou para o céu. Até àquele momento,

tudo decorrera conforme o plano traçado, à exceção de um pormenor. Devia arriscar o golpe agora ou mais tarde? O assassino moveu-se; afastando um arbusto espinhoso, pousou um joelho em terra, enquanto os seus olhos, por trás da máscara, não deixavam de observar atentamente o templo. Podia atacar, mas atingiria o alvo? E se falhasse? Sim, era melhor esperar por ocasião mais propícia. O assassino retirou a mão com que afastara o arbusto e, deixando as ruínas, afastou-se silenciosamente, oculto pelas sombras.

No templo, Amerotke, não sabendo como estivera tão perto de ser atacado, examinou a laje na entrada da capela lateral.

- Podemos removê-la? - perguntou Chufoi.

Olhou em volta. Uma sensação de perigo eriçou-lhe os cabelos da nuca. Estariam sós? Nos bosques e na vegetação selvagem que obstruía os carreiros e as veredas que levavam ao templo não havia qualquer sinal de agitação. O Sol, a descer para o horizonte, tremeluzia nas águas do Nilo. Entre as ervas, as cigarras cantavam e o grito agudo de um pássaro veio dos caniçais ao longo do rio. Chufoi não gostava daquele sítio ermo e ameaçador.

- Devíamos ter trazido o Asural connosco - resmungou. - Ou pelo menos dois guardas.

- Estamos em segurança - garantiu Amerotke, sorrindo e limpando o suor do rosto.

Chufoi e Mareb tinham esperado pelo juiz no cais. O anão pô-lo de imediato ao corrente do que lhes havia contado o homem dos crocodilos.

- Coincide com o que apurei no túmulo - declarou Amerotke. - O Ueni era um homem muito rico. Não é verdade que afirmava ser "o Jardineiro"?

- Por acaso, chegaste a ouvir falar dele? - quis saber Prenhoe.

- Por uma ou duas vezes, em casos diferentes - replicou o juiz. - Referências ocasionais em relatórios da guarda.

Agradeceu a Mareb por ter acompanhado Chufoi e informou Prenhoe e Asural do local aonde iam.

- O homem dos crocodilos pode ter contado um ror de mentiras - comentou. - Só há uma maneira de o saber.

Amerotke e Chufoi deixaram o cais, cheio de gente, e seguiram pelo mesmo caminho solitário que Sinuhe devia ter percorrido na manhã em que fora assassinado. Chufoi sentia-se particularmente nervoso. Não acreditava no homem dos crocodilos, no Sombra ou, para dizer a verdade, em qualquer outra pessoa. Além disso, ansiava por regressar ao templo, porque compusera uma nova canção de amor para a *heset*. Ela havia sido tão hábil, tão aplicada... Amerotke, contudo, insistira na sua companhia. Chufoi estava irritado, nervoso e invejava Mareb e os outros, por regressarem ao conforto e à segurança, enquanto ele era forçado a calcorrear penosamente aquelas paragens desoladas.

- Porquê? - perguntou.

- Porque andamos à procura de provas - suspirou Amerotke. - Quem nos garante que o homem dos crocodilos não foi pago para contar aquela história?

- Mas já há provas suficientes - protestou Chufoi. O Ueni era muitíssimo rico.

Amerotke abanou a cabeça.

- As provas são como as contas de um colar. Encontramos uma de cada vez, uma aqui, outra ali.

Chufoi bateu o pé no chão, com mais força.

- Bom, aqui estamos nós. Não podemos avançar mais depressa? A minha senhora Norfret está à espera e não disseste que devias partir para o oásis das Palmeiras?

- Tudo isso tem de ficar para depois.

Amerotke pegou na adaga de Chufoi, ajoelhou-se e, com a lâmina, raspou a lama à volta da laje.

- O juiz Amerotke não é um trabalhador.

- O juiz Amerotke é um trabalhador - foi a réplica. Trabalho para descobrir a verdade, Então, Chufoi, vais ficar aí, de pé, a dar-me lições?

Chufoi pegou num pau pontiagudo e começou a escavar, limpando a terra compacta. Junto ao Nilo, encontrou um bocado de madeira mais forte; o Sol estava prestes a pôr-se quando se esforçaram por enfiá-la por baixo da laje. Conseguiram, por fim, os seus intentos; a placa de pedra soltou-se e puderam puxá-la para trás. Viram logo o que procuravam: uma

mão esquelética apareceu, por baixo, entre a terra solta. Amerotke afastou a terra e, depois de olhar para o esqueleto, virou a caveira.

- Estás a conspurcar-te - avisou-o Chufoi.

- Não, não estou.

Amerotke bateu com o dedo no buraco irregular, testemunho da maldade humana, na parte posterior da caveira. Limpou a terra dos dedos e pôs-se de pé.

- O homem dos crocodilos não estava a mentir. O Ueni matou e voltou a matar - Afastou-se e, depois de se sentar num plinto de pedra, quis saber: - Então, Chufoi, que temos aqui?

- Não sei - replicou Chufoi, absorto, de olhos fitos no esqueleto. - A propósito, amo, onde está o manuscrito do Sinuhe?

- Entreguei-o ao Asural para que o levasse de volta para o palácio. Que estás a fazer, Chufoi?

O anão continuara as suas escavações, lembrando a Amerotke um cachorro num jardim.

- Olha para isto! - Chufoi exibiu um grosso bracelete de cobre.

- Mas... o que...?

Amerotke levantou-se, pegou no bracelete e pôs-se a interpretar os hieróglifos da orla.

- Então, o nome do homem era Hordet - exclamou Chufoi. - Ouvi falar dele.

- Também eu - Amerotke fez girar o bracelete várias vezes. - Era um arauto da Casa dos Mensageiros. Desapareceu há cerca de quatro anos.

Chufoi continuou a escavar e pôs a nu um pedaço de papiro. Soprou o pó que o cobria, olhou para a desbotada tinta vermelha e reconheceu a maldição.

”Que os demónios te ataquem. Persistentemente, longamente,
i por todo o tempo e até à eternidade

Que a tua vista seja má, que percas a audição. Que a tua alma pese tanto como um rochedo.

Que os Devoradores dilacerem o teu espírito. Que nunca vejas a luz eterna de Ré.”

Entregou o papiro a Amerotke.

- Desconfio que foi o Ueni quem escreveu isto, como acto de vingança...

Amerotke voltou-se, ao ouvir o som das rodas de um carro e o relinchar de um cavalo. Chufoi empunhou a sua adaga e avançou. No carreiro que separava o templo da margem do rio estava parado um esplêndido carro, feito de vime e de bronze. Os dois cavalos, alvos como o leite, eram corcéis dos estábulos reais. Chufoi não pôde conter uma exclamação de surpresa quando Mareb saltou para terra e se aproximou. O arauto mudara de traje; oleara o cabelo e vestira uma túnica branca e limpa, com uma faixa dourada, entrelaçada à volta da cintura.

- Estás trajado a preceito - ironizou Chufoi. Mareb olhou para o templo e à sua volta.

- Asural disse-me que vos encontraria aqui. Trago uma mensagem da divina Hatusu.

- De que se trata?

Amerotke caminhou ao seu encontro, segurando ainda o bracelete e o pedaço de papiro.

Mareb apresentou a cartela real para que Amerotke a beijasse.

- Reclamam a tua presença, meu senhor, na Casa do Milhão de Anos. O Ser Divino, a emanção de...

- Obrigado - atalhou Amerotke. - Estamos sozinhos, Mareb, num templo em ruínas...

- Não devias estar aqui, meu senhor. De que se trata?

- *Eu é* que te faço essa pergunta - retorquiu Amerotke.

- A divina Hatusu requer a tua presença. Os mensageiros dos Mitânios estão prestes a partir para o oásis das Palmeiras. Devíamos ir com eles. Agora, é demasiado tarde.

- Iremos ao romper do dia - retorquiu Amerotke. Tenho assuntos a tratar com a divina... Acabo de descobrir o cadáver de um dos seus arautos.

- Um arauto? - exclamou Mareb.

- Há quanto tempo prestas serviço na Casa dos Mensageiros? - perguntou o juiz.

O arauto fez um trejeito e, voltando-se, olhou para o carro.

- Sim, seria melhor prender as rédeas dos cavalos a uma árvore - comentou Amerotke. - Quero mostrar-te uma coisa.

Quando Mareb regressou, Amerotke conduziu-o até à capela lateral. O arauto olhou para o fundo da cova e afastou-se, com repugnância.

- Tomei banho e vesti roupas limpas - explicou. - Purifiquei os lábios e as mãos...

Amerotke reparou na contusão que Mareb exibia no rosto e lembrou-se do que Chufoi lhe contara acerca do ataque que ambos haviam sofrido.

- Não chegaste a explicar-me porque andavas à minha procura.

- Nem sei como fazê-lo - riu-se Mareb, voltando a olhar para o fundo da cova. - Segundo parece, foi uma armadilha. Nunca me chamaste e quem estava à minha espera era o assassino...

- Tiveste muita sorte por eu ter chegado a tempo! interveio prontamente Chufoi.

- É verdade. Fico-te eternamente agradecido - Mareb aproximou-se e continuou: - Tudo isso, porém, deve ser exposto ao Ser Divino. Disseste que era um arauto?

Amerotke mostrou-lhe o bracelete e a maldição escrita no papiro.

- Lembras-te do Hordet?

- Claro. - E Mareb fez o sinal contra a má sorte, enfiando o polegar entre o dedo médio e o indicador. - Desapareceu. Alguns julgam que se afogou ou que...

- Ou quê? - quis saber Amerotke.

- Era solteiro e muito apreciado pelas mulheres...

- E conhecias bem o Ueni?

- Era um colega, um companheiro. Casou-se com uma mulher mitânia, por quem andava completamente obcecado. Segundo o que se julga... e o que eu julgava até encontrar o homem dos crocodilos... ela afogou-se, num acidente de barco. O Ueni nunca mais foi o mesmo. Julguei que era por causa

do desgosto, mas, pelos vistos, tornou-se um assassino. Matou a mulher e convidou o Hordet a vir até este lugar, não é assim?

- Exactamente - confirmou Amerotke. - Desferiu-lhe um golpe na parte de trás da cabeça e enterrou-o debaixo desta laje. Para se assegurar de que a alma do Hordet não pudesse progredir no Mundo Inferior, o Ueni compôs esta maldição e enterrou-a com o cadáver.

- O Hordet merecia-o - afirmou Mareb. - Eu gostava do Ueni. Quando descobriu que a sua querida esposa o atraía, deve ter ficado louco. No entanto, segundo julgo, o que o Hordet não merecia era uma morte tão horrível, sem túmulo, sem orações fúnebres. - Os olhos escuros de Mareb enrugaram-se num sorriso. - Andas a fazer grandes descobertas, meu senhor. Nada é o que parece, não é verdade? Olhou para o céu e concluiu: - A divina Hatusu deve estar impaciente.

Seguiu-se uma curta discussão acerca do que devia ser feito com o esqueleto de Hordet. Mareb afirmou que o assunto tinha de ser resolvido pela Casa dos Mensageiros; diria o que havia visto, e os restos mortais de Hordet seriam levados para a necrópole. Por isso, ajudou Amerotke e Chufoi a colocar a laje, de novo, no seu lugar.

- Então, vens comigo até ao oásis das Palmeiras? - perguntou Amerotke.

- Preferia não o fazer - retorquiu Mareb, por cima do ombro, enquanto conduzia os outros dois até ao carro. Não tenho qualquer simpatia pelos Mitânios. O meu pai e o meu irmão foram mortos em combate, aquando da grande vitória do Ser Divino no Norte.

Encaminharam-se para o carro. Chufoi olhou para trás. O templo abandonado, envolto pelo crepúsculo, já não era um santuário devotado a Bes mas a casa de Set, o assassino de cabelos vermelhos.

Amerotke foi introduzido na sala de banhos privada da divina Hatusu. Lá fora, o Sol descia rapidamente para oeste, iluminando o luxuoso aposento de mármore com os seus raios

avermelhados. Tratava-se de um local requintado, com janelas abertas no alto das paredes, que refulgiam como marfim e se encontravam decoradas com símbolos e imagens de divindades, na sua maioria femininas; Amerotke, de soslaio, apercebeu-se de que muitas delas se pareciam com a divina Hatusu. Taças com incenso e *sândalo* perfumavam o ambiente e no chão de tijolos reflectia-se a luz das lamparinas do mais puro óleo, que ardia em jarros de alabastro. Sobre um plinto, que dominava a piscina interior, via-se uma estátua de Hórus, representado como um falcão de asas douradas. A água, azul-escura, ondulava lentamente, fazendo balouçar as flores de lódão, à superfície. Hatusu, que tanto prezava a glória, a pompa e o poder, estava sentada numa cadeira acolchoada no canto mais distante. Tinha na cabeça uma peruca negra e reluzente de óleo, segura por uma rede prateada e, à volta do pescoço, um colar de cornalinas, talhadas em forma de flores. À túnica de linho que vestia, presa à cintura por uma faixa dourada, era diáfana e caía em pregas sobre os seus pés, pousados num tamborete. A seu lado encontrava-se sentado Senenmut, com um rolo de papiro sobre os joelhos. Hatusu, com o rosto inclinado, contemplava as unhas, mas levantou a cabeça quando o capitão núbio fez entrar Amerotke, fechando a porta em seguida, silenciosamente.

- Vê, Senenmut. - A voz de Hatusu era hostil - Aqui temos o meu senhor Amerotke, juiz supremo da Sala das Duas Verdades! Não faz o que lhe solicitamos e prefere vaguear pelas tabernas do cais a cumprir as ordens do seu faraó. Chega ao ponto de nem sequer se ajoelhar na sua presença.

Amerotke, que se sentia ainda mais cansado e malvestido naquele ambiente luxuoso, lembrou-se, de súbito, do ritual a que devia obediência e, avançando, ajoelhou-se numa almofada, perigosamente próxima do rebordo da piscina, e inclinou-se para a frente, até tocar com a fronte no pavimento molhado. Esperava que Hatusu o mandasse erguer-se, mas tal não sucedeu; por isso, limitou-se a soltar um suspiro e a manter a mesma posição.

- O meu coração está feliz - disse, entoando a saudação

ritual -, e a minha alma deliciada pela luz do teu rosto, ó Ser Divino.

Ouviu um som e, pelo canto dos olhos, avistou as sandálias de Hatusu; nos dedos dos pés, com unhas pintadas de verde-escuro, havia alguns anéis de ouro.

- Eu sou o teu faraó. - A voz de Hatusu era grave. Beija-me os pés, Amerotke!

Foi o que ele fez.

- Agora podes levantar-te e ficar sentado sobre os calcanhares.

Amerotke obedeceu e ergueu o olhar. Hatusu havia escondido o rosto por trás duma máscara de ouro e prata; os seus olhos, visíveis através das aberturas da máscara, faiscavam de cólera.

- Tens-te em alta conta, em demasiada conta.

- Não é assim - retorquiu Amerotke.

Senenmut soltou um silvo, como se lhe tivesse faltado a respiração. Hatusu deixou cair a mão e Amerotke julgou que ela ia esbofeteá-lo; no entanto, os dedos de Hatusu avançaram em direcção ao juiz e bateram-lhe, ao de leve, na face. Tirando a máscara, agachou-se a seu lado. "És realmente bela", pensou Amerotke. "Esses olhos brilhantes, essa pele levemente acobreada, esse rosto de linhas perfeitas!" O perfume que ela usava envolveu-o. Hatusu permitiu que a sua túnica se abrisse. Amerotke apercebeu-se de que um dos mamilos fora pintado de verde e ouro. Ela seguiu-lhe o olhar e soltou uma gargalhada sarcástica.

- Passei revista à guarda do palácio, esta manhã, com a minha coroa e esta túnica - O tom sarcástico acentuou-se. Os homens ficaram encantados. Dois deles desmaiaram! Não voltarei a fazê-lo. Julguei que ia ter um ataque de coração. Achas-me bela, Amerotke?

- Sim, como a estrela da manhã, e tão mutável como a própria Lua.

O sorriso de Hatusu dissipou-se, perante aquele sarcasmo.

- Desejas-me, Amerotke?

- Não, minha divina senhora.

- E porque não?

A pergunta revelava um certo desapontamento.

- Desejo a minha mulher, não uma deusa. Ela tocou-lhe na ponta do nariz.

- Sempre astuto, Amerotke! Mesmo quando eras rapaz, na corte de meu pai, tinhas sempre a resposta pronta e adequada - Olhou por cima do ombro e prosseguiu: - É um homem invulgar, não achas, Senenmut? Olha para a piscina, Amerotke. Que vês nela?

O juiz fitou Hatusu.

- Água, apenas água, minha senhora.

- E por baixo?

- Mais água.

- Os homens são assim. Senenmut é assim e tu também. Por vezes, no entanto, fico a cismar: Amerotke, tão grave e solene, tão absorvido na contemplação da sua linda esposa... Apontou um dedo. - Vê. Noto que os teus olhos se alteraram. Tudo o que desejas é só a bela Norfret? - Pôs a ponta da língua fora da boca. - E que mais, Amerotke? Tens receios?

- Claro, minha senhora. Receio a escuridão, o desconhecido, os erros.

- E os cães? - acrescentou ela. - Tens medo dos cães? Levantou-se e ajudou-o a levantar-se também. Tirou as sandálias, desfez o laço à volta do pescoço e deixou que a túnica lhe caísse aos pés. Voltou-se, de braços erguidos. Amerotke sentiu-se corar. Senenmut olhava para o papiro. Hatusu riu-se e mergulhou na piscina. O seu belo corpo dourado deslizou por baixo da superfície azul. Veio à tona, reparou que tinha a cabeleira de banda e, rindo-se, endireitou-a.

- Esqueço-me sempre disto. Não queres vir ter comigo, Amerotke? Vem e tenta apanhar-me.

- Minha senhora. - O tom de voz de Senenmut era severo. - O senhor Amerotke está cansado e não se lavou. Vai conspurcar a água.

- Não sejas ciumento.

Hatusu fez um trejeito e nadou até ao rebordo da piscina, Subiu os degraus e Senenmut apressou-se a envolvê-la na túnica. Dirigiu-se a uma mesa de madeira de acácia na qual havia

taças de vinho branco. Voltou para a sua cadeira e fez sinal a Amerotke para que se sentasse a seu lado. A tentativa de sedução terminara. Bebeu um gole da sua taça e inclinou-se para a frente, aconchegando a túnica ao corpo com uma das mãos.

- A delegação dos Mitânios partiu. Tu, Amerotke, irás ter com eles, acompanhado pelo arauto Mareb. Apresentarás saudações ao rei Tusratta e dir-lhe-ás que não fomos responsáveis pelas mortes ocorridas no Templo de Anúbis. Renovarás os nossos propósitos de celebrar um tratado de paz. - Parou um instante e, depois, prosseguiu: - Também procurarás saber o que lhe vai na mente, se tal for possível - Apontou, então, para o saco de couro encostado à parede. - Saberá alguma coisa acerca da morte do Sinuhe e dos roubos do manuscrito e da *Glória de Anúbis*. Estará o Tusratta por trás de tudo isso? - Fez um gesto com a mão e concluiu: - Não tenho de entrar em pormenores. Descobre o que puderes e, depois, regressa.

- O acampamento do Tusratta - atalhou Senenmut encontra-se instalado no oásis das Palmeiras. Criámos uma fronteira artificial, uma espécie de terra-de-ninguém entre o oásis e os esquadrões da nossa cavalaria. Não tem mais de dez milhas. Os soldados levar-te-ão até Makra, um isolado afloramento de rochas nas Terras Vermelhas. Depois, tu e o Mareb ficarão entregues a vós próprios. Os Mitânios irão ter convosco e escoltar-vos-ão até ao acampamento - Senenmut apertou os lábios; tinha o rosto vincado por rugas, e os seus olhos cansados acusavam a falta de um sono reparador. - Serás tratado com todas as honras, mas mantém o Mareb sempre a teu lado. Os Mitânios não gostam dele, o que aperceberás rapidamente. Fica lá, durante o calor do dia, e tem cuidado com o que comes e bebes. Ao anoitecer, volta para Makra, onde os soldados estarão à tua espera. Serão os nossos cavaleiros que tratarão do teu regresso a Tebas. E agora, meu senhor juiz, o que descobriste?

- A *Glória de Anúbis*. - quis saber Hatusu.

- O mistério persiste, minha senhora - Amerotke ignorou o desapontamento de Hatusu e continuou: - A capela estava fechada e a porta trancada. Não tocaram na piscina e

não há sinais de violência. O Nemrat, o sacerdote de vigília, foi encontrado com um punhal cravado no coração e com a chave da porta ainda presa ao cinto.

- Já sei tudo isso! - exclamou Hatusu, irritada. - E o assassino? O ladrão?

- Uma, duas ou três pessoas - replicou Amerotke. O Kheti, a Ita e o capitão da guarda do templo.

- Vou crucificá-los!

- Não podes fazer isso, minha senhora - interveio Senenmut. - Os sacerdotes de Anúbis são poderosos e faltam-nos provas. No entanto, esses três estão sob estrita vigilância e foram proibidos de sair do recinto do templo.

Olhou interrogativamente para Amerotke e este confirmou, com um aceno de cabeça.

- Podem ser os culpados, mas eu não sei como foram cometidos o assassinio e o roubo. Quanto às outras mortes... Amerotke abriu os braços. - A dançarina, o nobre Snefru, o Ueni? Os dois primeiros morreram certamente por efeito do mesmo veneno. Continuo sem saber como foi administrado. Quando vinha para o palácio, reflecti sobre a morte do Ueni. Há muitas maneiras de matar um homem, mas porque escolheram aquela?

- Explica-te! - ordenou Hatusu.

- O Ueni podia ter sido assassinado com uma seta, envenenado ou estrangulado. Então, porque se deram ao trabalho de o atrair ao local onde foi morto pelos cães selvagens? Uma morte horrenda! Até parece que o assassino queria destruir-lhe tanto o corpo como a alma.

- Não deixando o corpo intacto para os embalsamadores?

- Precisamente, meu senhor Senenmut. Quem matou o Ueni estava possuído por um rancor pessoal, pelo desejo de um ajuste de contas. Mas quem? E porquê?

Em seguida, Amerotke narrou o que dissera o homem dos crocodilos. O rosto de Hatusu ficou lívido de cólera.

- Vou mandar pendurá-lo nas muralhas, ao *lel*

- Não creio que seja possível. Já deixou Tebas. Eu dependo do Chufoi, e o Chufoi depende de indivíduos como o homem dos crocodilos, para obter informações sobre este caso e muitos outros.

- Se bem compreendi - comentou Senenmut, com voz rude -, o Ueni, além de arauto real, era também um assassino profissional.

- Aparentemente assim é, meu senhor vizir. Matou a mulher, por lhe ser infiel, e o amante, o arauto Hordet, e enterrou o corpo deste último num templo abandonado. Encorajado pelo homem dos crocodilos, o Ueni adquiriu o gosto pelo derramamento de sangue. Cometeu vários assassinios em Tebas. Foi ele, sem dúvida, que comprou um punhal idêntico ao utilizado para matar o Nemrat e, por isso, não me espantaria que também estivesse envolvido no roubo da *Glória de Anúbis*. O templo abandonado de Bes fora o local da morte do Hordet, e o Ueni, por isso, levado pelo hábito, convidou o Sinuhe, outra vítima sua, a ir até lá. Podia ter cometido o crime de rosto descoberto ou disfarçado. Sabemos que alguém com o rosto coberto por uma máscara de chacal foi visto junto do Templo de Bes. O Ueni matou o Sinuhe, roubou-lhe o manuscrito e escondeu-o, juntamente com outros tesouros, no seu túmulo. - Amerotke voltou a abrir os braços. - O Ueni podia ter sido a causa e origem de tudo quanto aconteceu, mas porque teria ele de matar a dançarina? E os carneiros e alguns dos peixes do templo? Para concluir, quem o matou, a ele? Quem foi o responsável pelo ataque ao Mareb? A nossa única pista é a referência feita pelo vizinho do Ueni a uma mulher estrangeira vista perto da casa dele.

- Os Mitânios?

- Gostaria de dizer que sim, minha senhora, embora as provas não apontem nessa direcção. O Ueni tinha na sua posse o manuscrito do Sinuhe, mas estava mais interessado em vendê-lo aos Líbios. Quanto à ametista sagrada, só o próprio Anúbis sabe onde se encontra, neste momento. E, além do mais, onde é que, no meio disto tudo, se pode encaixar a morte do senhor Snefru? - Amerotke encostou-se à parede e suspirou. - Minha senhora, meu senhor Senenmut, é tudo o que tenho para dizer.

- Bom, talvez possamos acrescentar algo mais. Mostra-lhe.

Senenmut pegou no pedaço de papiro que se encontrava

no solo, a seu lado. O manuscrito era de boa qualidade, mas Amerotke não conseguiu decifrar os hieróglifos que continha e que pareciam desenhados de modo apressado.

- É a escrita dos Mitânios - explicou Senenmut. Trata-se de uma mensagem enviada pelo rei aos seus mensageiros. Como é natural - acrescentou, sarcasticamente -, os mensageiros transportam dois tipos de mensagens, as públicas e as secretas. A nossa Casa dos Segredos conseguiu descobrir que o rei dos Mitânios se servia de um nómada do deserto para trazer cartas à Uanef e aos seus companheiros. Preparámos um pequeno incidente, uma questiúncula quanto ao seu direito de entrar na cidade e de negociar no mercado. Foi revistado e apoderámo-nos de todos os seus pertences. Este manuscrito foi encontrado dentro de um cesto. Os nossos escribas fizeram uma cópia fiel e a tradução é a seguinte:

"Tuchratta, rei dos Mitânios" - começou Senenmut a ler -, "à sua bem-amada Uanef, meia-irmã e mensageira junto da corte do Egipto. Soubemos da tua visita ao Templo de Anúbis. Avisamos-te de que as negociações devem ficar concluídas assim que os nossos corações rejubilem de alegria pelo facto de aquilo que rebrilha e aquilo que explica nos terem sido entregues e estarem nas nossas mãos."

Senenmut ergueu a cabeça.

- *A Glória de Anúbis* e o manuscrito do Sinuhe? - perguntou Amerotke.

- É provável - assentiu Senenmut. - Desta forma, ficámos a saber que o Tuchratta está envolvido nos roubos.

- Não necessariamente - objectou Amerotke. - Suponhamos que o rei dos Mitânios teve conhecimento dos roubos

só naquele momento e, naturalmente, logo decidiu apoderar-se dos objectos roubados.

- É admissível - concedeu Senenmut. Voltou a examinar o papiro e continuou a lê-lo. - "Estamos certos de que saberás lidar com "o Jardineiro"."

- O Ueni? - O nome saiu da boca de Hatusu como se o tivesse cuspidos.

- "E que também saberás lidar com os chacais que te mordem os calcanhares."

”Será uma referência a nós?”, pensou Amerotke.

- É estranho - murmurou - que não se faça menção ao Hiena, o nome por que era designado o espião dos Mitânios.

- ”No entanto, queremos garantir a tua segurança e a dos outros” - continuou Senenmut, lendo o papiro. - ”Se for necessário, regressa ao oásis das Palmeiras para consulta e novas instruções. O tratado de paz não deve ser posto em causa. Quanto a esse ponto, os nossos interesses coincidem com os da rainha-faraó. Tem cuidado com o arauto Mareb; ele dispõe de boas razões para nos odiar.”

- Sim, é verdade - interrompeu Hatusu. - O pai e o irmão do Mareb caíram numa emboscada dos Mitânios. Foram ambos mortos e os seus cadáveres abandonados no deserto.

- ”Não confies no ”Jardineiro”” - prosseguiu Senenmut, sem tirar os olhos do papiro -, ”nem no senhor Senenmut. Quanto a este ponto, sabes bem o que pensamos.” E é tudo - concluiu o vizir, voltando a colocar o papiro no solo.

- Quer dizer que tudo gira à volta do Ueni - reflectiu Amerotke. - É um arauto egípcio, de dia, e um assassino, à noite. Oferece-se como espião do Egito, mas, por outro lado, trabalha também para os Mitânios. Para ser mais exacto, as provas demonstram que só trabalhava para ele próprio.

- Segundo cremos - disse Hatusu, batendo no chão com a sandália -, o Ueni foi contratado pelos Mitânios, por causa do seu casamento. Provavelmente souberam a verdade a seu respeito, por intermédio do homem dos crocodilos ou dos Líbios, e concluíram que era um homem disposto a vender informações. Os Mitânios queriam o manuscrito do Sinuhe, por causa da casa do tesouro a que se refere, e a *Glória de Anúbis*, para nos humilhar. O Ueni, porém, não era pessoa em que pudesse confiar-se e, por isso, os Mitânios mataram-no.

- Tudo isto acaba por levantar mais questões do que responder a perguntas - comentou Amerotke, erguendo-se. Permites, divina Hatusu - acrescentou, apontando para o saco de couro -, que examine mais de perto o manuscrito do Sinuhe?

- Claro que sim - respondeu Hatusu, com um sorriso. Leva-o contigo e guarda-o em lugar seguro. Tens de partir, logo que se erga o Sol.

Amerotke pegou no saco e ia ajoelhar-se, de novo, quando Hatusu se ergueu e, pondo-se em bicos de pés, o beijou em ambas as faces.

- Um amigo do faraó não precisa de ajoelhar-se - disse, sorrindo e beliscando-o no pulso.

Amerotke saudou Senenmut e saiu. Chufoi e Prenhoe saltavam, ocupados num jogo, enquanto esperavam o amo na antecâmara.

- Mensagem da senhora Norfret! - anunciou o anão. A chave para o seu cofre...

- Agora não! - exclamou Amerotke. Olhou para a janela; a noite avançava docemente. - Amanhã é um novo dia murmurou.

Segurando com firmeza o manuscrito de Sinuhe, Amerotke deixou a Casa do Milhão de Anos e caminhou, ao longo das ruas, em direcção ao Templo de Anúbis, sem reparar na figura encapuçada e sombria que o seguia de perto.

Um dos títulos principais de Anúbis era o de Senhor do Pavilhão Divino.

CAPITULO 10

O carro de guerra era feito com madeira de acácia e de olmo e varas de vidoeiro. Fora construído tendo em vista a rapidez do ataque, de modo a romper as linhas da infantaria inimiga. Reforçado com cobre e âmbar amarelo, era o mais perfeito dos esquadrões egípcios, com o interior revestido de couro vermelho, o seu varão de bronze e as rodas de seis raios protegidas por tiras de couro. Amerotke, agarrado ao varão, voltou-se para norte, sentiu a respiração fria de Amon e murmurou a oração da madrugada. Olhou para as duas éguas, de pelagem cor de avelã, as mais velozes e belas dos estábulos reais - uma alcunhada de *Orgulho de Hathor* e a outra de *Esplendor de Isis* -, atreladas a uma barra de madeira de olmo, elegantemente recurvada. As rédeas compridas eram habilmente manejadas por Mareb, que as puxava ou fazia estalar, guiando o carro com grande perícia.

Amerotke e o arauto haviam deixado para trás o esquadrão de escolta e, naquele momento, corriam como o vento através do árido mas quase mágico cenário das Terras Vermelhas, a leste de Tebas. O céu enchia-se de cores brilhantes, aos primeiros raios do Sol que nascia no horizonte. A luz, vinda de oriente, transformava rapidamente as rochas cinzentas, os leitos secos dos riachos e os barrancos ressequidos numa paisagem de matizes variegados. Amerotke ficava sempre deslumbrado pela beleza do nascer do Sol no deserto. A areia adquiria uma tonalidade purpúrea, as rochas tornavam-se róseas

e a vegetação rasteira e selvagem ficava sinistramente negra. Olhou para o seu companheiro. Mareb ia concentrado a guiar o carro, levando as éguas a contornar os penedos e a seguir pelos sulcos do solo. O juiz fechou os olhos, como costumava fazer quando, em criança, o pai o levava a espaços livres, onde ambos pudessem adorar o Sol ao nascer.

- Sinto-me a voar - murmurou. - Converte-me num falcão que esvoaça sobre o deserto.

Mareb voltou a cabeça.

- É uma sensação única, não achas, meu senhor juiz? Faz cantar o sangue nas veias!

Amerotke abriu os olhos e agarrou-se ao varão com maior firmeza, enquanto Mareb fazia galopar as éguas, sempre em frente, pelo trilho vincado no solo. Condutor exímio, o arauto conhecia todas as curvas e acidentes do percurso. Amerotke pôde aperceber-se daquilo a que os cocheiros chamavam "música": o ruído ritmado das rodas, o balouçar do carro na sua elegante dança guerreira, o bater dos cascos de *Hathor* e de *Isis*, com as cabeças oscilantes e as plumas negras, fixadas entre as orelhas, a esvoaçar, enquanto as éguas continuavam na sua desenfreada correria. Por fim, Mareb fez abrandar a marcha. O Sol já se levantara e os seus raios brilhantes perturbavam-lhe a visão.

- Queres fazer a tua adoração, meu senhor?

Amerotke respondeu afirmativamente. Mareb puxou as rédeas, falando carinhosamente com as éguas e chamando-lhes "lindas meninas" e "orgulho do meu coração". O carro parou à sombra de um amontoado de rochas. Amerotke apeou-se, com cautela, e Mareb fez o mesmo; não era segredo para ninguém que os ocupantes dos carros ficavam entorpecidos e, por vezes, até desmaiavam, depois de uma cavalgada tão impetuosa. Mareb foi tratar dos animais, dando-lhes mãos-cheias de comida, que tirava de um pequeno saco, e molhando as suas narinas e bocas com um pano embebido em água. Amerotke, por sua vez, inspeccionou as rodas, as chavetas e as correias de protecção para ver se estava tudo em devida ordem. Mareb trouxera o melhor carro dos estábulos reais, com a sua ornamentação vermelha e verde e as figuras de guerreiros esculpidas

nos lados. Dispunha, também, de uma grande arca de guerra, pintada de castanho-escuro e onde havia lanças de arremesso, uma espada, um machado, um arco e uma aljava com setas cuidadosamente emplumadas. Amerotke estendeu a sua capa no chão, e ele e Mareb tomaram a primeira refeição do dia, comendo carne seca e bebendo água. Depois disso, ajoelharam-se, de olhos fixos no Horizonte Longínquo e na glória do Sol a nascer.

- O teu esplendor cobre o mundo inteiro - começou Amerotke a oração da madrugada:

”Desceste ao Mundo Inferior

E dominaste vitoriosamente tudo e todos com o teu ceptro.

Visitaste as tuas montanhas. Os teus portais são de lápis-lazúli. Os teus muros, de prata. O teu soalho, de plátano,

A tua porta, de cobre,

O teu trono durará eternamente.

A tua palavra chega aos confins do mundo.

Ó glorioso Ré, tudo estremece perante ti!”

Amerotke inclinou-se, baixando a testa até tocar no solo, e Mareb imitou-o. Amerotke perguntou a si próprio se o arauto acreditava verdadeiramente naquelas palavras ou se, como ele, alimentava algumas dúvidas. O juiz murmurou uma prece à deusa Maet, implorando a sua protecção e sabedoria, tanto para ele como para todos aqueles por quem queria rezar.

- Estaremos lá dentro de uma hora - afirmou Mareb, pondo-se de pé.

Vestido com o verde-escuro dos cocheiros reais, o arauto parecia mais novo, com o rosto ainda ligeiramente ruborizado pelo esforço que fizera. Tinha o cabelo negro apanhado por uma fita branca entrançada, decorada com hieróglifos que proclamavam ser ele portador da voz do faraó. No cordão, à volta da cintura, estava presa a insígnia branca indicativa do seu cargo, ornada com uma pequena águia dourada, de asas abertas.

- Receias alguma traição? - perguntou Amerotke. Mareb fincou as mãos no varão do carro e olhou para o deserto. O silêncio foi cortado pelo grito de uma ave e, com a brisa, chegou até eles o rugido abafado de um leão.

- Se queres saber a verdade, senhor, estou mais preocupado com este lugar do que com os Mitânios. Parece deserto, mas é puro engano. Ouviste o leão?

Amerotke acenou afirmativamente.

- Há bandos inteiros a vaguear por aqui - continuou Mareb. - E hienas, chacais e gatos-selvagens, para não falar das serpentes e dos escorpiões. É um lugar terrível para morrer, meu senhor juiz. Tive um pesadelo... Estava sozinho no deserto, à noite, e rodeado de predadores.

Amerotke reprimiu um calafrio.

- E não gostas dos Mitânios?

- Não, não gosto deles e eles não gostam de mim. O meu pai e o meu irmão mais velho participaram da vitória, no Norte, da divina Hatusu, e ambos foram mortos. Nem sequer pude vestir os seus cadáveres para o funeral.

- E o Ueni? - quis saber Amerotke. Mareb subiu para o carro e pegou nas rédeas.

- Já te disse. Era um homem estranho.

Amerotke trepou também para o carro, colocando-se ao lado do seu companheiro de viagem.

- Que opinião tinham os Mitânios dele? Alguma vez serviste de arauto juntamente com o Ueni?

- O Ueni, às vezes, era taciturno. Nunca falava a respeito de si próprio. A maior parte das suas conversas referia-se à Casa dos Mensageiros: quem estava em ascensão, quem caíra em desgraça. Soube que tinha sangue mitânio e que se casara com uma mulher mitânia e, por isso, nunca lhe dei a conhecer as minhas opiniões. Sempre que o Ueni se encontrava com a Uanef, eu ficava com a impressão de que havia qualquer coisa entre eles. A princesa não é a mulher mais bela do mundo, mas... - e riu-se - compreendes o que quero dizer?

- Julgas que ela o dominava?

- A falar verdade, tudo é possível. O Ueni não era melhor do que uma prostituta. Ficava do lado de quem lhe oferecesse mais; a sua deusa era a abundância.

- Quem o matou odiava-o, decerto - suspirou Amerotke. - Para fazer com que o seu corpo fosse despedaçado pelos cães...

- Talvez tenham sido os mitânios da delegação. - Mareb segurou as rédeas, deu um estalido com a língua e o carro pôs-se em movimento, lentamente. Depois, afirmou: - Devemos chegar ao oásis das Palmeiras dentro de uma hora. Preferia que os Mitânios me vissem em todo o meu esplendor e não suado e sujo de pó.

Amerotke agarrou-se ao varão, enquanto Mareb fazia galopar as éguas. Havia anos que não visitava o oásis das Palmeiras, mas, à medida que se aproximava dele, reconhecia certos pormenores. O deserto foi gradualmente dando lugar a terras com mais vegetação e, pouco depois, avistaram o oásis, uma ilha verde na parte oriental do horizonte. Amerotke apercebeu-se do brilho do bronze e da movimentação de cores, sinal de que os Mitânios haviam enviado carros de guerra para o saudar e escoltar. Eram maiores e mais pesados do que os dos Egípcios; tinham quatro rodas, eram puxados por cavalos mais corpulentos e cada um deles podia transportar três guerreiros.

- O Tuchratta quer ostentar o seu poderio - murmurou Mareb.

Amerotke concordou. Os mitânios avançavam, em tropel, nos seus carros. Os soldados que os ocupavam traziam escudos, couraças de cobre, saiotes de couro e elmos de bronze, ornados com plumas. Mareb ignorou-os, conduzindo as suas éguas a trote largo. Os carros de guerra dos mitânios fizeram um círculo para vir colocar-se a seu lado e Amerotke ergueu a mão num gesto de paz. O comandante das tropas respondeu do mesmo modo; tinha o rosto quase tapado pelo elmo, pouco mais mostrando do que uma barba e bigodes pretos. Arreganhou os lábios, exibindo os dentes brancos, e fez sinal a Mareb para que o seguisse. O carro mitânio galopou, à frente deles, seguindo pelo trilho que conduzia ao oásis.

Amerotke ficou surpreendido com a azáfama que foi encontrar. O oásis estendia-se por quatro milhas, de cada lado, mas a corte mitânia ocupara-o, quase por completo, com os seus pavilhões coloridos, as suas tendas, lojas e fileiras de cavalos.

O ambiente achava-se saturado pelo odor forte da madeira a arder, da comida que estava a ser cozinhada e de um sem-número de perfumes e especiarias. No entanto, apesar deste caos aparente, o acampamento mostrava-se bem organizado, com alamedas e ruas delineadas de forma hábil. Todo o perímetro se encontrava defendido por grupos de carros de guerra e linhas de soldados. Alguns destes estavam vestidos e armados como os que Amerotke já vira, mas havia também mercenários de Canaã, com os seus trajes, armaduras e elmos exóticos. Cruzavam-se palavras incompreensíveis, denunciando as mais diferentes nacionalidades: cuchitas, núbios, líbios e, até mesmo, mercenários oriundos das ilhas do Grande Verde. Viam-se mulheres à roda das fogueiras e crianças nuas, que gritavam e berravam, além de cães que ladravam e corriam ao encontro dos dois egípcios. Por fim, chegaram ao centro do oásis, onde o rei havia implantado as suas tendas, em volta do grande lago, à sombra fresca dos plátanos e das palmeiras.

O pavilhão real era luxuoso, com os panos coloridos que o formavam bem seguros por estacas. A guarda era constituída por mercenários de Canaã, envergando túnicas brancas, couraças e grevas de bronze, e segurando nas mãos e nos braços lanças e escudos. Amerotke e Mareb esperaram que os servos desatrelassem os cavalos e os levassem consigo.

- Meu senhor Amerotke, que grande prazer em ver-te. O juiz voltou-se. Uanef, vestida com uma túnica verde-escura e um xaile de franjas azuis sobre os ombros, achava-se a seu lado e sorria-lhe.

- Fizeste uma viagem segura, espero. Amerotke inclinou a cabeça, numa curta vénia.

- Espero que seja igualmente segura, quando regressar. Diz-me, porque me conduziram até aqui?

- Por causa do que aconteceu! O rei Tuhratta está muito alarmado porque um membro do seu conselho foi assassinado. Precisávamos de obter a vossa palavra de que tudo está bem. - Uanef escolhia cuidadosamente as palavras que proferia e, depois de olhar para Mareb, o seu sorriso dissipou-se. O rei vai recebê-los em seguida.

Conduziu-os, através dos guardas, até à tenda real. A princípio,

Amerotke sentiu-se atônito, já que, no interior, fazia bastante frio. Passada a confusão inicial, olhou à sua volta. O chão estava coberto por tapetes de cores variadas e havia almofadas à volta de pequenas mesas, na sua maioria peçadas de ornamentos preciosos, taças, jarras e tigelas. Dos queimadores de incenso elevavam-se volutas de fumo. Firmes como estátuas, tal como os guardas, servos agitavam grandes leques de plumas de avestruz, que impregnavam o ar com o seu cheiro forte.

A parte dianteira do pavilhão era uma antecâmara. Tucheratta esperava-os numa câmara interior, mais opulenta. O rei estava sentado, de pernas cruzadas, sobre uma pilha de almofadas, com Hunro e Mensu à sua esquerda; Uanef foi sentar-se à sua direita. Envergando uma túnica branca, presa no peito por uma faixa purpúrea, Tucheratta ergueu a cabeça. Alto e musculoso, o seu rosto, agreste e cruel, era emoldurado por uma peruca oleada que lhe caía sobre os ombros. Não tinha bigode, mas a barba, cuidadosamente ondulada e oleada, descia-lhe até ao peito. Não olhou directamente para Amerotke; preferiu espreitar o juiz por baixo das sobrancelhas hirsutas, sem erguer a cabeça, enquanto, com o dedo, coçava o nariz carnudo. Usava brincos de madrepérola, um peitoral adornado com jóias à volta do pescoço e, nos dedos grossos, anéis de pedras preciosas que chegariam para pagar o resgate de um príncipe.

- Compreendo a tua língua.

Sempre sem levantar a cabeça, Tucheratta fez sinal aos dois egípcios para que se sentassem em almofadas, a seu lado; Mareb e Amerotke obedeceram-lhe. Os servos ofereceram-lhes vinho gelado e tâmaras açucaradas; Amerotke aceitou o vinho, mas recusou as tâmaras. O rei, contudo, pegou no prato e começou a metê-las na boca, uma atrás da outra, mastigando ruidosamente, numa atitude de deliberado desdém. Depois arrotou e limpou a boca.

- Vens explicar-me o que aconteceu no Templo de Anúbis?

- Não venho explicar nada, meu senhor - replicou Amerotke. - Porque havia de explicar algo por que o Egipto não é responsável?

- Um dos meus mensageiros foi morto.

- Tal como um dos nossos arautos. Tchratta palitou os dentes e sorriu.

- Então, que vens *tu* fazer aqui, senhor juiz Amerotke? Não devias estar no teu tribunal? É certo que pedimos a tua presença, como prova de confiança, mas que mais nos trazes?

Amerotke, que recebera instruções precisas de Senenmut antes de deixar Tebas, ponderou a resposta.

- O Egipto deseja a paz - respondeu - e não a guerra, mas nas condições estabelecidas pela divina Hatusu, encarnação da vontade de Ré.

O sorriso de Tchratta dissipou-se.

- Ela já decretou o que trará uma paz duradoura - continuou Amerotke, sustentando o olhar do rei. - O Egipto não é responsável pela morte do senhor Snefru. Pediste garantias desse facto e é por isso que estou aqui.

Amerotke ignorou os resmungos de protesto de Hunro e Mensu; Uanef, essa, mantinha-se impassível.

- Que pretendes dizer com isso? - escarneceu Tchratta. - Que a morte de Snefru foi causada por algum estranho?

- Tudo é possível, meu senhor.

- Dá-me um exemplo!

- O roubo da *Glória de Anúbis*, a morte de Sinuhe, o roubo do manuscrito...

A fúria ruborizou o rosto encovado e pálido de Tchratta.

- Não viemos ao Egipto para roubar.

- Portanto, não sabes nada acerca dessas ocorrências? Tchratta abanou a cabeça. Uanef pigarreou e pegou na sua taça, fazendo tilintar os braceletes. Amerotke tinha a certeza de que era um sinal para que Tchratta se acalmasse.

- Meu senhor Amerotke - murmurou ela -, sabemos uma coisa sobre a morte do vosso arauto Ueni...

- Era um traidor - atalhou Amerotke. - Estava disposto a vender aquilo que possuía, fosse o que fosse, a quem lhe oferecesse mais dinheiro. Estás incluída no número dos seus clientes, minha senhora?

- O Ueni era um espião - sorriu tristemente Uanef, exprimindo o seu pesar. - Pretendia espiar a nosso favor, mas

os traidores são assim, não achas? Tenho a certeza de que, algures no nosso acampamento, há espiões do senhor Senenmut. Soubemo-lo... - e respirou fundo - por intermédio, digamos...

- Dos vossos espiões em Tebas? - Foi a vez de Amerotke esboçar um sorriso.

- Muito diplomático da tua parte, meu senhor juiz. Soubemos que o Ueni assassinou o Sinuhe. Roubou-lhe o manuscrito e escondeu-o no seu túmulo na necrópole. Sim, sabemos isso tudo. Também foi ele que roubou a *Glória de Anúbis* e se propôs vendê-la a alguém, mas não a nós.

- Como foi que ele a roubou? - quis saber Amerotke. Viram já a Capela de Anúbis? - acrescentou.

- Segundo os nossos serviços secretos - replicou Uanef -, o Ueni já estava na capela quando o Nemrath entrou. Matou o sacerdote, escondeu-se ali e só saiu quando o crime foi descoberto.

Amerotke, surpreendido, piscou os olhos. Mareb inclinou-se para a frente, como se quisesse falar, mas Uanef, sem sequer olhar para ele, ergueu a mão.

- O Amerotke é a boca do faraó! - antecipou-se ela. Tu apenas lhe serves de guia e de escolta. Não voltaremos a lidar com os arautos do Egipto - Baixou a mão e fitou Amerotke. - É desejo do rei Tuhratta que amanhã regressemos a Tebas para continuar as negociações. Pretendemos selar o tratado de paz. Honraremos o nosso acordo, sob duas condições: que Mareb, aqui presente, seja afastado do Templo de Anúbis e que o sarcófago da irmã do rei Tuhratta seja removido do Vale dos Reis e entregue aos Mitânios.

Amerotke lembrou-se dos conselhos de Senenmut.

- É verdade que o corpo da irmã do rei foi embalsamado - declarou, ansioso por voltar ao crime de Ueni - e que está depositado no mausoléu real. Não pode continuar a dormir, em descanso, junto do faraó, seu amo?

Fez uma pausa quando se apercebeu de que Mareb se empertigara, furioso.

- E porque põem tantas objecções quanto ao arauto do Egipto?

- Creio que as nossas condições são razoáveis - respondeu Tucheratta, em voz pausada. - A Benia era a minha querida irmã, uma criança ainda quando se casou com o faraó Turmés Primeiro. - Os traços do seu rosto como que perderam a sua dureza habitual. - Quando dormir no meu túmulo, quero que a minha bem-amada irmã repouse a meu lado.

Amerotke fez uma vénia.

- Tratarei pessoalmente desse assunto. E quanto ao arauto?

Tucheratta não se dignou sequer olhar para Mareb.

- Como muitos outros egípcios, o vosso arauto perdeu familiares na grande batalha do Norte. Devia esconder melhor os seus sentimentos, pondo de lado o desdém que agora se acha estampado no seu rosto. Além disso, também pensamos que, além de arauto, é um espião.

Amerotke apertou o pulso de Mareb para que este permanecesse em silêncio e decidiu não insistir mais no assunto. Não lhe agradou o sorriso malicioso e afectado de Uanef. Imperceptivelmente, o ambiente havia-se alterado. Hatusu detinha as rédeas do poder e conservava a posição dominante no tratado de paz, e Tucheratta era forçado a admitir essa situação. Apesar disso, porém, Amerotke estava certo de que os Mitânios escarneciam dela.

- Porque não fomos informados, em Tebas, da actuação do Ueni? - Amerotke tentava satisfazer a sua própria curiosidade.

- Julgámos que seria mais seguro divulgar aqui essa notícia - replicou Uanef. - Trata-se apenas do que ouvimos dizer e, de qualquer modo, só o soubemos pouco tempo antes de deixar a cidade.

Amerotke observou as insígnias no estandarte de guerra dependurado por trás de Tucheratta: um crescente, uma constelação de estrelas e a imagem de um deus-cão. Ia continuar a fazer perguntas quando uma das abas da tenda foi levantada, dando passagem a um mordomo real, seguido pelo seu pessoal, uma curiosa fileira de servos que traziam travessas e pratos com codornizes assadas, carne de antílope, figos e outros frutos. O ar ficou impregnado pelo odor da comida, mas o

que mais surpreendeu Amerotke foram os criados; tinham pele negra como a noite e não eram mais altos do que Chufoi. Movimentavam-se com notável delicadeza e os seus corpos, perfeitos, embora não maiores do que os de crianças, eram, no entanto, *de* homens e mulheres. Estavam nus, à exceção das tangas de couro decorado que lhes pendiam das cinturas; usavam braceletes nos pulsos e argolas douradas nas orelhas e nos narizes. Quando uma das servas colocou uma travessa sobre A mesa, apercebeu-se de que Amerotke a observava e dirigiu-lhe um deslumbrante sorriso.

- É espantoso... - murmurou o juiz. contar histórias acerca daquele povo que vivia nas” florestas para sul, mas era a primeira vez que se encontrava com exemplares de tal raça.

- Gostas dos nossos pequenos, meu senhor Amerotke? - perguntou Tuchratta. - São doze e foram-me oferecidos pelo seu príncipe.

Amerotke apercebeu-se da ameaça velada. Tuchratta queria lembrar ao Egito que também ele dispunha de aliados, juiz ficou a examinar a fila de servos, até estes saírem da tenda. Como mandavam as regras da cortesia, provou as iguarias que haviam sido colocadas à sua frente. Mareb recusou-se tocar fosse no que fosse, mantendo uma impassibilidade determinada. Amerotke aproveitou a pausa para reflectir no que ouvira acerca de Ueni. Enquanto se procedia à troca de sacerdotes, era possível a alguém introduzir-se sorrateiramente na capela, esconder-se num recanto, matar Nemrat e escapulir-se, a confusão subsequente. No entanto, como conseguiram tão facilmente na capela? Com a conivência de outras pessoas? - Meu senhor Amerotke! O juiz ergueu a cabeça.

- Aceitamos as garantias dadas pelo Egito de que os nossos mensageiros ficarão em segurança - murmurou Tuchratta. - Partirás esta tarde, ao pôr do Sol, e anunciarás à divina Hatusu que a princesa Uanef e os meus bons conselheiros voltarão a Tebas, amanhã de manhã. Dentro de cinco dias, o tratado será assinado!

Tuchratta voltou-se para Uanef, dando a entender que a reunião chegara ao fim. Amerotke suspirou; a jornada havia sido árdua, mas profícua. Um mensageiro mitânio fora assassinado, o Egípto apresentara as suas garantias de boa vontade e Tuchratta aceitara-as.

Acompanhado por Mareb, Amerotke ergueu-se, fez uma vénia e saiu do pavilhão real. Cá fora, aqueles a quem o rei chamara "os seus pequenos" estavam agrupados em redor do mordomo, a quem davam tâmaras açucaradas que tiravam de um prato. Quando viram Amerotke e Mareb, aproximaram-se deles, tocaram-lhes nos braços e examinaram os seus braceletes e o peitoral que Amerotke trazia à volta do pescoço e onde se via a imagem da deusa Maet. Trocaram palavras entre si, com vozes de tom agudo; as mulheres mostraram-se mais amáveis, enquanto os homens se mantinham um tanto afastados. Amerotke reparou que alguns deles tinham pequenos cilindros nas correias que usavam à volta da cintura, bem como minúsculas bolsas pendentes do pescoço. Quis entabular conversa com eles mas o mordomo interveio, conduzindo Amerotke e Mareb até um pavilhão na outra extremidade do recinto real. Na tenda, havia uma grande quantidade de almofadas e de tapetes; pratos com comida, cobertos, e um jarro, fendido, com vinho gelado, estavam colocados sobre a mesa. O mordomo fez um gesto largo para dar a entender que tudo aquilo se achava à disposição de ambos e saiu da tenda, logo a seguir.

- Tudo isto é insultuoso! - protestou Mareb, atirando-se sobre as almofadas. - São uns bárbaros! - O seu rosto estava vermelho de cólera. - Nem sequer permitiram que nos limpássemos, antes de nos oferecerem comida. Estão a trocar de nós.

- Talvez - disse Amerotke, sentando-se em frente do arauto -, mas deixa-os gozar a sua hora de ostentação, enquanto brilha o Sol. Os Mitânios estão derrotados. Tuchratta pode mostrar-se arrogante, presunçoso ou solicitar isto ou aquilo, mas a verdade é que perdeu a batalha e perdeu a guerra. Foi forçado a vir até aqui e a aceitar as condições da divina Hatusu. É bem possível que não seja alheio à morte do Sinuhe e ao roubo da ametista sagrada. Pode insistir na trasladação

do sarcófago da Benia, mas aquilo que a Hatusu quer verdadeiramente é que Tuchratta seja um rei complacente, concedendo passagem livre e em segurança às tropas, mercadores e navios do Egito.

- Devias ter protestado - retorquiu Mareb. - Eu sou o arauto do Ser Divino.

Amerotke inclinou-se e perguntou ao companheiro, em voz baixa:

- Diz-me a verdade, Mareb. Nunca te serviste do teu cargo para demonstrar desdém? Um sorriso trocista, um piscar de olhos?

Mareb abanou a cabeça.

- É difícil - murmurou. - Amava o meu pai e o meu irmão. O homem que os matou está a festejar, na sua tenda, como bárbaro que é - Os seus olhos brilhavam. - Ficaria contente se o Ser Divino tivesse ocupado a capital dele, lha tivesse queimado debaixo do nariz e o tivesse pendurado nas muralhas, como advertência.

Amerotke ouviu um ruído fora da tenda e levantou a mão, impondo silêncio. Um servo ergueu uma das abas e deu passagem a Uanef.

- O vosso aposento é confortável? - perguntou.

- É, mas não vamos permanecer nele durante muito tempo.

- Não, não, não vão. Os vossos cavalos foram devidamente alimentados; deram-lhes de beber, lavaram-nos e até lhes alisaram o pêlo. Pedi aos nossos ferreiros que examinassem o vosso carro para verificar que tudo estava em ordem.

- Não deviam tocar nele - interrompeu Mareb. Uanef olhou de soslaio, para o arauto.

- A tua missão, meu senhor Amerotke, foi cumprida com êxito - disse ela, levantando-se. - Soubeste desanuviar a tensão. Creio que será melhor deixar as coisas nesse pé.

Dirigiu-se para o exterior e o mordomo, depois de lhe dar passagem, seguiu atrás dela. Amerotke dirigiu-se para uma pequena cama, coberta com almofadas e sacas forradas com lã.

- Vamos descansar um pouco, Mareb - declarou mas, logo que o Sol começar a pôr-se, partiremos - Olhou à sua volta e sorriu. - Aconselho-te a não te afastares de mim.

Mareb limitou-se a deitar por terra um dos pratos de comida colocados sobre a mesa e encaminhou-se para a sua cama. Amerotke recostou-se e murmurou uma prece por Norfret e pelos filhos, tentando dominar a sua própria ansiedade e o sentimento de insegurança que o atormentava. A sua missão teria sido necessária? Porque tinham os Mitânios considerado o assunto tão interessante? Estaria Tucheratta a preparar uma armadilha? Porque não havia ele pedido uma compensação pela morte de Snefru? No entanto, se o Egito não fora responsável por essa morte, que razões existiam para lhe dar essa compensação? E as notícias acerca da morte de Ueni? Teria actuado sozinho ou com um cúmplice? Amerotke, desejando que Chufoi estivesse a seu lado, mergulhou num sono profundo. Quando Mareb o abanou, para o acordar, o juiz apercebeu-se de que o dia estava prestes a chegar ao fim.

- O Sol está a pôr-se - disse o arauto. - Saí da tenda e pude verificar que os cavalos e o carro estão prontos e em boas condições.

Amerotke levantou-se e lavou as mãos e o rosto. Serviram-se de alguma comida e beberam um gole de vinho. Do exterior, chegou o ruído do carro e das éguas que se aproximavam da tenda. Mareb apressou-se a sair e Amerotke seguiu atrás dele. O arauto inspeccionou, rapidamente, as rodas, o tirante e as rédeas, ignorando, por completo, os oficiais mitânios que se achavam em redor do carro.

- Escoltá-los-emos - declarou um deles -, para que cheguem ao limite do acampamento em perfeita segurança.

Mareb fez de conta que não os ouvira. Amerotke concordou e trepou para o carro, postando-se ao lado do arauto. O ar estava mais fresco e o Sol perdera parte do seu brilho, tornando-se cor de sangue, enquanto descia para oeste e alongava as sombras. No acampamento, a azáfama era grande, com toda a gente a preparar-se para o anoitecer. Mareb fez estalar as rédeas e manteve as éguas a passo, quando, escoltados pelos oficiais mitânios, se dirigiram para o extremo do acampamento. Não foram trocados cumprimentos nem despedidas, mas Mareb voltou-se para trás, pigarreou ruidosamente e escarrou sobre a poeira do solo, para manifestar o seu desprezo.

Fazendo chicotear as rédeas, levou as éguas a entrar em galope, tão subitamente que quase fez cair Amerotke.

- Graças sejam dadas ao deus Amon! - resmungou Mareb. - Estamos livres do seu cheiro pestilento e a caminho de outros céus.

Amerotke anuiu. Havia muito tempo que não percorria o deserto dentro de um carro, ao anoitecer, a hora mágica em que os rochedos, a areia e os arbustos mudavam de cor e de aparência. Mareb estava radiante e incitava as éguas, em altos berros, libertando a fúria que fervilhara dentro dele. Encontravam-se em pleno deserto. Amerotke viu, de relance, leões que os espreitavam, por trás de moitas. Mareb obrigou as éguas a avançar e, depois, resmungou entre dentes, puxando as rédeas e olhando para um dos lados do carro.

- O que se passa? - quis saber Amerotke.

- Há um desequilíbrio qualquer.

O juiz agarrou-se ao varão com maior firmeza.

- Não sei se é das éguas ou do carro - disse Mareb, quando pararam.

Desceram do carro e Mareb agachou-se junto da roda direita, examinando-a cuidadosamente. O Sol, naquele momento, afundava-se no horizonte, transformado numa brilhante bola de fogo. Amerotke sentiu um arrepio, provocado pela brisa noturna. O deserto era um local por onde se passava, mas que aconteceria se alguma coisa corresse mal? A que distância estariam dos esquadrões egípcios mais avançados? Olhou em redor e engoliu em seco. Num pequeno outeiro, ao longe, moviam-se sombras; despertada a sua curiosidade, os leões observavam-nos.

- Meu senhor, não vejo nada de anormal. Por favor, podes examinar as éguas?

Amerotke avançou e, com a mão, bateu ao de leve na cernelha dos animais. Mareb levantou-se e foi inspeccionar a outra roda. Amerotke ergueu a pata dianteira de *Hathor* e procurou alguma contusão ou inchaço, mas nada encontrou. Dirigiu-se à *Orgulho de Ísis* e tão-pouco conseguiu descobrir qualquer anomalia. Aprestava-se para contornar o carro, quando *Hathor* deu um salto para trás, levantando os cascos. Amerotke

recuou e Mareb, rapidamente, pegou nas rédeas e acalmou a égua.

- Com certeza viu alguma serpente - murmurou. Não descobri qualquer anomalia no carro.

Mareb pôs de lado o seu bastão de arauto, como se o incomodasse, e voltou a subir para o carro. Amerotke colocou-se a seu lado e o carro começou a avançar lentamente. Mareb manteve as éguas a passo, observando, com atenção, o comportamento de cada uma delas. Amerotke preparava-se para afirmar que não havia nada de estranho, quando *Hathor* espinoteou, de novo, atingindo *Isis* com os cascos, o que levou a outra égua a sentar-se sobre as patas traseiras. Algo de bastante grave se passava com *Hathor*. O animal acalmou-se mas começou a tremer, movendo-se para um e outro lado.

- Salta! - gritou Mareb e, puxando Amerotke consigo, desceu do carro.

Hathor caiu no chão, com o beijo superior arreganhado. Mareb deslizou por baixo do carro e cortou os arreios, libertando a égua; tratava-se de um procedimento simples, que qualquer cocheiro conhecia. *Hathor* caiu de lado, sem força nas patas. Mareb gritou a Amerotke que afastasse *Isis* para longe da companheira. Era uma tarefa difícil porque a queda do primeiro animal convertera o carro num fardo pesado e embaraçoso. Quando Amerotke conseguiu soltar *Isis* e acalmá-la, Mareb cortara já o pescoço de *Hathor* e o sangue da égua formava um lago vermelho à volta da sua cabeça. O animal, perdido todo o seu esplendor, jazia, deitado sobre o lado esquerdo, de olhos vidrados. Mareb apontou para o ventre inchado da égua.

- Algum acidente? - perguntou Amerotke. Mareb abanou a cabeça.

- Veneno! - Olhou para além de Amerotke e exclamou: - Que o deus Amon nos ajude!

Amerotke voltou-se, *Isis*, com os arreios e as rédeas a oscilar, coxeava. Era visível a ferida sangrenta que *Hathor*, nos seus sobressaltos de dor, lhe causara na pata. Mareb segurou na égua, levando-a a caminhar de um lado para o outro, enquanto falava docemente com ela. O magnífico animal estava

seriamente ferido e coxeava de tal maneira que Amerotke compreendeu que a situação não consentia alternativa.

- Não é só uma contusão - afirmou Mareb. - Tem os ossos partidos.

Amerotke concordou com o arauto e virou as costas, enquanto Mareb cortava o pescoço do segundo animal. O juiz olhou para o céu escuro e proferiu uma blasfêmia. Apesar da noite que se aproximava, os abutres tinham sentido o cheiro do sangue e três deles já descreviam círculos por sobre as suas cabeças. Amerotke voltou a olhar para as moitas e notou que os vultos que avistara eram, agora, mais numerosos. Os leões haviam-se apercebido da aflição das éguas, a brisa do anoitecer levava-lhes, também a eles, o cheiro do sangue, e todo o bando se juntara.

- Dentro de pouco tempo - disse Mareb, seguindo o olhar do juiz -, teremos aqui todos os caçadores do deserto!

Amerotke tirou do carro a arca com as armas de guerra e aconselhou:

- Nesse caso, precisamos de nos afastar o mais possível deste lugar!

Começaram a caminhar. Amerotke olhou para trás e pôde ver que os leões, posto de parte o seu receio dos homens, desciam a colina, e que as suas silhuetas sinistras e escuras se dirigiam, em linha recta, para os dois charcos de sangue que não cessavam de aumentar. O juiz correu atrás de Mareb. O Sol desaparecia rapidamente e a brisa fria da noite intensificava-se. Amerotke tentou lembrar-se do que lhe fora ensinado: o deserto, caldeirão fervente durante o dia, tornava-se um gélido descampado à noite.

- Não podemos continuar a andar - observou.

- E porque não?

- Temos pouca comida. - Apontou para o saco que Mareb levava consigo. - Se os Mitânios envenenaram as éguas, não me atrevo a comer ou beber nada do que trouxemos do acampamento.

- Queres dizer com isso que sempre acreditas que *Hathor* foi envenenada? - replicou Mareb.

- Não sei. - Pousou entre ambos a arca com as armas

de guerra. - Que acusações podemos dirigir-lhes? *Hathor* só começou a dar mostras de estar doente quando já havíamos saído do acampamento. Estava muito excitada e todos sabem que os cavalos podem adoecer repentinamente. Amanhã de manhã, não haverá já quaisquer restos das éguas que possam ser examinados.

Amerotke calou-se. A brisa trouxe até eles o rugido abafado de um leão, um sinistro som convulsivo e, além disso, os gritos das grandes hienas listradas, predadores tão ou mais encarniçados do que os leões, cujo rasto seguiam.

- Não podemos continuar a caminhar - insistiu Amerotke. - Não temos comida, e aquele sangue que deixámos para trás só lhes aguçará o apetite para a caça. Sabes bem que, no escuro, um homem é tão vulnerável como um antílope...

Apontou para um pequeno morro, rodeado de arbustos espessos e de tojo.

- A única coisa que pode afastar os predadores é o fogo. Temos pederneira e as cordas dos arcos...

Mareb concordou e apressaram-se a dirigir-se para o morro. A escuridão envolvia-os. Mareb tropeçou e caiu de joelhos. Levantou-se, a coxear, enquanto lhe saía da boca uma quantidade de imprecações. Amerotke ajudou-o a subir o morro. O terreno fora bem escolhido. Abriam caminho através dos espinhos aguçados que lhes arranhavam as pernas e prepararam as suas defesas contra os predadores nocturnos.

Nas épocas mais remotas da história do Egito, os ritos de Anúbis eram reservados aos faraós.

CAPÍTULO 11

Os dois homens amontoaram gravetos e arbustos secos e, servindo-se da pederneira e de uma corda de arco, conseguiram fazer lume e acender uma fogueira. Cortaram mais lenha, utilizando um machado de guerra, trazido do carro. Da escuridão do deserto chegavam até eles os gritos da noite.

- Duas éguas tão magníficas... - murmurou Amerotke olhando à sua volta.

- Não havia alternativa, meu senhor - Mareb aproximou as mãos da fogueira. - *Hathor* estava envenenada e *Isis* coxa. Foi melhor para elas morrer rapidamente do que despedaçadas pelos predadores.

- Quando julgas que *Hathor* foi envenenada? - pergun-tou Amerotke.

- Provavelmente, pouco antes de partirmos, mas não temos provas disso. Os Mitânios vão alegar que se tratou de um acidente. Não há dúvida de que planearam tudo de modo perfeito: um carro sozinho, no meio do deserto.

- Mas porquê?

- Meu senhor, eles sabem que estás a investigar as mortes no Templo de Anúbis. És reputado como um implacável perseguidor da verdade. - À luz da fogueira, o rosto de Mareb enrugou-se num sorriso. - Ao mesmo tempo, viam-se livres de um dos conselheiros mais próximos da divina Hatusu. Mais tarde, contariam que havíamos deixado o acampamento vivos e de boa saúde e que, no caminho, tínhamos sido vítimas, por certo, de algum infeliz acidente.

Um leão rugiu na escuridão e Amerotke pôs-se em pé.

- E tudo isso é ainda possível.

Olhou para as estrelas que brilhavam como diamantes numa escura almofada purpúrea; pareciam tão próximas que Amerotke tinha a impressão de que podia arrancá-las daquele escrínio. A lua cheia também refulgia no céu, enquanto um vento glacial fazia esvoaçar o seu manto militar e lhe enregelava a pele suada. O leão voltou a rugir. Amerotke apercebeu-se de vultos que se moviam para lá dos arbustos e, à luz da fogueira, divisou, por algumas vezes, o brilho de olhos cor de âmbar.

- Tem cuidado, meu senhor - recomendou Mareb. O arauto levantou-se e colocou uma seta no seu arco.

Amerotke sentiu-se inquieto.

- Dá-me isso!

Mareb obedeceu e Amerotke rasgou um pedaço da túnica, criando uma espécie de enchumaço à volta da ponta da seta. Colocou-a na fogueira, esperou que se incendiasse e, depois, disparou a seta para a escuridão envolvente. Foi cair no solo, coberto de seixos, uns metros adiante e, durante alguns instantes, produziu um pequeno foco de luz. A inquietação de Amerotke subiu de intensidade; havia mais vultos do que julgava. Lembrou-se dos seus treinos como militar, quando ele e outros recrutas da casa real eram levados por um instrutor a passar uma noite no deserto.

”Tenham cuidado com os grandes felinos e com as hienas”, prevenira o instrutor. ”Uma vez que sintam o cheiro de sangue, o seu instinto de caça é despertado e só se sacia com uma morte.”

Amerotke ficou ainda mais tenso quando viu que um dos vultos avançava, no escuro, na sua direcção. Empurrou Mareb para trás, acendeu outra seta de fogo e disparou-a. A atrevida leoa rugiu, frustrada, e voltou a descer o pequeno carreiro que havia entre os tojos.

- Não vão ficar longe durante muito tempo - declarou o juiz. - As duas éguas aguçaram-lhes o apetite e eles seguiram o nosso rasto até aqui.

Amerotke, desesperado, olhou à sua volta. Mareb, com o

corpo inundado de suor, pegou numa lança e brandiu-a contra a escuridão, praguejando. A situação tornava-se cada vez mais desesperada. À volta deles o silêncio da noite era quebrado pelos gritos das hienas e pelos rugidos surdos dos leões. À pressa, Amerotke acendeu outra fogueira. A leoa ousada, provavelmente chefe do bando, tornou a investir e só foi afugentada quando Amerotke lançou uma acha ardente na sua direcção. Outro som, por trás do juiz, levou-o a dar meia volta. À luz da fogueira, vislumbrou o focinho hirsuto e o pescoço comprido de uma hiena vagabunda. Conseguiu afastar a fera, enquanto Mareb, a seu lado, tremia de medo, rogava pragas e proferia obscenidades contra os Mitânios. Amerotke voltou a olhar para o céu nocturno. Logo que chegasse a alvorada, podiam considerar-se a salvo. No entanto, faltavam ainda muitas horas para que os primeiros raios vermelhos surgissem no horizonte. Sentiu um certo alívio quando pensou nos tojos e outros arbustos espinhosos que rodeavam o morro. Os espinhos eram fortes e aguçados e formavam uma barreira densa; eles e a fogueira eram obstáculos de monta para os predadores... mas durante quanto tempo? Havia, naquele momento, três fogueiras que careciam de ser alimentadas constantemente, o que os obrigava a sair do círculo iluminado. Amerotke não sabia a que distância se encontravam os seus inimigos. Por vezes, quando a brisa da noite soprava com mais força, chegava ao seu nariz o estranho fedor próprio dos animais selvagens. O terror de Mareb não deixava de aumentar, o que o levava a mostrar-se relutante em sair da zona iluminada pelas fogueiras; por isso, era Amerotke que tinha de cortar os gravetos, enquanto se mantinha atento aos movimentos dos vultos que os cercavam. Numa dessas ocasiões, a leoa, agora acompanhada por outra, avançou, através dos tojos, e Amerotke teve de gritar para que Mareb lançasse uma acha a arder para obrigar as atacantes a afastar-se.

- Temos de fazer qualquer coisa mais - declarou Amerotke.

Olhou para o saco de couro que continha a comida e um pequeno jarro de óleo e ergueu-o do chão.

- Não temos alternativa - comentou. - Não podemos continuar a sair da zona das fogueiras para ir buscar lenha.

Então, que fazemos? - perguntou Mareb.

Seguindo as instruções de Amerotke, prepararam, com o maior cuidado, setas inflamáveis. O manto do juiz foi cortado em tiras e estas, depois de embebidas em óleo, foram presas às pontas das setas. Amerotke disparou-as em direcção aos tojos secos. A princípio, julgou que não conseguira obter o resultado pretendido, mas, pouco depois, sentiu o cheiro do fumo e viu chamas a correr pelas sebes espinhosas.

- Vamos incendiar todos os arbustos que nos rodeiam decidiu, pegando no braço do arauto. - É a única possibilidade que nos resta. Se ficarmos aqui, à espera, as fogueiras acabarão por apagar-se e os predadores tornar-se-ão mais ousados.

Mareb acalmou-se. Servindo-se das lanças e das setas, conseguiram pegar fogo às sebes que os cercavam. A estação era seca e a vegetação depressa se incendiou. Impelidas pela brisa nocturna, as chamas propagaram-se e o fogo subiu para o céu. Por vezes, o fumo vinha na direcção dos dois homens e irritava-lhes os olhos; de outras, espalhava-se por sobre o deserto. As chamas serviram também para iluminar os inimigos que os cercavam, o que fez apertar, ainda mais, o coração de Amerotke. Não havia apenas um bando de leões mas, sim, dois ou três, que haviam ocorrido, atraídos pelo cheiro do sangue. Também pôde divisar as silhuetas das hienas, a prudente distância dos felinos. A princípio, não conseguiu perceber a razão de um tão numeroso grupo de animais assassinos.

- Mas, claro! - exclamou, por fim.

- Os Mitânios andaram a caçar e os bandos de antílopes foram dizimados ou fugiram. A maior parte deles, nesta área, foi encurralada, caçada e morta para ser servida à mesa do Tuchratta.

Mareb fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- É por isso que as feras nocturnas estão tão famintas. Amerotke esboçou um sorriso. - Devem ter acolhido as éguas como um presente dos deuses.

Amerotke sentou-se no círculo rodeado pelas fogueiras e contemplou o incêndio, em seu redor. Sentia-se tentado a maldizer a sua pouca sorte, mas acalmou-se, pensando na face risonha de Norfret, em Chufoi, a brincar com os seus dois filhos, em Prenhoe, sempre ansioso por contar os seus sonhos, e

Asural, pavoneando-se com o seu traje guerreiro de cerimónia. Tentou dormir, mas não conseguiu. O anel de fogo confinara-os ao seu interior e o único incómodo era provocado pelo fumo irritante. Amerotke agradeceu a Maet que a noite estivesse límpida e que se encontrassem protegidos pelas chamas. Prometeu a si próprio que, se regressasse a Tebas, são e salvo, ofereceria um sacrifício especial à deusa. Mareb enroscou-se a seu lado, com os dentes a bater de frio... ou talvez de medo, pensou o juiz. Olhavam ambos para oriente, desejando notar os primeiros sinais da alvorada. À medida que a noite avançava, as chamas foram-se apagando, dando lugar a uma fumarada ainda mais espessa e escura.

- Voltarão à carga? - murmurou Mareb.

- Nenhum animal gosta do fogo - explicou Amerotke. Nem mesmo o mais faminto ousará atravessar a terra ardente. Vamos rezar para que a madrugada chegue depressa e que o fumo possa servir para assinalar o local onde nos encontramos.

Por fim, a alvorada chegou. Amerotke esfregou os olhos e fixou-os no horizonte. Sim, eram os primeiros alvares duma pálida claridade de um vermelho-dourado. A escuridão começou a tornar-se menos densa. Amerotke gostava muito de se sentar no terraço da sua casa para ver o Sol nascer, mas nunca experimentara tamanha alegria pelo romper da manhã. O Sol subia depressa e em força, naquele estranho momento em que a noite e o dia se encontram. O deserto circundante, os tojos e até mesmo o fumo adquiriam outro aspecto, numa profusa variedade de cambiantes. O frio desapareceu e o vento amainou. Amerotke ajoelhou-se, com a fronte a tocar o chão. Mareb fez outro tanto e ambos entoaram um curto hino de louvor e agradecimento. Em seguida, Amerotke pôs-se de pé e caminhou até ao extremo das sebes queimadas. Avançando cautelosamente, olhou para o fundo da colina. Sentiu a boca secar-se-lhe. Os bandos de animais do deserto tinham recuado, mas não haviam desaparecido. Num afloramento de rochas, no sopé do morro, vislumbrou a silhueta de um leão agachado.

- Os caçadores não desistiram.

Amerotke procurou disfarçar o seu desespero. As fogueiras

ainda estavam a arder, mas os arbustos secos à volta do montículo achavam-se reduzidos a cinzas. Baixou-se e tocou no solo, ainda escaldante. Olhou por cima do ombro e apercebeu-se de que Mareb estava a olhar para poente, com os olhos semicerrados.

- Parece-me... - exclamou ele, muito excitado.

Amerotke apressou-se a aproximar-se dele e olhou na mesma direcção. A sua vista não era tão penetrante como a de Mareb e o calor do dia produzia um efeito ondulante que prejudicava a observação do que se passava ao longe. O juiz já julgava que o arauto fora vítima duma miragem quando se apercebeu do brilho de uma armadura.

- É um esquadrão de guerra! - exclamou Mareb. - Viram o fumo! - Deu meia volta e apertou o braço de Amerotke. - Meu senhor, estamos salvos!

Amerotke encontrava-se recostado, gozando a frescura do entardecer nos jardins do palácio imperial, a Mansão de Prata, situado na margem ocidental do Nilo, um pouco a sul da necrópole. Hóspede da divina Hatusu e do vizir Senenmut, bebeu um gole de vinho e olhou à sua volta, com agrado. O palácio fora construído pelo pai de Hatusu e era um verdadeiro paraíso, com as suas colunatas e as suas esplêndidas vistas. O pórtico onde se achavam dominava um terraço que se prolongava até às longínquas muralhas. Do local em que se encontrava, Amerotke podia ver o portão, com umbrais de ouro, engastado em cobre e em que haviam sido incrustadas preciosas figuras de pedra; era ele que dava acesso aos vinhedos e aos pomares. Pavilhões de Verão, feitos de papiro e decorados com botões de lódão, serviam de santuários refrescantes para que os cortesãos do faraó pudessem beber, banquetear-se e até fazer amor. Por toda a parte pairava o perfume de árvores de incenso, expressamente importadas de Punt. Naquele mar de verdura, havia aqui e ali lagos e tanques, onde viviam peixes raros. Diversas estátuas assomavam acima das árvores ou por entre elas. Nos prados, pastavam serenamente antílopes e cabritos-monteses, junto de aves exóticas de plumagem resplandecente.

- É um local de descanso bem diferente do da noite passada, não é assim? - gracejou Senenmut.

Inclinou-se para a frente e encheu, de novo, a taça do juiz. Amerotke olhou para Hatusu, que, naquela tarde, não aparentava disposição idêntica à da última vez em que a vira. Estava vestida com o maior requinte e colocara nos ombros um xaile colorido, decorado com jóias. A túnica era do mais fino linho, com cinto de ouro, e calçava sandálias também cravejadas de pedras preciosas. O cabelo estava preso por um anel que tinha, no centro, uma cabeça de cobra-capelo, o rosto fora pintado de forma especial e nos seus pulsos e dedos brilhavam pulseiras e anéis de ouro e de prata.

O esquadrão de guerra que recolhera Amerotke e Mareb fora enviado por Hatusu. Os militares haviam trazido Amerotke para ali e, depois, levaram o arauto para a cidade. Os servos do palácio tinham providenciado tudo aquilo de que ele necessitava; fora limpo e lavado e o seu corpo massajado. Vestiram-no com roupas novas e Hatusu oferecera-lhe, como presente especial, uma pequena placa de ouro cravejada de pérolas. Os servos haviam sido bem claros, quando lhe transmitiram as instruções que tinham recebido: o senhor Amerotke não podia deixar a Mansão da Prata, devendo aguardar que o Ser Divino "se manifestasse e lhe permitisse ser iluminado pelo seu sorriso". A rainha-faraó e Senenmut, depois de fazerem a travessia numa barca, foram acompanhados até ao palácio pelo entrecocar de címbalos, o rufar de tambores de guerra, a música dos sistros e cânticos de louvor. Com afabilidade, Hatusu agradecera ao mordomo e ao comandante dos guardas, mas, logo que as portas se fecharam e ela, Senenmut e Amerotke ficaram sozinhos, deixou cair a máscara e toda a sua cólera se lhe reflectiu no rosto. Começou a caminhar de um lado para o outro, batendo nos móveis e proferindo obscenidades. Depois, voltou-se para Senenmut e aplicou-lhe um murro no ombro.

- Devíamos ter enviado mais carros! - gritou, aproximando o rosto do de Senenmut. - Foi um tremendo erro! Fitou Amerotke e continuou: - Podias ter morrido. E, depois, de que me servirias? - Tentou suster as lágrimas, avançou

para ele e apertou-lhe o braço, cravando as unhas na pele. - Podias ter morrido, Amerotke, e, se isso acontecesse a quem ia eu arreliar? Quem me contaria a verdade? Quem olharia para mim, carrancudo, como um irmão mais velho? Em quem mais poderia confiar?

Bateu com o pé no chão, irritada, e comparou Tuchratta aos excrementos de camelo. Encaminhou-se para a porta, deu meia volta e encostou-se a ela.

- Sei o que devo fazer. - Agitou o punho, fazendo tilintar as pulseiras. - Vou mandar esquadrões de guerra, milhares de carros. Dar-lhe-ei a paz que merece. Queimarei o oásis das Palmeiras e forçá-lo-ei a pagar mil peças de ouro. Sim, vou pôr tudo isso no tratado. Hei-de obrigá-lo a vir aqui beijar-me os pés e inclinar-se perante mim até partir a espinha. E quanto à tal Uanef, vou empalá-la numa estaca!

Amerotke olhou para Senenmut que, de rosto impassível, se limitou a abanar a cabeça imperceptivelmente. Hatusu dava livre curso à sua raiva. A única coisa que Senenmut podia fazer era tentar afastá-la da porta para que os servos a não ouvissem. Por fim, ela acalmou-se e sentou-se num trono especialmente preparado, ofegante e com as faces vermelhas de cólera.

- Na realidade, que podemos fazer? - perguntou.

- Que provas temos? - observou Senenmut.

Este reparo obrigou Amerotke a repetir a história que já contara ao mensageiro de Hatusu. A rainha-faraó e o seu vizir escutaram atentamente o que narrou e, em seguida, Hatusu sentou-se e, de novo, bateu com as sandálias no chão.

- Tens razão - admitiu. - Se acusarmos o Tuchratta, que provas podemos apresentar? A égua podia ter morrido em consequência de causas naturais; qualquer coisa que tenha comido, qualquer anomalia do seu organismo, a picada de um escorpião ou o veneno de uma serpente.

- Tudo pode não ter passado de um simples acidente acrescentou Senenmut. - Pura pouca sorte. Como lançar as culpas sobre o Tuchratta? Ou, então, algum mitânio congeminou tudo o que se passou, como uma forma de vingança por meros motivos pessoais. Como sabes, Amerotke, é certo que existem venenos e poções malignas que levam horas e até dias

a produzir os seus efeitos! Pode admitir-se que *Hathor* tenha sido envenenada antes mesmo de sair de Tebas.

- Nunca mais quero repetir a experiência. - Amerotke riu-se. - Divina Hatusu, da próxima vez que tiver de ir para o deserto...

- Vamos organizar uma caçada real - disse Hatusu, sorrindo. - Vou dar uma lição àqueles leões. Também eles irão conhecer a ira do faraó!

Levantou-se, aproximou-se de Amerotke, pôs-lhe os braços à volta do pescoço e beijou-o nos lábios, não fazendo caso do rubor que aflorou ao rosto do juiz.

- Sei bem o que queres... - E afastou-se, a agitar o dedo, de modo galhofeiro. - Desejas encontrar-te com a tua divina Norfret. No entanto, amanhã, tu, eu, o Senenmut, um grupo seleccionado de escribas da Casa dos Segredos e elementos da minha guarda pessoal iremos ao Vale dos Reis. Quero visitar o lugar em que repousa o meu pai, na Casa dos Anos Eternos, para ordenar a remoção do sarcófago da Benia.

A partir daquele momento, Hatusu tornou-se mais brincalhona. Bateu as mãos e declarou que Amerotke iria adorar aquela noite, tão diferente da anterior. Deu ordens aos servos para abandonarem o jardim e convidou Amerotke a ir com ela até à sombra do pórtico. Ouviu, com atenção, o resto do relato que ele lhe fez e ficou estupefacta por saber que, segundo proclamavam os Mitânios, fora Ueni que roubara a *Glória de Anúbis*.

- Acreditas em tal coisa? - perguntou.

- Não sei - replicou Amerotke. - Terei de voltar a examinar o templo.

- Mas não agora - anunciou Hatusu. - O Tuchratta pretende que lhe seja restituído o sarcófago. Pois bem, façamos-lhe a vontade, como testemunho da nossa tolerância e boa fé. Partiremos com a escolta, em segredo, logo de madrugada. O túmulo do meu pai está bem escondido.

Amerotke concordou com um movimento da cabeça. Toda a cidade de Tebas conhecia a história: o tirano Tutmés I, amante da guerra, decidira-se por um magnífico túmulo escondido, algures, no Vale dos Reis. Contratara um arquitecto,

Ineni, e centenas de prisioneiros de guerra, escravos e criminosos haviam sido levados até ao vale, que, em seguida, fora cercado por unidades da infantaria. Nenhum dos operários havia regressado. Quando Tutmés morreu, só um pequeno grupo de "secretos", ou seja, mudos, escribas e sacerdotes, havia escoltado o cadáver até ao túmulo real, onde iniciaria a sua jornada para o Horizonte Longínquo. O arquitecto ficara muito orgulhoso da sua obra, proclamando, com bazófia, que "os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e nem a mente podia imaginar" onde o faraó fora sepultado.

- Qual a verdadeira razão por que o Tuchtatta quer o sarcófago? - perguntou Senenmut.

Hatusu respondeu em voz tão baixa que Amerotke não pôde aperceber-se do que ela disse.

- Minha senhora?

Hatusu olhou em redor para ter a certeza de que não havia ninguém que pudesse ouvi-la; o guarda mais próximo encontrava-se a considerável distância.

- Corria um boato na Casa Divina. Chegou ao meu conhecimento, quando ainda era criança, que o meu pai estaria apaixonado pela Benia e que, num rompante de ciúmes, a estrangulou quando descobriu que ela mantinha relações íntimas com um cortesão. Ninguém sabe o que se passou, na verdade. Há quem afirme que ela foi enterrada viva. - Fez uma pausa e concluiu: - É possível que o Tuchtatta queira apenas descobrir a verdade. Amanhã veremos...

Na manhã seguinte, bem cedo, o cortejo real reuniu-se na embocadura do Vale dos Reis. Havia sido escoltado, desde a Mansão de Prata, por um esquadrão de carros de guerra, enquanto archeiros caminhavam ao lado de uma grande carroça puxada por quatro bois. Foram dadas ordens aos soldados para esperar na entrada do vale, e o carro que transportava Senenmut, Hatusu e Amerotke seguiu à frente do resto do cortejo, através do estreito e ventoso desfiladeiro que corria entre as rochas do Vale dos Reis. Hatusu vestira um saiote de guerra, protegera as pernas com grevas e calçara sandálias de marcha, idênticas às usadas pela infantaria. Uma túnica branca cobria-lhe a cabeça, os ombros e o corpo, com faixas da mesma

cor à volta do peito. Não trazia jóias nem quaisquer outros ornamentos. Provocara risos o facto de usar umas luvas fortes, compridas e espessas, mas ela insistira para que Amerotke e Senenmut a imitassem.

- Irão ver porquê - avisara, enigmaticamente. Enfiado nas faixas do peito, via-se um cilindro de cobre cuja extremidade segurava como se fosse o punho de uma adaga. Explicou que continha os planos de Ineni com a indicação do local preciso do túmulo de seu pai e os perigos que continha.

- Perigos? - admirou-se Senenmut.

- O meu pai era ardiloso como um leopardo à caça da presa e, por vezes, tão implacável como uma cobra-capelo retorquiu Hatusu. - Não queria que fossem perturbá-lo no seu túmulo. Vão ver.

Agarrou-se ao varão do carro e olhou, em frente, para o vale. Amerotke sempre achara que aquele lugar era solitário e sinistro. As escarpas erguiam-se de ambos os lados, palidamente iluminadas pelo Sol ao nascer. O solo apresentava altos e baixos, e penedos e moitas espinhosas alongavam-se até onde os olhos alcançavam. Quanto mais avançavam pelo desfiladeiro, mais ameaçador se tornava o silêncio envolvente, enquanto os raios solares projectavam a sombra dos arbustos sobre o caminho por onde seguiam. De quando em vez, o silêncio era quebrado pelo grito de alguma ave que estendia as asas, sob o calor do Sol. Amerotke perguntou a si próprio se não seria o lamento da alma de alguém que fora assassinado naquele local desolado. Olhou para trás. Os "secrets" caminhavam a certa distância da poeira levantada pelas rodas do carro. Eram os mudos, os servos confidenciais do faraó que viam e ouviam mas não podiam falar. Todos haviam feito o voto de nunca divulgar o que ouviam; se atraíssem esse voto, os olhos ser-lhes-iam arrancados e as cabeças, cortadas, para que as suas almas ficassem para sempre privadas de alcançar os Campos dos Bem-Aventurados. Alguns deles eram velhos, outros, novos, mas todos exibiam cabeças rapadas. Estavam vestidos de maneira igual, com saiotes franzidos, de cor branca, sandálias próprias para trabalhos árduos e xales, também brancos, que

lhes protegiam do sol as costas e os pescoços. Uns traziam bastões e outros, sacos de couro com utensílios necessários para escrever. Cerca de meia dúzia de homens fechavam o cortejo; seriam eles que removeriam o sarcófago e o levariam até à entrada do vale, para que, mais tarde, fosse transportado para o oásis das Palmeiras.

Amerotke disse para consigo que tudo aquilo constituía uma experiência irreal e fantasmagórica: o chiar das rodas dos carros, Hatusu e Senenmut absortos nos seus pensamentos e, atrás, aqueles homens silenciosos, a caminhar penosamente. Passaram pelas ruínas dos acampamentos dos escravos que haviam executado os planos de Ineni, quando este supervisara a construção do túmulo de Tutmés.

- Já aqui estiveste? - perguntou Senenmut.

- Uma vez só - replicou Hatusu. - O meu pai trouxe-me até cá para me mostrar a entrada do túmulo. Julgava que eu queria ser sepultada a seu lado, mas hei-de construir o meu próprio túmulo - acrescentou, com a mão pousada no ombro de Senenmut. - Faremos juntos a nossa jornada para o Horizonte Longínquo.

Senenmut segurava as rédeas com uma das mãos e serviu-se da outra para lhe segurar o braço, apaixonadamente; não eram, então, a rainha-faraó e o seu vizir mas, para todos os efeitos, esposa e esposo.

Avançaram vale adentro, seguindo pelo caminho pedregoso; Amerotke observou as encostas, de cada lado, mas não pôde descobrir qualquer sinal de entrada para nenhum túmulo majestoso. Abruptamente, Hatusu, em alta voz, ordenou que todos parassem. Saltou do carro e, destapando o cilindro de cobre, extraiu dele um pedaço de papiro que examinou atentamente. Apontou para um estreito carreiro, que mais parecia um caminho de cabras, subindo, coleante, por trás de um bastião de penedos.

- É aqui? - exclamou Amerotke, estupefacto. Hatusu, com o cilindro de cobre bem seguro, trepou com destreza pela vereda. Senenmut e Amerotke seguiram atrás dela.

- Percebo agora porque trouxemos estas luvas - disse Amerotke, em tom azedo.

As rochas eram cortantes e denteadas, como se houvessem sido talhadas propositadamente para cortar e arrancar carne humana. Subiram aos tropeções, enquanto o sol, mais forte, punha em brasa as pedras, e finas nuvens do pó, levantadas pelos seus passos, lhes irritavam os olhos e secavam as bocas. Uma serpente, alertada pelo ruído, saiu de uma brecha entre as rochas. Amerotke sentiu um calafrio, mas a serpente fugiu e desapareceu, de novo, por entre as rochas. Quase chegados ao bastião dos rochedos, Amerotke ficou surpreendido por não divisar ainda qualquer entrada. Hatusu continuou a subir e Amerotke seguiu-a, com o suor a escorrer-lhe pelas costas. Ouviu Senenmut soltar uma exclamação e olhou para cima. Hatusu havia desaparecido, como se uma gigantesca mão invisível a tivesse varrido do carreiro pedregoso. Senenmut e Amerotke precipitaram-se para o local onde, momentos antes, estivera a Hatusu.

- Meus senhores! - chamou uma voz.

Olharam para a esquerda. Hatusu encontrava-se numa brecha aberta na rocha e perfeitamente dissimulada; mesmo o mais experiente trepador de montanhas tê-la-ia considerado apenas uma aresta ou um efeito de sombra. Seguiram Hatusu, o mesmo fazendo os sacerdotes e os escribas que vinham mais atrás; dois deles haviam caído e procuravam tratar dos ferimentos que exibiam no queixo e nos joelhos. A caverna onde penetraram era escura e fria. Senenmut fez estalar os dedos, e rapidamente foram acesos archotes e ateadas uma pequena fogueira à entrada. A gruta fora, na verdade, escavada por homens que haviam talhado a rocha para abrir aquela câmara. O tecto elevava-se muito acima das suas cabeças. As paredes eram de pedra alisada e um caminho estreito abria-se à sua frente e perdia-se na escuridão interior. Hatusu pegou no bastão de um dos escribas e ordenou a dois dos que traziam archotes que avançassem à sua frente.

- Caminhem devagar - preveniu. - E não saiam de ao pé de mim. Quando vos disser para o fazer, parem imediatamente. Perceberam?

Ambos os homens abanaram as cabeças, em sinal afirmativo, mas podia ler-se o medo nos seus olhos.

Se obedecerem às minhas ordens, nada de mal vos acontecerá.

A procissão pôs-se em marcha. Amerotke sentia-se como se estivesse a atravessar as antecâmaras do Duat. Deixaram a caverna da entrada e seguiram por um corredor estreito. As paredes, de cada lado, exibiam pinturas de animais horrendos, os devoradores e rondadores do escuro Mundo Inferior: criaturas exóticas com cabeças de crocodilo e corpos de hipopótamo, babuínos e macacos com focinhos de pantera ou de leopardo. Por fim, alcançaram a porta, no fundo do corredor. Um dos servos aventurou-se a dar um passo em frente. Hatusu gritou-lhe que não o fizesse, mas era tarde de mais. O homem encontrava-se já na galeria, quase a tocar a porta, quando o chão se abriu por baixo dos seus pés e ele desapareceu no meio de uma avalanche de terra e de pedras. Amerotke pegou num archote e adiantou-se. Um dos escribas correu, empunhando um bastão, mas Amerotke disse-lhe para se afastar. Olhou para o fundo do alçapão que se abrira e atirou o archote lá para dentro; o poço parecia sem fundo e não havia sinais do servo.

- Não pode ter sobrevivido a tamanha queda - murmurou Hatusu. - Há um poço de cada lado da ponte estreita que conduz até à porta.

Amerotke, servindo-se do bastão, bateu cuidadosamente no solo, à sua frente. Hatusu tinha razão; outro alçapão idêntico fora instalado do lado direito da porta, mas o centro era constituído por rocha dura. O juiz atravessou por ali e pôde ver que, a toda a volta da porta, haviam sido dispostos selos sagrados com cabeças de chacais. Amerotke removeu-os e, com a ajuda de um escriba, empurrou a porta; assentava num sistema de pilares e alavancas e girou para trás, suavemente.

- Não avances mais! - gritou Hatusu.

Um escriba trouxe outro archote. Amerotke esperava deparar com um chão liso, mas o archote iluminou um declive pronunciado e abrupto. Qualquer ladrão que tivesse sobrevivido aos alçapões da entrada passaria, aos tropeções, pela porta e cairia pelo declive, não escapando com vida a essa nova armadilha. Amerotke apercebeu-se de uma escada estreita e, com

toda a cautela, começou a descer. Os outros seguiram-no. Foram trazidos mais archotes e Amerotke, sem deixar de olhar, receoso, à sua volta, experimentou a solidez de cada degrau em que ia pôr o pé. Havia esqueletos empilhados de cada lado da escada.

- São os que trabalharam aqui - sussurrou Senenmut. Os que abriram a gruta devem ter sido sepultados aqui.

Amerotke avançou por aquele local onde a morte se achava bem presente. Olhando sempre para o chão à sua frente, tentou ignorar os esqueletos empilhados, de forma negligente, à sua esquerda e à sua direita. Calculou que centenas de seres humanos haviam sido mortos naquele lugar, um verdadeiro antro de terror.

- Devem ter sido encerrados aqui - exclamou. Parou para examinar um dos esqueletos, mas não descobriu qualquer fractura ou outra marca indicadora de algum golpe. - Deixaram-nos morrer à fome - acrescentou. - Em seguida, abriram um caminho entre os cadáveres, antes de o túmulo ser definitivamente selado.

No fundo da gruta, Hatusu disse-lhes que parassem. Dois dos escribas avançaram, batendo no tecto com os seus bastões, e foram forçados a saltar para trás quando se ouviu um forte estalido, logo seguido por uma nova avalanche de pedras e de terra.

- O Ineni era eficiente e astuto - explicou Hatusu, quando pôde suster a tosse provocada pelas nuvens de poeira. E, contudo, a última armadilha.

Atravessaram outra porta e penetraram numa extensa galeria com belas decorações e pinturas nas paredes. Alcançaram a antecâmara real, que contrastava com os horrores que haviam deixado para trás. Era uma sala de tesouros, com as suas paredes cobertas de atraentes pinturas que ilustravam as vitórias de Tutmés I. A toda a volta, amontoavam-se cofres finamente decorados e cravejados de jóias, santuários pretos e dourados, com estátuas de deuses, jarros de prata cheios de flores e folhas secas, camas e cadeiras de pés esculpidos, um trono de ouro e prata, taças e cálices em forma de lódão, estátuas do rei, em diversas posições e com diferentes vestes, e assentos,

com os cantos esculpidos em forma de cabeças de leão e revestidos com ouro e prata. Duas enormes estátuas de Tutmés, vestido com o seu traje de combate, erguiam-se de cada lado da entrada da câmara funerária. Senenmut quebrou os selos e, por fim, entraram na câmara. Ali, as paredes haviam sido também decoradas com esmero, mostrando cenas da vida do faraó, com uma imensidão de hieróglifos a descrever cada uma delas. A câmara era dominada por um colossal sarcófago em ouro e prata. Havia outros túmulos funerários, em cada um dos lados, bem como cofres e os vasos canópicos para guardar as entranhas dos corpos mumificados. Se Hatusu e Senenmut tinham receio de perturbar os mortos, em especial o faraó, esconderam-no bem. Hatusu assumiu o comando das operações, com toda a energia. Um sacerdote adiantou-se com um molho de grandes chaves, a fim de abrir todos os cofres e arcas.

- Não desarrumem nada! Não toquem seja no que for! Procurem apenas o sarcófago da Benia!

Encontraram-no rapidamente. Era um sarcófago com incrustações a ouro, mais pequeno e estreito do que aquele que dominava a câmara. Servindo-se de uma chave especial, em forma de T, Hatusu soltou os fechos e abriu a tampa. Aspirou com satisfação, quando lhe chegou o perfume exalado pela múmia que se encontrava no interior, enrolada nas suas faixas.

- Isto prova, pelo menos, que a Benia não foi enterrada viva - sussurrou.

Em seguida, ordenou a um médico da Casa de Vida que retirasse cuidadosamente as faixas que envolviam a múmia, tarefa que demorou algum tempo, com os escribas, com mil cautelas, a virar o cadáver, inúmeras vezes, sempre com o receio de causar qualquer estrago.

- Vai apodrecer! - exclamou Senenmut.

- Talvez não - replicou Hatusu. - Parece-me bem conservado.

Esperaram pacientemente. Por fim, foram tiradas as faixas do rosto, que se deteriorara e alterara com a passagem dos anos. Hatusu ordenou, imediatamente, que voltassem a envolvê-lo com as faixas.

- Os boatos, afinal, não têm qualquer fundamento. Tirou um leque do cinto e serviu-se dele para refrescar a face. O Tuhratta não pode acusar o meu pai de qualquer violência. Por isso - ordenou -, a múmia será levada para a Casa de Vida, envolta em novas faixas, bem apertadas, e o sarcófago será selado de novo. Se o Tuhratta deseja perturbar os mortos, procuremos dificultar-lhe tal tarefa.

Amerotke, aliviado, afastou-se. Hatusu havia afirmado que não se demorariam ali e a sua atitude calma, visível à luz do archote, dissipara a anterior atmosfera de ameaça e violência. Durante o exame, um dos sacerdotes acompanhantes agachara-se e, abrindo *O Livro dos Mortos*, invocara, em voz baixa, a protecção dos deuses, numa clara demonstração de que Hatusu não queria qualquer profanação.

Amerotke foi atraído pelas pinturas nas paredes e aproximou-se para as examinar com mais atenção. Soltou uma exclamação de surpresa quando verificou que, enquanto o resto da câmara estivera a ser preparado, Ineni se servira de pintores para decorar as paredes com uma miríade de cenas da vida do faraó: as suas vitórias guerreiras e os seus triunfos reais, mas, também, cenas familiares e do dia-a-dia. Hatusu veio ao seu encontro e mostrou-lhe um retrato dela própria, em criança, ajoelhada em frente do pai, tendo, por baixo, um hieróglifo com o seu nome. No entanto, não parecia pretender evocar recordações nem demonstrou qualquer tipo de nostalgia pelo passado e depressa se afastou. Amerotke sabia bem o que ela sentia pelo seu temível pai: profundo respeito mas pouco mais do que isso. Descobriu uma pintura, idêntica, dele próprio quando menino. Sorriu ao ver aquela pequena e frágil criatura, com a cabeça rapada, a trança num dos lados da cabeça, o colar e a túnica branca dos membros do infantário real. Havia mais cenas: Tutmés a condecorar soldados com medalhas de honra e colares de bravura e uma série de desenhos dando conta da generosidade do faraó para com escribas, professores e médicos. Quando Amerotke examinou uma cena que mostrava Tutmés a abençoar os pajens reais, deteve-se, surpreso, mal conseguindo reprimir uma exclamação de espanto. Havia uma longa fila de figuras pequenas, cada uma com o respectivo

nome por baixo; duas delas davam as mãos. Amerotke examinou, de novo a pintura, para ter a certeza de que a havia interpretado correctamente, e, depois, dirigiu-se à parede do lado oposto da câmara. Esta era dominada por Tutmés, tendo, na cabeça, a coroa dupla do Egipto e com o *nenés* real à volta dos ombros, acolhendo a respeitosa submissão de vassalos e aliados. Amerotke apercebeu-se de um pequeno grupo de pigmeus núbios, o mesmo povo minúsculo que encontrara no acampamento de Tuhratta. Também eles estavam ajoelhados em frente do faraó, com as mãos estendidas, rogando a sua bênção. Encontravam-se nus, exceptuando as faixas emplumadas que usavam na cabeça e as tangas de couro. Amerotke examinou-os atentamente, em especial as armas que traziam consigo. Ficou tão absorto que se esqueceu de onde estava. As imagens iam e vinham na sua mente: a dançarina a morrer no pavilhão, Snefru na sua cama, Ueni perseguido por uma matilha de cães selvagens.

- Senhor! Senhor! Passa-se alguma coisa?

Amerotke despertou da sua meditação, sorriu e fez uma vénia.

- Não, minha senhora, só o passado.

Decidira ocultar, por uns tempos, o que acabara de descobrir acerca dos assassinios no Templo de Anúbis.

CAPÍTULO 12

O grupo de atacantes estava pronto. Os seus membros tinham-se reunido num solitário bosque de palmeiras, um pouco antes do anoitecer, todos envoltos em capas, com turbantes nas cabeças e os rostos ocultos por panos. Estavam armados com adagas e espadas e alguns deles traziam arcos e aljavas com setas. O enorme carro fora inspeccionado, as suas rodas, experimentadas, e o eixo lubrificado com gordura animal. Os dois bois haviam sido escolhidos em razão da sua força e aptidão, não só porque iam transportar os cativos mas, também, por causa do outro crime que o bando planeava. O chefe ordenou que se reunissem. Fora acesa uma pequena fogueira, alimentada com excrementos secos de camelos, mas, a mando do chefe, apagaram-na. O calor que fornecia desapareceu e o frio da noite provocou arrepios em todos os corpos. O chefe estava decidido a que nada corresse mal.

- Lembrem-se - sussurrou, em voz rouca. - As vossas máscaras não devem deslizar pelos rostos. Alguns têm marcas reveladoras de mutilações. Os dois cativos não devem ser maltratados - Sorriu, por trás da máscara. - Pelo menos, por agora. - Virou-se para o seu ajudante e disse-lhe: - Tu ficas no carro. Quando voltarmos, tudo deve estar preparado e em ordem.

O chefe voltou a inspeccionar cada um dos homens, as suas armas, a firmeza das correias das sandálias e as máscaras.

- Terão servos? - perguntou um dos membros do grupo.

Não sei - replicou o chefe. - Se tiverem, também eles deverão ser trazidos, sob a ameaça das adagas. - Respirou fundo e advertiu: - Tudo deve ser feito de acordo com o plano traçado. Se assim acontecer, amanhã, por esta hora, estaremos todos ricos como príncipes.

- Porquê este segredo? - disse outro dos do grupo. Porque não podes dizer-nos tudo já?

- Já vos disse o suficiente! - ripostou secamente o chefe. - Sigam as minhas ordens e tudo correrá bem.

O que falara inclinou-se para a frente, para protestar, mas o chefe levantou a mão.

- Disse já o suficiente e tenho de tratar de outros assuntos. Fez um sinal ao seu ajudante e caminhou até ao limite do bosque. O nómada do deserto, que estava ajoelhado com as costas encostadas a uma palmeira, pôs-se de pé, quando os viu próximo de si. Era baixo e mirrado e exalava um forte cheiro a couro e suor.

- Fizeste o que pedimos? - perguntou o chefe.

- Sim.

- Tens o mapa e sabes o caminho?

- Como a palma da minha mão. Os sinais são fáceis de seguir.

E exibiu uma espécie de mapa, rabiscado num pedaço de papiro.

- Se uma mosca pousar no pó, dir-te-ei onde e quando. Tudo estará pronto, mas será perigoso.

- Porquê? - perguntou o chefe. - O lugar é desértico. - Riu-se e acrescentou: - Além disso, não há guardas. Bateu com a mão no ombro do nómada: - Tu virás connosco, meu amigo, para garantir que o teu mapa está correcto. Verás, vais ser um homem rico!

- Onde devo encontrar-me convosco? - quis saber o nómada.

- Nas Terras Vermelhas - replicou o chefe. - Perto do oásis de Riah. Sabes onde fica? Receberás o que te é devido, como todos os outros, quando tudo tiver acabado.

O nómada do deserto acenou, em concordância. O chefe aprestava-se para se ir embora, quando ele murmurou:

- E se não voltarem, poderei ir-me embora ou, melhor ainda, pedir uma audiência com os sacerdotes.

O chefe parou, fechou os olhos e voltou para trás.

- O que disseste?

- Era só uma brincadeira - explicou o nómada. - Estarei lá.

-

Bom! - murmurou o chefe, afastando-se; já longe, segurou no braço do ajudante e sussurrou-lhe: - Quando o caso estiver arrumado, corta o pescoço deste tipo. - Tirou o mapa da bolsa e estudou-o atentamente. - Faz sentido admitiu, em voz baixa, depois de examinar o rabisco que indicava o caminho de acesso a tantos tesouros. - Podia matá-lo já, mas é necessário ter a certeza de que este mapa está correcto.

Juntavam-se ao resto do grupo e o chefe deu as últimas instruções. Em fila, deixaram o bosque, deslizando como sombras pelo terreno vago. Depois, subiram por ruas estreitas, de costas curvadas e cosidos aos muros, parando em cada sinal previamente assinalado. Um cão latiu e um gato, à procura de restos de comida, arqueou o dorso e bufou. O grupo seguiu em frente até atingir uma encruzilhada. Um a um, atravessaram para o outro lado, onde se reagruparam e continuaram o seu trajecto. Por fim, o chefe parou junto do portão da casa da vítima.

- Estamos nas traseiras - sussurrou. - Há um pequeno jardim.

Juntando as mãos, ajudou o primeiro homem a saltar o muro; depois, soltou uma imprecação, quando um cão se aproximou, a ladrar. Ouviu um ruído abafado, como o de um pau a bater com força em qualquer coisa. Um a um, os restantes membros do grupo galgaram o muro, não concedendo um segundo olhar ao cão que jazia com os miolos à mostra. O jardim estava bem tratado, sob a pálida claridade da Lua. Caminharam através das ervas e dos carreiros do jardim, passando ao lado de um pequeno poço e de um lago ornamental. A casa propriamente dita tinha dois andares e, nas traseiras, havia um pátio, de pequenas dimensões, assente em colunas. O chefe tentou abrir a porta, mas esta encontrava-se fechada.

Ouviu um ruído e uma voz abafada. Desviou-se para o lado, enquanto os ferrolhos eram corridos; a porta abriu-se e uma velha, de costas curvadas e cabelo grisalho, apareceu no umbral, ainda a esfregar os olhos. Permaneceu no pátio e chamou pelo cão. O chefe pegou na adaga e deslizou por trás dela. Com uma das mãos apertou-lhe o queixo e, num abrir e fechar de olhos, a velha estava morta, com a garganta cortada. O chefe depositou o cadáver no solo e fez um gesto a dois dos seus sequazes.

- Limpem o sangue! - ordenou. - Enterrem o corpo da mulher e o do cão no jardim. Depressa!

Ele e os restantes penetraram na casa, passaram pelos fogões de barro da cozinha e começaram a subir a escada. Havia três quartos na galeria. Um deles, com a porta aberta, estava vazio, e num outro via-se uma pequena grade. O chefe murmurou que devia tratar-se de uma despensa e conduziu o grupo para o quarto de dormir. Levantou o trinco de madeira e a porta abriu-se suavemente. O chefe sorriu. Não podia esquecer-se de que aquela era a casa de um serralheiro, que tudo faria para que, sob o seu tecto, não houvesse uma porta que rangesse nem uma charneira de couro defeituosa. Avançaram, em bicos de pés, dividindo-se por forma a que ficasse igual número deles de cada lado da cama. A mulher jovem dormia de barriga para baixo, com o rosto virado para a esquerda. O chefe olhou para o homem e, de pronto, reconheceu Belet.

- Mesmo a dormir, é feio! - murmurou.

Ia dizer uma piada, comentando como um homem sem nariz consegue ressonar, mas lembrou-se, a tempo, de que alguns dos seus companheiros haviam sofrido a mesma mutilação. A mulher mexeu-se, virando-se de costas. O chefe admirou a curva suave do pescoço, os seios redondos e a cintura fina. Puxou a cortina de gaze e a mulher abriu os olhos. O chefe apertou-lhe a boca com uma das mãos e, com a outra, aproximou-lhe do rosto a ponta da adaga.

- Silêncio! - ordenou-lhe, em voz baixa.

Belet acordou e ergueu a cabeça. Apercebeu-se da adaga e abriu a boca para gritar, mas o chefe, da mesma maneira, tapou-lha com a mão. Belet e Seli foram forçados a deitar-se de novo.

- Agora, ouve - advertiu o chefe. - Podes oferecer resistência ou vir connosco, sem levantar problemas. Se gritares, se não obedeceres ou se tentares fugir - ameaçou -, entrego a tua nova esposa aos meus homens. Depois de se divertirem com ela, cortar-lhe-ão a garganta. Concordas ou não? Tens de te decidir, antes que vos larguemos.

Belet, com os olhos esgazeados pelo medo, acenou afirmativamente.

- Onde está Aia? - perguntou, por fim, sentando-se na cama.

-Éa tua serva?

É, sim. Dorme no andar de baixo. O cão de guarda dela.

- Já não é - replicou o chefe. - Foi vítima de um acidente.

- E Aia?

- Sofreu um acidente do mesmo género.

Seli abriu a boca para gritar, mas o chefe encostou-lhe a adaga ao queixo e, com a outra mão, apertou-lhe um seio. Belet, num ímpeto, tentou segurar-lhe no braço mas um dos homens do bando, soltando uma gargalhada, pegou-lhe pelos ombros e atirou-o, de costas, sobre a cama.

- É bonita como uma fruta. - Os olhos do chefe cruzaram-se com os de Belet. - Mas basta de brincadeiras. Tens de vir connosco.

Belet estava já totalmente desperto.

- Conheço-te - disse. - Encontrei-me contigo no Local das Hienas.

- É verdade. Fiz-te um convite, mas recusaste-o. Agora, não tens alternativa.

- Porquê? - protestou Belet. - Que queres tu de mim, um pobre serralheiro?

- Veste-te! - ordenou o chefe. - Vem connosco e verás.

Os dois cativos foram arrancados da cama. A visão do corpo da rapariga provocou comentários lascivos por parte de alguns dos assaltantes, mas o chefe obrigou-os a calar-se. O grupo ficou a ver Belet e Seli vestirem-se à pressa, enfiando os pés

em sandálias. Foram empurrados até ao jardim, onde lhes permitiram que fizessem as suas necessidades, sempre guardados, cada um deles, por dois homens. Depois levaram-nos de novo para o interior da casa. O chefe inspeccionou rapidamente a cozinha e a despensa. Pão, fruta e carne seca foram embrulhados num pano de linho. Pegaram num pequeno odre de pele e encheram-no com água do poço. O chefe saiu para ver como haviam feito o seu trabalho os dois homens que deixara no jardim. O sangue fora lavado e não havia sinais do corpo da velha.

- Enterrámo-la - disse um dos homens. - Vai servir decerto para tornar a terra mais fértil.

O chefe concordou, com a cabeça e regressou à casa para eliminar qualquer sinal da entrada forçada. Depois disso, satisfeito, dirigiu-se à cozinha e examinou a comida empilhada sob panos de linho. Abanando a cabeça, foi até à oficina de Belet, encontrou o seu cofre de ferramentas, despejou o conteúdo para um saco e voltou ao jardim.

- Temos tudo o que queríamos - declarou.

Belet foi forçado a abrir o portão do jardim. O grupo empurrou os cativos, com os rostos tapados, para o carreiro e regressaram ao bosque de palmeiras. Amordaçados e de mãos amarradas, Belet e Seli não puderam protestar nem fazer perguntas. Foram atirados para dentro de um carro e cobertos com um pano. Olhando, aterrorizados, um para o outro, tiveram de suportar os solavancos do carro, enquanto este avançava por um caminho irregular e cheio de sulcos. Pararam, por momentos, e o chefe impôs silêncio aos cativos.

- Estamos a chegar às portas da cidade - avisou. - Devem permanecer quietos, porque, se não, morrerão os dois.

Aquela viagem de pesadelo continuou, com ambos a pular e a deslizar, a cada solavanco. A certa altura, Seli sentiu dificuldade em respirar; olhando para a mulher, Belet apercebeu-se, com alívio, de que devia ter desmaiado. À medida que a noite avançava, o frio tornava-se mais intenso, enregelando os seus corpos suados. Belet havia quase esquecido o Local das Hienas, depois de lhe ser concedido o perdão e de haver iniciado uma feliz vida de casado. Pensou em Aia e chorou; lembrou-se

do sacerdote que fora visitá-lo. Provavelmente, não devia ter acedido ao que ele lhe solicitara. Seria aquele o castigo de Anúbis? Os soluços de Belet deviam ter chegado aos ouvidos dos captores porque sentiu uma forte pancada no ombro. A mulher agitou-se, gemendo, por baixo da mordaça. A certa altura, o carro parou, o pano foi levantado e as mordaças retiradas. Deram-lhes de beber e Belet olhou à sua volta. A escuridão atenuara-se. Estavam fora de Tebas; de ambos os lados, o deserto estendia-se, sob o luar, interrompido aqui e ali por um agrupamento de rochas ou um conjunto de palmeiras. Belet foi obrigado a estender-se de costas e a viagem continuou. Tiveram de suportar outra hora de tortura até o carro parar de novo. Tiraram-nos do interior, com os corpos cheios de ferimentos e os lábios a sangrar. Seli não se susteve em pé e caiu de joelhos, com a comprida cabeleira a tapar-lhe o rosto, como se fosse um véu. Deixou-se ficar, de bruços, murmurando qualquer coisa para si própria. Belet ajoelhou-se a seu lado, pôs-lhe o braço à volta dos ombros e olhou para os seus captores. Com a mão, tentou proteger os olhos dos raios do Sol que nascia mas só pôde ver um homem alto e corpulento, com a cabeça e o rosto tapados, à excepção dos olhos,

cínicos e cruéis.

Belet sussurrou algumas palavras de encorajamento ao ouvido de Seli e olhou em redor. O oásis era pequeno mas fértil; além das palmeiras, havia arbustos e erva. O resto do grupo dirigiu-se ao lago para saciar a sede e Belet apercebeu-se de que lhe voltavam as costas. Ouviu-os falar e teve a convicção de que havia reconhecido algumas das vozes; eram de homens que conhecera na aldeia dos Rinocerontes. Não podia esperar deles qualquer espécie de piedade, porque todos eles invejavam a sua boa sorte. Seli ergueu a cabeça; tinha o rosto, sujo e ferido, sulcado pelas lágrimas e os seus delicados ombros e braços apresentavam inúmeros golpes e nódoas negras. O chefe baixou-se.

- Olhem para mim! - ordenou. Ambos obedeceram.

- Onde estamos? - perguntou Belet.

O chefe deu-lhe um murro no queixo, enquanto, com a

outra mão, apertava um dos seios da rapariga. Belet protestou mas logo sentiu a ponta de uma adaga apoiada na nuca.

- Estão aqui para fazer o que vos exigirmos. - Os olhos do homem franziram-se num sorriso sardónico. - Sabes onde estás, Belet? No oásis de Riah.

Belet fechou os olhos e suspirou. Encontravam-se no interior das Terras Vermelhas, muito afastados dos caminhos percorridos pelos viajantes e pelas caravanas. À volta deles estendia-se o deserto, quente e inóspito, lugar próprio para predadores, tanto animais como humanos, conhecido refúgio de bandidos e malfeitores, assim como de mercenários, vagabundos do deserto e tribos bárbaras.

- Bom - murmurou o chefe.

Ergueu a cabeça e deu uma ordem ao homem que se encontrava por trás de Belet. O indivíduo afastou-se e, quando regressou, lançou por terra um saco em frente do serralheiro.

- Abre! - vociferou o chefe.

Belet obedeceu e reconheceu as ferramentas que utilizava no seu ofício, bem como as que haviam pertencido a seu pai: chaves, turqueses, alavancas de cobre em forma de T e ganchos.

- Trouxe isto tudo da tua oficina.

- E para quê?

Novo murro que obrigou Belet a levar a mão à face dorida.

- Estamos em Riah - continuou o chefe, sem se perturbar. - Não podes escapar. Se o fizesses, depressa serias caçado e voltarias para aqui. Iríamos no teu encalço, mas, antes que te alcançássemos... - encolheu os ombros - ... talvez outros te tivessem apanhado; como, por exemplo, os bandos de hienas e de leões!

Através das folhas das palmeiras, olhou para o céu azul.

- Para não falar das serpentes e dos escorpiões. E, claro, não terias água para beber. Em vez disso - continuou -, podes ficar connosco. Trouxemos tâmaras, figos, pão e queijo da tua cozinha, e também água suficiente para beberes até te fartares. Meus pombinhos, podem ficar aqui sentados e arrulhar, um para o outro, até ao escurecer.

Belet ia fazer outra pergunta, mas mordeu os lábios.

O chefe fez um esgar e deu-lhe outro soco na cicatriz que exibia no lugar onde, outrora, tivera o nariz.

- És um bom aluno, Belet; aprendes depressa. Não vais fazer perguntas, nem a mim, nem aos meus homens. Limitar-te-ás a responder. E, agora, como já disse, fiquem aqui até perto do anoitecer. Outros virão ter connosco; trarão dromedários e animais de carga. Voltaremos a seguir em direcção a Tebas, protegidos pela escuridão, e vocês irão connosco. Quando chegarmos ao ponto de destino, Belet, farás exactamente aquilo que eu te mandar. - Tirou a adaga da bainha e, descrevendo um arco, pressionou a ponta contra o seio de Seli. - Se não o fizeres, começaremos a brincar com a tua querida. Alguns dos meus homens acham-na muito bonita e disseram-me que gostariam de se divertir com ela, porque deve ser muito boa para fazer amor. Vais fazer o que eu te pedir?

Belet fechou os olhos e acenou afirmativamente.

- Sei no que estás a pensar - continuou o chefe. Onde vamos e o que vamos fazer? Bom, a curiosidade servirá para te manter acordado. Se colaborares connosco - proferiu em voz melíflua -, depois de tudo terminado, receberás uma recompensa e permitiremos que te vás embora.

Belet escondeu os seus receios. Sabia que aquele homem planeava algo de infame ou de horrendo. Quando tivesse alcançado os seus propósitos, ele e a mulher não teriam muito tempo de vida. O homem pareceu ler-lhe os pensamentos.

- Tudo, na vida, é um jogo - murmurou. - Já gozaste o teu tempo ao sol, Belet; agora, dá o lugar a outros. Não tens qualquer alternativa senão a de colaborar connosco. Antes de sair da tua casa, quis dar uma vista de olhos às cozinhas. Tinham feito pão fresco há pouco tempo e comprado comida. Levantou a adaga, de novo, e perguntou: - Estavas à espera de convidados?

- Estava - replicou Belet. - De um amigo, o Chufoi. Dele e do Prenhoe...

O sorriso nos olhos do chefe desvaneceu-se.

- O anão? - cuspiu as palavras, furioso. - O servo pessoal do Amerotke?

- Sim - gaguejou Belet. - O seu amo estava ausente, ao serviço do faraó.

- Claro que estava. - O chefe fitou o lago. - Conheço esse cão nojento - Irritado, pôs-se de pé, num salto, e caminhou até à orla do oásis. - Quando devia ele ir a tua casa? berrou, por cima do ombro.

- Ao fim da tarde.

O chefe chamou dois dos seus homens e Belet viu-o a falar com eles, em voz baixa, acentuando as palavras com largos gestos. Os dois homens afastaram-se a correr. O serralheiro fechou os olhos. Sabia para onde se dirigiam. Regressavam a Tebas e à sua casa, agora deserta, e ficariam à espera da chegada de Chufoi e de Prenhoe. O chefe voltou para junto dele.

- Por favor - implorou Belet. - O Chufoi não fez nada de mal.

Desta vez, o murro que recebeu no rosto foi ainda mais violento. Seli protestou. O chefe agarrou-lhe o pescoço e abanou-lhe a cabeça, apertando os dedos com força, até que Belet, sem poder conter-se, lhe pediu que parasse. O chefe atirou a rapariga para trás e deitou no chão o conteúdo do saco. Belet pôde verificar que aquele bando de malfeitores era, na verdade, muito eficiente. Nenhuma das ferramentas que haviam trazido era apropriada para trabalhar madeira ou executar trabalhos de marcenaria; todas elas se destinavam a ser utilizadas em fechaduras. Voltou-se para confortar a mulher. Ela estava aterrorizada e um fio de saliva escorria-lhe do canto da boca. Belet limpou-lhe o rosto e agarrou-a, gentilmente, pelos ombros. O chefe bateu-lhe na cabeça.

- Dentro em breve - declarou -, ficarás sozinho com ela e poderás confortá-la. Agora, quero falar contigo acerca de chaves e fechaduras.

- Mas eu não fiz muitas - protestou Belet. - Pelo menos, desde que...

- Desde que foste mutilado. - Os olhos do homem voltaram a faiscar. - Não quero que me fales das fechaduras que fabricaste, mas sim das que foram feitas pelo teu falecido e lamentado pai. Vá, fala! Sou todo ouvidos!

- É como te digo - insistiu Prenhoe. - O sonho que tive esta noite foi verdadeiramente estranho.

Agarrou o cotovelo de Chufoi com uma das mãos e afastou um vendedor de escorpiões que procurava interessá-los nos escaravelhos e besouros espalhados pelo tabuleiro que trazia pendente do pescoço. Prenhoe tentava distrair o anão; Chufoi estava preocupado por não ver o amo, desde o momento em que o cocheiro lhe falara de um incidente ocorrido nas Terras Vermelhas. Finalmente, ficara satisfeito ao saber que o amo regressara, são e salvo, e se encontrava num dos palácios reais. Segundo lhe contaram, Amerotke fora levado para a Casa de Adoração para falar com a rainha-faraó sobre assuntos importantes.

A barriga de Chufoi fez um barulho surdo. Ansiava pela boa e abundante comida que estaria à sua espera em casa de Belet. Arrependia-se já de ter aceite o convite, conjuntamente com Prenhoe, que grasnava como um ganso, a seu lado. O vendedor de escorpiões não desistira e voltou à carga. Chufoi ergueu o pára-sol e o indivíduo repensou a sua atitude e esgueirou-se para longe.

- Escuta bem o que vou dizer-te - repetiu Prenhoe, quando pararam junto de uma tenda de comida, cujo proprietário propunha aos passantes grandes nacos de carne de gazela, a assar numa grelha. Chufoi sentiu água na boca. Estava com fome! A multidão acotovelava-se à sua volta. Reparou em dois archeiros núbios do palácio, com os arcos pendentes dos ombros, que abriam caminho através do mercado, e a imagem do amo veio-lhe, de novo, ao espírito, perguntando a si próprio que estaria ele a fazer naquele momento. Uma enorme varejeira pousou numa posta de carne e isso serviu para lhe tirar o apetite.

- Muito bem, Prenhoe, diz lá o que sonhaste.

- Estava a fazer amor com uma linda rapariga, na margem do rio. O que ela conseguia fazer com os lábios, Chufoi, era verdadeiramente notável. De súbito, o ambiente escureceu, o Sol ficou negro e estranhas luzes vermelhas surgiram à minha volta.

- E, segundo julgo, a rapariga fugiu...

- Fiquei sozinho. Criaturas enormes e ameaçadoras moviam-se, furtivamente, entre as sombras. Tinham cabeças de

lagarto e corpos de homem. Julguei que eram os devoradores do Mundo Inferior. Embora, como disse, estivesse só, vi um carro avançar rapidamente na minha direcção. Tu apareceste, vindo da noite...

- No chão ou pelo ar? - quis saber Chufoi.

- Pelo ar, porque não ouvi o ruído de rodas. Os cavalos eram cinzentos com olhos que brilhavam como brasas, e a respiração que lhes saía das narinas cheirava a incenso. Pegaste em mim e transportaste-me para um lugar cheio de luz.

- E quanto à rapariga? - perguntou Chufoi, com ironia. - Há alguma hipótese de a ter comigo nos meus sonhos?

Prenhoe fungou. Saíram da rua principal, a Avenida das Esfinges, e embrenharam-se nas ruelas transversais.

- Eis-nos chegados!

Chufoi parou à porta de uma pequena casa de dois andares que ficava isolada, à esquina de um velho mercado, e olhou em volta.

- Antigamente, costumavam vender aqui amuletos de amor. Isto antes da desgraça que me aconteceu. Conheci uma rapariga que vivia aqui perto. Era escorregadia como uma serpente.

Bateu à porta, mas não obteve resposta. Voltou a bater, agora com o pára-sol, e o som ecoou pela casa.

- Tens a certeza de que estão à nossa espera? - perguntou Prenhoe.

- O Belet cumpre sempre o que promete. Quer agradecer-me por tudo quanto fiz por ele.

- Será uma ocasião auspiciosa para fazer visitas? - interrogou-se Prenhoe. - Não é o dia em que o deus Tot repôs a majestade de Atum no Lago das Duas Verdades, no templo? Às vezes, troco as datas. Sei que não é o aniversário do dia em que Set atacou Hórus. E faz anos, amanhã, que Sekhmet, a destruidora, destapou os olhos e libertou todas as pestilências que afligem a humanidade...

- Não é, também, o teu dia de aniversário? - inquiriu Chufoi, com fingida candura.

Deambulou pela praça e olhou para o relógio de sol no seu plinto de pedra.

- A hora é a combinada - fez notar. - Quatro horas antes do pôr do Sol. O Belet disse-me que, se bebêssemos de mais, podíamos passar a noite em casa dele.

- Isso traz-me à memória o Dia da Esfinge! - declarou, em voz soturna, Prenhoe. - O Belet não devia dar-nos as boas-vindas, à porta, colocando grinaldas de flores à volta dos nossos pescoços e sabonetes perfumados nas nossas cabeças?

Chufói não o escutava. Coçou a barba hirsuta e caminhou, ao longo da rua, até ao portão do jardim. Uma pequena esteia de cobre, afixada num dos lados do muro, mostrava Hórus, na figura de um falcão, com as garras apoiadas num disco dourado. O anão sentiu uma súbita apreensão. Belet e Seli eram hospitaleiros e educados; deviam estar ali, à espera deles, para lhes dar as boas-vindas.

- Quando conheceste o Belet? - perguntou Prenhoe.

- Quando ele chegou à aldeia dos Rinocerontes - replicou Chufói. - Descende de uma boa família, sabias? O pai, contudo, adquiriu o vício dos vinhos fortes. Embora fosse muito rico, o Belet disse-me que ele sofria de pesadelos, de sonhos horríveis. Deixou de rapar a cabeça e bebia de manhã à noite. Quando o Belet atingiu a idade adulta, a fortuna da família fora já totalmente dissipada.

- Tive um parente a quem sucedeu o mesmo. Chufói não ouviu o comentário do escriba. Empurrara o portão e percorria o carreiro de acesso à casa.

- Andou a fazer buracos no jardim - fez notar Prenhoe. Chufói olhou para onde o companheiro apontava e a sua apreensão intensificou-se. Já estivera ali, anteriormente, e Belet mostrara-lhe aquela zona, o seu local favorito para cultivar vegetais. Estes, naquele momento, estavam dispersos à volta do terreno que fora recentemente revolvido. Atingiram a frescura do pórtico de colunas e Chufói empurrou a porta traseira, que se abriu de imediato.

- Belet! Seli! Aia!

Chufói ficou transido. Havia ali algo de muito estranho.

- Prenhoe... - murmurou. - Cheira...

- Não sinto nenhum cheiro especial - replicou o escriba.

- É inquietante - declarou o anão, com voz grave. -

O Belet disse que ia organizar um banquete. Mesmo que se tivesse ausentado, onde estão a Aia e aquele cãozinho impertinente?

Chufói entrou na cozinha.

- Nada parece estar fora do seu lugar - murmurou.

Tocou no forno de barro. O carvão negro continuava amontoado, mas ninguém o pusera em brasa. Apercebeu-se de que os panos de linho haviam sido puxados e que o pão e o queijo tinham desaparecido. Nesse momento, pegou na adaga, e Prenhoe, alarmado, fez outro tanto. Chufói subiu as escadas que conduziam ao andar superior e olhou para a cama. Afastou as cortinas de gaze e viu o descanso para a cabeça, acolchoado, que, de ambos os lados, fora esculpido por forma a aparentar as cabeças de leões que rugiam. Olhou para o chão e viu que estava sujo de terra. Belet era um jovem muito cuidadoso, e o soalho, em regra, estava polido e brilhante. Chufói sentiu um aperto no coração e a boca seca. Chamou Prenhoe e ambos começaram a inspeccionar as arcas e os cofres.

Chufói abriu a porta do quarto para logo voltar a sair; a meio percurso, apercebeu-se de que alguém se movimentava à sua direita. Levantou o pára-sol, atingindo o assaltante no estômago, ao mesmo tempo que Prenhoe gritava. Por trás de si, o anão ouviu o entrechocar de lâminas; lançou um olhar sobre o ombro e viu Prenhoe a lutar com um homem de cabeça e rosto cobertos. Ouviu novo ruído e pôde ver que o seu atacante voltava à carga, de adaga em riste. Chufói agachou-se e, com todo o seu peso, lançou o ombro contra o estômago do estranho. A casa deixara de estar em silêncio. Prenhoe berrava como um guerreiro; embora tivesse sido educado para ser escriba e para acreditar piamente nos seus sonhos e nos dos outros, recebera também instrução militar. O escriba depressa se apercebeu de que o mesmo não acontecera ao seu adversário. O homem recuava e tornava a avançar, mas o seu manejo da adaga era desajeitado. Entretanto, Chufói servia-se do pára-sol como se fosse uma lança. Aumentou a força e a rapidez dos golpes, e o homem, perdendo a calma, recuou alguns passos, não se dando conta de que estava à beira das escadas. Chufói atacou-o com a adaga, o assaltante deu um salto para trás,

perdeu o pé e rebolou pelas escadas abaixo. Quando a sua cabeça bateu na parede, ao fundo, ficou virada de lado. Chufoi ouviu o estalido do pescoço a quebrar-se. Voltou-se, com um rugido, e correu em auxílio de Prenhoe. O segundo atacante, em pânico, atirou a adaga contra Prenhoe e, voltando-se, precipitou-se para a janela do lado mais afastado da galeria. Empurrou os taipais, mas Prenhoe foi mais rápido. Quando o homem tentou pôr o pé no parapeito, o escriba lançou-se sobre ele, afogueado pelo ardor do combate.

- Não! - berrou Chufoi. - Agarra-o...!

Tarde de mais! Prenhoe, com ambas as mãos a segurar no cabo, enterrou a sua adaga, o mais que pôde, na nuca do assaltante. A tossir, sufocado, o homem cambaleou para trás. Arrancou a máscara, como se quisesse respirar, mas estava já a cuspir sangue. Deu um passo em frente e, depois, caiu no chão.

Durante alguns momentos, Prenhoe e Chufoi não se mexeram, recuperando o fôlego.

- Bem te disse que o meu sonho queria avisar-me de qualquer coisa - balbuciou Prenhoe, encostando-se à parede e segurando o ventre.

- Tinham rostos de lagarto...

- Ora, cala-te! - vociferou Chufoi.

Foi até ao local em que se encontrava o homem que pretendia sair pela janela e que, naquele momento, jazia no meio de um charco de sangue que ia aumentando. Virou-o de costas e acabou de arrancar-lhe o pano que lhe tapava o rosto; era magro e feroz e exibia uma grande cicatriz no lado direito. O anão revistou o cadáver cuidadosamente.

- Nada! - sibilou. - Um assassino profissional. Desceu as escadas e dirigiu-se ao segundo cadáver. O rosto do homem estava sujo e por barbear; um dos olhos fora semicerrado pela morte, e no lugar do outro só havia um buraco negro e vazio.

- Um belo par de pombinhos - comentou o anão. Revistou o corpo do assaltante mas suspirou.

- Também nada...

Chamou Prenhoe e foi com ele até à cozinha.

- Portaste-te bem - disse em louvor do escriba. -

O que me atacou era cego de um olho. Isso explica como tinha dificuldade em esquivar-se do meu pára-sol.

Prenhoe, já refeito, estava mais interessado em provar que o seu sonho estava correcto. Chufoi levantou a mão.

- Estou com sede e com fome.

Na cozinha, encontraram um pouco de cerveja, pão e queijo.

- Põe isso na mesa - disse o anão a Prenhoe. - Quero ter a certeza de que a casa está deserta.

Voltou para trás e procurou por toda a parte, mas, à excepção dos dois cadáveres e dos sinais de luta que haviam mantido com os assaltantes na galeria que dava para o quarto de dormir, não notou a falta de nada, nem encontrou fosse o que fosse de alarmante. Dirigiu-se à oficina, no exterior, e tão-pouco se apercebeu de qualquer prova de um assalto. Lançou uma vista de olhos ao cofre das ferramentas, que Belet considerava o seu maior tesouro. Chufoi acompanhara-o quando o serralheiro o transportara para a sua nova casa. O anão levantou a tampa e exclamou:

- Vazio!

Coçando a cabeça, foi ter com Prenhoe à cozinha e ambos comeram e beberam, sem trocar palavra.

- Que temos aqui, afinal? - exclamou Chufoi, por fim. O Belet e a Seli desapareceram, tal como parte da comida e das ferramentas do Belet. - Lambeu a boca e continuou: O Belet não voltaria a cair nas mesmas tentações; a Seli impedi-lo-ia de fazer tal coisa. Abordaram-no no Local das Hienas, perto da aldeia dos Rinocerontes. A conclusão que tiro é que os que fizeram isso vieram buscá-lo aqui. O Belet e a Seli foram raptados e os assaltantes levaram as ferramentas consigo. Tudo indica que vai haver um assalto dentro em breve.

- Podem ter vindo até esta casa só para o silenciar - alvitrou Prenhoe -, e também para roubar as ferramentas.

- Nesse caso, onde estão os cadáveres?

Chufoi sentiu um calafrio na espinha. Pousou o jarro de cerveja e, seguido por Prenhoe, correu para o jardim. Ajoelharam-se perto do canteiro e começaram a escavar a terra. Depressa descobriram o túmulo improvisado: o cadáver de Aia,

banhado em sangue e, lançado sobre o da criada, o do cão, com o crânio esmagado. Prenhoe virou a cabeça, agoniado, e Chufoi, tremendo, pôs-se de pé. Olhou para a casa e teve o terrível pressentimento de que não voltaria a ver Belet e Seli vivos. Tentou recompor-se, bateu no ombro do escriba e levou-o consigo para dentro do edifício.

- Mas porquê? - suspirou Prenhoe, enquanto pegava num jarro de água e lavava os lábios e o queixo.

- Foi uma pena termos liquidado aqueles dois patifes comentou Chufoi, sentado num banco. - Creio que pertencem ao bando da aldeia dos Rinocerontes. Vieram até aqui, mataram a velha serva e levaram, à força, o Belet e a Seli. Também levaram as ferramentas de que ele se servia para fazer chaves. É por isso que eu digo que têm intenção de assaltar a Casa da Prata ou de abrir alguma arca com tesouros. Os fornos estão frios e a casa, intacta. Por isso mesmo, suspeito que eles foram raptados durante a noite.

- Mas porque deixaram aqui aqueles dois assassinos?

- Fosse como fosse, o chefe do bando deve ter descoberto que o Belet estava à espera de convidados. Os dois assassinos foram deixados, nesta casa, para nos liquidar. O que me leva a perguntar: porquê?

Prenhoe limitou-se a abanar a cabeça.

- Quer dizer - continuou Chufoi - que aquilo que planeiam fazer vai ocorrer muito em breve. Provavelmente hoje ou, o mais tardar, durante esta noite. Se o assalto já tivesse sido executado, não se preocupariam minimamente com o facto de alguém descobrir a ausência do Belet e da Seli. Com efeito, os meus amigos poderiam mesmo ser considerados como autores do roubo.

Pegou no jarro de cerveja e bebeu um gole.

- Mas porque só deixaram aqueles dois homens aqui? Chufoi tocou na cicatriz do nariz e sorriu.

- Que achas assim tão divertido? - quis saber Prenhoe.

- O facto de não ter nariz - retorquiu Chufoi. - Suspeito que a maior parte do bando é constituída por gente da aldeia dos Rinocerontes. Se o assalto falhasse, os cadáveres de homens desfigurados apontariam para o local de onde vieram os raptadores do Belet e da Seli.

- O Asural e alguns guardas não deviam ir até à aldeia? Chufoi abanou a cabeça.

- Seria uma perda de tempo. Notariam a ausência de alguns habitantes mas ninguém saberia para onde foram ou o que tencionam fazer. O que vem demonstrar, igualmente continuou Chufoi -, que o bando não é muito numeroso. Só puderam deixar dois homens para trás. - Sorriu a Prenhoe e concluiu: - Julgaram que um anão e um escriba de mãos delicadas não constituiriam qualquer perigo...

- Estavam enganados, não achas? - gracejou Prenhoe.

- Claro que sim. E, agora, Prenhoe, vai buscar o Asural. Diz-lhe que conduza a guarda até aqui. O cadáver da Aia tem de ser enterrado com os rituais apropriados.

- E tu?

- Vou ficar mais algum tempo.

Prenhoe não precisou de novas instruções. Desejava ardentemente sair daquela casa onde tinham ocorrido ataques violentos e em que havia cadáveres horrendos. Chufoi esperou que o amigo desaparecesse e, depois, inspeccionou toda a casa, de cima *a baixo*. Não descobriu nada, a não ser um pequeno cofre, debaixo da cama. Puxou-o e, no interior, encontrou alguns papiros, mas sem grande importância, entre os quais, cartas escritas por Belet a Seli. Foi então que um rolo amarelecido e desbotado lhe despertou a atenção. Desenrolou-o no soalho e examinou-o cuidadosamente. Havia sido escrito por Lakhet, o pai de Belet. A primeira parte parecia desenhada pela mão de um escriba mas, a partir de cerca da metade, o texto fora continuado por alguém cujos caracteres eram quase ilegíveis. Era um excerto duma oração, um daqueles cânticos tão admirados por cortesãos e oficiais:

”Agradeço-te, ó Osíris, Senhor dos dois chifres, Portador da Grande Coroa. Agradeço-te por me teres escolhido A mim, Lakhet, o teu humilde servo. Fui tocado pela glória do faraó, Trabalhei para o grande construtor,

Fabriqueei portas para os deuses E o meu trabalho foi abençoado...”

O hino prolongava-se, sempre em louvor de Osíris; era também uma inteligente ostentação do que Lakheth havia produzido durante a sua vida. Chufoi suspirou, lançou o papiro para o cofre e empurrou este último para baixo da cama. Depois, olhou em seu redor. Num canto, sobre uma mesa de acácia finamente trabalhada, encontrava-se uma estátua do deus-chacal Anúbis. Chufoi sentiu um arrepio de medo. Rastejando, avançou e ajoelhou-se em frente da estátua. Fechou os olhos e estendeu as mãos, numa prece silenciosa. No seu íntimo, Chufoi sabia que naquela casa haviam ocorrido acontecimentos abomináveis. Belet e Seli tinham sido raptados e conduzidos para a morte. Deixou-se cair sobre os tornozelos e abriu os olhos. Mas porquê? Que assalto ia ser perpetrado?

Na Sala do Julgamento, Anúbis **pesava o coração/alma do** morto contra a pena da verdade.

CAPÍTULO 13

Amerotke sentou-se no terraço da sua casa. Hatusu e Senenmut tinham dirigido os trabalhos de remoção do sarcófago e regressado a Tebas, ao início da tarde. O juiz pedira licença para se retirar, insistindo que tinha de ver a família. A delegação dos Mitânios chegara, havia pouco, e as negociações podiam esperar.

Impressionado pelas pinturas murais que vira no túmulo real, queria agrupar todos os dados que recolhera e ponderar o seu possível significado. Hatusu, aliviada com o que haviam encontrado no interior do sarcófago, não prestara grande atenção quando Amerotke lhe pedira para se retirar. Senenmut, contudo, insistira que o juiz deveria regressar ao Templo de Anúbis no dia seguinte.

Amerotke encontrara Chufoi à sua espera, na estrada que se abria para os portões da mansão, e bastara-lhe ver o seu rosto para saber que havia algo que corra mal.

- Não quero que a minha senhora Norfret saiba - murmurara Chufoi. - O Belet e a Seli foram raptados e a sua serva morta e enterrada no jardim. Além disso, o Prenhoe e eu fomos atacados...

Amerotke pegara-lhe por um braço e conduziu-o pela estrada, até se sentar, com o servo, à sombra de um tamarindo. Acalmara Chufoi e pedira-lhe que lhe contasse o que acontecera na casa de Belet.

- Fizeste bem em esperar pelo meu regresso - declarara

o juiz, depois de Chufoi proceder ao seu relato. - A única coisa que deixa a tua senhora Norfret agitada é a perspectiva de sermos atacados na nossa própria casa. Se, por acaso, vem a saber que um amigo ou um conhecido nosso sofreu tal infortúnio... - Detivera-se e dera uma palmada carinhosa na mão de Chufoi. - Desculpa. Continuo sem saber que plano têm os assaltantes, mas, seja ele qual for, concordo que será posto em prática muito em breve. O Belet foi raptado devido à sua habilidade como serralheiro, e a Seli a fim de garantir o silêncio dele. Para onde os terão levado? - Amerotke esfregara as faces. - Podia fazer uma lista de milhares de locais que qualquer bando de ladrões gostaria de assaltar: mansões com casas de tesouro, armazéns de mercadores, santuários, lojas de cambistas e até outros locais cuja existência desconheço por completo.

- O Belet e a Seli correm perigo?

Chufoi fechara os olhos, desesperado. O rosto do seu amo dizia-lhe tudo.

- Os ladrões não são juizes - retorquira Amerotke. Assim que se concentram num assalto, que significado tem, para eles, uma vida humana?

- Que podemos fazer? - gritara Chufoi, levantando-se. Já pedi ao Asural e ao Prenhoe que passassem a cidade a pente fino.

- Duvido que eles os encontrem. - Fora a vez de Amerotke se levantar. - Agradeço-te por teres esperado por mim aqui. Quando chegarmos a casa, não debes mencionar - nada do que me contaste.

Chufoi, então, observara atentamente o seu amo.

- O que te aconteceu? - perguntou, apontando para os arranhões nos braços e nas pernas de Amerotke. - Ouvi...

- Isso é um outro assunto que não pode ser mencionado - replicara Amerotke com um sorriso. - Já temos problemas que cheguem, Chufoi. Deixa que o tempo passe, antes que a Norfret o saiba. Agora, vamos. Não podemos ser vistos aqui.

Norfret e os dois meninos haviam ficado encantados por vê-lo e tinham feito várias perguntas. Amerotke já enviara

Chufi até ao templo para fazer certas investigações enquanto ele e Norfret se retiravam para o quarto, onde, como Norfret fizera questão de frisar, podiam falar de certos assuntos com maior "intimidade". Depois de fazerem amor, ela interrogara-o. Amerotke respondera às suas perguntas com evasivas, mas conhecia a mulher: havia de voltar ao assunto. Reparara nos arranhões e golpes que ele tinha no corpo e aludira aos mexericos que Chufi ouvira no templo. No entanto, não insistira. Agora, achava-se no piso térreo, a decidir com o servo que frutos deviam ser colhidos dos pomares, enquanto os filhos estavam entretidos no pátio a construir um carro de guerra em miniatura, com a ajuda do carpinteiro.

Depois de se lavar e mudar de roupa, Amerotke sentou-se no terraço, apreciando a brisa nocturna, enquanto apontava tudo o que descobrira. A mesa achava-se já coberta de tinteiros e de cálamos. Amerotke embrenhara-se de tal forma nos seus apontamentos que sentia dores nos pulsos e nos dedos. Pousou o cálamo e retirou o manuscrito de Sinuhe do saco de couro. Já havia lido algumas partes e ficara particularmente impressionado com as narrativas do viajante acerca de tribos que viviam na selva, centenas de milhas a sul da Terceira Catarata.

- Agora percebo porque tantas pessoas queriam comprá-lo... - murmurou.

Sinuhe não só era um contador de histórias nato como uma preciosa fonte de conhecimentos. As suas descrições eram pormenorizadas: falava dos caminhos e rotas que levavam a determinadas aldeias e tribos; de nascentes de água e de locais onde podia encontrar-se alimento e do perigo que os saqueadores e ladrões representavam. Amerotke lera narrações similares e escutara muitas histórias de outros viajantes. A maioria provinha mais da fantasia do que da realidade, com relatos de lagos glaciais que albergavam monstros vorazes. O manuscrito de Sinuhe, contudo, tinha algo de verdadeiro. Fornecia, em profusão, pormenores de todas as suas histórias e, até, mapas toscos mas precisos. Mais uma vez, Amerotke leu a parte que se referia aos pigmeus núbios, aos seus costumes e, acima de tudo, ao seu modo de caçar e de combater.

Amerotke pôs o manuscrito no saco e retomou as suas anotações. Podia ouvir as risadas dos filhos, misturadas com a voz grave de Chufoi, que fingia ser um babuíno selvagem. Pouco depois, o anão subiu a escada que levava ao terraço. O olhar revelava grande angústia. Não se sentira *particularment* encantado com a incumbência que Amerotke lhe dera e mostrava-se determinado em descobrir o que acontecera ao seu amo e a Belet, tanto como em conquistar o coração da *heset*.

- Então? Amerotke puxou um banco e serviu-lhe uma caneca de cerveja.

- Meu senhor juiz, o meu amor não foi bem-sucedido! - declarou tristemente. - Ouve este meu poema...

Pousou a caneca e estendeu os braços, numa pose dramática.

”A voz dos gansos selvagens chama-me!

Chama e torna a chamar,
Mas estou emaranhado na rede do teu amor...”

- É um belo poema, Chufoi, mas por ora chega - apressou-se a interrompê-lo Amerotke.

- Não encontrei o Prenhoe nem o Asural... - sussurrou Chufoi. - O que terá acontecido ao Belet, meu senhor? Porque foi que os ladrões levaram todos os utensílios dele?

- Não faço ideia, Chufoi. Tudo o que sabemos é que al-guém planeia um roubo. Já alertaste o Asural e, neste momento, não posso fazer mais nada.

- Já não queres saber de mim! - queixou-se o anão, com viva petulância. - Nem sequer me contaste o que te aconteceu! - Os seus olhos brilhavam. - Ouvi certos boatos... Se a minha senhora Norfret soubesse...

- Se a tua senhora Norfret souber - atalhou Amerotke -, então, não serão apenas os gansos selvagens que te perseguirão... Mais tarde, revelar-te-ei o que me aconteceu.

- Correste perigo! - exclamou Chufoi, em tom queixoso. - O Prenhoe teve um sonho, ontem à noite. Estava junto à margem do Nilo com uma bela mulher...

A mesma dos seus outros sonhos?

Chufói bateu com os pés no chão, irritado com aquele remoque do seu amo, que voltou à carga:

- O que descobriste no Templo de Anúbis?

Chufói suspirou, pesarosamente, mas Amerotke, que já o conhecia, agarrou-o pelo pulso.

- O que foi que descobriste, Chufói?

- Interoguei discretamente as pessoas, especialmente o sacerdote que o Nemrat substituiu, ao fim da vigília do dia. Afirmo que é possível, mas pouco provável, que alguém se tivesse esgueirado para a capela; pessoalmente, não acredita nessa hipótese.

- E que mais?

- O mesmo se aplica quanto à possibilidade de o Ueni se ter escondido num dos recantos obscuros da capela. Seria forçado a não fazer o menor ruído porque, se o Nemrat deparasse com um estranho, brandindo um punhal, teria lançado o alarme.

Amerotke largou o pulso de Chufói.

- Sim, também pensei nisso. Portanto, a Uanef mentiu...

- Vi-a com os dois mensageiros no templo - declarou Chufói. - Se o Hunro e o Mensu se mostravam carrancudos, já a princesa parecia uma gata que acaba de caçar um rato... Perguntou por ti e disse-me que, de regresso a Tebas, passaram pelos restos de um carro de guerra. Ainda aludiu a uma fogueira no deserto...

- Esquece... - sussurrou Amerotke, pressionando os dedos sobre os lábios de Chufói. Norfret subia a escada. Parou, numa atitude de alguma provocação, e sorriu-lhe.

- Mais segredos? - exclamou. - Acabo de me lembrar da mensagem que te enviei.

- Que mensagem? - quis saber Amerotke.

- Acerca da arca e da chave.

- Eu tentei dizer-lhe! - defendeu-se, de imediato, Chufói -, mas, como de costume, o meu senhor juiz estava demasiado ocupado para dar ouvidos a este seu humilde servo...

- Nesse caso, diz-me agora...

- Está relacionado com os assassínios no Templo de

Anúbis - explicou Norfret, indo sentar-se ao lado de Chufoi. - Disseste-me que a porta estava trancada e que tinha chave em seu poder, não foi?

Amerotke acenou afirmativamente.

- Pois bem... - continuou Norfret, levando a mão ao fio que trazia à volta do pescoço. - Fui buscar uma e dirigi-me ao nosso quarto. Suponho que saibas onde fica...

- "acrescentou, com um sorriso malicioso. - Estava convencida de que trouxera a chave correspondente à arca, de que me ser" vi vezes sem conta. Só que, desta vez, trouxe a chave errada. Nem calculas como isso me aborreceu, porque tive de descer ao piso térreo para encontrar a chave certa.

Amerotke fitava-a, atordoado.

- Desculpa, mas não estou a compreender...

- Mas eu já compreendi! - gritou Chufoi, levantando-se e começando a saltar.

- Como podes ter a certeza - prosseguiu Norfret - de que a chave que estava presa ao cinto do Nemrat era aquela que se encaixava na fechadura da porta da capela?

- Porque se trata de uma chave especial, feita por medida. Qualquer pessoa que tentasse fazer uma cópia dessa chave não o conseguiria, porque isso levantaria a suspeita de imediato,

- Não, não... - Norfret mal podia ocultar a sua excitação. - O que realmente é importante numa chave, meu senhor juiz? Não é o cabo, mas sim os dentes, e é isso que exige > a perícia de um serralheiro. Sim, porque uma chave deve encaixar-se na fechadura e girar, não é verdade?

Amerotke teve de abafar um grito de surpresa.

- E se alguém - continuou Norfret - entrou na capela, roubou a ametista sagrada, matou o Nemrat, colocou uma cópia da chave verdadeira no seu cinto e saiu, fechando a porta atrás de si?

- É possível - anuiu Amerotke -, mas isso faz com que o Nemrat fosse simultaneamente vítima e cúmplice do crime, porque teria sempre de abrir a porta ao assassino.

- Concordo com a minha senhora Norfret! - interveio Chufoi. - Lembra-te do que o homem dos crocodilos disse acerca do Nemrat: que era um gordo lascivo e que gostava de carne tenra...

A Ita? - exclamou Amerotke. Logo de seguida, abanou a cabeça. - O médico garantiu-me que não havia quaisquer sinais de o Nemrat ter tido um encontro sexual antes de morrer.

- E quem te diz que ela o deixou tocar no seu corpo?

- Tens razão! - concordou Amerotke, contagiado pelo entusiasmo de Norfret e de Chufoi. - Mas... e quanto à cópia da chave?

- É fácil - declarou Chufoi, apontando para uma chave inserida numa arca, perto da mesa. - Basta ires à loja de um cinzelador de cobre ou de bronze e mostrar-lhe um esboço...

- Claro! - Amerotke levantou-se e deu um beijo apaixonado à mulher. - Se um dia precisarem de outro juiz em Tebas...

- Não, obrigada - replicou Norfret, com ar sério. Porque não é meu desejo atravessar o deserto num carro de guerra, à noite. Apenas pretendo conhecer a verdade, meu senhor juiz.

- E conhecê-la-ás - replicou Amerotke, voltando a sentar-se para apertar as correias das sandálias. - Tal como eu!

- Vais sair?

- Vou. Graças a ti, sei agora como mataram o Nemrat e como roubaram a *Glória de Anúbis*. O tempo escasseia. Os Mitânios preparam-se para selar o tratado e partir, e desconfio que levarão com eles a *Glória de Anúbis*. O Chufoi vai acompanhar-me. Não precisamos de incomodar o Asural, porque o Templo de Anúbis está pejado de guardas.

Depois daquela descoberta, Amerotke recusou-se a que o distraíssem ou o atrasassem. Assegurou a Norfret que estaria de volta a casa nessa mesma noite. Beijou os filhos, pediu-lhes que se portassem bem e, por fim, acompanhado por Chufoi, seguiu pela estrada que levava a Tebas.

Os portões da cidade tinham sido fechados havia muito, mas o guarda deixou-os passar por uma porta lateral. Pouco tempo depois, entravam no Templo de Anúbis. O recinto divino achava-se deserto. Amerotke, valendo-se da sua autoridade, disse que queria falar com o sumo sacerdote. Quando este apareceu, o juiz pediu-lhe autorização para falar com Kheti e Ita na capela onde estivera guardada a ametista sagrada.

- Trazes notícias acerca do roubo da *Glória de Anúbis*? - quis saber o sumo sacerdote, mal disfarçando a sua curiosidade

- Sei como foi roubada - admitiu Amerotke. - Mas quanto ao seu paradeiro, isso é um outro assunto... Ah, o Tetiki, o capitão da guarda, também pode juntar-se a nós.

Um acólito conduziu Amerotke à capela, que parecia votada ao abandono e suja. O acólito explicou que só tornaria a ser consagrada quando se encontrasse a ametista furtada. Acendeu as lamparinas da capela e retirou-se. Amerotke, então, examinou novamente a piscina e os recantos sombrios daquele pequeno santuário. Depressa se apercebeu de que teria sido muito difícil a Ueni esconder-se ali, matar Nemrat e fugir, sem ninguém o ver. Formulava estas conclusões quando o eco de passos soou no corredor. De imediato, Amerotke preparou três bancos, com a ajuda de Chufoi. Depois, ocupou a cadeira destinada ao sacerdote de vigília, enquanto Chufoi se sentava no chão, a seu lado. O nervosismo era patente nos rostos de Kheti, Ita e Tetiki, quando o acólito os introduziu na capela. Amerotke olhou, de relance, para os guardas do templo, postados à entrada, e ordenou-lhes que fechassem a porta e se mantivessem de vigia.

- O que vem a ser isto? - exclamou Tetiki. - Fui conduzido até aqui pelos meus homens como um criminoso!

- Por enquanto, desconheço se és culpado ou não - replicou Amerotke, para logo de seguida espetar o dedo indicador em direcção a Kheti e a Ita -, mas quanto a estes dois, não me restam quaisquer dúvidas!

- É mentira! - protestou Kheti. Ita, por seu lado, sentou-se.

- Estou farto de todas essas acusações! - continuou Kheti. - O simples facto de me achar de vigia, em frente da porta, não significa que seja culpado!

- Já esperava que disseses isso - ripostou Amerotke. É um argumento perfeito. Estavas muito perto do local do crime, mas não existem quaisquer provas que te associem ao sacrilégio. Assim, desde que não fizesses nada que suscitasse suspeitas sobre ti e clamasses a tua inocência, acabarias por ser deixado em paz...

- Onde estão as provas? - quis saber Ita.

- Quem faz as perguntas, aqui, sou eu. Quem era o Ueni?

- Não sei... - murmurou Kheti. - Não é o arauto que morreu quando a matilha sagrada fugiu?

- O Ueni procurou-te - prosseguiu Amerotke, implacável -, e ofereceu-te uma fortuna para roubares a Glória de Anúbis.

- Uma fortuna? - protestou mais uma vez Kheti. E onde iria ele arranjar uma fortuna?

- Arranjá-la-ia com a ajuda dos Mitânios, que tinham todo o interesse em obter a ametista sagrada, a fim de humilhar a divina Hatusu. O Ueni era um arauto egípcio mas, também, um espião e um traidor. Quando te procurou, já tinha delineado um plano, não é assim? Deixa-me colocar as coisas de outra forma: sei tudo acerca da chave!

Kheti empalideceu, enquanto Ita engoliu em seco e desviou o olhar.

- Juntaram-se todos para traçar o plano. Tudo o que tinham a fazer era roubar a *Glória de Anúbis*. Nem precisavam de vendê-la. Apenas entregá-la ao Ueni, em troca de uma generosa recompensa. Depois, esperariam dois ou três meses até que a poeira assentasse. O Kheti não seria o primeiro sacerdote a deixar um templo para entrar noutro...

- Não estarás a esquecer-te do Nemrat?

- Não, não me esqueci dele. Examinei o seu cadáver quando estava a ser preparado para o funeral. Será que o seu *ka* terá partido para o Horizonte Longínquo, Kheti? Ou terá ficado para se certificar de que se fizesse justiça? Olha bem à tua volta e repara como as sombras dançam...

Amerotke agarrou o sacerdote pelos ombros e obrigou-o a olhar em redor.

- Vês a estátua de Anúbis, Kheti? Um dia, talvez mais cedo do que penses, passarás pelas salas do Mundo Inferior, onde terás de enfrentar os deuses e confessar o teu crime...

- Que crime? Que provas possuis?

- Sabem qual é o castigo para assassínio, sacrilégio e roubo? Serão conduzidos à minha presença, na Sala das Duas

Verdades, onde vos condenarei à morte. Depois, serão levados até às Terras Vermelhas e torturados pelos soldados do faraó, que talvez se aproveitem da jovem Ita... Afinal, proferida a sentença, deixarão de ser pessoas para passarem a ser propriedade do faraó. Serão maltratados pelos soldados, antes de eles cavarem covas fundas na areia e vos enterrarem vivos.

O suor escorria agora pelo rosto de Ita. "És a mais fraca", pensou Amerotke. "Nunca te ocorreu que podias ser descoberta e castigada." Ao lembrar-se, porém, do cadáver de Nemrat e do hediondo sacrilégio que havia sido cometido naquela mesma capela, o juiz depressa se recompôs.

- Os soldados vão enterrar-vos bem fundo e colocar pedras sobre as vossas covas. Vocês tentarão sair das covas mas nem sequer conseguirão mexer-se. A areia obstruirá os vossos narizes e as vossas bocas e cegar-vos-á. Sentirão o calor abrasador do deserto, durante o dia, e o frio intenso, à noite. Talvez consigam sair das vossas covas, mas já estarão demasiado fracos - prosseguiu Amerotke. Olhou, então, para a jovem sacerdotisa. - Já alguma vez estiveste nas Terras Vermelhas, Ita? Eu já. Ali, os leões são vorazes, porque os Mitânios mataram toda a caça. Farejarão o vosso medo e talvez vos desenterrem...

Fez uma pausa. Ita esfregava os braços como se estivesse enregelada.

- Já viram um bando de leões caçar um javali? Não saem de perto da toca do animal, durante dias...

- Pára! - interrompeu Kheti. - Não tens o direito... O sacerdote levantou-se.

- Tenho todo o direito - replicou Amerotke. - Onde pensas que vais, Kheti?

Dito isto, olhou para o capitão da guarda, que se mantinha imóvel como uma estátua no seu banco. Parecia assustado, mas Amerotke, naquele momento, sabia que ele estava inocente.

- Senta-te, Kheti! Podes retirar-te, Tetiki. Mas não te afastes para muito longe... Se o Kheti e a Ita saírem daqui, sem a minha autorização... - Amerotke estendeu os dedos, exibindo o seu anel - deverás executá-los imediatamente.

Tetiki levantou-se.

- Antes de saíres, diz-me uma coisa: estavas de serviço na noite em que o Nemrat foi assassinado e a *Glória de Anúbis*, roubada?

- Sim, meu senhor.

- Patrulhaste todos os corredores e galerias? O Kheti nunca abandonou o seu posto?

- Não.

- E a Ita? Levou-lhe de comer e de beber?

- Vi-a dirigir-se à capela e, mais tarde, afastar-se, em direcção às cozinhas do templo.

- Não me disseste que, quando a viste regressar às cozinhas, ela levava um jarro consigo?

- É verdade! - exclamou o capitão da guarda. Amerotke sorriu.

percebi que pensas como eu... Não devia ela ter dado o jarro ao Kheti?

Tetiki respondeu àquela pergunta com um aceno de cabeça.

- A propósito... - acrescentou Amerotke. - Também falaste de certos rumores, segundo os quais algumas pessoas teriam visto o deus Anúbis vaguear pelo templo. Acreditaste nessas histórias?

O capitão esboçou um sorriso tímido e abanou a cabeça.

- Provavelmente, era um sacerdote com uma máscara sagrada. Por vezes, acontece...

- E quem o avistou?

- Alguns dos meus guardas.

- Interroga-os - ordenou Amerotke. - Diz-lhes que quero uma descrição completa do que eles realmente viram, em particular no que diz respeito às mãos dessa figura misteriosa.

Tetiki acatou a ordem com uma vénia.

Amerotke esperou que o capitão da guarda fechasse a porta atrás de si, antes de se voltar novamente para os outros dois.

- Agora, vou provar - anunciou - que os dois são assassinos.. Sabes, Ita, és como uma amêndoa açucarada... Meiga, tímida, uma mão-cheia na cama...

- Sou uma sacerdotisa! Estás a insultar-me!

- Por mim, até podias ser a filha do faraó - ripostou o juiz. - Nem por isso deixarias de ser uma assassina. Pois bem, deixem-me contar-vos o que se passou. O Ueni era um traidor e um espião. Recebera ordens para roubar a *Glória de Anúbis*. Qualquer um dos inimigos do Egito lhe pagaria uma fortuna fabulosa para ter a ametista sagrada e, dessa forma, poder escarnecer da divina Hatusu. O Ueni entregou-vos um punhal, que nunca poderia ser identificado, e urdiu um plano extremamente ardiloso. O Nemrat era um homem libidinoso e desejava-te, não é assim, Ita? Mas piscaste os teus lindos olhos e disseste-lhe que o teu coração pertencia ao Kheti. Só os deuses sabem todos os passos intrincados do vosso plano. Aguçaste o desejo que o Nemrat tinha por ti, mas o Kheti era um obstáculo para ele. Mais tarde, forneceste uma solução ao Nemrat, que resolveria o seu problema...

Amerotke fez uma pausa, na esperança de poder vergar a teimosia daqueles dois assassinos.

- Tornou-se moda, nos templos de Tebas, que os sacerdotes partilhem os encantos e afectos de uma concubina do deus. O Kheti não constituiu excepção. Só se revelou diferente, ao dizer ao Nemrat que não queria que mais ninguém soubesse daquela partilha. Sim, foi esse o vosso truque! O Kheti alegou que não queria que ninguém visse o Nemrat a divertir-se com a bonita Ita e, muito menos, que o Nemrat se gabasse da sua nova conquista. O Nemrat pagou-te pelo favor que lhe prestaste, Kheti? Ainda não falei com o sumo sacerdote, mas as servas do deus guardam os seus haveres preciosos na Casa da Prata, não é? E os escribas do tesouro não tomam nota, com todo o cuidado, de tudo aquilo que é levantado pelos sacerdotes? Vou fazer-vos uma confissão... - nova pausa. Ainda tenho de verificar os registos da Casa da Prata. Cometi um erro. Devia tê-lo feito, antes de vos chamar. No entanto, não terei qualquer dificuldade em provar que o Nemrat levantou uma considerável parte da sua riqueza pessoal. Talvez nunca venha a saber-se o que fez ele com esse levantamento, mas procurarei descobri-lo. Estou certo de que foi parar às mãos de um banqueiro ou de um mercador de Tebas, que guardou essa pequena fortuna, em nome de Kheti ou de Ita...

Os dois amantes reagiram com patente inquietação àquelas últimas palavras.

- Ótimo... - murmurou Amerotke. - Vejo que estamos a fazer progressos! Receberam o pagamento do Nemrat, o qual, dessa forma, podia usufruir dos encantos da Ita. Mas como e onde? Então, tu, Kheti, lembraste-te de uma ideia audaz mas engenhosa. O Nemrat era o sacerdote de vigília do Santuário de Anúbis, enquanto tu ficavas de guarda, à porta. A noite cai. A Ita aproxima-se, em bicos de pés, como se viesse trazer-te um jarro de vinho. Tu aproveitas o momento e bates à porta da capela, numa altura em que nem o Tetiki nem nenhum dos seus guardas se acham por perto; havias combinado tudo com o Nemrat, que não cabia em si de contentamento e mal conseguia acreditar na sua sorte por finalmente, se ir deitar com a Ita. Ela passará a noite nos seus braços. Que lhe importa o crime de sacrilégio? Colocando os pés no plinto secreto da piscina sagrada, o Nemrat destranca a porta. Uma tábua é posta por cima da piscina sagrada e a Ita esgueira-se para o interior da capela. A tábua é retirada e o Nemrat tranca novamente a porta. O que ele não sabe é que a Ita tem o punhal do Ueni, porque não faz tenções de permitir que um sacerdote gordo e repugnante se aproveite dos seus encantos.

O rosto de Ita mostrava-se encharcado em suor, e começara a abanar-se, enquanto Kheti fitava o juiz com olhar ameaçador.

- Queres um conselho, Kheti? - avisou-o Amerotke. Não cometas um disparate, porque terás morte imediata.

- Ele que não se atreva... - sibilou Chufoi, que se levantou. Estivera a escutar, fascinado, o amo, dividido entre a admiração e a incredulidade que a doce Ita lhe suscitava. Agora, porém, brandia a sua adaga. - O meu amo não corre qualquer perigo, não é verdade, Kheti? - sussurrou Chufoi, dirigindo-se ao sacerdote.

- Continuo à espera de provas! - sibilou este.

- Lá chegaremos, não te preocupes... Teremos muitas provas... - replicou Amerotke, pedindo mentalmente desculpa aos deuses por aquela mentira. - Sabes, o Nemrat contou a alguém o vosso acordo.

- Nunca iria fazê-lo! Ele jurou-me...! - Vendo o que acabara de dizer, Ita fechou os olhos.

- Cabra estúpida! - sibilou Kheti.

- Como eu estava a dizer - continuou Amerotke, imperturbável -, o Nemrat está aqui com a Ita. Mal consegue conter a sua excitação e ajeita as almofadas para o seu leito de amor. A Ita aproxima-se e ataca-o, enterrando o punhal directamente no coração do Nemrat, com um único golpe. O coração do Nemrat bateu apenas uma dúzia de vezes antes de ele morrer. A Ita, então, tira a *Glória de Anúbis* e bate à porta, em sinal de que tudo estava concluído.

- E a chave? - exclamou Kheti. - A piscina não foi profanada!

- Existem certos pormenores que ainda não descobri, mas basta que vos diga que a Ita se serviu do plinto secreto da piscina para destrancar a porta. Por fim, sai da capela, enquanto tu, Kheti, tens já preparada uma tábua de madeira que te servirá de ponte. Ninguém se acha por perto. Entras na câmara com um duplicado da chave que, em todos os aspectos, é igual àquela que abre a porta da Capela Divina. Colocas a chave falsa no cinto do Nemrat, atravessas a piscina, valendo-te da tábua de madeira, apressas-te a tirá-la e, por fim, fechas e trancas a porta. Só te resta esconderes a verdadeira chave por baixo da tua túnica. Quanto à tábua de madeira... Existem janelas e passagens na galeria que dão para o jardim e livras-te rapidamente da tua ponte improvisada, enquanto a Ita fica de guarda. Agora, tens a chave contigo e a Ita tem a ametista sagrada. O jarro que ela trouxera contém uma pequena porção de vinho ou de cerveja. A Ita esvazia o conteúdo na tua taça e esconde a ametista no jarro. Depois, regressa às cozinhas e tu voltas para o teu posto - Amerotke apontou para a porta. Chegamos à última e mais perigosa parte do vosso crime. Na manhã seguinte, é necessário arrombar a porta. A confusão é total. O Nemrat está morto e a ametista sagrada desapareceu. Quem se lembra da chave? Sobretudo se há uma, idêntica, dependurada do cinto do Nemrat? No meio do caos, ninguém se preocupa com a chave de uma fechadura cuja porta foi arrombada. Aproveitando-te disso, Kheti, trocas o duplicado pela chave verdadeira e o mistério é total.

- Mas eu estava de guarda - balbuciou Kheti. - Sabia que seria considerado suspeito!

- A sério? Era essa a tua defesa. Como podias tu entrar ou sair, se o Tetiki não dera por nada de suspeito? Desse modo, como poderiam acusar-te? Não tinhas a ametista em teu poder e, mesmo que a tivesses roubado, como poderias vendê-la? Como já o afirmaste, e bem, o dedo da suspeita foi apontado contra ti, mas onde estavam as provas? Agora, porém, tudo mudou. Irão a tribunal e serão condenados à morte. O Chufoi fará algumas investigações - Amerotke serviu-se das mãos como se pesasse algo numa balança invisível. - Encontraremos mais provas e, por fim, a única conclusão será a de que o Kheti e a Ita são culpados de roubo, assassinio e sacrilégio - Amerotke levantou-se. - Vou conceder-vos apenas alguns instantes, nada mais, para que possam falar um com o outro.

- Falar, para quê? - protestou Ita, olhando em redor. Considera-nos culpados e vamos morrer.

- Ah! - Amerotke sorriu e voltou a sentar-se. - Estão com sorte. Tudo o que a divina Hatusu quer é reaver a *Glória de Anúbis*. Em certa medida, o Nemrat provocou a sua morte. Se confessarem e me contarem tudo, se eu puder devolver a *Glória de Anúbis* ao seu santuário, então, acontecerá o seguinte: ambos terão autorização para deixar Tebas, com as roupas que trazem vestidas. Terão igualmente permissão para levarem uma arma, um saco de comida e água. Para onde irão e o que farão, isso não nos diz respeito, desde que não regressem nunca mais a Tebas. Serão banidos da cidade para sempre, bem como de qualquer templo do reino do Alto e do Baixo Egito! Dito isto, Amerotke debruçou-se para a frente. - Pensem nisso... Sempre é melhor do que sufocar até à morte nas Terras Vermelhas...

Levantou-se, fez sinal a Chufoi para que o seguisse e saíram da capela. Tetiki e os seus homens mantinham-se de guarda no corredor. Amerotke dispensou os outros, mas ordenou ao capitão que permanecesse ali. Só então olhou em redor; avistou uma janela, aberta na parede, e reparou nos pequenos recantos e reentrâncias do corredor, o local ideal para

se esconder uma tábua *de* madeira velha com a qual fosse possível atravessar uma piscina sagrada. Tetiki ainda se mostrava nervoso.

- Estou inocente, meu senhor. Amerotke deu-lhe uma palmada no ombro.

- Claro que estás. O mesmo não se pode dizer daqueles dois...

Os olhos do capitão esbugalharam-se de espanto.

- São culpados?

- Tanto como o deus Set é culpado de assassinio, mas serás informado sobre isso mais tarde.

- E a ametista sagrada?

- Só espero que a devolvam, para bem deles. Agora, escuta-me com atenção, Tetiki - acrescentou, pegando no braço do homem. - Quero que me fales dos rumores sobre o deus Anúbis, que teria sido visto a vaguear pelo templo...

- Eu nunca o vi - respondeu o capitão.

- Então, quem o viu?

Tetiki chamou um dos seus homens, um recruta baixo, de rosto afável, que se aproximou rapidamente.

- Conta ao juiz Amerotke o que me disseste sobre o deus Anúbis.

- Não vi nada - tartamudeou o recruta. - Provavelmente, foi um sonho ou um reflexo...

Dito isto, voltou-se e fitou, por cima do ombro, os companheiros que se achavam ao fundo do corredor. Amerotke sorriu.

- Capitão Tetiki, este soldado deve ser recompensado pela sua visão apurada e pela sua vigilância. Sim, porque viste algo, não é verdade? Só que agora queres negá-lo, porque os outros troçam de ti. No entanto, estou certo de que, se eu percorresse este templo, encontraria outros guardas e servos que viram o mesmo que tu.

O recruta consultou nervosamente o seu capitão com o olhar.

Amerotke voltou-se e espreitou pela porta entreaberta da capela. Kheti e Ita mantinham-se sentados, com as cabeças juntas.

- Duas noites antes de a dançarina ser assassinada - respondeu, por fim, o recruta -, eu estava de guarda, ou melhor, a patrulhar a área entre os Portões de Pérola e os jardins. Ouvi um ruído e voltei-me. Vislumbrei, por breves segundos, alguém vestido como o deus Anúbis. Quem quer que fosse tinha na cabeça uma máscara de chacal, preta e dourada, calçava sandálias de guerra e usava um saiote preto de couro, por baixo de uma capa que lhe pendia dos ombros.

- Era um homem ou uma mulher?

- Parecia mais uma mulher, porque tinha um porte elegante, mas... - O recruta sacudiu a cabeça. - Sinceramente, não sei...

Amerotke aproximou-se mais dele.

- Agora, quero que te lembres exactamente do que transportava essa figura. Tinha algum objecto nas mãos?

O recruta fechou os olhos.

- Sim. Parecia uma lança pequena, mas não tenho a certeza.

- Obrigado.

Amerotke dispensou o capitão e o recruta e entrou, de novo, na capela.

- Então? - exclamou, depois de se sentar.

- Podemos contar com a tua promessa solene? - perguntou Kheti.

- Sim, mas preciso de ter a *Glória de Anúbis* nas minhas mãos e uma confissão da vossa parte.

Kheti fez um sinal com a cabeça, fitando Ita.

- Tenho de ir buscar algo... - disse esta.

Amerotke deixou-a sair e esperou que ela regressasse. Pouco depois, Ita entrou na capela, com um pequeno saco de couro na mão, sujo de lama e de poeira.

- Enterraste-a no jardim? - exclamou Amerotke.

A rapariga inclinou a cabeça, desfez o nó do cordão que atava o saco e retirou a bela ametista do tamanho e com a forma de um ovo grande. Chufoi assobiou, fascinado pelo fulgor da pedra preciosa. Amerotke ergueu-a contra a luz das lamparinas, fê-la girar várias vezes e reparou que, no centro, os grãos formavam a cabeça de um cão ou de um chacal. Examinou de

novo a ametista: não apresentava qualquer marca. Por fim, pousou-a no chão, a seu lado.

- E a vossa confissão?

- Éramos felizes aqui - começou Kheti. - Eu ganhava bastante dinheiro com as taxas mortuárias. Quando conheci a Ita, o Nemrat andava já atrás dela - Esfregou os olhos. Era uma vida monótona, meu senhor, até que, um dia, estava eu no meu quarto...

- Quando foi isso?

- Talvez há dez ou quinze dias, pouco depois da chegada da delegação dos Mitânios. Não sei quem era a pessoa. Às vezes, dizia chamar-se Ueni, outras, Mensu...

- Mensu? Mas é um dos mensageiros dos Mitânios!

- Bem sei. O que não saberei nunca é se o meu visitante era homem ou mulher. Por vezes, a sua voz era abafada, outras, mais nítida, e tanto era grave como aguda...

Kheti esfregou as sobrancelhas.

- Numa dessas ocasiões, convenci-me de que era o Ueni, mas, depois, ele morreu, e outra pessoa foi visitar-me... Parecia estar a par do nosso plano e dei comigo a perguntar a mim mesmo se, ao princípio, fora abordado pelo Ueni. De qualquer forma, o meu primeiro visitante misterioso afirmara que eu podia ser mais rico do que jamais sonhara, se roubasse a *Glória de Anúbis*. Como é evidente, repliquei que era uma loucura e que nunca ninguém conseguiria tal proeza. Foi então que ele mencionou uma quantia exorbitante, em ouro e prata. - Kheti abanou a cabeça. - Nunca ouvira descrever tamanha riqueza. Respondi ao misterioso visitante que tinha de falar com a Ita. O meu visitante mostrou-se relutante, mas por fim aceitou a minha condição. Na segunda vez, disse ao misterioso mensageiro que faríamos o que nos propunham, mas que, para isso, precisávamos da cumplicidade do Tetiki ou do Nemrat. Como resposta, disse-me que não fosse idiota.

- Fui eu que urdi o plano - interveio Ita, orgulhosamente. - E agora, meu senhor juiz? Podemos contar com a tua palavra? O Nemrat era tão libidinoso como um bode. Passava os dias a sussurrar-me obscenidades mas tinha medo do Kheti. Disse-lhe, então, que o Kheti não se importava e que

até gostava da ideia de *me* partilhar com ele. Aquele gordo nojento acreditou. Nunca lhe falámos da *Glória* de *Anúbis*. O Nemrat pagou pelo favor e o resto aconteceu como já explicaste.

- Não tiveram medo dos guardas?

- O Tetiki é igual a qualquer outro soldado. Nunca alteraria a sua rotina. Na noite em que roubámos a ametista, tudo correu conforme o planeado. A única coisa que eu receava era essa tal aparição, porque corriam rumores de que Anúbis fora visto a rondar o templo.

- E acreditaste nesses rumores? - perguntou Amerotke.

- Não acredito que os deuses andem - respondeu Ita, com um sorriso forçado. - Não creio em nada, meu senhor - acrescentou. O seu olhar havia-se endurecido subitamente. - Quando se trabalha num templo com sacerdotes... Fui eu que matei o Nemrat. Mereceu morrer por tudo o que me fez. Fui eu também que roubei a ametista.

- Porque não a entregaste imediatamente?

- Depois do roubo, recebemos a visita do misterioso mensageiro - explicou Kheti. - Pediu-nos que a guardássemos e avisou-nos de que voltaria a procurar-nos. Tivemos uma outra visita, depois da morte do Ueni. Por essa altura, eu já andava completamente confuso, mas comecei a desconfiar de que a ametista ia ser entregue aos Mitânios, quando nos disseram que devíamos guardá-la, no caso de algo correr mal.

- Portanto, o vosso misterioso visitante nunca podia ser o Ueni...?

- Podia ser qualquer pessoa. Homem ou mulher. Não sei...

- E não tens mais nada para me dizer? - Senhor?

Amerotke fitou Ita.

- Vamos ser expulsos, como criminosos, com as nossas túnicas e sandálias?

- Não é isso que os dois são? - exclamou Chufoi.

- Dêem-se por contentes por terem a vossa vida, a vossa juventude, para já não falar da vossa liberdade.

- Podemos levar algumas peças de prata connosco? - Ita

estendera a mão e baixara a cabeça, num gesto de súplica.

- Meu senhor juiz, possuo informações que talvez te interessem... Lembras-te da dançarina, daquela *heset* que foi assassinada, num pavilhão dos jardins?

- Podem levar algumas peças de prata - consentiu Amerotke.

- Conhecia-a vagamente. Na tarde do dia em que morreu, disse-me que os Mitânios... e tenho a certeza quanto a esse ponto... a tinham contratado para dançar.

- Os Mitânios?

- Foi tudo o que ela me disse...

Amerotke pegou na ametista sagrada e pesou-a nas mãos.

- Deverão partir de Tebas, antes do meio-dia de amanhã. O que levarão convosco, só a vós diz respeito. Se regressarem à cidade, serão executados. Agora, ide!

Os dois amantes saíram da capela. Chufoi fechou a porta atrás deles.

- Atacas as tuas presas como um mangusto, meu amo!

- Não é verdade - murmurou Amerotke, olhando, de novo, para a ametista. - Mas quero dizer-te isto, Chufoi: amanhã de manhã, vou preparar uma armadilha para um assassino. Não possuo mais provas do que tinha em relação ao Kheti e à Ita... Que a deusa Maet me ajude!

CAPÍTULO 14

A ansiedade de Toreb, servo pessoal de Hunru, o mensageiro dos Mitânios, era grande. Avistara Amerotke, juiz supremo do faraó, a entrar no templo. Como todos os servos que se convertem em espiões, Toreb ansiava por fornecer, quanto antes, aquela informação ao seu amo. Toreb aproximara-se do templo e vira Amerotke a ser conduzido à capela onde fora roubada a ametista sagrada. Tentara pôr-se à escuta e descobrir o que estava a passar-se, mas, daquela vez, não conseguira subornar os guardas. Estes haviam-lhe ordenado, por entre imprecações e olhares ameaçadores, que se afastasse. Mesmo assim, Toreb sentia-se orgulhoso da sua descoberta.

- O meu amo vai pagar-me bem por esta informação murmurou.

Hunro não gostava da princesa Uanef e ansiava por obter informações sobre os Egípcios. Consultava assiduamente Mensu, o seu colega, e não raras vezes reuniam-se para tentar urdir um plano. Nessas ocasiões, deixava transparecer os seus verdadeiros sentimentos.

- Não me agrada estar aqui - lamentava-se Hunro. Preferia que os meus lábios se cobrissem de bolhas e que os meus joelhos inchassem a ter de beijar os pés da amante do pedreiro!

Toreb suspirou e seguiu pelo corredor vazio. Era assim o mundo! Os grandes chefes mitânios queriam a guerra, mas o rei Tuchratta mostrava-se determinado em selar um tratado de

paz com os Egípcios. E, naquele momento, já era tarde de mais para voltar atrás. A delegação dos Mitânios regressara a Tebas, com instruções estritas: deviam selar o tratado de paz. O sarcófago de Benia não chegara àquele templo pronto a ser enviado para o oásis das Palmeiras? No entanto, havia ainda outras questões que o preocupavam. Teria o seu amo estado envolvido, em conluio com a princesa Uanef e os outros, no roubo da ametista sagrada? Toreb não o sabia, muito embora, quando se achavam sozinhos, os mensageiros mitânios se rissem do embaraço que aquele incidente causara à divina Hatusu. Os seus sorrisos, porém, haviam-se dissipado rapidamente com a aparição do juiz supremo do faraó. Quanto a esse ponto, a opinião dos mensageiros mitânios era unânime: Amerotke era perigoso e tinha de ser vigiado. Houvera, ainda, uma discussão acesa acerca do que se passara no deserto e que envolvera o juiz e um outro egípcio. A princesa Uanef não escondera o seu desapontamento, ao saber que Amerotke sofrera um acidente mas que sobrevivera, o que significava que iria prosseguir as suas investigações.

Toreb deteve-se numa esquina do corredor e, erguendo a cabeça, fitou a gigantesca estátua do deus-chacal. A noite caíra e a luz trémula dos archotes, colocados nos seus nichos, ao longo das paredes, tornava aquele local ainda mais sinistro, quase dando vida às pinturas de guerra que decoravam as paredes. Toreb voltou-se. O corredor achava-se imerso numa luz estranha, proveniente dos archotes e da luminosidade prateada da lua cheia. Tal como o seu amo, não gostava daquele local. Saiu por uma porta lateral e encaminhou-se para os jardins. Apesar do ambiente pesado e tétrico do templo, uma coisa era certa: os Egípcios sabiam criar um paraíso. Fragrâncias inebriantes emanavam dos jardins, com os seus ciprestes, os seus plátanos imponentes e os seus vinhedos. A brisa trouxe-lhe o eco dos latidos da matilha sagrada, agora muito reduzida. Toreb estremeceu. Iriam os cães voltar a fugir do fosso? Sabia que tanto o seu amo, o senhor Hunro, como o senhor Mensu, apreciavam aqueles jardins, mas qual era o seu recanto preferido? Ah, sim, agora se lembrava! O magnífico lago ornamental, com flores de lóvão a flutuar à superfície. Recordando-se do

caminho mais curto, Toreb avançou pela escuridão até alcançar o lago, iluminado por três braseiros, colocados ao longo do rebordo. Alguém estivera ali, porque via-se no chão um tabuleiro com jarros e taças.

- Meu senhor Hunro! - chamou.

Não obtendo resposta, Toreb olhou à sua volta. Havia qualquer coisa que não estava bem. Foi então que baixou a cabeça, contemplou as águas do lago e se empertigou, chocado. Não, não era uma ilusão! Dois cadáveres, de rostos para baixo, flutuavam por entre as flores de lótão. Eram os corpos dos senhores Hunro e Mensu, ainda envoltos nos seus mantos! Uma ave noturna piou, quebrando o silêncio mortal. Toreb olhou de novo para a superfície da água e desatou a correr e a gritar, desaparecendo na escuridão.

Amerotke e Chufoi preparavam-se para sair do templo quando o alarme foi dado. Um sonolento servo interpelou-os junto ao portão.

- O sumo sacerdote exige a tua presença. Também devo ir avisar o vizir Senenmut.

- Já calculava - murmurou Amerotke, para grande espanto de Chufoi, incrédulo com a reacção do seu amo, que suspirou: - Mas é assim que as coisas devem ser...

- O que se passa, meu amo?

- Nada, Chufoi. É melhor irmos ver, com os nossos próprios olhos, esse maldito incidente.

Quando alcançaram o lago, já uma multidão de servos, soldados e sacerdotes, munidos de archotes e lamparinas, se agrupara à sua volta. Os dois cadáveres tinham sido retirados do lago e jaziam, no chão, como se fossem dois peixes mortos. O médico da Casa de Vida examinava-os. Amerotke procurou a princesa Uanef. Rodeada pelos seus servos pessoais, fitava os dois companheiros, mas ergueu o olhar quando Amerotke se aproximou dela.

- É desta forma que o Egipto trata os mensageiros de um rei?

Amerotke sustentou o olhar duro que ela lhe lançara.

- Então? - insistiu Uanef.

Em resposta, Amerotke levou a mão ao peitoral que trazia.

- Este é o nosso símbolo da verdade, senhora Uanef. Pegando no saco de couro que trazia consigo, abriu-o e permitiu a Uanef que entresse a ametista sagrada. O juiz regozijou-se com o desconforto de Uanef, que o fitou, boquiaberta.

- Não estás feliz, minha senhora, por a verdade ter vindo ao de cima? - sussurrou-lhe, apressando-se a fechar o saco de couro.

- O que é isso? O que é isso? - O sumo sacerdote envolto num roupão, aproximara-se. - Terei ouvido bem, meu senhor juiz?

Amerotke, contudo, cortou-lhe a palavra.

- Sim, a *Glória de Anúbis* foi encontrada e os criminosos desmascarados. Não - atalhou, levantando a mão, antes que o sumo sacerdote pudesse continuar a fazer perguntas. O meu dever é informar a divina Hatusu e o vizir Senenmut. A capela será novamente consagrada - acrescentou, deitando um olhar malicioso a Uanef. - O divino faraó Hatusu deve revelar a todos os seus súbditos como usufrui da protecção dos deuses: a sua sabedoria e devoção levaram à descoberta desta jóia sagrada e será ela que a colocará, de novo, na estátua do deus Anúbis.

O sumo sacerdote não podia formular qualquer objecção. Dividido entre a alegria e o desejo secreto de ter nas suas mãos a ametista sagrada, suspirou, resignado, e fez uma vénia.

- Certamente - murmurou. - Mas... e quanto a estas mortes?

Uanef preparava-se para nova tirada, mas Amerotke virou-lhe as costas e foi ajoelhar-se ao lado do médico.

- São idênticas às outras? - perguntou.

- Sim. Não há quaisquer marcas nos corpos e, por conseguinte, não existe uma causa aparente para a morte. Os meus ajudantes já examinaram os jarros e as taças, mas não continham veneno.

Amerotke pôs-se de pé e contemplou o céu estrelado. O tempo passava depressa.

- Não voltaremos para casa esta noite... - murmurou.

Pediu a Chufoi que mandasse um servo avisar Norfret e, depois, aproximou-se novamente do médico. - Quero que examines atentamente os dois cadáveres. Procura uma picada ou uma pequena perfuração da pele, por mais insignificante que te pareça. Talvez encontres essas marcas na mesma zona do corpo dos dois homens. Suspeito que estavam sentados naquelas cadeiras, quando o assassino atacou. - Dito isto, apontou para alguns arbustos que circundavam o lago. Provavelmente, o assassino encontrava-se naquele lugar, o que significa que o orifício se achará na parte superior dos corpos das duas vítimas, muito provavelmente nas suas nucas ou omoplatas, mas nunca mais abaixo. Deviam estar sentados quando foram assassinados. Caíram para a frente, o que explica as contusões que apresentam nos rostos. Depois, o assassino lançou-os à água.

- E porque faria isso?

- Para encobrir o que usou para os matar. Despe os corpos com cuidado. Manda pendurar os seus trajes e mantos e irás também descobrir um pequeno orifício no tecido, como se fosse feito por uma agulha.

- Já sabes do que morreram estes homens?

- Julgo que sim e, agora, tenho de caçar o assassino. Acompanhado por um desorientado Chufoi, Amerotke pediu ao sumo sacerdote que lhe concedesse alojamento, pedido prontamente aceite. Mal se acharam no quarto que lhes fora destinado, Amerotke fechou os taipais, trancou a entrada e, não contente com isso, ainda empilhou alguns móveis contra essa porta.

- O que se passa, amo? - perguntou Chufoi.

- Corremos perigo, Chufoi. Estamos à mercê de um hediondo assassino, que gostaria de fazer uma limpeza total e concluir o seu trabalho...

- Não queres contar-me o que descobriste?

Chufoi olhava para o amo, que já se deitara na cama estreita.

- Não, porque estou muito cansado e posso estar errado. Acorda-me antes da alvorada, Chufoi. Quero estar fora deste templo e a caminho da Casa do Milhão de Anos antes do nascer do Sol.

E, voltando-se de lado, Amerotke adormeceu.

Não houve qualquer outro incidente durante o resto da noite. Pouco antes de despontarem os primeiros raios de sol, Amerotke e Chufoi lavaram-se e deixaram o templo. Chufoi nunca vira o amo sair tão sorrateiramente de um local. Parecia que receava cair numa armadilha. Já fora do recinto, cruzaram-se com um esquadrão de soldados, que marchava em direcção aos portões da cidade. Usando de toda a autoridade que o seu cargo lhe conferia, Amerotke pediu-lhes que o escoltassem até ao palácio real, situado junto do grande porto do Nilo. Amerotke só se sentiu menos tenso quando passou pelos imensos pilares e entrou nos jardins reais. Dispensou os soldados que o tinham escoltado e pediu a Chufoi que tratasse de um certo assunto na cidade, mas o anão protestou.

- Tenho fome, estou preocupado com o Belet e não dormi bem esta noite, nobre amo!

Amerotke sorriu e agachou-se.

- Podes comer qualquer coisa no mercado e tentar descobrir o paradeiro do teu amigo. Quanto ao resto, já sabes o que tens a fazer. Fala com os teus amigos ervanários e vendedores de escorpiões e, depois, volta ao palácio. Eu ficarei à tua espera numa das antecâmaras ou no parque dos carros de guerra. Se, por acaso, encontrares o Prenhoe, não lhe contes o que se passa, porque, se o fizeres, quando eu regressar a casa, serei presenteado com uma lista interminável de sonhos simbólicos...

Chufoi partiu. Amerotke pediu a um servo que o conduzisse ao parque dos carros de guerra. A azáfama era grande nos estábulos: vários soldados tratavam, davam de comer e atrelavam os cavalos aos carros, enquanto um grupo de cocheiros se achava sentado, a um canto, a comer, quebrando o jejum nocturno.

- Desejas alguma coisa, meu senhor? - perguntou o intendente dos cavalos.

- Sentes falta de *Hathor* e de Ísis? - quis saber Amerotke.

- Eram dois magníficos animais, meu senhor. Amerotke apontou para um esquadrão de carros de guerra.

- Diz-me: os cavalos estão atrelados e prontos?

- Sim, meu senhor. Vão patrulhar as Terras Vermelhas. Alguns mercadores queixaram-se de uma invasão de saqueadores líbios.

Sob o olhar perplexo do intendente, Amerotke dirigiu-se a um dos carros, para o qual trepou e do qual desceu, por mais de uma vez. De seguida, solicitou a um cocheiro que examinasse as rédeas e as patas dianteiras dos animais, agradeceu-lhe e encaminhou-se para o palácio.

Um cortejo de servos e mordomos, entre os quais o guardião do diadema real, a guardiã do leque real e o guarda-perfumes do faraó, corria apressadamente pelas galerias e corredores que levavam à Casa de Adoração, os aposentos pessoais de Hatusu. Um dos servos prometeu a Amerotke que informaria a divina Hatusu e o vizir Senenmut da sua chegada. No entanto, Amerotke teria de esperar uma hora. Pôs-se a andar de um lado para o outro, enquanto observava, fascinado, a incessante ida e vinda dos servos, que levavam mantos e túnicas ou carregavam bandejas com jóias, amuletos, brincos e braceletes. Viu passar o guardião dos chinelos reais e, pouco depois, um novo cortejo de barbeiros e massagistas. Amerotke não pôde deixar de sorrir perante interminável procissão. Consoante queria, Hatusu conseguia passar por uma rapariga simples e tímida, por uma mulher de língua afiada ou ainda, num abrir e fechar de olhos, assumir toda a grandiosidade de um faraó. Por vezes, vestia-se como uma rapariga que tivesse pressa de ir ao mercado; noutras, era a verdadeira encarnação do ser divino. Em certas ocasiões, apreciava o protocolo da corte, em outras, escarnecia abertamente das excessivas medidas.

- Muda tão depressa de feitio - murmurou, para si próprio - como a Lua muda de fases...

Por fim, o silêncio imperou na antecâmara. Uma unidade de soldados do Esquadrão do Abutre posicionou-se em frente das portas, sob o comando de um oficial, trajando o seu uniforme de cerimónia. Eram os *nakhtu-aa*, ou "rapazes de braços fortes", os *mariannou*, ou os "bravos soldados da rainha". Viviam e morriam pelo faraó e idolatravam o solo que Hatusu pisava. Amerotke dormitava já, quando as portas se abriram de par em par, e Senenmut entrou.

- A divina Hatusu está com um divino mau humor! anunciou.

Amerotke agarrou com mais força o saco de couro.

- Mas algo me diz que vais conseguir alterar-lhe o estado de espírito... - acrescentou Senenmut, com um sorriso.

Hatusu entregara-se ao mais imperial de todos os maus humores. Estava sentada na pequena sala do trono, com as unhas fincadas nos braços da poltrona, esculpidos em forma de leões deitados, e tinha os pés pousados num escabelo.

- Meu senhor Amerotke! Houve mais mortes no Templo de Anúbis!

Amerotke ajoelhou-se e inclinou-se, até a sua fronte tocar o chão. Ao fazê-lo, deixou que o saco de couro se abrisse; a ametista sagrada rolou pelo solo. Ouviu uma exclamação abafada e o eco de sandálias. Hatusu deu-lhe um beliscão no braço.

- Já chega! Levanta-te!

Quando Amerotke se pôs de pé, Hatusu tinha a *Glória de Anúbis* nas mãos, empunhando-a como um campeão empunharia um troféu.

- Sou a primeira a quem contaste a tua descoberta? Amerotke informou-a do que se passara. Hatusu escutou-o, andando de um lado para o outro, com um sorriso. Nem sequer se deu ao trabalho de amaldiçoar os dois criminosos.

- Vou adorar! - exclamou, por fim. - Quero desfilar por todo o Templo de Anúbis empunhando isto, para mostrar àqueles sacerdotes e a todos os habitantes de Tebas como os deuses gostam de mim e me favorecem!

Dito isto, voltou a sentar-se no trono, sem largar a pedra preciosa.

- Estamos satisfeitos com o teu trabalho, Amerotke. E o manuscrito do Sinuhe? Encontra-se em segurança?

- Está em minha casa, minha senhora.

- E quanto ao assassino?

- Julgo saber quem é.

- Senta-te! Senta-te aqui, neste banco!

Quando Amerotke obedeceu, Hatusu levantou-se e sentou-se a seus pés, no chão, ordenando a Senenmut que fizesse o mesmo.

- Aqui estamos... - murmurou em tom zombeteiro. O professor e os seus dois pupilos...

Senenmut também estava contente. Amerotke podia percebê-lo pela forma como o vizir lhe dava leves palmadas nos joelhos. Suspirando, Amerotke levantou-se e, pondo o banco de lado, sentou-se no chão em frente deles.

- Receberam a minha mensagem? - perguntou.

- Sim, e a resposta é a seguinte: Tucheratta deseja a paz mas muitos dos membros do seu conselho real, não.

- E quanto ao outro assunto?

- Não sabemos a resposta, mas enviei um mordomo para que tentasse descobri-la.

- Procederemos à confrontação, aqui - murmurou Amerotke. - Quando o Mareb chegar, deixem-no sentar-se junto de nós. Meu senhor Senenmut, gostava de que te certificasses de que ele não está armado...

O vizir levantou-se e dirigiu-se à porta da sala do trono.

A alegria de Hatusu dissipara-se e o seu rosto revelava uma súbita severidade. Começara a morder o lábio inferior, o que fazia sempre que se sentia irritada ou preocupada. O vizir acabara de regressar quando ouviram uma pancada na porta. Um mordomo entrou e anunciou que o arauto Mareb aguardava que o recebessem. Não escondeu o seu espanto quando deparou com a divina Hatusu, o seu vizir e o seu juiz supremo sentados, no chão, mas Hatusu esboçou um gesto imperial com a mão.

- Que o nosso arauto se apresente. Dêem ordens ao capitão da guarda para que o reviste da cabeça aos pés.

O mordomo retirou-se e, pouco depois, Mareb entrou. Lavara o cabelo e escanhoara o rosto. Lembrando-se do que se havia passado nas Terras Vermelhas, Amerotke escudou-se contra qualquer sentimento de compaixão. Mareb era um assassino, um homem responsável por várias mortes.

Sem saber o que fazer, o arauto manteve-se de pé.

- Senta-te! - ordenou-lhe Hatusu. - Aqui, para fechares o círculo que formámos.

Dividido entre as regras protocolares e o desejo de agradar, Mareb obedeceu nervosamente.

- Divina?

- Divina, nada! - ripostou Hatusu. - Quem te chamou aqui foi o senhor Amerotke!

- Sabes - interveio o juiz -, tenho o mapa do Sinuhe. Depois, apontou para o trono onde Hatusu havia deixado a *Glória de Anúbis*. Mareb olhou para a jóia e, por breves instantes, Amerotke pôde discernir no rosto do arauto uma expressão de espanto e de consternação.

- O Kheti e a Ita caíram em desgraça - prosseguiu o juiz. - Foram exilados de Tebas.

- Fico contente em sabê-lo, meu senhor.

- Não, não ficas contente. Estás preocupado, assustado e tens bons motivos para te sentires assim. És o assassino de Anúbis. Mareb, possuis um par de sandálias de guerra, um saiote preto de couro, um manto e uma máscara com a forma da cabeça de um chacal. És responsável pelas mortes do Ueni, do Sinuhe, dos três mensageiros dos Mitânios e da dançarina. Também tentaste matar-me, nas Terras Vermelhas, mas as coisas não correram como planeavas.

Mareb ter-se-ia levantado de um salto, se Amerotke não se lhe antecipasse e lhe apertasse o braço com força.

- Estás na presença de um deus, Mareb, e o divino faraó fará justiça.

Mareb abriu a boca, mas voltou a fechá-la.

- Comecemos com o cargo que ocupas - continuou Amerotke. - Tu e o Ueni eram pajens, tal como o teu amigo Hordet. Frequentaram os treinos na corte do Tutmés, o pai da divina rainha-faraó. Mais tarde, vocês os três entraram na Casa dos Mensageiros. Estavas orgulhoso da tua posição, como, provavelmente, o estavam o teu pai e o teu irmão mais velho. Saíste-te bem na academia, em especial no estudo das línguas e dos costumes daqueles que vivem para lá das fronteiras do Egipto, e tornaste-te arauto real; primeiro, juntamente com o Hordet, depois, com o Ueni. Porque, como sabes, é costume da corte egípcia enviar sempre dois arautos reais a um príncipe estrangeiro.

- O Hordet? Como já tive ocasião de te dizer, mal o conhecia.

- Foi essa mentira que te traiu. Agora, deixa-me contar-te uma história. Há alguns anos, durante o reinado do divino Tutmés, o Ueni, o Hordet e o Mareb eram pajens da casa real. Mais tarde, entraram para a Casa dos Mensageiros. No túmulo do Tutmés Primeiro existe uma pintura mural dos pajens reais, ajoelhados em frente do faraó. Reparei em dois deles, de mãos dadas, lado a lado: eram o Hordet e o Mareb. Amerotke fez uma pausa. - Estou certo de que se pedisse à Casa dos Registos para que o investigasse, descobririam que tu e o Hordet eram amigos chegados. O tempo passou. O Ueni casou-se com uma mulher mitânia. O Hordet apaixonou-se por ela e foi correspondido. O Ueni ficou louco de fúria. Sufocou a mulher, durante um passeio de barco, e, em seguida, convidou o Hordet a ir ao Templo de Bes, onde o matou.

A ansiedade apoderava-se do olhar de Mareb.

- Ele matou o teu melhor amigo - murmurou Amerotke. - Pois não era o Hordet o teu melhor amigo?

- Sim, era, mas eu...

Amerotke ergueu a mão, para fazer calar o arauto.

- Completamente enlouquecido, o Ueni achou que fora fácil e até agradável desfazer-se da mulher adúltera e do amante dela. Contudo, os seus crimes foram testemunhados pelo homem dos crocodilos, uma dessas criaturas que vivem nas margens do Nilo. Abreviando uma longa história, o Ueni tornou-se conhecido como "o Jardineiro", um assassino profissional. Porquê? Possivelmente, porque era alvo da chantagem do homem dos crocodilos, mas também porque, assoberbado pelo desgosto e pelos remorsos que sentia por ter assassinado a mulher, tencionava construir um túmulo luxuoso para ela na necrópole.

- Suspeitavas que o Ueni matara o teu amigo? - perguntou Senenmut.

- Penso que lhe terá passado pela mente - interveio Amerotke -, mas guardou as suspeitas para si próprio, porque o Ueni continuava a ser arauto. Tornou-se teu companheiro de paz nas mediações com os Mitânios. O Tchratta e a Uanef depressa se aperceberam da venialidade do Ueni, que deve ter-se oferecido para ser espião dos Mitânios no Egipto.

Provavelmente, ainda tentou a sua sorte, mas os Mitânios não confiaram nele, o que os levou a procurar outra pessoa...

Amerotke fez nova pausa. - Penso que a Uanef e os outros investigaram cuidadosamente a vida do Ueni e descobriram a sua existência dupla. Entretanto, a situação alterou-se: no ano passado, a divina rainha-faraó marchou até ao Norte e os Mitânios sofreram uma derrota catastrófica. O teu irmão e o teu pai faziam parte do exército do faraó, mas não morreram, pois não, Mareb? Foram feitos prisioneiros e os Mitânios, então, voltaram-se para ti...

Os lábios de Mareb começaram a tremer.

- O que te ofereceram eles, Mareb? A vida do teu pai e do teu irmão? Ameaçaram pendurá-los nas muralhas se tu não colaborasses com eles? Prometeram-te ouro e prata? O certo é que também te contaram tudo o que sabiam acerca do Ueni e que fora ele o responsável pela morte do teu amigo Hordet. Amerotke fez um gesto largo com as mãos. - O Ueni era um traidor. Ter-se-ia vendido a qualquer um, mas tu eras diferente.

- É verdade? - quis saber Senenmut. - O teu pai e o teu irmão estão vivos?

- Para mim, estão mortos - A voz de Mareb não era mais do que um murmúrio. De súbito, empalidecera, perdendo toda a arrogância que o seu cargo e estatuto lhe conferiam.

- Os Mitânios - continuou Amerotke - viram-se forçados a selar um acordo de paz e a vir para o Egipto. O Tuhratta pode ter acampado no oásis das Palmeiras, mas, na realidade, implora a paz. Para ocultar a sua vergonha, deseja embarçar a divina Hatusu tanto quanto possível. Exige que lhe devolvam o cadáver da sua irmã. Ouviu falar em certos boatos que não correspondem à verdade: que o pai da divina Hatusu teria assassinado a Benia. Por outro lado, os Mitânios são excelentes mercadores. Tiveram conhecimento do manuscrito do Sinuhe e dos mapas que continha e desejaram apoderar-se desse precioso documento. Mas, acima de tudo, queriam a *Glória de Anúbis*. Quando foi que eles te procuraram, Mareb? Quando tu foste, pela primeira vez, à corte deles?

Mareb sustentou o olhar que Amerotke lhe lançou.

- O Ueni seria o joguete deles, enquanto tu tratavas de

tudo. Primeiro, a *Glória de Anúbis*. O Ueni é abordado por ti. Não sabe quem tu és: só se convence de que lhe falas em nome do rei dos Mitânios. Persuades o Ueni, valendo-te de uma mistura de ameaças e de subornos. O Ueni receberá ouro e prata, mas, se não aceitar, então, será para ele o vexame público, o julgamento e a execução. Tem de comprar punhais no mercado de Tebas e recebe instruções precisas sobre o modo como deverá roubar a ametista sagrada. Passa então essas instruções ao Kheti e à Ita. Serve de teu intermediário junto do infame casal, e ele e ela, tão gulosos como peixes, acabam por morder o isco. O Nemrath é morto e a *Glória de Anúbis*, roubada. O Ueni também é assassinado, e és tu que passas a visitar o Kheti e a Ita, a quem dizes que devem guardar a ametista. Os Mitânios não queriam ter a jóia em seu poder antes de deixarem Tebas. Como vês, consegui reconstituir o passado. Mareb pestanejou. Recobrou alguma da sua compostura.

- Meu senhor, fico contente...

- Agiste de maneira diferente com o Sinuhe... - continuou Amerotke, imperturbável. - És um verdadeiro mestre de disfarces, com as tuas pernas, finas e compridas, e o teu rosto, de traços efeminados. Tanto podes passar por uma mulher, como por um mitânio. A ideia foi tua ou da Uanef? Penso que terá partido de ti, como forma de te protegeres. Abordas o Sinuhe, fazendo-te passar por uma mulher mitânio, e mostras-lhe o selo do Tchratta, como prova da tua credibilidade. Ofereces-lhe um tesouro mais valioso do que ele alguma vez terá sonhado obter em troca do seu manuscrito. No entanto, preocupado com possíveis olhares indiscretos, dizes ao Sinuhe que se encontre contigo no Templo de Bes. Não é irónico? Foi nesse templo abandonado que o Ueni matou o teu melhor amigo...

- Fiquei feliz quando encontraram os restos mortais do Hordet. - Mareb sorriu. - Nesse dia, nem sabia o que dizer.

- Claro que não. Mas adiante: penso que pouco terás revelado ao Sinuhe. Encontraste-te com ele, protegido pelo mesmo disfarce que usaras para vaguear pelo Templo de Anúbis: a máscara de chacal, preta e dourada, o saiote de guerra, as sandálias. De qualquer forma, o Sinuhe é assassinado, o seu manuscrito

roubado e, mais uma vez, encontras-te com o Ueni. Entregas-lhe o manuscrito. O nosso ganancioso arauto mostra-se ansioso por ter em seu poder esse tesouro. Ordenas-lhe que o esconda em local seguro, e que melhor esconderijo do que o seu grandioso túmulo na necrópole? Deves ter ficado muito orgulhoso do teu plano... Afinal, conseguiras roubar a *Glória de Anúbis* e o manuscrito do Sinuhe. A divina Hatusu podia desconfiar que os Mitânios tinham um outro espião em Tebas, a quem chamavam a "Hiena", mas não havia provas concretas... Usaste-te do Ueni para te protegeres. Se o Kheti e a Ita fossem torturados e confessassem o crime que haviam cometido, o único nome que pronunciariam seria o do Ueni e nunca o teu.

- Meu senhor, escutei-te - interrompeu Mareb -, e o que revelaste até tem alguma lógica. Mas, se o que alegas é verdade, porque haveria eu de matar o Ueni, se precisava dele para executar os meus intentos? Como posso ser eu responsável pelas mortes ocorridas no Templo de Anúbis?

- Tu odiavas o Ueni - replicou Amerotke. - Privara o teu melhor amigo de uma vida longa e de um funeral digno. Passaste a vigiar o teu colega como uma serpente observa um rato, quando quer caçá-lo. Deves ter desconfiado de que ele assassinara o Hordet. É provável que, mais tarde, os Mitânios te tenham fornecido as provas que te faltavam, mas ordenaram-te que esperasses, o que fizeste. O Ueni era ganancioso e a chave para o seu coração era feita de ouro e de prata. Apesar das ordens estritas que recebera, podia fazer o que muito bem entendesse. A *Glória de Anúbis* e o manuscrito do Sinuhe deviam ser entregues aos Mitânios, mas o Ueni encetou negociações privadas com os Líbios, os Núbios e, tanto quanto sei, os Cuchitas. Ia vender a *Glória de Anúbis* e o manuscrito do Sinuhe a quem lhe desse mais e, por isso, chegara a altura de ele pagar pela sua traição e pela sua desmesurada ganância. Nunca podia ter uma morte rápida, seguida de um funeral honroso. Não, o Ueni devia morrer como o Hordet, cujo cadáver ele profanara. Foi então que lhe disseste para se encontrar contigo nos jardins do templo...

- Mas, nessa noite, eu estava a dormir... Posso apresentar testemunhas...

Amerotke abanou a cabeça.

- És um jovem enérgico, Mareb. Pude verificá-lo pessoalmente nas Terras Vermelhas. Estavas deitado na tua cama, já vestido e pronto a atacar. Enquanto o Ueni saiu da mansão pela porta, tu saíste pela janela. Atraíste-o até ao fosso dos cães. Mataste o guarda, abriste os portões e espalhaste um rasto de sangue para atizar o apetite da matilha. Depois do último sacrifício do dia, encontramos nos templos mais taças de sangue do que de vinho. Vingaste o assassinio do teu amigo Hordet com a morte bárbara do Ueni. Ao mesmo tempo, puseste fim à sua ganância e venialidade. O desaparecimento do Ueni não te causou qualquer problema. A ametista sagrada já fora roubada e o manuscrito do Sinuhe estava bem guardado, no túmulo dele. Podias ir até à necrópole, sob o falso pretexto de prestar uma última homenagem ao teu colega, e tirares de lá o manuscrito.

Inclinando-se para a frente, Amerotke deu uma leve palmada no joelho do arauto.

- O que ias fazer a seguir, Mareb? Ficar no Egipto ou fugir para uma das tribos dos Mitânios? Mas isso agora pouco importa...

Ignorando o protocolo, Amerotke levantou-se e dirigiu-se para uma janela que se abria para os jardins reais.

- Se as coisas tivessem corrido como havias planeado, Mareb, eu não estaria aqui, neste momento... Os meus ossos achar-se-iam espalhados pelo deserto... É outra prova que tenho.

- Não podes dizer isso!

Mareb ter-se-ia levantado, mas Senenmut já se pusera de pé e obrigou o arauto a sentar-se novamente. Como que pressentindo o perigo, Hatusu encaminhou-se para o seu trono, não como a rainha-faraó do Egipto, mas antes como uma jovem qualquer que acaba de escutar uma história que a deixou intrigada e chocada. Amerotke, porém, conhecia-a bem. Assim que Hatusu tivesse a certeza da culpabilidade de Mareb, daria azo à sua fúria, uma das manifestações do seu temperamento que até mesmo Senenmut temia.

- Entretanto, começaras a seguir-me - prosseguiu Amerotke

- De quem foi a ideia de fazer regressar os mensageiros dos Mitânios ao oásis das Palmeiras? Tua ou da Uanef? Sim, porque não precisavam de se aconselhar com o Tuhratta! Independentemente do que acontecera no Templo de Anúbis, eles tinham de selar o tratado de paz. Constituiu, isso sim, um pretexto para me fazer sair de Tebas e uma oportunidade para eles te darem novas instruções.

- Mas como poderiam saber que irias comigo ao oásis das Palmeiras? - exclamou Mareb.

- Silêncio! - ordenou Hatusu, endireitando-se. - Silêncio, vil mentiroso! - Só depois voltou a reclinar-se no seu trono, acrescentando: - Eles exigiram a tua presença, meu senhor Amerotke, e insistiram igualmente que te fizesses acompanhar do Mareb. Alegaram que a tua presença honraria o Tuhratta, ao passo que aquela carta parecia indicar o contrário...

- Ah, sim, a famosa carta - murmurou Amerotke, avançando para o trono. - Os Mitânios já sabiam que a carta seria interceptada; assim, lançariam o isco à divina Hatusu, atirando todas as culpas para cima do Ueni e dando a entender que não gostavam do Mareb. Quando chegámos ao oásis das Palmeiras, eles continuaram a fingir que não simpatizavam com o meu acompanhante. Por isso, a nossa visita tinha um único objectivo: matar-me - concluiu Amerotke, endireitando o seu bracelete. - Tudo não passou de uma farsa. Tal como o ataque de que foste vítima, no meu quarto. Foi a Uanef quem se encarregou do falso ataque para desviar as suspeitas. Julgo que nem sequer se deu ao trabalho de te informar sobre o seu plano. Afinal, fazia parte dos preparativos para o que deveria acontecer nas Terras Vermelhas...

- Isso é um absurdo! - protestou Mareb, agora visivelmente agitado.

- Não, não é. Quando visitei o oásis das Palmeiras, vi os pigmeus das tribos dos Núbios. O Tuhratta chama-lhes os seus "pequenos". Encontrei referências aos pigmeus em outros dois locais: primeiro, no túmulo do divino Tutmés Primeiro, que também tinha conhecimento desse povo. O seu artista funerário ilustrou-os em pormenor: cada uma das figuras ostenta

uma pequena zarabatana que dispara dardos venenosos. O Sinuhe repete essa descrição, no seu manuscrito e, neste momento, o Chufoi encontra-se no mercado, em busca da confirmação. Os Mitânios deram-te uma zarabatana e dardos envenenados. De acordo com o Sinuhe, o ferimento provocado pelos dardos não é maior do que uma picada de insecto, mas o veneno com que os dardos são impregnados é letal. Pode paralisar e matar em muito pouco tempo.

Reparou, então, que a cor desaparecera do rosto de Mareb. "Estás encurralado", pensou e, apesar do que sabia, o juiz sentiu uma certa compaixão pelo olhar abatido do arauto.

- Eu devia morrer nas Terras Vermelhas - continuou. Não havia nada de errado com aquelas duas esplêndidas éguas nem, tão-pouco, com o carro, mas um cocheiro experiente como tu saberia agir como se houvesse algum problema. Eu desci, a teu pedido, e fui verificar as éguas. Tu tinhas a zarabatana introduzida no teu bastão oficial de arauto, o qual, na realidade, é um cilindro oco. Quando se tiram as duas extremidades... - Amerotke abriu as mãos. - Não sei se o teu bastão de arauto serve de zarabatana ou se apenas a pode ocultar. O Sinuhe escreve que um guerreiro pigmeu pode lançar um dardo num abrir e fechar de olhos. Eu estava ajoelhado e distraído. Lembras-te? Examinava os cascos da *Hathor*. Talvez te tenhas precipitado ou enervado. O certo é que falhaste o alvo e o dardo atingiu a *Hathor* no flanco esquerdo. Foi então que, na sua agonia, o animal escoiceou e atingiu a *Isis*.

Amerotke voltou a sentar-se.

- Duas éguas magníficas, o orgulho dos deuses, mortas por tua causa!

- Eu nunca poderia ter feito tal coisa - murmurou Mareb -, porque tu terias visto.

Amerotke, aproximando a mão da boca, soprou, para imitar o movimento de um soldado a lançar um dardo.

- O Sinuhe afirma que bastam apenas alguns instantes para se lançar o dardo e que, de perto, é impossível falhar. Mais tarde, tu removerias o dardo do meu cadáver e regressarias a Tebas, com uma história qualquer que já havias congeminado para explicar a minha morte.

- Mas tu terias visto a marca do dardo na égua!

- Não. Segundo sei, os dardos são da metade do tamanho do meu dedo mínimo. Além do mais, a *Hathor* caiu sobre o seu flanco esquerdo. Sabes o que aconteceu a seguir?

- Não tens como prová-lo.

- Aí é que te enganas - replicou Amerotke, impassível. O nobre Senenmut - mentiu - enviou um esquadrão de carros para que vasculhassem exaustivamente a área. Um leão morreu envenenado e, depois de procurar por entre o pouco que sobrou do carro e os ossos das guas, o capitão encontrou um dardo envenenado igual a outros que já vira anteriormente.

- É mentira! - rosnou Mareb. - Eu...!

- Eu, o quê? O que foi que eles te disseram? - rematou Amerotke. - Ias, porventura, dizer que a princesa Uanef te assegurou, em segredo, que não haveria quaisquer indícios de um assassinio no meu cadáver? Afinal, ela seguiria pelo mesmo caminho, ao regressar a Tebas...

Mareb mordeu o lábio inferior.

- Somente a deusa Maet -olveu Amerotke - conhece a verdade, mas esse teu plano correu mal. Talvez te tenhas sentido tentado a concluir a tua tarefa, mas, em pleno deserto, cercado de leões e de hienas, depressa percebeste que dois homens têm mais probabilidades de se salvar do que um só. É possível que tenhas queimado a tua arma mortífera naquele círculo de fogo. Por fim, ambos sobrevivemos e regressámos a Tebas.

- Vais alegar que também assassinei os mensageiros dos Mitânios? - quis saber Mareb.

- Só podes ter sido tu! O Tucheratta chamou-lhes "chacais"!

- Então, o que sou afinal? - escarneceu Mareb. - Um aliado ou um inimigo?

Amerotke ia responder, mas uma pancada na porta calou-o. Um mordomo entrou para anunciar que tinham acabado de chegar mensageiros para o juiz Amerotke. Este pediu ao mordomo que mandasse entrar o capitão da guarda. Quando Amerotke saiu da sala do trono, tanto o médico como Chufoi esperavam-no.

- Tal como afirmaste, meu senhor - declarou o médico -, os mensageiros dos Mitânios morreram antes de serem atirados ao lago do jardim. Encontrei marcas minúsculas nas costas e dois orifícios, manchados de sangue, nos seus trajes. A causa da morte é idêntica à dos outros: uma espécie de poção que paralisa os músculos e faz parar o coração. Ambos tiveram morte quase instantânea. A arma era um dardo envenenado, não é assim?

Amerotke limitou-se a acenar afirmativamente e, depois, voltou-se para o seu servo.

- E tu, Chufoi? O que descobriste?

O anão abriu a mão para exhibir um pequeno dardo emplumado. As penas eram minúsculas, provavelmente de ganso; o cabo era de madeira fina e a sua extremidade tão delgada como uma agulha.

- Um dardo como este poderia infligir tais feridas?

- Sim, meu senhor.

- E o veneno?

- Já ouvi falar destes dardos, cujas pontas são embebidas num veneno ainda mais letal do que o de uma cobra-capelo ou de uma víbora. Uma só gota é suficiente para matar um homem.

- Foi o que me disse o mercador que mo vendeu acrescentou Chufoi.

Dito isto, entregou ao amo um pequeno tubo preto e oco. Amerotke examinou-o atentamente. O interior era esculpido e canelado.

- Vou mostrar-vos como funciona! - propôs-se Chufoi. A princípio, teve alguma dificuldade em inserir o dardo na zarabatana mas, por fim, lá conseguiu. Chufoi apontou-o à estátua de um leão, soprou, ao de leve, e o dardo saiu da zarabatana tão rapidamente como uma seta de um arco, falhando a estátua por pouco.

- Com um pouco mais de prática... - murmurou Chufoi, desiludido com a sua falta de pontaria. - Meu amo, fiz algumas perguntas discretas por toda a cidade. Ninguém sabe nada acerca do Belet e da Seli, mas um conhecido meu, um vendedor de escorpiões, confidenciou-me que compraram vários dromedários e outros animais de carga.

- Não posso tratar disso agora - ripostou Amerotke. Desculpa, mas vais ter de esperar.

E, dando meia volta, o juiz entrou novamente na sala do trono do faraó.

CAPÍTULO 15

Amerotke dispensou o capitão da guarda. Mareb já não conseguia ocultar o seu nervosismo. Hatusu mantinha-se sentada, como uma imagem gravada em pedra, enquanto Senenmut se encostara ao peitoril da janela.

- Continua, meu senhor Amerotke - sibilou Hatusu.

- De todas as mortes - começou Amerotke, sentando-se em frente do arauto -, a mais cruel foi a daquela pobre dançarina. De posse da zarabatana e dos dardos, primeiro, testaste o efeito do veneno nos peixes e nos carneiros. Como é evidente, tinhas o cuidado de remover o dardo; mas testar a eficácia do veneno num ser humano? Fingiste ser um membro da delegação dos Mitânios. Usando aquela hedionda máscara, levaste a rapariga para um dos pavilhões do jardim. Ela julgou que ia ganhar algumas peças de prata, a recompensa natural de um homem poderoso. Mataste-a apenas para te certificares de como o veneno actuava rapidamente.

- Só por isso, morrerás! - interrompeu Hatusu, rispidamente.

- Viste-a agonizar? - murmurou Amerotke. - Contaste as suas pulsações, antes de tirares o dardo e desapareceres? Movias-te como um fantasma... Foste visto, tanto no Templo de Anúbis como junto à margem do Nilo. Usaste o mesmo método para matar o Sinuhe, o guarda da matilha sagrada e, claro, os três mensageiros mitânios.

- Mas, se eu era aliado dos Mitânios e matava a soldo deles, porque haveria de matá-los? - explodiu Mareb.

- Primeiro, porque julgo que sentes prazer em ceifar vidas. No fundo, a diferença entre ti e o Ueni não é assim tão grande; mas, respondendo à tua pergunta: temos tendência para agrupar os Mitânios num só clã. No entanto, tanto eu como o vizir Senenmut sabemos que o conselho real de Tusratta está dividido. A Uanef, a favorita do rei, lidera o grupo que deseja a paz. É uma mulher tão matreira como uma raposa e depressa se apercebeu de que o Tusratta precisa da paz. Só que nem todos concordam com ela. O reino do Tusratta é constituído por clãs poderosos, e o Snefru, o Mensu e o Hunro eram fomentadores da guerra, não é verdade, meu senhor Senenmut?

O vizir acenou afirmativamente àquela pergunta.

- Esses guerreiros pediram para integrar a delegação de paz, mas, na realidade, procuravam uma oportunidade para provocar o caos e a confusão. Ficariam contentes com o roubo da *Glória de Anúbis* e a apropriação do manuscrito do Sinuhe, mas o Tusratta tinha desígnios secretos para os eliminar. Por isso, recebeste ordens para matá-los. O Tusratta livrar-se-ia de três potenciais opositores e poderia, então, culpar o Egipto pelas mortes de homens que ele, secretamente, comparava a chacais!

- Mas isso seria um acto de guerra! - gritou Mareb.

- Deveras? - replicou Amerotke. - As suspeitas recairiam sobre a divina Hatusu, apesar de não haver provas. O senhor Senenmut ou qualquer outro membro da corte do faraó poderia ser o assassino, o que permitiria ao Tusratta agir, enquanto príncipe revoltado, e estou certo de que, quando o vizir Senenmut estabelecesse o acordo final de paz, a Uanef seria implacável nas suas exigências, pedindo uma generosa compensação pela morte dos três senhores mitânios.

- Devia ter esmagado aquela mulher - sibilou Hatusu.

- O verdadeiro intento do Tusratta é regressar ao seu reino em toda a glória - prosseguiu Amerotke. - Talvez tivesse de se ajoelhar, beijar os pés do faraó e assinar um tratado humilhante para o seu povo, mas isso não o impediria de se rir, à socapa, da divina Hatusu. Afinal, conseguira obter um grande tesouro: a *Glória de Anúbis*, o manuscrito do Sinuhe e,

também, pelo desaparecimento dos seus três opositores, uma generosa parte do tesouro da Casa da Prata.

- E o Snefru? - quis saber Senenmut. - A porta do seu quarto estava trancada e os taipais fechados!

- Permanece onde estás, meu senhor Senenmut - pediu Amerotke. - Deixa-te ficar junto à janela. Lembras-te do momento em que encontrámos o cadáver do Snefru e tivemos de arrombar a porta? Eu estava presente, tal como o nosso arauto Mareb, que se dirigiu imediatamente para a janela...

- Lembro-me muito bem - interrompeu Senenmut. Ele disse-nos que os taipais estavam trancados.

- O que não correspondia à verdade - replicou Amerotke. - Estavam simplesmente encostados. O Mareb mentiu. Afirmou que estavam trancados e propôs-se abri-los para deixar entrar a luz. - Amerotke fez estalar os dedos. - E, num instante, qualquer prova em contrário foi prontamente posta de parte. Além do mais, lembras-te de que o Mareb permaneceu encostado ao peitoril da janela? Aproveitou-se da confusão para varrer, com as mãos e os pés, quaisquer marcas de poeira, pegadas ou outros vestígios que pudéssemos encontrar, tanto no peitoril como no chão. Desceste pelo telhado, não foi? As janelas estavam abertas... Entraste, mataste o Snefru e saíste, encostando os taipais para aparentar que ele os trancara. Depois de forçarmos a porta, recostaste-te ao peitoril da janela para eliminar todos os vestígios de que alguém entrara por ali. Examinei o quarto do Snefru: seria fácil para um homem atlético descer pelo telhado plano, enfiar-se no quarto e infligir-lhe a mesma morte que já havias infligido às tuas outras vítimas. Tiveste até tempo de tirar o dardo, o que adensou ainda mais o mistério. As mortes do Hunro e do Mensu foram igualmente fáceis para ti. Não gostavam da princesa Uanef e resolveram reunir-se, para trocar opiniões. Julgavam que, se andassem juntos, estariam protegidos de um possível ataque... Dirigiram-se ao lago sagrado e sentaram-se naqueles bancos. Tu seguiste-os; ambos morreram rapidamente. Depois, só tiveste de apanhar os dardos e de lançar os cadáveres à água.

Amerotke pôs-se de pé.

- O que tens a dizer, Mareb? Podemos levar-te à Casa de Morte e torturar-te. Podemos, inclusivamente, negociar com a Uanef. Ela nunca te protegerá. Podemos vasculhar os teus pertences e o teu quarto à procura dos mesmos objectos que escondeste no quarto do Ueni.

Os lábios de Mareb haviam deixado de tremer. O arauto mantinha-se sentado, com as mãos pousadas sobre os joelhos e o olhar fixo na porta.

- Em tempos, fui um homem feliz - respondeu, de cabeça erguida. - Tinha a minha mãe, o meu pai e o meu irmão, que se orgulhavam por eu haver entrado para a Casa dos Mensageiros. Eu era feliz - repetiu, lívido. - Não te enganaste em relação ao Ueni! Sempre suspeitei de que tivera algo a ver com a morte do Hordet e comecei a segui-lo. Sabes que ele tinha o hábito de regressar ao Templo de Bes para falar ao cadáver do Hordet, vangloriando-se do que lhe fizera? Mais tarde, descobri a verdade, mas decidi esperar pela minha vez. Era algo que exigia tempo, como quando se espera que um vinhedo cresça, antes de se colher as uvas. Viajei com o Ueni pela Estrada de Hórus, com o intuito de visitar o reino dos Mitânios. Até mesmo um cego se teria apercebido de que o Ueni era tão traiçoeiro como uma serpente. Já aceitava subornos, naquela altura. Pela minha parte, sabia qual seria a melhor forma de o destruir... A execução de um traidor é particularmente hedionda - acrescentou, com um trejeito. - Foi então que o divino Tutmés morreu. O caos instalou-se em Tebas e os Mitânios atacaram o Egipto, atravessando o Sinai. Tanto o meu pai como o meu irmão eram oficiais no Regimento de Osíris e marcharam para o Norte com os outros. A maioria regressou, carregando o produto do saque a que foi sujeito o acampamento do Tchratta e, por isso, tiveram os seus peitos cobertos de medalhas e o seu nome glorificado. Não foi o caso do meu pai e do meu irmão. Primeiro, disseram-nos que eles tinham morrido - acrescentou, lançando um olhar fulminante a Senenmut. - A guerra terminou e o Tchratta pediu a paz. Quanto ao Ueni... Já disse que estava à venda, como a prostituta em que se havia convertido. Reunimo-nos com os mensageiros mitânios no primeiro oásis da Estrada

de Hórus, onde permanecemos duas noites. A Uanef achava-se presente. A dada altura, pediu para falar comigo. Quando entrei na tenda dela, deparei com o meu pai e o meu irmão, amordaçados e amarrados. Deram-me a escolher... Eu devia trabalhar para a princesa Uanef porque, se não o fizesse, o meu pai e o meu irmão passariam o resto das suas vidas nas minas de escravos. Foi horrível. Estava rodeado pela traição. O Ueni, o assassino do meu melhor amigo, vendendo-se a quem lhe desse mais. O Egipto sem se preocupar sequer em saber se o meu pai e o meu irmão estavam vivos ou mortos...

- Podias ter-me pedido ajuda... - interveio Senenmut.

- Podia, meu senhor? E que terias tu feito? Julgas que a Uanef confessaria os seus intentos? Quando os Mitânios se instalaram no oásis das Palmeiras, a Uanef entregou-me o dedo mínimo do meu pai... Alegou que eu demorara muito tempo a responder à sua proposta. Concordei em fazer tudo o que eles me pedissem - Mareb respirou fundo e ergueu as mãos. A minha mãe, entretanto, morrera, e o Ueni estava ocupado a contar a sua prata. Tornei-me porta-voz da Uanef. Queriam apossar-se da *Glória de Anúbis* e, em particular, do manuscrito do Sinuhe, por conter os traçados das rotas que atravessam o deserto. Como arauto, recebera ordens para preparar o Templo de Anúbis para a chegada da delegação dos Mitânios. Inspeccionei todos os recantos; a capela que continha a ametista sagrada, o fosso sagrado dos cães, os pavilhões dos jardins. Escutei, também, os mexericos dos servos do templo. Fiquei a saber que o Nemrat sentia uma grande atracção pela Ita. O resto foi simples. Sem que ele soubesse quem eu era, comecei a encontrar-me com o Ueni, em segredo. Dei-lhe os punhais e disse-lhe o que devia fazer. A princesa Uanef fornecera-me o selo pessoal do Tuchratta, o que me ajudou a provocar a confusão. Atraí o Sinuhe para a própria morte: era um velho tagarela e ganancioso. Lamento a morte desnecessária da dançarina. Os Mitânios tinham-me dado a zarabatana e uma caixa de dardos envenenados e eu precisava de descobrir se actuavam com rapidez. Quanto ao resto, foi como narraste. Confesso que senti prazer em matar o Ueni. - Dito isto, Mareb fez uma pausa. - Como ele deve ter gritado... Mas a sua morte

apaziguou o espírito do Hordet. Os Mitânios? - E o arauto sorriu, de novo. - Tê-los-ia matado a todos.

- E eu? - quis saber Amerotke.

- O Mensu e o Hunro exigiram a tua morte.

- Sabiam que eras o assassino?

- Não. Eu recebia instruções apenas da princesa Uanef. Devias dar graças aos deuses, meu senhor Amerotke. Foste o único que escapou. Falhei o alvo, por uma mera fracção de segundos; tu eras demasiado valente. Depois, salvaste-me a vida nas Terras Vermelhas, e informei a princesa Uanef de que não voltaria a tentar matar-te.

- Porque confessas todos os teus crimes? - quis saber Amerotke. - Acreditaste realmente que os Mitânios libertariam o teu pai e o teu irmão?

- Sim, acreditei. Não tinha alternativa: ou fazia o que eles queriam ou fugia para a corte do Tchratta. A maldade impera por toda a parte - acrescentou, num fio de voz. O poeta das canções tem razão: as bocas dos homens estão cheias de mentiras.

A voz de Hatusu quebrou o silêncio.

- Morte!

Uniu as mãos sobre o peito, adoptando a postura do faraó durante um julgamento. Senenmut e Amerotke ajoelharam-se. Mareb deixou-se ficar sentado, com o olhar fixo numa parede, perdido nos seus pensamentos.

- Quero que morras! - declarou Hatusu. - Levaste o meu juiz para as Terras Vermelhas e tê-lo-ias deixado lá. A minha sentença é esta: serás levado para o deserto e enterrado vivo no mesmo local onde tentaste matar o meu juiz. Senhor Amerotke, certificar-te-ás pessoalmente da execução da sentença!

Mareb estendeu as mãos, enquanto um estranho ruído lhe sufocava a garganta. Amerotke olhou, de relance, para o arauto: teria tomado veneno? Mareb caiu de joelhos, com os braços estendidos, implorando misericórdia.

Sem erguer a cabeça, Amerotke resolveu intervir.

- Ser Divino...

- Sim, meu senhor juiz?

- O Mareb é um arauto real e, de certa maneira, foi forçado

a cometer os crimes. Não era como o Ueni, nem, tão-pouco, vendeu o Egito por umas peças de ouro e prata, mas sim para salvar o sangue do seu sangue.

- Que queres dizer, Amerotke? Que devemos demonstrar misericórdia por um assassino?

- Apenas em relação à sua morte.

Amerotke olhou, de soslaio, para Senenmut, na esperança de que o vizir o apoiasse.

- Assim seja! - As palavras de Hatusu estalaram como um chicote no silêncio da sala do trono. - Que a vontade do faraó seja cumprida! Que o Mareb morra imediatamente!

Fazendo uma vénia, Amerotke saiu da sala do trono, não sem ouvir Senenmut chamar os guardas. Antes que as portas da antecâmara se fechassem, já Mareb estava cercado por soldados reais, que lhe haviam atado as mãos. Senenmut saiu e, ignorando Amerotke, trocou algumas palavras com o capitão. Este, depois de uma curta vénia, ordenou aos seus homens que levassem o prisioneiro. Amerotke ainda pensou que o vizir ia pedir-lhe para voltar à sala do trono, mas Senenmut levantou a mão.

- Ouviste a decisão da divina Hatusu: terás de te certificar pessoalmente de que a sentença foi executada.

Os guardas já haviam iniciado a marcha. Amerotke fazia uma vaga ideia do que se seguiria. Mareb seria conduzido através de vários corredores e, finalmente, pela escada que desembocava num pátio. Uma caserna ocupava um dos lados do pátio, enquanto os outros três eram protegidos por muros altos. A um canto, existia um poste.

Amerotke, então, ouviu um leve ruído e voltou-se. Chufoi achava-se a seu lado e, boquiaberto, fitava o amo.

- O Mareb! - exclamou o anão. - A notícia corre por todo o palácio!

O arauto já fora amarrado ao poste e chicoteado, quando um grupo de archeiros mercenários saiu da caserna. Durante algum tempo, a confusão reinou, enquanto os homens recebiam ordens para ir buscar armaduras, arcos e aljavas.

- Vai ser trespassado por setas até morrer? - perguntou Chufoi, dando a mão a Amerotke.

- É melhor assim - retorquiu Amerotke. - Se a divina Hatusu tivesse mantido a sua primeira opção, ele seria pendurado nas muralhas de Tebas ou enterrado vivo nas Terras Vermelhas.

Os archeiros preparavam-se para a execução, sem fazer quaisquer perguntas. Aquele tipo de punição tornara-se comum durante o reinado do pai da divina Hatusu.

Foi então que Mareb chamou Amerotke.

- Podes ignorá-lo - declarou o capitão da guarda. - As ordens do vizir foram estritas: ele deve morrer em menos de uma hora.

Amerotke, contudo, atravessou o pátio, ciente do calor, do silêncio e das nuvens de pó que pairavam no ar. As mãos e os pés de Mareb tinham sido amarrados atrás do poste. Os guardas haviam-lhe rasgado a túnica, para deixar o peito a descoberto. Alguém já aproveitara para fazer seu o colar que o arauto trazia à volta do pescoço e Mareb apresentava um inchaço no canto da boca.

- Que queres? Não haverá mais demonstrações de clemência.

- Não haverá mais clemência! - exclamou Mareb, depois de humedecer os lábios. - Não posso provar, uma última vez, o sabor do vinho na minha boca?

Amerotke ergueu a mão e gritou uma ordem. Um soldado aproximou-se com um jarro de barro e uma taça fendida. Amerotke encheu-a e aproximou-a da boca do arauto. Mareb bebeu o vinho sofregamente e, depois, suspirou e contemplou o céu.

- Cada dia - murmurou, como se já não desse pela presença de Amerotke - traz o seu terror... - Tossiu e olhou, então, para o juiz. - Dirás uma prece por mim, meu senhor? Assim que os archeiros tiverem cumprido o seu dever? Arrependo-me sinceramente de algumas das coisas que fiz e peço um último acto de misericórdia.

- O teu corpo receberá um funeral digno - prometeu Amerotke. - A vingança da divina Hatusu não se estende para lá deste mundo.

- Obrigado - Mareb desatou a rir-se abruptamente. -

És um homem estranho, juiz supremo da Sala das Duas Verdades! Revelas piedade por um homem que tentou matar-te! Amerotke sustentou o olhar que Mareb lhe lançou.

- E, só por isso, fico-te eternamente agradecido - acrescentou o arauto, com um sorriso. - Agora, vou falar-te de um outro assunto. Conheces a Rua das Lamparinas, perto do grande ancoradouro do Nilo? Antes do crepúsculo, vai até a uma loja que é propriedade de um vendedor de garrafas. Recebeu bom dinheiro para me ceder um quarto por cima da sua loja. Nesse quarto encontrarás um buraco no soalho, por baixo da cama. Foi onde escondi a zarabatana e os dardos. Também encontrarás um rolo de papiros que o vizir Senenmut achará muito interessante...

- Porquê? - perguntou Amerotke, rispidamente.

- Vai, meu senhor. Ainda mais uma coisa...

Mareb pigarreou e olhou para a taça. Amerotke voltou a enchê-la e levou-a aos lábios do arauto, não dando ouvidos aos protestos do capitão da guarda.

- Que mais tens para me dizer?

- Como sabes, os Mitânios exigiram a devolução do sarcófago da Benia... A divina Hatusu... - Mareb sorriu com o termo real. - Hatusu estava preocupada com a possibilidade de seu pai haver castigado a princesa mitânia, antes de ela morrer. Sabes, agora, que não é verdade. O divino Tutmés era um homem austero, mas não guerreava contra mulheres nem, tão-pouco, contra crianças.

O capitão da guarda aproximou-se, mas Amerotke ordenou-lhe que se afastasse.

- Se fores até Tebas - continuou Mareb, num fio de voz -, ou visitares os templos, verás que a divina Hatusu faz grande alarde das suas divinas origens...

Amerotke sabia que Hatusu dava grande ênfase à história, agora aceite, de que havia sido concebida no útero da sua mãe por intervenção divina.

- Diz à divina Hatusu - continuou Mareb, com um sorriso - que a Benia mantinha um diário sobre a vida na corte do faraó. Sim - acrescentou, ao reparar no olhar ameaçador de Amerotke. - Um diário que relata todos os mexericos

e boatos da época. Hatusu, agora, é vista como a filha do divino Tutmés ou como a filha de um deus. No entanto, de acordo com o diário da Benia, Tutmés era impotente... - Mareb soltou uma gargalhada, atirando a cabeça para trás. - Diz à divina Hatusu que mande examinar cuidadosamente o sarcófago, em especial as paredes interiores, onde poderão existir gavetas secretas. A Benia foi enterrada com o seu diário. É por isso que os Mitânios querem o seu sarcófago de volta.

Amerotke fitou o condenado, incrédulo. Se Mareb dizia a verdade, os Mitânios regozijar-se-iam em espalhar aquele escândalo por toda a parte.

- Mas não é tudo. O Ueni e eu não éramos os únicos vilões em Tebas. Pensa, Amerotke. Pondera em tudo que descobriste! Planearam um outro crime, apesar de eu pouco ou nada saber acerca disso. Vai à Rua das Lamparinas e encontra o meu rolo - Mareb sorriu. - Quanto ao resto, nada tenho a dizer. Bom, agora, espera-me uma longa jornada...

Amerotke recuou. Sob as ordens do capitão, os archeiros avançaram em fila. A tomada de consciência do que ia passar-se silenciava até os mercenários mais empedernidos. A ordem foi dada. Os archeiros, alinhados, colocaram as setas nos arcos brancos e ergueram-nos. O capitão esperou alguns segundos. O silêncio invadiu o pátio. Nada mais havia ali a não ser o sol tórrido, a poeira esbranquiçada e o zumbido das moscas que voavam em volta de panelas colocadas em frente das portas da caserna. Amerotke fechou os olhos.

- Disparar!

A ordem quebrou a atmosfera opressiva. Seguiu-se o esticar das cordas dos arcos, como se algum harpista se preparasse para tocar um trecho musical, e depois um sinistro baque, quando cada seta atingiu o alvo. Amerotke abriu os olhos. Uma dúzia de setas, pelo menos, cravejara o corpo de Mareb, que ainda estrebuchou, no seu estertor, antes de deslizar pelo poste, com a cabeça tombada para a frente. O capitão aproximou-se, e o seu punhal reluziu quando o empunhou para cortar a garganta do arauto.

- Testemunhámos a execução - murmurou Amerotke. Certifiquem-se de que o corpo recebe o tratamento adequado

para o funeral. Mandem-no embalsamar. Deverá ser transportado até ao Túmulo dos Estrangeiros, na necrópole.

- E o pagamento? - perguntou o capitão, impudente.

- Enviem-me a conta para o Templo de Maet.

- A justiça do faraó foi cumprida! - declarou o homem.

- Sim, penso que sim... - replicou Amerotke e, dando meia volta, saiu do pátio.

Chufói também ficara transtornado com o que acabara de testemunhar. Durante a maior parte da jornada que fizeram pelas ruas movimentadas e pelos mercados, o anão manteve-se em silêncio. Somente quando entraram na Rua das Lamparinas começou a cantar um poema mortuário:

”Hoje, vi a morte,

Como a convalescença de um doente,

Como a libertação de um encarcerado.

Hoje, vi a morte,

É como o cheiro de incenso

Ou como estar sentado numa barca,

Quando o Nilo corre livremente!”

- Prefiro, mil vezes, os teus poemas de amor... - resmungou Amerotke.

- Ainda bem que falas nisso - sorriu Chufói, dando a mão ao amo. - O que pensas deste meu novo poema?
Escuta:

”Que paraíso seria

Se o desejo do meu coração se tornasse realidade.

Amar-te e ter-te

Como dona do meu coração e do meu lar.”

- Muito bem! - exclamou Amerotke, apertando a mão de Chufói com força. - Mas, agora, temos de procurar um outro manuscrito...

Encontraram a loja do vendedor de garrafas, um local sombrio e bafiento. A porta, uma banca ostentava vasos e malgas de cores variadas; uns feitos de barro, outros de alabastro. O dono saiu da loja, com passos arrastados. Amerotke comprou dois vasos e entregou-os a Chufói.

- Mais alguma coisa?

O homem semicerrou os olhos, protegendo-os do sol.

- Queres algo mais? - insistiu.

- Acertaste - respondeu Amerotke, olhando em redor. O arauto Mareb tinha um quarto aqui.

- Nunca ouvi falar dele.

Chufói deixou cair ao chão os dois jarros, que se partiram em mil pedaços.

- Porque fizeste isso? - protestou o homem.

- Porque o arauto Mareb te pagava muito bem pelo quarto - ripostou Chufói. - E porque estás perante o senhor Amerotke, juiz supremo da Sala das Duas Verdades.

- O quarto fica no piso de cima - balbuciou o homem. - Eu levo-os até lá. O Mareb arrendou-mo, mas disse-me que nunca revelasse o seu segredo. Também me disse que, se ele se ausentasse por mais de cinco dias, eu podia servir-me do que quisesse...

- Nesse caso, tenho uma boa nova para ti - replicou Amerotke, secamente. - O Mareb não vai regressar, mas eu tenho de ir buscar uma coisa...

O quarto era pequeno, mas achava-se impecavelmente arrumado. Um manto e uma túnica estavam pendurados numa cavilha de madeira espetada na parede. Sobre uma mesa, havia alguns instrumentos de escrita, mas nada de suspeito. Amerotke ordenou ao homem para que descesse e só depois avançou para a cama. Encontrou o esconderijo de Mareb e tirou vários objectos. À luz de tudo o que sucedera, os poucos pertences do arauto eram quase patéticos: um escaravelho sagrado, um bracelete, um peitoral e alguns brinquedos de madeira.

- São lembranças do seu irmão - murmurou o juiz. Ah, mas aqui está! - exclamou, tirando do esconderijo um rolo de papiro pequeno e muito sujo, que desdobrou. - Não passa de uma lista, com hieróglifos estrangeiros...

Só então Amerotke se apercebeu do que era.

- Penso que haverá muitas pessoas que terão ataques do coração, em Tebas, quando a divina Hatusu vir este papiro...

- O que é? - exclamou Chufói.

Amerotke pôs-se de pé e sentou-se no rebordo da cama.

- Lembras-te de que quando a divina Hatusu assumiu o poder houve grande oposição, sobretudo por parte de numerosos sacerdotes e oficiais? A sua grande vitória no Norte pôs termo a essa oposição, mas tanto ela como o vizir Senenmut ficaram convencidos de que os Mitânios dispunham de agentes em Tebas. A maior parte desses espiões desapareceu na escuridão... - acrescentou, empunhando o rolo de papiro. Ora, isto é uma lista dos agentes que continuam a trabalhar para eles. O Mareb tinha uma cópia, para a eventualidade de carecer de ajuda. Por exemplo, a divina Hatusu interceptou uma carta da Uanef...

- Mas não o conseguiu com a ajuda dos seus soldados?

- De facto, assim foi. Só que alguns dos guardiões das portas da cidade estão a soldo dos Mitânios. Não me parece haver nomes de grande relevo, mas o nobre Senenmut ficará contente por apanhá-los, de uma vez por todas. Foi, de certa forma, a última prenda do Mareb...

Amerotke deu uma palmada no ombro de Chufoi e, pondo-se mais à vontade, desenrolou o papiro e voltou a estudá-lo. A lista era extensa e a escrita quase ilegível.

- Pelos olhos da serpente! - resmungou, quando determinado nome lhe despertou a atenção. - Sabias que o nome do Belet consta desta lista?

- Impossível!

Chufoi agachou-se de imediato aos pés do amo e deitou uma vista de olhos à lista.

- Aqui está! - exclamou Amerotke, indicando o nome. Belet, filho de Ineni. Espera, o nome do pai foi riscado e substituído pelo do Lakheth... - Amerotke encostou a cabeça à parede. - Mas, primeiro, escreveram Ineni... Mareb disse que ia haver outro crime... Assim, voltamos à pergunta que tantas vezes fizeste, Chufoi: porque teria o Belet sido raptado? A resposta só pode ser uma: porque ele é serralheiro. Bem sei que em Tebas existem outros artesãos com o mesmo ofício, mas o Belet é especial. É um excelente serralheiro, não é assim? E, acima de tudo, é filho do Lakheth.

- Oh, excremento de cão! - praguejou Chufoi. - Encontrei um poema em casa do Belet e referia-se ao Ineni, o arquitecto. O Lakheth deve ter trabalhado para ele.

Amerotke levantou-se.

- Nunca joguei aos dados, Chufoi, mas fá-lo-ia, neste momento. O Lakheth passou por maus momentos. Tu mesmo me disseste que o Belet provinha de uma boa família. Se verificarmos os registos, tenho a certeza de que descobriremos que o Lakheth fabricou as chaves e as fechaduras das arcas e dos cofres do túmulo de Tutmés. O Ineni, o arquitecto, deve tê-las mandado fazer por encomenda. Quando estive no Vale dos Reis, a Hatusu usou uma chave especial, em forma de T, para abrir o sarcófago da Benia.

- Mas o Belet não sabe onde fica o túmulo de Tutmés! Amerotke fechou os olhos. Lembrava-se do momento em que Hatusu e Senenmut haviam saído do túmulo real e de a rainha-faraó ter declarado que regressaria ao Vale dos Reis para mandar colocar tudo na devida ordem.

- Quando deixámos o vale - murmurou -, Hatusu tomou precauções para eliminar quaisquer pistas da nossa jornada, mas devem ter ficado alguns vestígios.

- É bem provável - concordou Chufoi. - Conheço soldados imperiais que conseguem seguir o rasto de um escaravelho, mas o tempo, o vento e a areia apagam rapidamente todos os vestígios.

Amerotke sentiu um súbito calafrio na nuca.

- E se alguém se mantém de vigia ao Vale dos Reis? Alguém a quem haviam dito que Hatusu teria de ir até lá, para proceder à remoção do sarcófago da Benia?

- Mas o acesso ao vale não foi vedado, enquanto vocês estiveram no interior do túmulo?

- Foi, mas, assim que saímos, as tropas retiraram-se. O vigilante não teria de esperar mais de uma hora. Se chegou ao vale logo após nós partirmos, penso que seria suficientemente esperto para detectar o trilho e, até mesmo, encontrar a entrada do túmulo do Tutmés.

Chufoi fitou o amo, boquiaberto.

- Agora percebo porque raptaram o Belet! - exclamou o anão. - Ele conhece aquelas fechaduras. Raptaram-no ontem, o que significa que devem estar a planear assaltar o túmulo esta noite!

Amerotke sentia a cabeça andar à roda, tantos eram os pensamentos que lhe acorriam à mente.

- E quem são esses homens? - quis saber Chufoi.

- Os Mitânios. É essa a verdadeira razão por que pediram a devolução do sarcófago da Benia.

- Eles nunca sujariam as próprias mãos... - argumentou Chufoi. - Não são assim tão estúpidos.

- Não, não são assim tão estúpidos. Serviram-se de outros para cometer um tal crime. Era disso que falava o misterioso visitante do Belet, no Local das Hienas: um local perigoso para ser assaltado mas sem guardas. Agora, diz-me, Chufoi: quem podia organizar um bando de ladrões para um assalto tão arrojado? Com quem te encontraste recentemente? Quem se mostrou muito prestável, contando tudo o que sabia acerca do Ueni? Quem também te assegurou solenemente de que ia sair de Tebas quanto antes?

- O homem dos crocodilos! Amerotke agarrou no braço de Chufoi.

- O nome ajusta-se-lhe, na perfeição! Ele não deixou o rio. Apenas resolveu caçar abaixo da superfície das águas!

CAPÍTULO 16

Seis esquadrões do Primeiro Regimento de Osíris formaram uma linha *de* batalha e, com grande pompa, avançaram pelo deserto. Se bem que já houvesse anoitecido, o trajecto fora traçado com archotes fixos a estacas enterradas na areia, que oscilavam, embaladas pela brisa glacial, enquanto que outros archotes haviam sido amarrados à dianteira dos carros de guerra, cujos cavalos eram os mais velozes e possantes dos estábulos do faraó. Era uma cena magnífica, pensou Amerotke: por entre os ruídos da noite, destacava-se o troar dos cascos, a galope, e das rodas. Cada um dos carros de combate transportava um cocheiro e um soldado, todos eles seleccionados entre os *nakhtu-aa*, os "bravos do rei", que envergavam uma abelha de ouro na sua armadura, sinal de que haviam travado combate, corpo a corpo, contra um inimigo, e haviam saído vitoriosos. Atrás dos carros, marchavam as tropas de mercenários núbios, cuja missão era reforçar a linha da frente e proteger a sua rainha.

Amerotke olhou para a direita. Hatusu, envergando a armadura de um guerreiro, seguia num dos carros de combate, com as mãos apoiadas ao varão e a cabeça muito direita, fitando a escuridão. À sua esquerda, num outro carro, Senenmut também envergava o traje de guerreiro. Mais atrás, seguia o pequeno Chufoi e Amerotke pediu aos deuses que protegessem o seu servo. O homenzinho, apesar de se agarrar ao varão, iria ser sacudido para a frente e para trás, em consequência do galope feroz, sob o céu do deserto, cravejado de estrelas. A viagem

foi rápida. Tinham seguido por uma rota alternativa que contornava a necrópole e desembocava no Vale dos Reis. Os esquadrões de carros pararam e Senenmut e os seus capitães apearam-se. Foram-lhes dados mapas e, à luz dos archotes, Senenmut deu instruções às tropas para uma formação de combate.

- Deverão constituir uma linha, em forma de ferradura ordenou -, com a abertura voltada para a entrada do vale.

Hatusu, que usava a coroa de guerra do Egito, tirou-a e deu-a a um dos seus servos pessoais. À luz dos archotes, o seu rosto parecia mais magro e com feições mais duras. Tão grande era a sua fúria que mordera o lábio inferior e ainda podia ver-se um fio de sangue seco no seu queixo, para além da poeira e da sujidade que lhe marcavam o rosto, desprovido de qualquer pintura. Teria exigido acção imediata às suas tropas, mas Senenmut ergueu a mão.

- Devemos aguardar, minha rainha - advertiu. - É bem possível que Amerotke esteja certo, mas talvez estejamos a perseguir apenas as sombras da noite...

Como que em resposta àquele comentário, um assobio fez-se ouvir, algures, no deserto, ao qual um dos oficiais respondeu com um grito. Vultos negros, "os galgos do faraó", haviam avançado até à linha da frente. Eram os nómadas do deserto que serviam como batedores do exército egípcio. Homens pequenos, ágeis e silenciosos, transportavam consigo arcos em forma de chifres e aljavas de setas. Ajoelharam-se em frente de Senenmut, tocando com a testa no solo. Amerotke reteve a respiração.

- Então? - perguntou o vizir.

O chefe dos batedores ergueu a cabeça.

- Não temos a certeza...

- O quê?! - bradou Hatusu.

O homem baixou, de imediato, a cabeça.

- Não têm a certeza? - repetiu Senenmut, gentilmente.

- Mas receberam ordens estritas...

- Seguimos as ordens da divina Hatusu - tartamudeou o homem, que começara a tremer.

- Eu sei muito bem que ordens dei! - ripostou Hatusu.

Senenmut, pegando-lhe no braço, escoltou-a até à escuridão, enquanto lhe sussurrava algo ao ouvido. Amerotke tinha uma ideia do que o vizir estava dizer. Um faraó nunca mostrava o rosto. A sua presença, cada palavra que pronunciasse, aterrorizariam aqueles nómadas do deserto, para quem era um sacrilégio olhar para o rosto do Ser Divino. Por fim, Senenmut conseguiu convencer Hatusu a manter-se na penumbra da noite, rodeada pelos seus soldados, enquanto Senenmut regressava à linha da frente.

- O Ser Divino afirma que, durante o resto dos vossos dias, comerão o pão mais macio, provarão a carne mais tenra e beberão o mais doce dos vinhos. Os vossos filhos abençoarão a vossa memória. O faraó mostrou-vos o seu rosto e sorriu-vos. Por isso, conhecerão a sua protecção durante todos os dias da vossa vida.

Os nómadas ergueram as cabeças, com os olhos a brilhar perante a perspectiva de tão generosa recompensa.

- Senhor, não penetrámos no vale - replicou o chefe.

Senenmut acenou, em sinal de aprovação. Hatusu ordenara-lhes que descobrissem rastros, mas que não alarmassem os intrusos.

- Não quero que todo o Egipto saiba onde o meu pai está enterrado! - comentara Hatusu.

- E que descobriram? - quis saber Senenmut.

- Não há dúvida de que um bando entrou no vale, pouco antes do crepúsculo. Encontrámos excrementos de dromedário que ainda estavam tépidos ao toque.

Amerotke, sabendo qual seria a pergunta seguinte, reteve novamente a respiração.

- E já saíram do vale?

- Não. Todos os vestígios indicam que ainda lá estão!

- Onde se encontra o vosso batedor mais avançado? O rosto do homem abriu-se num sorriso.

- Eles deixaram uma sentinela...

- O que só demonstra que ainda lá estão... - concluiu Amerotke.

O homem, contudo, encolheu os ombros.

- Com esta escuridão, não conseguimos ver quem era. Atacámos o homem antes que desse por isso.

- Que traje envergava? - perguntou Amerotke. - Tinha a cabeça e o rosto encobertos, como um nómada do deserto?

- Sim. Não tivemos alternativa... - acrescentou o homem, abrindo as mãos. - Cortei-lhe a garganta e escondi o seu corpo atrás de uns rochedos. Um dos nossos companheiros tomou o lugar dele.

- Ótimo! Ótimo! - exclamou o vizir, com um sorriso. - E, segundo as tuas contas, quantos homens formam esse bando?

De novo, o homem gesticulou.

- A pé, talvez uns vinte ou trinta, mas também havia animais de carga e alguns dromedários.

Senenmut agradeceu-lhes, enfiando um pequeno cubo de ouro na mão de cada um dos nómadas. Fez sinal a Amerotke e afastaram-se. A unidade dos soldados reais já havia montado uma pequena tenda para Hatusu e para os seus conselheiros. A rainha-faraó achava-se no interior, andando de um lado para o outro. Ao ver entrar os dois homens, ordenou-lhes que se sentassem em bancos.

- Ao que tudo indica, meu senhor Amerotke... - se bem que os seus lábios ostentassem um sorriso, os olhos de Hatusu mantinham uma expressão severa - não te enganaste. Por conseguinte, enquanto aguardamos, conta-me a tua história em pormenor.

- Eu estava enganado - confessou Amerotke. - As aspirações do Tchratta eram mais tortuosas e malévolas do que alguma vez poderia suspeitar. Pois não afirmou ele, em certa ocasião, que deitaria fogo a Tebas e se apoderaria do coração do teu pai?

- O Tchratta gaba-se de mais - ripostou Hatusu.

- De facto, é um fanfarrão - concordou Amerotke. Mas, influenciado pela Uanef, pode ser deveras subtil nos seus planos. Não tinha qualquer outra hipótese senão a de se ajoelhar aos pés do Egipto, um acto humilhante para ele. Foi então que a Uanef lhe ofereceu a taça do consolo e lhe propôs roubar a *Glória de Anúbis*, apoderar-se do manuscrito do Sinuhe, livrar-se de três dos seus mais poderosos chefes guerreiros

e cometer o mais hediondo de todos os sacrilégios: pilhar o túmulo do teu pai. Uma tal perspectiva mitigaria a taça da derrota do Tchratta, que, conseguidos os seus objectivos, podia regressar à capital do seu reino e vangloriar-se em segredo. Sempre que pegasse na *Glória de Anúbis* estaria a escarnecer do Egipto. Usaria os mapas do Sinuhe para que os seus mercadores formassem novas rotas e acumulassem grandes riquezas. Um dia, o Tchratta declarar-te-ia guerra novamente. Hatusu brindou o seu juiz com um olhar frio.

- O Tchratta foi bem-sucedido num aspecto - continuou Amerotke. - Duvido que agora peça uma compensação pelas mortes do Snefru e dos outros, mas o facto é que se livrou de três dos seus maiores opositores, sem manchar de sangue as suas mãos, e seremos sempre considerados responsáveis por esses crimes...

- E quanto ao túmulo do meu pai?

- O Tchratta exigiu a devolução do sarcófago da Benia explicou Amerotke. - Sabia que isso te humilharia, em especial se os boatos de o teu pai a haver maltratado se confirmassem...

- Mas agora sabemos que esses boatos não correspondem à verdade.

- Só que essa exigência do Tchratta ocultava outros motivos. O sarcófago da Benia contém papiros e manuscritos que incluem todos os pormenores iníquos do dia-a-dia na corte do Tutmés... - replicou Amerotke, com um sorriso contrafeito. - Se ponderarmos a sua exigência, porque queria o Tchratta o sarcófago? Afinal, ele podia inventar vários boatos a respeito do divino Tutmés... A verdade é que o seu plano era mais complexo do que parecia.

- Ele devia saber - interveio Senenmut - que a localização do túmulo do faraó Tutmés estava envolta em mistério. Até mesmo tu, minha senhora, poderias vaguear pelo vale, durante anos, sem nunca encontrar a entrada do túmulo.

Hatusu, com o olhar, consultou Amerotke, que retomou a sua história:

- O Tchratta e a Uanef depressa concluíram que as únicas pessoas que podiam aceder ao túmulo eras tu e os teus

conselheiros mais próximos, homens da tua confiança. Os Mitânios podiam ter recorrido ao suborno, mas era demasiado perigoso, porque não sabiam quem podiam abordar e, se alguém recusasse...

- Eu ficaria a par dos planos deles - rematou Hatusu.

- Exactamente. Assim, resolveram contratar uma sentinela. Alguém que mantivesse uma vigilância contínua ao Vale dos Reis, onde o calor, de dia, é insuportável. E, em circunstâncias diferentes, essa sentinela teria de suportar anos de um calor abrasador, até que tu te aproximasses do túmulo do teu pai...

Hatusu, dando-se conta do erro que cometera, fechou os olhos.

- O Tuhratta e a Uanef pediram para levar com eles o sarcófago da Benia... - Amerotke deteve-se para escolher as palavras. - E o Egipto caiu na cilada.

- Claro! - rosnou Senenmut, batendo na testa com a mão. - Afinal, podíamos enviar-lhes o sarcófago mais tarde!

- Foi por isso que o Tuhratta exigiu que deveria ser ele a escoltar o sarcófago. Assim, criava uma oportunidade para o seu espião, porque, num curto espaço de tempo, tu terias de ir até ao Vale dos Reis, divina Hatusu.

- Mas tomámos todas as precauções - contrapôs a rainha-faraó. - Tanto ao entrar como ao sair. Os vigilantes patrulharam os nossos flancos e selaram a entrada do vale.

- O Tuhratta não precisava disso - replicou Amerotke, abanando a cabeça.

- E eliminámos todos os vestígios da nossa passagem teimou Hatusu. - Quando saímos do vale, os escravos usaram galhos secos para apagar os trilhos deixados pelos nossos carros. Já sei o que vais dizer: o Tuhratta não precisava disso...

- O rei dos Mitânios - volveu Amerotke - só precisava de saber que havíamos entrado no vale e saído de lá, com o sarcófago. Assim que nos fôssemos embora, o local ficaria deserto. Não haveria patrulhas de guardas ali, porque o Egipto não quer chamar a atenção para o local em que se encontra o túmulo real... E, por fim, sempre é possível comprar um soldado

... Os espíões do Tucheratta limitaram-se a aguardar que a calma regressasse ao Vale dos Reis... Se nós temos batedores, eles também. Podiam contratar homens que saberão dizer-te se até mesmo o mais pequeno seixo foi virado, em pleno deserto. E esses homens agiram rapidamente. Assim que o cortejo real regressou a Tebas, examinaram o solo do vale cuidadosamente. Até porque, apesar de todas as precauções, ficariam sempre alguns vestígios, como excrementos dos cavalos, ou as marcas de uma roda...

- Para já não falar da gruta...! - completou Senenmut.

- Esses vestígios desapareceriam, em poucos dias, mas deixámos o Vale dos Reis ontem de manhã. Mais tarde, nesse mesmo dia, a sentinela do Tucheratta entrou no vale, procurou vestígios da nossa passagem e, segundo creio, encontrou a entrada para o túmulo. Transmitiu a informação ao agente do Tucheratta em Tebas e resolveram preparar o assalto. Ontem à noite, o Belet e a Seli foram raptados e levados para um ponto de reunião, algures nas Terras Vermelhas. O Lakhet, poderoso oficial da corte e pai do Belet, era o serralheiro do Ineni, arquitecto do túmulo do Tutmés, e foi o Lakhet quem fez as fechaduras dos túmulos e dos cofres do túmulo...

- Mas ele nunca saberia onde se encontrava o túmulo! declarou Hatusu.

- Não, de facto, nunca poderia sabê-lo, mas o filho, o Belet, herdou os seus utensílios, as suas chaves e o seu conhecimento em relação a fechaduras. Apesar dos anos haverem passado, o Lakhet nunca conseguiu esquecer o derramamento de sangue que marcou a construção do túmulo do divino Tutmés, o que o levou a refugiar-se no vinho e na cerveja. Quando morreu, delapidara toda a sua fortuna. O Belet, seu filho, recorreu ao roubo, na tentativa desesperada de oferecer um túmulo digno aos pais. Foi apanhado, desfigurado e enviado para a aldeia dos Rinocerontes. Provavelmente, esqueceu-se dos feitos do pai, por estar mais preocupado com a sua situação... Depois de cumprir a pena, o Belet passou a respeitar a lei. Pediu o perdão do faraó, a fim de poder refazer a sua vida, e obteve-o.

- Mas porque foi o Belet abordado? - indagou Senenmut

- Afinal, os ladrões podiam penetrar no túmulo do Tutmés e pilhá-lo, sem recorrer a um serralheiro.

- Os Mitânios mantinham a esperança de que a divina Hatusu os conduzisse ao túmulo do pai, e foi o que aconteceu. Por outro lado, sabiam que os servos da Hatusu passariam por todas as armadilhas deixadas pelo Ineni, assim que entrassem no túmulo e removessem o sarcófago da Benia, o que era muito mais seguro para esses ladrões. E é bom não esquecer que saímos do vale apressadamente - explicou Amerotke -, apesar de estar certo de que tencionavas enviar pedreiros de confiança ao túmulo do teu pai, dentro de poucos dias...

- Era essa a minha intenção - declarou secamente Hatusu. - Certificar-se-iam de que nada fora profanado nem tirado do devido lugar e de que tudo estava em ordem; depois, substituiriam as armadilhas que o Ineni deixara.

- Posto isto - prosseguiu calmamente Amerotke, que analisara, vezes sem conta, a sua teoria, desde que havia saído da Rua das Lamparinas -, o Tchratta sabia que, se os teus pedreiros entrassem no túmulo, dentro de alguns dias, depressa descobririam que fora pilhado, ao deparar com as arcas e os cofres abertos. No entanto, os ladrões raptaram um experiente serralheiro, que herdara o talento do Lakhet... Alguém que podia abrir todos os cofres e voltar a fechá-los, sem deixar quaisquer vestígios. Os ladrões roubariam apenas objectos pequenos, que ainda são muitos e bastante valiosos...

Senenmut assobiou baixinho. Hatusu levantou-se e voltou-se. Os servos haviam enchido uma taça de vinho, mas, quando ela lhe pegou, Amerotke apercebeu-se de que a sua mão tremia.

- Vão pilhar o túmulo do meu pai de todos os seus preciosos objectos, não é assim? Vão profanar os sarcófagos e roubar o coração dele! O Tchratta quer concretizar a sua ameaça de queimar o coração do grande Tutmés!

- Devíamos tê-los apanhado antes de entrarem no túmulo - declarou Senenmut.

- Não havia tempo - argumentou Amerotke. - Mais importante ainda, eles seriam informados dos nossos intentos,

mas continuariam a conhecer a entrada secreta do túmulo real. Por isso, devem ser todos mortos, esta noite.

Hatusu bebeu um gole de vinho, pousou a taça sobre uma mesa e voltou a sentar-se. Muito embora parecesse mais calma, o seu rosto estava marcado por lágrimas.

- Falhei - confessou, num fio de voz. - Achei que a exigência do Tuhratta era razoável. O Egito devolveu, no passado, os cadáveres de princesas estrangeiras. Entrei no Vale dos Reis, removi o sarcófago e convenci-me de que não deixara a menor pista da minha visita. Assim que tudo voltasse à normalidade, pensava regressar para me certificar de que deixara tudo como estava dantes... - Hatusu começara a morder o lábio inferior. - E, claro... - acrescentou, com azedume -, o Tuhratta sabia que a morte do Sinuhe e o roubo da *Glória de Anúbis* iriam agitar a corte egípcia... E o facto é que não pensei...

- Nem nenhum de nós - tranquilizou-a Senenmut. Acreditámos que a vinda do Tuhratta ao Egito se devia ao facto de ele querer a paz. No meu orgulho, julguei que ele desejara selar um tratado e deixar o Egito, quanto antes. Até porque a única exigência que ele podia fazer era pedir a devolução do sarcófago da Benia.

- Só por isso, declarar-lhe-ei guerra! - sibilou Hatusu. Posso marchar até ao oásis das Palmeiras, pendurar o Tuhratta e os outros em árvores e deixar os seus cadáveres para as hienas!

Alarmado, Senenmut pegou na mão de Hatusu.

- Escuta o Amerotke com atenção - pediu-lhe. - Que provas concretas possuímos? O Mareb morreu. O Ueni morreu. Qualquer confissão arrancada à força a um arauto nosso seria considerada uma mentira e o Tuhratta aproveitar-se-ia disso para escarnecer das promessas que lhe fizemos. Os Mitânios depressa proclamariam que tínhamos chamado o rei deles ao Egito para quebrar o nosso juramento e matá-lo.

- Quanto a esse ponto, ele não conseguiu os seus intentos - acrescentou Amerotke. - Como não o conseguirá, hoje. Além do mais, não podemos deixar transparecer, perante os ladrões, a nossa convicção de que os Mitânios estão por trás

da profanação do túmulo de Tutmés. Se tal acontecesse, as nossas tropas poderiam ficar a sabê-lo e depressa circulariam rumores por toda a cidade.

Dito isto, Amerotke olhou para Senenmut, que acenou, em sinal de concordância.

- Temos o apoio dos nossos esquadrões, que clamarão por vingança.

- Mas há sempre a possibilidade de os ladrões escaparem - contrapôs Hatusu.

- Montados em dromedários e animais de carga? Com as suas albardas repletas de tesouros? Ainda que - apressou-se a admitir Amerotke - tivessem apenas roubado objectos pequenos dos cofres e das arcas, a colaboração forçada do Belet levaria qualquer observador a julgar que tanto uns como as outras continuavam selados... Na verdade, somente um exame muito cuidadoso dos selos revelaria que fora cometido um sacrilégio.

Por baixo das sobrancelhas franzidas, Hatusu fitava Amerotke. O juiz ocultou os seus sentimentos. Conhecia aquele olhar. Estaria Hatusu a condená-lo pelo que acontecera?

- Talvez eu devesse ter descoberto o plano mais cedo confessou, para se interromper, logo de seguida, ao ouvir um ruído. Voltando-se, viu que um guarda bloqueara a entrada a Chufoi. - Talvez eu devesse ter descoberto o plano mais cedo - repetiu humildemente. - Falhei, por não me dar conta de quem fora o Lakhet. Agora, porém, tudo faz sentido. O homem que abordou o Belet no Local das Hienas falou de um roubo que lhes traria grande riqueza; era perigoso, embora no local não houvesse guardas. Mesmo quando o Belet desapareceu, continuei a pensar que esse tal local seria algum templo ou mansão, ou que eles planeavam roubar ouro ou prata das minas. Quando encontrei a lista do Mareb, que mencionava o Belet, filho do Lakhet, e fazia referência ao Ineni... tudo se tornou óbvio. - Amerotke fez uma pausa para escolher as palavras. - O Lakhet fizera as fechaduras dos cofres e arcas que se encontram no túmulo do faraó Tutmés Primeiro. O Belet foi raptado para cometer um sacrilégio. Os responsáveis são os Mitânios, mas o perpetrador é o homem dos crocodilos

Primeiro, o Ueni comprou aqueles punhais, cujos cabos tinham a forma da cabeça de um chacal e provinham de Canaã...

- Isso significa que o Tchratta queria provocar-nos?

- Sim, de certa forma. O homem dos crocodilos admitiu que roubara os punhais a uma outra pessoa mas, na realidade, foram-lhe dados pela princesa Uanef. Não há, tão-pouco, qualquer coincidência no encontro entre o homem dos crocodilos e o Ueni. Foi tudo planeado. O homem dos crocodilos entregou os punhais ao arauto, seguindo, mais uma vez, as ordens da princesa Uanef.

- Mas o Chufoi, o teu servo, descobriu a origem desses punhais...

- Pessoas como o homem dos crocodilos - replicou Amerotke - têm uma grande fraqueza: são gananciosas. Não, desculpa, não é isso. O homem dos crocodilos queria vender os punhais a tanta gente quanto pudesse, para gerar a confusão. Afinal, outras pessoas podiam ter-lhe comprado punhais e assassinar o Nemrat. O Chufoi, contudo, conseguiu traçar a sua origem, o que fez com que o homem dos crocodilos não pudesse negar. Porque, se negasse que vendera os punhais ao Ueni, isso suscitaria a desconfiança geral. Assim, resolveu alinhar com o Chufoi. Se o homem dos crocodilos não se houvesse mostrado disposto a colaborar com o Chufoi, o meu leal servo teria pensado que ele estava envolvido nos assassínios de Anúbis. O que faz, então, o homem dos crocodilos? Diz ao Chufoi tudo o que sabe acerca do arauto Ueni, da mesma forma como, anteriormente, havia vendido essa informação aos Mitânios. Foi por essa razão, aliás, que a Uanef atraiu o Ueni para a sua teia... - acrescentou Amerotke, com um sorriso tímido. - Perguntava a mim mesmo como tudo isso acontecera. O homem dos crocodilos era astuto. Afastou as suspeitas que podiam recair sobre ele, ao incriminar o Ueni. Que diferença fazia? O Ueni concluíra a sua tarefa, fora assassinado e dado como espião dos Mitânios. O homem dos crocodilos representa o papel de um trapaceiro, que tenta ajudar o Egito. Como poderiam associá-lo aos Mitânios? Mas a descoberta daquela lista, na Rua das Lamparinas, em conjunto com o súbito

desaparecimento do Belet, conduziu ao esclarecimento de uma outra questão..

Amerotke, com a mão, limpou o pó que lhe cobria a boca. Sentia a garganta seca. Hatusu deu-lhe uma taça de vinho.

- Depois de reflectir no caso - continuou o juiz -, cheguei à conclusão de que a princesa Uanef lidava com o Mareb, que, por sua vez, transmitia as instruções ao Ueni. Amerotke bebeu um gole de vinho. - No entanto, havia ainda um elo que faltava... O Tchratta enviava mensagens à sua meia-irmã, que estava em Tebas, ciente de que seriam interceptadas. Na realidade, contava com isso para o sucesso do seu plano.

- Quer dizer que o verdadeiro mensageiro da Uanef era o homem dos crocodilos? - perguntou Hatusu.

- Sim, e foi uma escolha perfeita. Um homem que não revela qualquer lealdade para com o Egipto, nem cumpre as suas leis. Um trapaceiro que pode percorrer o Nilo sem suscitar quaisquer suspeitas. Atentem em que até eu mesmo acreditei na sua versão acerca dos punhais... Um homem que pode contratar salteadores e ladrões, ir até à aldeia dos Rinocerontes e procurar o Belet. E, por último, um homem que nada tem a ver com a corte do faraó, nem com o Templo de Anúbis. Só que cometeu um pequeno erro: vendeu mais punhais do que devia e, com isso, despertou a desconfiança do Chufoi.

Amerotke bebeu mais um gole de vinho e, por cima do rebordo da taça, olhou para Hatusu, que continuava sentada, com os olhos fechados, e movia imperceptivelmente os lábios.

Um oficial aproximou-se da entrada da tenda e ajoelhou-se, apoiando a fronte contra o chão.

- Meu senhor Senenmut, trago notícias. Os nossos batedores do vale detectaram uma movimentação.

Senenmut levantou-se, de um salto, seguido por Hatusu e Amerotke.

- Dá ordens para que os carros de combate permaneçam nos seus postos! Chama os núbios e diz-lhes que avancem rapidamente e em silêncio, em formação de ferradura. Nenhum dos ladrões deve escapar!

- E façam prisioneiros! - gritou Hatusu. - Quero que façam prisioneiros!

Os oficiais de Senenmut deram ordens às tropas. Hatusu ficaria para trás, na tenda real. A rainha-faraó queria acompanhá-los, mas Senenmut desaconselhou tal atitude.

- São homens desesperados - advertiu -, e, no escuro...

Hatusu concordou, não sem alguma relutância, mas deixou bem claro que os prisioneiros deveriam ser trazidos à sua presença e que só ela os julgaria.

Formando uma linha de batalha, os núbios avançaram, munidos dos seus escudos e lanças compridas. O esquadrão de carros protegia os flancos para bloquear a passagem aos ladrões, depois de o vizir se certificar de que não havia qualquer outra saída do vale.

- Podem tentar escalar as encostas - comentou secamente -, mas, de noite, é impossível.

Amerotke marchava a seu lado, na terceira linha da cavalaria. Usava um elmo de bronze na cabeça e pedia um escudo e uma espada. Queria ver o que acontecia e estava preocupado com a possibilidade de o homem dos crocodilos escapar. Chufoi também pedia para acompanhar as tropas, mas Amerotke não concordara: o anão estava muito agitado devido ao rapto dos seus amigos.

- Não duvido da tua coragem, nem da tua agilidade dissera-lhe Amerotke, sorrindo -, mas conheço-te bem, Chufoi, e sei que eras capaz de abrir caminho até à linha da frente, por estares mais preocupado com o Belet do que com a tua vida. Por isso mesmo, vais ficar aqui, onde estás.

Amerotke olhou para as estrelas no céu. Havia muitos anos, durante o seu serviço militar nas Terras Vermelhas, combatera um bando de salteadores que havia pilhado um túmulo da necrópole e fugido, depois de atravessar o Nilo. Lembrava-se de que fora um combate sangrento, travado na escuridão glacial da noite. Naquele momento, seria semelhante, mesmo que, desta vez, os assaltantes estivessem em clara desvantagem numérica. A toda a sua volta marchavam soldados, num ritmo sinistro, e o eco das suas sandálias e botas, espezinhando a areia, ecoava pelo deserto. Algures, na escuridão, um leão rugiu, seguindo-se o grito de hienas.

- Não é estranho - resmungou um soldado - como os carneiros pressentem um festim, mesmo antes de começar um combate...?

Amerotke agarrou-se ao seu escudo. A lua cheia saiu de trás das nuvens e banhou a entrada do vale com uma luminosidade prateada. Os maciços rochosos que ladeavam o desfiladeiro tornaram-se mais nítidos. Nos flancos esquerdo e direito, os esquadrões do exército egípcio moviam-se mais rapidamente para preparar a cilada, enquanto os carros de guerra seguiam atrás. Só avançariam quando o confronto começasse. Um batedor aproximou-se, ofegante, e foram dadas ordens aos soldados para que parassem. Em linha, formavam um semicírculo silencioso e sinistro, bloqueando a entrada do Vale dos Reis. Fora proibido qualquer barulho ou conversa, o que provocava a Amerotke uma sensação arrepiante: as tropas, numa batalha, marchavam sempre entre o troar dos clarins e das trombetas, os gritos dos oficiais e, até mesmo, os hinos de batalha e as canções de um determinado regimento. Mas, desta vez, era diferente: os salteadores nunca saberiam que as tropas os esperavam até abandonarem o vale.

Um homem montado num dromedário saiu do vale. De imediato, silhuetas negras esconderam-se atrás de rochedos e lançaram uma rede. O dromedário ficou preso na armadilha e caiu de lado. Mesmo do local onde se achava, Amerotke sabia o que ia acontecer: o focinho do animal seria amarrado, para que não emitisse qualquer ruído, e o homem, retirado da rede e aniquilado. Foi então que ouviu um grito abafado e viu as silhuetas negras desaparecer novamente. Um dos batedores já montara o dromedário, vestido com as roupas do homem que acabara de matar; dirigiu-se para a entrada do vale e acenou para dar a entender aos salteadores que o caminho estava livre. Amerotke respirou fundo. O homem dos crocodilos e os seus companheiros não deviam estar muito longe. Mais uma vez, foi sussurrada a ordem de silêncio absoluto, se bem que os rugidos dos leões soassem mais perto. Agora, todos os olhares estavam postos na entrada do vale.

Por fim, o bando de salteadores surgiu: primeiro, os dromedários, depois, as carroças e, mais atrás, um grupo de homens

a pé. Não traziam archotes e avançavam em silêncio, porque deviam ter protegido os cascos dos animais e as rodas das carroças com panos ou palha. Pareciam completamente alheios à presença das tropas, preocupados como estavam em afastar-se, quanto antes, do Vale dos Reis. Um clarim soou na noite, seguindo-se o ruído surdo de rodas de um carro de guerra; ocupado por um soldado que empunhava um archote, passou pelas fileiras dos núbios e avançou em direcção aos salteadores, que, ao serem surpreendidos por aquele ataque, começaram a gritar. Alguns desataram a correr para a esquerda e para a direita, mas depressa ficaram presos na armadilha que lhes fora preparada à entrada do vale. O carro parou em frente do bando de salteadores e o oficial, cuja voz era transportada pela brisa nocturna, ordenou-lhes que baixassem os braços e se rendessem. Uma seta silvou, falhando por pouco um dos cavalos do carro. Era a resposta à ordem do oficial.

- Já estava à espera disto - murmurou um soldado. Estarão *eles* a contar com a *nostra* misericórdia?

Novas ordens foram dadas e os núbios avançaram, em passo de corrida, lançando-se ao ataque. A princípio, Amerotke teve dificuldade em acompanhá-los, porque tropeçou e caiu, por mais de uma vez. Contudo, a primeira fileira de veteranos cercou os salteadores e, quando a segunda e a terceira linhas entraram em acção, o combate já havia terminado. Os soldados obrigaram aqueles que montavam os dromedários a appear-se e já se haviam apoderado das carroças. Alguns dos salteadores tinham oferecido resistência, mas a maior parte já se apercebera de que acabara de deparar não com um regimento do deserto, mas com uma unidade inteira do exército imperial, e lançara ao chão as suas armas. Ainda assim, uns poucos salteadores continuaram a lutar, mas rapidamente foram desarmados. Amerotke avançou até ao círculo que se havia formado à volta do bando. Dois dromedários tinham tombado e escoiceavam, até alguém os libertar daquela agonia. Os cadáveres de vários salteadores achavam-se espalhados pelas areias do deserto, muito embora se ouvissem, ainda, os gritos dos poucos fugitivos, quando eram apanhados e degolados. Amerotke aproximou-se dos prisioneiros. Havia sido obrigados

a ajoelhar-se, depois de lhes terem amarrado as mãos por cima das cabeças, em sinal de submissão. Os oficiais já haviam começado a inspecionar os tesouros que se achavam nas carroças ou nas albardas dos dromedários. Retiraram cada um dos objectos cuidadosamente e cobriram-nos com panos sagrados, trazidos expressamente do templo e que ostentavam as insígnias de Anúbis e de Osíris. Senenmut caminhava por entre as suas tropas, de elmo na mão, dando ordens. O cenário foi-se alterando, pouco a pouco. As tropas núbias formavam um grande círculo iluminado por dezenas de fogaréus, presos a estacas, enterradas na areia. A noite transformara-se num estranho e flamejante dia. Os corpos dos salteadores mortos foram empilhados. Amerotke olhou, de relance, para o rosto de um dos mortos: tinha a certeza de que se tratava do contador de histórias que vira na casa de comida, quando se encontrara com Belet. As tropas núbias haviam sofrido poucas baixas e os soldados feridos achavam-se já entregues aos cuidados de um médico. Senenmut parecia mais preocupado com os prisioneiros, que eram trinta, ao todo. Passou revista aos salteadores, rasgando-lhes os turbantes e os panos que lhes cobriam os rostos. Amerotke seguiu-o.

- Tinhas razão - sussurrou-lhe o vizir, apontando para um dos prisioneiros, com uma grande cicatriz no lugar onde devia ter o nariz. - Foram recrutados na aldeia dos Rinocerontes. Os restantes parecem ser salteadores profissionais e, provavelmente, pertenciam ao mesmo bando.

De joelhos, alguns dos salteadores pediam clemência enquanto outros haviam baixado as cabeças. Amerotke examinou-lhes as feições até que se deteve e fitou um homem de rosto magro, nariz aquilino e olhar arrogante. Amerotke agarrou na sua túnica e rasgou-a; por baixo, podia ver-se um colete de pele de crocodilo.

- Conheces-me? - perguntou o juiz, agachando-se. És o homem dos crocodilos, não é verdade?

A única resposta que obteve foi um ronco de desdém.

- Que aconteceu ao Belet e à Seli? - perguntou Amerotke.

O homem atirou a cabeça para trás, pigarreou e cuspiu no rosto do juiz, que, impassível, limpou a face.

- Já tive a minha resposta...

Passou ao prisioneiro que se achava ao lado do homem dos crocodilos, espantado pelo seu aspecto efeminado, os brincos que lhe adornavam as orelhas e as jóias que tinha em volta do pescoço.

- E tu deves ser o Sombra... - comentou Amerotke. O homem baixou o olhar.

- Que aconteceu ao Belet e à Seli, depois de os raptarem?

Sombra começou a tremer. O homem dos crocodilos, em tom zombeteiro, murmurou algo acerca da língua do seu companheiro. Amerotke pensava prosseguir o interrogatório quando o silêncio da noite foi quebrado pelo ruído estridente de clarins. Hatusu, acompanhada por um esquadrão de carros de guerra, aproximava-se a todo o galope. Havia-se arranjado para aquela ocasião. Lavara o rosto e as mãos, colocara na cabeça a coroa de batalha do Egito e nos ombros o *nenés* ou manto sagrado do faraó. Usava uma couraça por cima da túnica branca, grevas de bronze nas pernas e, nos pés, botas de guerra. Tinha, numa mão, um chicote e, na outra, a espada, de lâmina curva, do faraó. Senenmut e Amerotke apressaram-se a ir saudá-la e viram-se obrigados a ajoelhar no solo, à frente do carro. Hatusu fez algumas perguntas, em tom áspero. Senenmut informou-a de que as tropas haviam capturado os salteadores e resgatado os tesouros reais. Acrescentou que alguns dos prisioneiros tinham morrido, mas que os restantes aguardavam o julgamento do divino faraó.

- Não sabemos, contudo, o que aconteceu ao Belet e à Seli - anunciou Amerotke.

- Façam um desses homens falar! - ordenou Hatusu. Amerotke voltou à linha composta pelos prisioneiros.

Obedecendo às suas ordens, dois núbios arrastaram um nómada do deserto, que tremia, apavorado. A princípio, afirmou que não conhecia o serralheiro e a mulher dele, mas, quando os núbios começaram a espancá-lo, confessou que a última vez que vira o casal fora pouco antes de o bando deixar o vale.

- Foram levados - gemeu o homem -, mas não para muito longe!

Três carros, transportando Chufoi, o prisioneiro e dois soldados, partiram imediatamente para o Vale dos Reis.

- Entretanto - anunciou Hatusu -, inspecionarei pessoalmente os prisioneiros.

Apeou-se do carro e, seguida por Senenmut e Amerotke, passou pelas fileiras de soldados até entrar na clareira improvisada, cujo solo estava manchado de sangue. Amerotke, que assistira a muitos julgamentos, nunca vira nenhum presidido por um faraó, em pleno deserto. Havia algo de lúgubre e de bárbaro naquele círculo, composto de archotes e de soldados; no produto do saque, amontoado a um canto e coberto pelos panos sagrados; na fila extensa de prisioneiros ajoelhados, com as mãos atadas por cima das cabeças; nas areias manchadas de sangue e, de tempos a tempos, nos rugidos e gritos dos predadores, que aguardavam o seu festim. A Lua tornara-se mais pálida e as estrelas haviam desaparecido do céu. A alvorada aproximava-se, mas as rajadas de vento enregelavam os corpos suados de todos os que ali se achavam. Hatusu parecia alheia a tudo o que a rodeava, à exceção dos prisioneiros. Caminhando de um lado para o outro, fitava cada um dos homens, servindo-se da sua espada, para os forçar a erguer a cabeça.

- Onde está o homem dos crocodilos? - perguntou, por fim.

O juiz indicou-lhe o cabecilha do bando. Hatusu colocou a ponta da lâmina da sua espada por baixo do queixo do prisioneiro e forçou-o a fitá-la. O homem dos crocodilos perdera toda a sua arrogância e olhou para Hatusu com uma expressão amedrontada.

- Maldito sejas! - gritou, então, ela. - Maldito sejas na vida e na morte! Amaldiçoado sejas nesta vida e para todo o sempre, nas trevas!

Os outros prisioneiros soltaram gemidos abafados. A maldição do faraó, para eles, era solene e eterna. O homem dos crocodilos engoliu em seco e os seus olhos adoptaram uma expressão de súplica. Hatusu, sempre usando a ponta da sua espada, forçou-o a baixar a cabeça. O prisioneiro gritou e gemeu, mas Hatusu enterrou mais fundo a ponta da espada, até que a testa do homem tocou o solo. Incapaz de manter o

equilíbrio, por ter as mãos amarradas, caiu de lado. Hatusu passou a outro prisioneiro, enquanto os soldados agarravam no homem dos crocodilos e o forçavam a ajoelhar-se novamente.

Hatusu passou em revista os prisioneiros, repetidas vezes. Amerotke deu consigo a interrogar-se se ela não havia enlouquecido. O seu rosto revelava uma rigidez anormal, como se usasse uma máscara, e não prestava atenção aos conselheiros, que a seguiam em silêncio. Por fim, encaminhou-se para o local onde fora empilhado o produto do saque. Dois soldados levantaram os panos sagrados e um sacerdote fez um relatório de tudo o que havia sido roubado: estatuetas, braceletes, anéis e, acima de tudo, os cofres com os vasos canópicos que continham os órgãos do faraó Tutmés.

- Podem ser purificados - murmurou o sacerdote.

- E serão purificados! - ripostou Hatusu. - Meu senhor Senenmut, dirigirás pessoalmente a remoção de todos estes objectos para a Casa de Adoração, no palácio real, onde deverão ser guardados de dia e de noite. - Hatusu ergueu a espada e apontou-a em direcção à cidade. - Quando tudo isto acabar, tu e eu - acrescentou, virando-se para Amerotke -, meu senhor juiz, partiremos e faremos uma vigília no Vale dos Reis. O túmulo do meu pai será purificado e novamente consagrado. As armadilhas serão repostas e as fechaduras mudadas. E, durante os próximos três anos, os sacerdotes das capelas do Templo de Anúbis farão sacrifícios especiais para a reparação de todo o mal feito.

Fez meia volta, como se pretendesse continuar a sua inspecção aos prisioneiros, quando o silêncio foi quebrado pela aproximação de dois carros. Os soldados que formavam as fileiras egípcias começaram a falar, em voz baixa, uns com os outros, mas os seus oficiais ordenaram-lhes que se calassem. Hatusu, Senenmut e Amerotke dirigiram-se aos carros. Os cocheiros já se haviam apeado e pousado no chão duas sacas, que se encontravam atadas. Um soldado cortou as cordas e levantou as abas dos mantos militares que haviam sido usados para cobrir os cadáveres. Belet e Seli jaziam, lado a lado. Hatusu fitou os dois jovens.

- É uma pena... - murmurou. - No entanto, talvez... Não completou a frase, mas Amerotke sabia o que Hatusu quisera insinuar. Tanto o serralheiro como a mulher haviam descoberto onde ficava o túmulo real e, mesmo à força, tinham tomado parte na sua pilhagem. Ambos pareciam dormir. Um oficial levantou-lhes as cabeças e Amerotke viu os golpes que haviam reduzido a parte de trás dos seus crânios a uma massa ensanguentada.

- Devem ter tido morte imediata - declarou o oficial. O nómada que levámos connosco confessou que os tinham enterrado numa campa rasa, no vale, atrás de uns rochedos.

- Onde está o prisioneiro? - perguntou Senenmut, ao dar pela falta do nómada.

- Ele tentou fugir - explicou o oficial, pondo-se de pé. Mas esmaguei-o com as rodas do meu carro.

Foi então que Chufoi se aproximou. O rosto do anão mostrava-se lívido, à luz bruxuleante dos archotes. A sua dor era silenciosa. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto cansado. Deixou-se ficar ali, a soluçar como uma criança. Amerotke avançou e pegou-lhe na mão.

- Não chores, Chufoi - declarou Hatusu. - Darei ordens para que levem os corpos dos teus amigos para Tebas. Os sacerdotes procederão a todos os rituais e eles terão um funeral digno. As suas almas viajaram, juntas, para o Horizonte Longínquo. Rezarei para que o meu pai os acolha nos Campos dos Bem-Aventurados. Chufoi... - A voz tornara-se mais doce. - Olha para o rosto do teu faraó. - Hatusu sorriu-lhe. - Irás viver para a Casa do Milhão de Anos. Ouvi falar dos teus poemas de amor... Mandarei que se componham canções para os teus poemas, e talvez possas cantá-los às minhas virgens - Dito isto, virou-se para o oficial. - Levem estes dois corpos daqui. Que os sacerdotes de Anúbis arquem com os custos. Agora, quero mostrar a esses rebeldes a justiça do faraó!

Subiu para o seu carro. Com Senenmut e Amerotke a caminhar a seu lado, passou pelas fileiras de núbios e parou em frente dos prisioneiros.

- Escutem! - A voz de Hatusu era forte. - Escutem a

justiça do faraó! Pilharam e violaram o túmulo de meu pai, o filho do deus! Cometeram o mais hediondo de todos os sacrilégios. Invoco os deuses e o poder do Egito para que sejam minhas testemunhas! Amaldiçoo as vossas vidas! Amaldiçoo os vossos descendentes! Amaldiçoo-vos na morte! Rezarei para que as vossas almas não conheçam nada mais do que a noite e a tormenta eternas!

Gemidos e queixumes ergueram-se da fila de prisioneiros. Os oficiais aproximaram-se e chicotearam-nos para os calar.

- Que a terra e o céu testemunhem a minha justiça e a vingança do faraó! Vão morrer! Os vossos ossos serão espalhados pelo deserto. A sentença deve ser executada imediatamente! Amerotke assistiu a tudo: dois núbios avançaram, de imediato. Um deles estava armado com um arco. Pararam em frente do primeiro prisioneiro. Enrolaram a corda do arco em volta da sua garganta e foi lentamente garroteado, até os seus gritos sufocados desaparecerem no silêncio. A tensão existente apoderou-se de Amerotke e sentiu o seu corpo empapado em suor. Todas as execuções eram horrendas, mas nenhuma tão hedionda como aquela: sob o céu do deserto e o olhar das tropas, em silêncio, aquelas duas silhuetas negras da morte foram passando pela fileira dos prisioneiros. Cada execução era acompanhada pelo sinistro ruído de respirações entrecortadas e gritos estrangulados. Amerotke olhou de relance para os rostos desfigurados pela agonia, com as bocas abertas, as línguas saídas e os olhos esbugalhados. Não conseguiu ver mais. Hatusu, por seu lado, assistiu a todos os pormenores de cada execução. Quando, porém, os dois núbios pararam em frente do homem dos crocodilos, a rainha-faraó interveio.

- Esse não! - vociferou.

Os dois núbios passaram a outro prisioneiro. Terminada a sua função, foram postar-se de cada lado do chefe do bando. Pegando nas rédeas dos cavalos do seu carro, Hatusu avançou. As rodas estalaram e os seus arreios e ornamentos chocalharam quando parou em frente do homem dos crocodilos.

- Para ti - disse, em voz alta e ameaçadora -, a morte não será tão rápida! Amaldiçoado sejas! E amaldiçoado permaneças! Cortem-lhe o nariz e as orelhas! Arranquem-lhe os

olhos! Castrem-no! - Então, apontou para o vale. - Abram uma cova funda, à entrada do vale. Enterrem-no vivo, de forma a que o seu corpo fique à mercê dos predadores e a sua alma, entregue aos devoradores!

O homem dos crocodilos abriu a boca para protestar, mas os dois núbios agarraram-no e forçaram-no a baixar a cabeça até tocar no solo. Hatusu fez sinal a Senenmut para que pegasse nas rédeas dos cavalos do seu carro e fitou Amerotke. O seu olhar faiscava, cheio de fúria.

- Regressaremos a Tebas, meu senhor juiz. Tomarei banho, comerei e dormirei. Pensarei, também, no Tushratta e na princesa Uanef. Que os deuses me dêem força! A minha vida pode ser longa, mas, antes de iniciar a viagem para o Horizonte Longínquo, farei com que esses dois sintam toda a fúria e a vingança do poder do faraó!

O carro imperial desapareceu na escuridão, acompanhado pelo seu séquito, deixando Amerotke naquele cenário de morte, com o ar frio do deserto a gelar-lhe a pele e o terror daquela noite a ensombrar-lhe a alma.

- Meu senhor juiz!

Amerotke olhou à sua volta. Um oficial aproximou-se. Trazia na mão um saco de couro, que tilintava.

- Era o saco do serralheiro... - explicou o homem. Amerotke pegou-lhe distraidamente. Ajoelhando-se, abriu-o remexeu o seu conteúdo. Ia fechá-lo quando um objecto lhe despertou a atenção: algo que devia ter sido guardado no saco, quando os salteadores haviam levado os utensílios de Belet. Era o molde de uma chave, com a forma da cabeça de um chacal. Amerotke soprou-o na mão e suspirou, entristecido. Claro! Kheti e Ita nunca teriam abordado um serralheiro de renome, em Tebas! Também eles haviam ido procurar Belet, na aldeia dos Rinocerontes, para lhe pedir ajuda. Amerotke fechou os olhos e pensou em Belet, sentado nos jardins da casa de comida.

- Afinal, não tinhas um coração assim tão puro... murmurou.

- Amo?

Chufou, saindo da escuridão, aproximara-se.

Amerotke pôs-se de pé, escondendo o que acabara de descobrir.

- Vamos, pequenote! - exclamou. - Voltemos para casa, onde beberemos um pouco de vinho e entoaremos uma canção de amor para espantar as trevas!

EPÍLOGO

- Vida, saúde e prosperidade! - bradou a multidão, enquanto Hatusu, envergando as magníficas vestes de faraó, era transportada, ao longo da Avenida dos Carneiros, em direcção aos pilares que guardavam a entrada do Templo de Anúbis. Sentada num palanquim talhado em ouro e prata, mantinha-se tão imóvel como a estátua que pretendia parecer. O sol reflectia-se nas jóias da sua coroa e nos tecidos preciosos do seu manto e fazia reluzir o ceptro e o mangual que ela apertava contra o peito. O faraó agraciava o seu povo com a sua divina presença.

Os sacerdotes cantavam:

”Ela destapou os braços! Revelou a sua força! Despedaçou os seus inimigos!”

O refrão era repetido pelos coros que seguiam atrás dos sacerdotes. Os versos haviam sido especialmente escritos para assinalar a grande vitória de Hatusu sobre Tchratta.

”O nosso faraó cumpriu a vontade de Ré!

Protegeu o povo dos deuses

As suas palavras espalharam-se até aos confins do mundo.

E reis e príncipes tremem na sua presença.

Caem na poeira

E humilham-se em frente do seu escabelo.

A nação respeita a sua glória e poder,

Porque ela mantém invioláveis as fronteiras do Egito.

É a senhora do deserto, que sobrevoa como uma águia.

Grande é o nosso faraó, amado dos deuses!

Ela é Sekhmet, a Destruidora, porque faz justiça.

O seu nome perdurará para todo o sempre!”

Amerotke, caminhando ao lado do palanquim, reprimiu um sorriso. Fora Hatusu que insistira naquele hino. Os cantores continuaram:

”A terra, em toda a sua plenitude,

É a dos nossos deuses.

Todas as nações baixarão a cabeça na tua presença.

Esmagaste o escorpião e a áspide.

O teu coração transborda de alegria.

As tuas mãos distribuem trigo e óleo.”

O hino foi retomado pelos cantores e pelas *hesets* quando o palanquim entrou no recinto do templo.

”A beleza de Amon está nos teus olhos, A glória de Hórus na tua pele dourada. Luz do Fogo Divino, Rei dos Reis, Glória de Amon-Ré.”

Hatusu olhava em frente, imperturbável, enquanto as suas ajudantes, auxiliadas pelos soldados reais, afastavam a multidão. Grandes plumas rosadas de avestruz exalavam uma doce fragrância, em torno da divina presença. Amerotke olhou, de relance, para o escabelo de Hatusu: uma obra de talha que representava um guerreiro tombado, vestido com a armadura dos Mitânios. A procissão aglomerou-se em frente da escada; mais atrás, seguia uma fila comprida de carros de guerra reluzentes, com soldados de armaduras polidas e cavalos adornados com magníficos enfeites. As imensas portas de cedro do templo abriram-se e as sacerdotisas saíram, balouçando os sistros

sagrados. Volutas de incenso elevaram-se no ar, enquanto a água sagrada era salpicada e ramos de flores exóticas espalhados em cada degrau.

A delegação dos Mitânios aguardava, à entrada do templo. Hatusu insistira para que todos os membros se ajoelhassem à sua passagem. Tuhratta não estava presente, alegando que fora acometido por uma doença misteriosa. Os servos e outros cortesãos aproximaram-se do palanquim. A divina Hatusu apeou-se e foi escoltada até ao seu trono. Foram feitas as proclamações e, com toda a pompa, instalou-se a mesa de madeira de cedro, sobre a qual se achava o tratado de paz.

Hatusu sentou-se no trono, com Amerotke, de pé, à sua direita, enquanto Senenmut selava o tratado, pelo Egito, e Uanef o fazia por Tuhratta. Assinado o tratado, cada um dos membros da delegação dos Mitânios, conduzido por Senenmut, avançou e, ajoelhando-se, beijou as sandálias do faraó. Uanef foi a última. Beijou os pés de Hatusu, mas, num acto de insolência, ergueu a cabeça. A cólera chispava-lhe do olhar. Quebrando o protocolo, Hatusu pousou o cetro e o mangual, inclinou-se, pegou no rosto de Uanef com ambas as mãos e beijou-a gentilmente na sobrancelha, em sinal de afecto. A fúria de Uanef tornou-se menos intensa.

- Divino faraó... - sussurrou.

- Princesa Uanef - foi a vez de Hatusu sussurrar, mas em tom glacial -, aceita a nossa garantia...

- De quê?

- És nossa irmã - Hatusu baixou as mãos, mas manteve o seu rosto próximo do da princesa mitânia. - Não se falará mais de compensações pelas mortes de Mensu e dos outros.

- Claro que não, Ser Divino! O rei Tuhratta já o decretou.

- Pode decretar o que quiser - replicou Hatusu. - Sabes, pedi-lhe um grande favor: para cimentar os laços entre os nossos dois países, ele aceitou que tu fiques em Tebas, princesa Uanef.

O rosto dela empalideceu, por baixo da pintura que usava.

- Serás, aqui, a mensageira do rei Tuhratta. Ele insistiu, depois do nosso pedido, para que sejas nossa hóspede, na Casa Divina. Manter-te-emos ao alcance da nossa mão.

- Mas... mas...!

- Recusarias um tal pedido? - continuou Hatusu, reclinando-se no seu trono. - É a vontade do divino faraó, bem como a do teu rei. Por certo, não vais recusar...

Recompondo-se, Uanef fez uma vénia. O medo invadira-a, dissipando toda a sua fúria.

- Se é a vontade do faraó...

- É a vontade do faraó! - foi a resposta agressiva. Hatusu fez estalar os dedos como sinal de que Uanef podia retirar-se. Só então se voltou para Amerotke.

- Foste brilhante, meu senhor. Não, não te curves. Escuta. A Uanef vai ficar em Tebas.

- Durante quanto tempo, Ser Divino?

- Foi ela a verdadeira assassina, e não o Mareb - sussurrou-lhe Hatusu. - Nunca sairá de Tebas viva. Posso assegurar-te que o cadáver da Benia não será o da única princesa mitânia a ser enviado de volta para a corte do Tuchratta, dentro de um sarcófago!

E a divina Hatusu pegou novamente no seu ceptro e no seu mangual, com um sorriso de satisfação a iluminar-lhe o rosto.

NOTA DO AUTOR

Este romance reflecte o cenário político de 1479-78 a. C., depois de Hatusu assumir o poder. O seu marido morreu em circunstâncias misteriosas e ela só se tornou governante de pleno direito depois de uma luta renhida pelo poder, no que foi ajudada pelo astuto Senenmut, que, vindo do nada, partilhou com ela esse mesmo poder. O túmulo do vizir ainda subsiste, sendo catalogado com o número 353, e contém um desenho do rosto do conselheiro favorito de Hatusu. Não restam dúvidas de que Hatusu e Senenmut foram amantes. Na realidade, existem antigos desenhos que descrevem, de forma bastante explícita, as suas relações pessoais e íntimas.

Hatusu foi uma governante poderosa. É frequentemente representada nas pinturas murais como uma guerreira, e sabe-se, pelas inscrições, que conduzia as suas tropas nas batalhas.

Os governantes do Egipto sempre mantiveram sob olhar atento qualquer opositor estrangeiro. Em certo sentido, o Egipto não era delimitado por fronteiras naturais; nessa época, tinha apenas consciência das potenciais forças que poderiam invadir o seu território, vindas das Terras Vermelhas, das regiões a sul das cataratas ou do Sinai. Tal como outros grandes faraós, Hatusu estava determinada em manter os inimigos do Egipto à distância ou sob severo controlo. Uma vista de olhos ao mapa do início deste livro ilustra os perigos com que o Egipto constantemente tinha de se confrontar. Este romance descreve, com precisão, complexas estratégias da rainha e faraó do Egipto para ser aceite como o Ser Divino, Rei dos Reis.

A subtileza e complexidade da conspiração dos Mitânios contra o Egipto reflecte, de igual modo, o comportamento da época. Os reis eram conhecidos pela sua astúcia. O mais importante aspecto da diplomacia, no antigo Médio Oriente, era não somente derrotar o inimigo, mas levá-lo a uma total humilhação. Muito embora se assinassem tratados de paz, estes raramente eram cumpridos. No Antigo Testamento, por exemplo, há abundantes referências a reis de Israel que foram provocados para entrar em guerra, assim como alusões à humilhação que os antigos reinos gostavam de infligir uns aos outros, fosse pela tomada de reféns ou pela remoção de objectos sagrados, tal como a Arca da Aliança, fosse pela profanação de santuários ou, mesmo, pela degradação física e mental de um governante derrotado. Tais actos políticos não eram mera consequência de caprichos cruéis. A vitória não tinha apenas de ser assegurada, mas também de ser divulgada, para que todos tomassem conhecimento dela.

Em relação à maior parte dos factos, tentei manter-me fiel a esta fascinante e magnífica civilização. É compreensível o fascínio que o Antigo Egipto suscita, por ser exótico e misterioso. Esta civilização existiu há mais de três mil e quinhentos anos e, contudo, em certos momentos, quando se lêem as suas cartas e poemas, sentimos uma forte afinidade com os antigos egípcios, como se eles falassem connosco, através dos séculos.

PAUL DOHERTY